



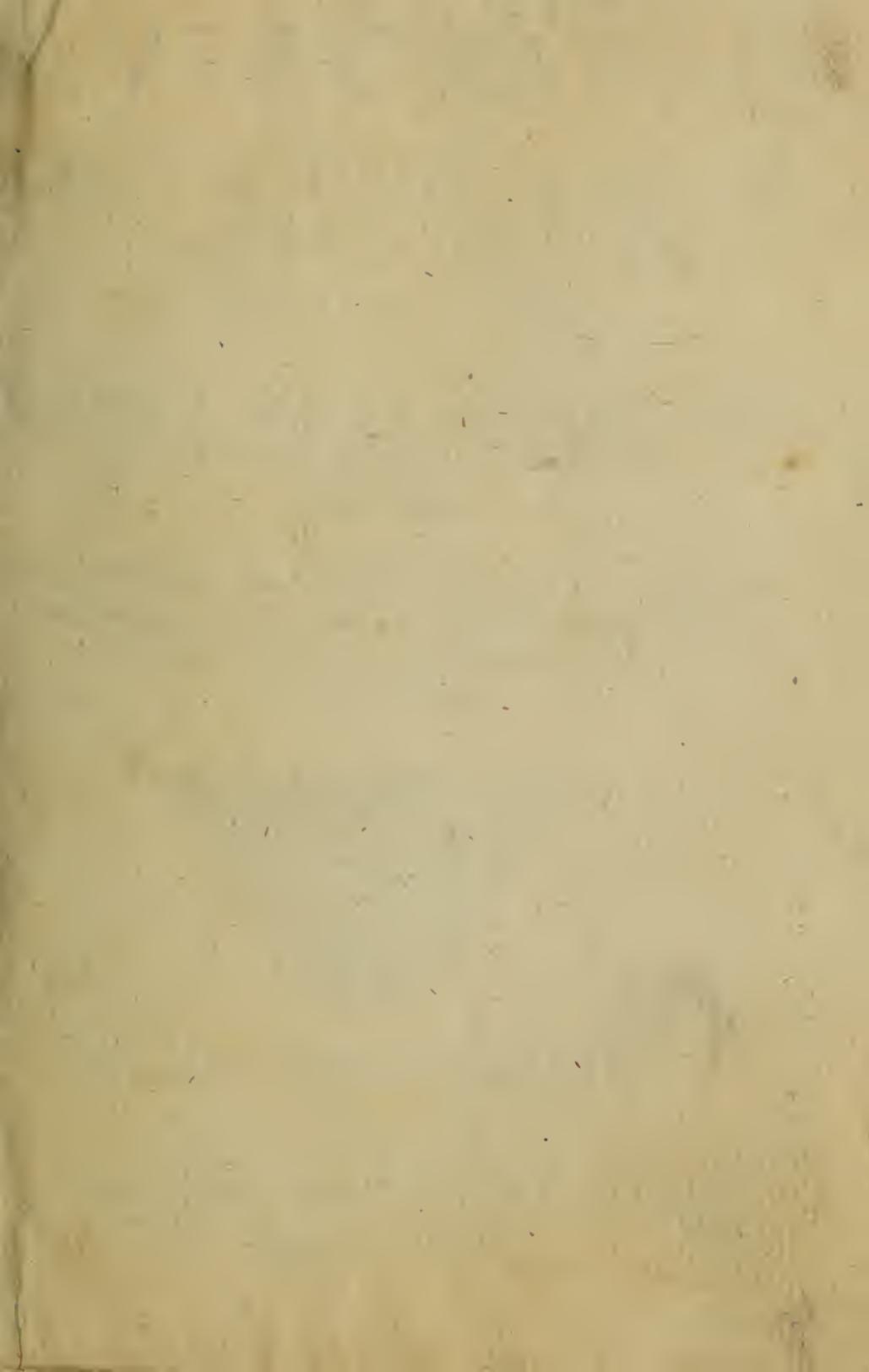
Antonio de Souza Pinto de Magalhães

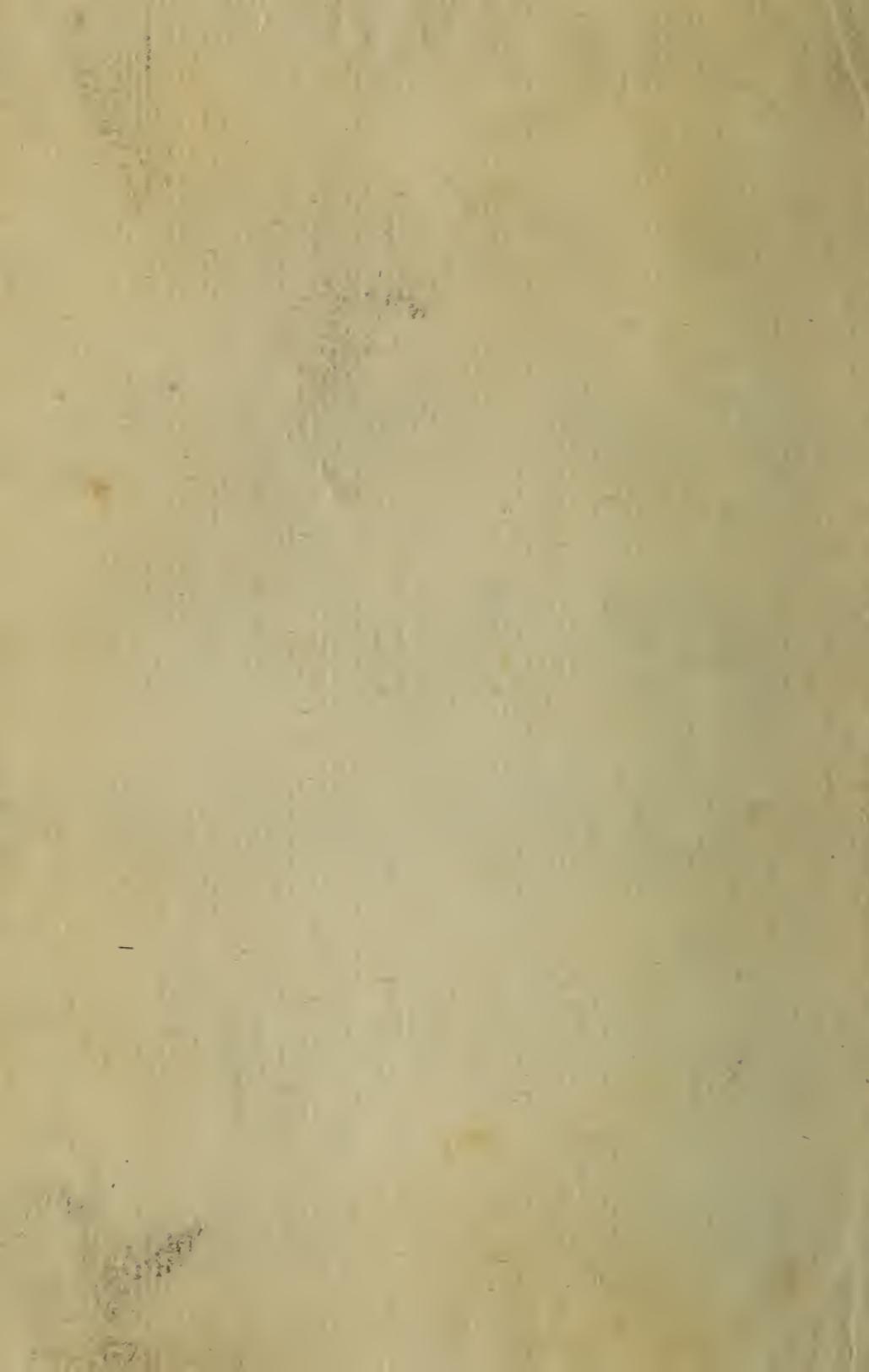
#B185,210



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

1531





COMEDIA
AVLEGRAFIA:

FEITA POR IORGE
FERREIRA DE VAS.
CONCELLOS.

AGORA NOVAMENTE IM-
pressa à custa de Dom Antonio de
Noronha.

DIRIGIDA AO MARQUEZ DE ALEM-
quer, Duque de Francauilla, do Conselho do Estado de sua
Magesdade, Visorrey, & Capitão General destes
Reynos de Portugal.



Com todas as licenças necessarias.

Em Lisboa. Por Pedro Craesbeeck.

Anno 1619.

GOM EOLA

AVLEGRARIA

FETITA POR IORGE

FERRIRA DE VAS

COMETLOS

ALORA NOVAMENTE EM

esta casa de Livro America de

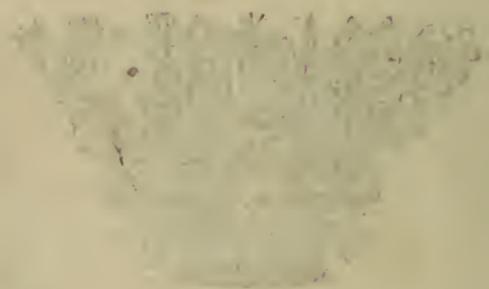
Itambá

DIRETORIA DO INSTITUTO DE ALTA

Ensino Superior de Ciências Exatas e Humanas

Itambá - Minas Gerais

1960



Comissão de Avaliação e Inspeção

do Ensino Superior de Ciências Exatas e Humanas

Itambá - 1960

Revista do Reuedor.

E Stà conforme ao original. Em S. Domingos
8. de Março de 619.

Fr. Diogo Ferreira.

T A X A.

T Axão este liuro da *Comedia Aulegracia*
em duzentos, e cincoenta reys em
papel. Em Lisboa, a 11. de Março de
619.

Moniz.

Machado.

E R R A T A S.

F Olio i. verso, regra 10. conhecimentos, diga desconhecimentos:
Fol. 13. regra 4. dá, Din. dá. diga, dão, Diñ. dão. Fol. 27. reg 26.
podoys, diga podeys. Fol. 28. ver. reg. 14. rebuçado, diga derrubado:
Fol. 47. ver. reg. 25. muneo, diga mundo. Fol. 48. reg. 16. pespofo, di-
ga despofo. Fol. 49. reg. 15. defenganado, diga defenganada. Fol.
50. reg. 7. mereço, diga merece. Fol. 52. reg. 7. abrixa, diga abaixa. Fol.
54. reg 7. mao diga não. Fol. 55. ver. reg. 7. caparteita, diga caparoei-
ta. Fol. 78. reg 1. duro, diga dura. Fol. 79. ver. reg. 15. borroés, diga
gorriões. Fol. 84. reg. 22. caros, diga claros. Fol. 90. ver. 6. tambem, di-
da tão bom. Fol 91. reg. 1. gueys diga bem Fol. 93. ver. reg. 1. aferra-
do, diga aferrada. Fol 94. ver. reg 22. estimo, diga estima. Fol. 148.
ver. reg. 15. poir diga poem. Fol. 149. ver. reg. 18. sò vòs he necessario
andaruos, diga só a Deos he necessario andarmos. Fol. 180. ver. reg.
20. desejo, diga despejo. Fol 181. reg. 3. contente, diga consente. Fol.
185. reg 12. liberdade, diga liberalidade.

L I C E N C I A S :

V I esta Comedia intitulada Aulegrafia, & não tem cousa algũa contra a nossa Santa Fè, nem boõs costumes: & me parece digna de se imprimir. Em S. Domingos 29. de Outubro de 1618.

Fr. Diogo Ferreira.

V Ista a informação, pode se imprimir esta Comedia Aulegrafia, & dipoy de impressa torne a este Conselho para se conferir com o original, & se dar licença para poder correr, & sem ella não correrá. Lisboa aos 31. de Outubro de 1618.

Bertolameuda Fonseca.

Antonio Diaz Cardoso.

Fr. Manoel Coelho.

P O dese imprimir esta Comedia, aos 25. de Nouembro de 1618.

Damião Viegas.

Q V E se possa imprimir esta Comedia, hauendo primeiro licença do Ordinario, em Lisboa 17. de Nouembro de 1618.

Er. Pinto

Moniz.



AO MARQUEZ DE
ALEMQUER, DVQUE DE
Francauilla, do Conselho do Estado de sua
Magestade, Visorrey, & Capitão Ge-
neral destes Reynos de
Portugal.



*E tão vã (excellentissimo se-
nhor) a opinião humana, segun-
do della zomba Percio, que ha-
uemos por nada quanto alcan-
çamos saber, se outrem não sabe que o sabe-
mos. Deste commum erro nascem quantos
vemos de Autores, que enleuados nesta vai-
dade, a ssoalhão suas fraquezas. Sendo poys
eu hum dos que menos razão têm para que-
relo ser, & que algum conbecimento tenho
deste engano, por lhes imitar a culpa, ja que
al não posso, cometo publicar a V. Excellen-
cia faltas, que todas me são proprias, pela*

razão que ha. E assi para encubrir as que neste liuro se podem enxergar, não achey remedio mays efficaç que deregilo a V. Excellencia, & polo diante dellas, para que com seu resplandor cegue os olhos, & enmudeça as linguas dos maldizentes, que quizerem calumniar o Autor delle, que foy Iorge Ferreira de Vasconcellos meu sogro. E fique V. Excellencia sendo defensão, & amparo seu como quem tudo pode. Lembrando, que inda que a oferta seja pobre: a estima della he igual aos desejos de servir, poys donde a posse não chega, elles não encorrem em culpa. Aceiteo V. Excellencia com o gosto que se lhe offerece: para que vendo o mundo que o recebe, não haja que temer censuradores delle. E o ser desta Comedia tenha o lugar que lhe cabe em peitos generosos, pelo que participa de V. Excellencia, que Deos &c.

Dom Antonio de Noronha.

Iorge

*Iorge Ferreira de Vasconcellos , não poz
nunca seu nome em nenhum dos liuros , que
compoz, & por esta razão se lhe fizeram
rão ha muytos annos estes
versos.*

Iacobi Teuij ad Auctorem.

Æ P Y G R A M A.

Inscribunt alij morituris nomina chartis,
Cumq; illis cernunt, nomina obire sua;
Funeribusq; suis intersunt, vesteq; operti
Hac sua lugubri fata suprema vident.
Tu bone Ferreri victuris nomina chartis,
Non tua subscribis, sed latitare cupis.
Est tibi sat sæclis prodesse aliquando futuris,
Quamuis nulla tui nominis aura sonet.
Nil agis, insequitur fugientem fama sequentem,
Aufugit ad Superos, & volat alta polos.

Joseph Fourier de l'Institut de France
Composé de six volumes in-8
Paris chez la Citoyenne Lesclapart
1795

Joseph Fourier de l'Institut de France
Composé de six volumes in-8

Joseph Fourier de l'Institut de France
Composé de six volumes in-8
Paris chez la Citoyenne Lesclapart
1795

• nhor de Braga, Primàs das Hespanhas, &c. Dignidade
 tam curta a tantos merecimentos, que se podera aver ou-
 tra mayor sem falta se lhe fizera a restituicãõ do q̄ merece
 hũ Prelado de tantas, & tam illustres partes, pella qual re-
 zam deixa tantas faudades a todas as ovelhas do seu Bispa-
 do vniversalmête, que não se poderà consolar esta magoa,
 senãõ quando vm. venha occupar o lugar, donde o obrigaõ
 a ir, (o que Deos ha de ordenar que seja cedo) pois só em
 vm. terãõ outro Pastor seu igual, & fundam tam bem as
 esferanças desta consolaçam, que as tem por certeza, pois
 vm. em tudo o immitta, como seu, & seu retrato, nas obras,
 vida, condiçam, letras, & benignidade em favorecer bons
 desejos, & honrar bons intentos: testemunha desta ver-
 dade seja o continuo estudo de vm. donde já mais se apar-
 ta, occupando o tempo que lhe crece de se dar ás obriga-
 ções de Sacerdote, & mais devações, em estudar sempre,
 & compor, com tanto fructo, como pôde testemunhar o
 Doctissimo liuro *de Immunitate Ecclesiarum, ad Caput In-*
ter alia, que vm. agora tirou a lux, impresso na sua Igreja
 o mosteiro de Lordello, pera onde levou a impressam,
 porque se não gabe Benavente em Portugal, que só elle te-
 ve essa præminencia no liuro *de Solicitandis, &c.* por mer-
 ce do Illustrissimo, & Reverendissimo senhor o Bispo D.
 Rodrigo d'Acunha seu Author, que costuma honrar sem-
 pre os lugares onde està, fazendoos famosos com a im-
 pressam, & a mandou vir pera esta cidade do Porto, onde
 està ha tantos annos, não avendo nunca nella Impressor
 de

de pórtè, sênaõ o da impressam onde mandou imprimir o seu Iubileu tam douto, o Cathalogo dos Bispos da cidade, des o principio, & està cada hora esperando pera imprimir os seus tomos sobre o Decreto. Naõ està vm. ocioso à sombra deste trabalho, antes cõ muito recolhimento gasta o tempo que lhe crece da Prêgaçam, & doutrina das almas, com que engrandece os Pulpitos, & ensina o caminho da salvaçam com modo tam excellente, como testemunham todos os que ouvem de vm. a palaura Evangelica, naõ escondendo o talento que Deos nessa parte lhe deu com maõ tam larga, antes empregandoo com ganho de tantas almas, quantas a doutrina de vm. enriquece de disposiçoês pera procurarem sua salvaçam, & naõ se aquietta o zello de vm. com este trabalho, mas antes o toma em compor liuros de direito, de que muito cedo se aproveitaram os letrados, acompanhando as letras com tanto exemplo de virtude, que como verdadeiro Correa se cinge vm. consigo mesmo na fórmula Evágelica, tendo nas maõs a tocha ardente da doutrina, que por meo de vm. alumia a tantos com a lux da palaura, do exemplo, & das obras, cõ que se apascenta, naõ só esse piqueno rebanho que o mayor Pastor encomendou à guarda de vm. mas ainda todos os outros que se querem aproveitar da doçura de tam bom pasto. Boa por certo foy a escolha dos meus pastores, venturoso seu atrevimento, pois souberam com sua simplicidade alcançar, que de pessoa algũa podiam melhor fiar a fraqueza de dom tam rustico como este que apresento,

senaõ

senão de v. m. que por immittar a condiçãõ destes senho-
 res tam parentes seus, emparará v. m. desemparrados, ale-
 vantará humildes, & engrandecerá pobrezas offercidas
 de boa vontade, pois o animo dos fidalgos he facil, a von-
 tade dos virtuosos, singella, os bons entendimentos acom-
 panhados de letras, prudentes pera dissimular faltas com
 subtileza pera as defender. Guarde Deos a Pessoa de v. m.
 muitos annos, pera lograr as dignidades que merece, co-
 modeseja este criado de v. m.

João Nunez Freire.



DO PADRE LOV-

RENCO DE SANCTA ANNA

Religioso de S. Ioaõ Evangelista.

AO AVTHOR.

EL floreciente jardin
De tu ingenio delicado
Estos campos hà esmaltado
De toda Roza, y jazmin,
Aqui de la invidia el fin
En fama transformaràs,
Y discreto mostraràs
A las censuras del necio,
Que lo que es de mayor precio
Es lo que se imbidia mas.

*En estos campos Amores
Por modo sutil, y honesto
Tan doctos los às compuesto,
Que son de ingenio esplendores,
Cante el Duero tus valores,
Y con grave, y dulce son
Llege al monte de Helicon,
Que, si mira attento el caso,
De los campos del Parnasso
Son tus Elysios blason.*

COMEDIA

AVLEGRAFIA.

De Iorge Ferreira de Vascoencellos.

PROLOGO.

Autor Momo.



Rilhado estilo he destes q̄ chamais de arte, entrando na guardaroupa falar de cabeça aos conhecentes, o mesmo preto da boa criança Portugueza, & acesorio, olhar carregado (digo graue) aos extrauagantes, & pretendendo venderse por de casa, dão mostra de sua lingoagem ante os da sua ceuadeyra, por equiuocos, & diriuações, com hum desdem pirnarlto, & casquicheo, por nada lhe ficar por fazer em qual quer arrepique.

Perdoayme se me não declaro, nas orelhas me

Prologo

zine ja que vou cumprido, & vòs soys todos mortos por breuidade. Mas venho ao ponto.

Eu por tanto, ja que entro aqui, antes que vos sequeys estranhandome, por mostrar conuersação, que ha dias que a temos por estas Reaes casas, falouos como dellas, dado que como ando de rebuço a vso de galantès amornetados, não sey se me conheceys agora que vos falo de face a face, atalhando porem a todo inconueniente, ao desfar dos vossos ^{des} conhecimentos, & sequidões: diruoshey de mym, & escuso mandalo dizer por outrem, porque terceiros tem muytos pees quebrados.

Sou, senhores, hum dos antigos Deoses, que por nome não perca, o *Momo*, se vos chegou, & por quanto todo o desacostumado he obscuro, para que volo não seja a tẽção de vir aqui, apontarey minhas calidades, quiça por ellas, donde ora me aueys por estrangeiro, reconhecermeys natural, porque aueys de assentar que tenho o mays viuo delicado, & sutil iuyzo que pudestes ver. Sabeys quanto, inda que he mal dizelo eu, por ser vil o louuor na propria boca, mas dilohey ja que começo. Ca dado he ao bõ caualeiro louuar-se per natural, intrinfeca, purissima discrição mera minha mesma, sô eu soube emendar natureza na

compo.

composição do homem, em que se ella esmerou, produzindo hum animal perfeito sobre todos, & tendo o graue consilio dos Deoses por acabado, aparado, & perficionado sem falta algũa, lancey o rabo do olho por sobrerolda de seus juyzos, & à propria hora, sem mays tirte, nem tirayuos, julguey serlhe necessaria hũa porta no peito per que se lhe pudesse ver o coração: tomays ora isto bem, & cahis nesta delicadeza, & em quão proueitosa, & importante era esta trapeira, se viera a lume? Presuposto que não ha cousa peor de conhecer que o coração do homem, a que não se pode dar sacapeloouro que lhe alimpe a ferrugem que creação, & conuersação nelle imprime, não me quizerão crer: donde notay quão antigo he, *spiritus nobres admitirem mal parecer alheyo.*

De modo, feição, guisa, arte, & maneira, porque abafemos a copia Castelhana, que esta foy a fonte dos enganos do mundo, a mina de seus resabios, & o centro dos seus escarceos, porque o animal mays imigo do homem, he o mesmo outro homem, por o desconhecimento que tem da pureza de seus corações: ca o bem, & o mal conhece nas cousas, em que consiste, & o verdadeiro, & falso, na alma, em que se encobre.

Per aqui vereys quão pouco val o bom con-

Prologo

felho onde não querem segui-lo, se tomarão meu voto, escusado deste dano, fizera-se muyto proueito: nunca por isso vos moua a authoridade de quem fala, senti o que se diz, & chegar à boa razão, poys o melhor homem do mundo ha mester conselho, & o engenho de cada hum, qualquer que seja, não se vence com leue arte, que a natureza a todos dà o que lhe conuem.

Digo ao proposito do que não se emendou, segundo sotilizey, a culpa em fim foy sua, que eu consolame que he melhor ser desprezado por fazer virtude, que estimado por doudices. De mym crede, que ninguem cae assi na realidade das coufas, mas sou (digamos) tão mal esquençado, que nunca minhas razões imprimem para fruyto, donde perdido o trabalho, ficame sempre a magoa, por não escapar á pena do enuejoso, que he tormento de males proprios, & tristeza de bées, alhejos: ora eu dambas mãos siruo, & corto de dous gumes, & dado que quanto a mym, defeito de pessoa, não he culpa propria, com tudo algum tanto ando estomacado, porque tem a minha incrinação esta manqueira, com que me dou de rosto, vendo triumphar contra direito aquelles em quem mays tachas aponto, vay isto de maneira, q̄ dizem q̄ aos boós, a bõdade he seu premio.

premio, & aos maos, sua malicia seu tormento. E certo he grande trabalho cuidar que tendes razão, & não vos conhecerem della.

Vedesme aqui que desque o mundo he mudo, tenho corrido diuersas terras, coufa não me ficou por notar , & de ter o espiritu muyto sotil neste exame, em tudo hachey pecha, tè na fermosa Venus , à qual fuy descubrir hum chapim desigual doutro , que o diabo lhe não pudera cahir neste desar. Não sey se estays comigo nesta sotileza, porq̃ nenhũa ha sem difficuldade , assi no alcançala, como na inuenção, & pode acontecer muyto bem, saber hum sogeito diuersas, & muytas coufas, mas o entendelas todas , não he tão facil , & aqui jaz o ponto : porque cada hum sabe o que aprendeo, & muytas vezes mal, & eu reuoluo o centafolho do mundo melhor que o vento soão. E peregrinando assi ao som do atambor da fortuna, q̃ a seu sabor dispoem dos estados, vimme por fim com ella ao tom da voz da fama a esta vossa notada prouincia Lusitania, aqual achei tanto do meu gosto, & o bom passo para meu officio , isto aqui antre nós, como antre lebre, & seus filhos, q̃ me tenho aposentado nella , onde ora viuo com larga dominação , tratando o Paço , & todos os mays corrilhos desta feita, & hũa hora por outra

Prologo.

chego a fazerme Arraez de Vnhos, & com gèral alçada vos ando affoprando os espiritos, tão embebido neste gofio rayuofio, que muytas vezes por morder outrem me mordo a mym mefmo de gargantão. Ca o bom dezidor antes perde o amigo que o bom dito affazonado, & como não ha mòr pobreza que fer auaro, tal o enuejofio, tudo lhe faz nojo, & então tornome ás armas da molher por atalhar a dòr, ou em parte fatisfaze-la. Não fey fe hides comigo nesta moralidade: mas sabey que viuio à ley da terra, ja que feus defeitos, digo propriedades, fe mal não falo, fazem tanto a meu propofito, que me mantem a pafio, fobejádome femprie materia para minha obra, & como o trabalho cria os generofos animos, trago por aqui muytos obreiros com aiforges, quaes efte meus, ao pefcoço, que apanhão mays falitre que hum calçado velho, & defpendem mays poluora que hum agoardente, com efia prouidencia não ha preffa a que eu não acuda com obra de fobremão, & a minha jurdição abrange tè o futuro, que he muyto para notar, efimar, & ponderar. *Verbi gratia.*

Coufas ha que trazemos na forja algũs dias, exempro, as companhias do anno paffado fobre edificar a fortaleza de Mazagão, dandolhe mil
voltas,

voltas, & outras tantas cores de diuerfos juyzos, passa, não passa, bem feito, mal feito, segundo chega a lança do proprio, ou alheyo juyzo. Ca mal peccado mays nos himos com a voz gèral, que com o particular arbitrio. Outras com hũa calda, & duas se apurão, como ora digamos, hũa hida, ou vinda de natural, ou estrangeiro embaixador, leuando sempre por sonda a ordem do tempo, que a tudo dà sua tinta, & com esta condição o tratamos.

Per maneira que vos tenho feita esta Corte hũa ferraria dos Cycoplas, que forjauão os rayos de Iupiter: a calidade porem dos meus, por a mayor parte, he sobirem, & esuaneceré como fogetes. Ca como não ha cousa que não saiba a natureza que tem, & inueja sempre atina logares altos, & nada ha tanto no cume a que ella, & o trabalho não cheguem, tal o meu exercicio volteia sempre sobre as gaueas, & he cousa de admiração vèr que tudo se me aqui dá, & prende, que em despondo reprehensão, ou sensura de algũa obra de que sorte, ou calidade quizerdes, ja dà flor, & parece cousa feyta afsinte o arregar, & produzir de qualquer fruyta noua que traço: não ha qui palmo de mato, por pequeno, & mao que mo deys, q̃ não tenha bojo para a vay-

Prologo

dade de Alexandre, & então em que cuydays que me banho, todos meus enxertos sahem empenados de confiança, a razão não a sey : ca os mays veceção tanto , que não basta sahirem brauios na discreta nobreza, mas nem para nelles a enxerir-des prestão.

Ora olhay, peçouos quantas pontas faz o tempo, leyxay juyzos de poldros desbocados, de que não faço caso, porque todos se apagão no nascer dos colmilhos, mas o velho sengo que vio o que passou , & vê o que ora corre , difficil he não escreuer satira (como dizem) donde não ha por aqui estamago de tão mãs ancorages , em que eu não tenha alfandega desta mercaduria, porque tomais os Portuguezes tanto em grosso toda novidade , & soys tão maos de contentar , & gèralmente receosos hũs dos outros, que tudo vos faz nojo, & aqui o vèmos cadora antre mãos.

Que os moços de esporas , que sohião cantar de solao a vezes: quebra coração, quebra que não hes de pedra , & outros do teor , em quanto os amos estauão no serão, sem cuydado de mà ventura , agora fazem consulta antre mô de cavalos sobre as prematicas do Reyno, & desaprouão tolherse a ceda , porque se perderão os chapéos de feltro.

Daqui

Daqui vay de grao em grao, que não ha cousa q̃ não seja traçada, aparada, agorentada, & cerzida. Damas notão os seruidores de não querensofos da caça. Galantes as notão de interesseiras, & desafeiçoadas do filho segundo q̃ chamão treçò por ardido que seja. Caualeiros ladrão apos Desembargadores. Escudeiros (se os ha) chorão senhores auaros, louuandolhe o auoengo. Finalmente anda esta materia tanto em pratica, que tẽ dos elementos, dizem que não são os que sohião & eu sou o padroeiro, & inuentor que mexo estes caldos, por quanto haffẽ de falar como os muytos, & saber como os poucos.

Por esta razão por tanto me escolheo, & mãda por seu Autor a Comedia Aulegraphia: que pretende mostraruos ao olho o rascunho da vida cortesaã, em que vereis hũa pintura que fala, & vos farã vente & palpauel a vraydade de certa relẽ cuja compostura trasladada ao natural, vos serã representada per corrente, & apraziuel estilo, de certos almogaueres que correm o campo, fazendo hũa salçada de gente manceba, em que as primeiras partes tem Grasydel de Abreu amante seruidor de Phylomela, da qual agrauado, & desauindo, não sem grande dor, & sentimento nos primeiros recòtros, & ella por fim das desauẽças,
traslada

Prologo

trasladada a outro Orago de seu gosto. Elle sobredito Grafidel de Abreu, visto o facho em terra, fazse forte no castelo da propria liberdade com não menos descanso, & assi fica tudo pacifico, & quieto, rematandose a Comedia na quietação, & repouso, não esperando ao principio, & discurso das vascas do querelante queixoso, para auiso, & exemplo que nos casos humanos, onde o juyzo, & diligencia humana não alcança, dà Deos subito, & nunca cuydado remedio.

Nesta selada Portuguesa vereys varias differenças, & certeza que passaõ em uso, & costume por estes bairros. Donde deue notar-se, & aduertir-se, que as calidades, & epitetos atribuidos em singular a toda especie de pessoa aqui introduzida, compete gèralmente ao genero das taes especies, conuem a saber declarandome: Quando se pinta hũa especie de cortesaõ, ou cortesaã, que dizemos especies, ao natural de suas artes, & modos, principal, & singularmente: entendese em gèral, por o genero das taes pessoas. Ca de particular nada se trata, por quanto seria odioso, & alheyo do estilo comico moderno.

Finalmente fazey conta que vos apresento hũ instrumento esferico, astrolabio, balestilha, ou que mays quizerdes, porque podeys diuisar os
Auges,

Auges , & Epicyclos dos Planetas deste orbe pa-
lenciano.

Este he o primeiro fundamento de sentirdes
esta musica. E o segundo seja , que tudo o que es-
tes ministros meus dizem , he hum decorado
trafunto do que commummente se diz , pratica,
& trata antre os que por elles se representão, ten-
dose muyta conta com o decoro desta couza, que
em tudo he muyto importante.

E o terceiro, ouirdes protos : porque possais
discernir antre lepra, & lepra , & comerlhe o saõ
com as condições do bom juyz : que eu voume
pór de rebuço, & fazerme inuesiuel , & tornome
logo para vòs de soticapa, para saber que julgaes
desta inuencão. Ca fugir juyz, he confessar
peccado , & para lograr do proueito,
haffe de sofrer o dano, & assim se
passará a vida com tu bom,
& eu bom, quem tan-
gerà o asno?

ACTO



Acto primeiro.

ACTO PRIMEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Grasydel. *Rocha.*



RA se he possiuel ocabar hũa mo-
lher consigo tanto, que leue auante
sua teyma a seu saluo, sem valer te-
la penhorada de amor de tanto tẽ-
po, eu me benzerey della. *Roc.* Duro
caso he , mas não o duuido. *Gras.* E porque não
acabarey comigo tambem o que me cumpre.
Roc. Essa era a verdade , quem pudesse . *Gras.* E
porque não poderey ? *Roc.* Isso não sey eu , ha
mister bem cuydado , ser o bom não se render ,
não se duuida , começalo para o não acabar , he
perigo, arriscase a outra peor: porque tornar atras
com determinação, se he sem tempo, he mau re-
medio . quando o tomar por falta de sofrimento,
será necessario rogar, quando não ouuer lugar ao
rogo, & conhecida, ou cõfessada a força do amor
& renderse , não quer ella mais para cachar a seu
saluo,

saluo : rogadas, são indomaueys , & desprezadas, impacientes. *Graf.* Poys Que conselho? *Roc.* Coufa que o não tem, nem modo de entenderse , não se pode reger por elle. *Graf.* Por que razão? *Roc.* Tratar della com quem a não tem, he estar quebrando as soltas do juyzo : nesta coufa de amor, não ha saber cõselhar-se, toma-se por arbitrio da alma, a qual satisfeita da sua escolha acertada , ou errada, raramente, ou com muyto trabalho se desafeiçoa do que lhe satisfaz: & o melhor valha-couto que lhe eu sinto, he , fugirlhe quem puder : & isto acabão as molheres melhor consigo , como se determinão. *Graf.* E pode hũa molher confessando amor, em palauras, & obras, izentarse? *Roc.* Nũca fazem outra coufa, são muyto determinadas na vôtade. *Graf.* E porque o não ferey eu tambem, quando isso for? *Roc.* Por ser mimoso da condiçãõ que arrasta o saber, & de todas essas vascas, farey, não farey, com hũa lagriminha esfregando os olhos, deitada por força, arrasta tudo, & eu não sey se bastará pedirhe mil perdões, que da nossa parte eu lhos faço bõos. *Graf.* O misero estado o de quem se afeiçoa a coufa algũa da terra , que a falta da liberdade sempre he trabalhosa! conheço minha mâ sorte, padeço sogeiçãõ, entendo a izençãõ da coufa, & arço em amor, sey
o que

Acto primeiro.

o que me seria melhor, & não tenho espiritu para acometelo; que farey? *Roc.* Atalhar ao mal antes que tenha may's força o principio admite remedio, & ao fim não o compadece. *Graf.* Poys que maneyra? *Roc.* A senhora Filomela, se está vacante, & não tomada de pensamentos novos, que sempre são aprasiueys, admitirá rogos, & eu diria que lhe offereçamos arrependimentos. *Graf.* E se lhe eu não errey? *Roc.* O valhame o que pode, & que val; façamos as pazes quando nos cumpre a nosso custo, & lâ virá o tempo das vinganças. *Graf.* Essas toma ella de mym sem causa. *Roc.* Do pouco sofrimento nasce muytas vezes sofrer muyto: saber dessemular afrontas, he o meyo de satisfazer dellas. *Graf.* O gosto da vingança he breue, & de espiritus baixos: eu della pretendo sò paz. *Roc.* Quem a quer, ou ha de dalla, ou pedila. *Graf.* Que talho days vòs agora aqui? *Roc.* Pareceme, segundom inha mà cabeça, que deuo hirme ver com Dorothea sua donzela, & ter meyo de falar com a senhora: se lhe falo, farey o campo franco a meu risco, se o mal tem cura. *Graf.* Ora vay, & dàlhe esta carta, que dè à senhora Filomela: quando lha não poderes dàr, vejamos em que se determina, & tende maneira que não tardeys, que toda tardança custa muyto, & para mym agora he insofriuel.

fosriuel. *Roc.* Bom estamago está esse para cozer o mays. Vou, & voltarey segundo se me azar, que o tempo negocea mays do que a diligencia pode.

SCENA PRIMEIRA.

Grafidel.

VE grande pequice he ser afeiçoado, & muyto mayor defaentura, chegar a estado que vos seja necessario hauer outrem dó de vòs, & pender voffo remedio da valia, ou diligencia alhea, porque sò a Deos se pode confessar necessidade, & tela, menoscaba o entendimento, como a sobegidão lhe dà fouteza, em mym o vejo que peço conselho, & remedio a rocha, & elle está sobre mym como hum Seneca, & dálhe tão pouca pena a minha, que virá quando quizer, hirà onde quizer, & fará o que quizer, & hey de soffrelo, & pendurado da esperança, padecerey receyos, padecerey desconfianças, que se payrão com desimulalas; vede se ha laberinto de defaenturas qual o meu. Não ha masmorra menos fosriuel que ter negocio, & desejo, quem acabasse
configo

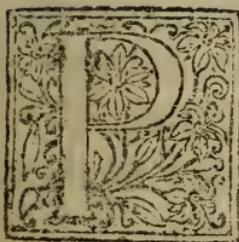
Acto primeiro

comfigo telo de nada, atalharia a enfadamentos, & lograria fua liberdade, que não fe comprando por preço algum, todos a vendemos por mil coufas fem elle, antes de nenhum tomo : olhay me agora eu que perco o fono de noite, o defcanfo de dia, o gofto da mocidade, a quietação da vida, por hũa molher que eftà triumphando de mym, recreafe em enfadarme, & muyto segura, que lhe hey de fofrer fufas perrarias, pairar fufas manias, & agradecerlhe muyto amainar fufas birras, & mais não pode fer^r menos, que ellas nacerão para serem rogadas, & nòs para fofrelas, & eu não fou de natureza mais forte que a dos outros. Sanfão que afogou hum leam, não afogou o amor, quebrou as prifoês de feus imigos, & não as da fua afeição, queimou as fearas alheas, & não pode faluarfe do amoroso fogo de hũa molher falfa: pois que menos fará o amor de hũa virtuofa que he a melhor joya que o mundo tem, & fer ifenta he difcrição, & virtude, eu não me polfo faluar de culpa, ante ella, dado que a não tenho no que me culpa, he muyto diuido que a fofra, que a molher nasceo para fer eftimada do homem, & fenhora do amor, a que não ha poder refiftir, & o que he mais de temer que tem afas, & voa de hũs noutros, & a molher he incoftante de fua natureza

tureza, & affanhada, indomauel, quem tomará pé em pego tão profundo de inconuenientes: vejo-me hum confuso homem, & com tudo, que menos pode sofrer-se por hũa molher fermosa, mal (como dezia o outro) sem o qual não se pode viuer, & o praguejar dellas he pequice, que se ouue algũa má, ha mil boas, & os homés são a materia de seus males. Poys chegar eu a cuydar que pode a senhora Filomela dár o seu amor a outré, tendolhe eu tão merecido, & aquellas amorosas, & brandas palauras que della ja tiue, não ha coração que tal compadeça, rédermehei a tudo o q ella quizer, & se posso, não dilatarey mays o meu descanso: mas muyto me canfa a pouca segurança que nalma sinto. Ora verey que faz Rocha, & assi me determinarey.

SCENA TERCEIRA.

Rocha.



ladoso estado he o do homem que carece de conselho proprio no seu trabalho, que no alheyo, pouco dà (como dizem) o farto por o faminto, & ninguem vos diga al, Deos vos

B liure

Acto primeiro

liure de conselheiros , que eu não sey bateria de mosquetes mays enfadonha,todos são discretos, ou fouts em conselhar,& fracos em padecer: digoo ao tanto,cuydando em meu amo,o qual sendo infriuel de seruir prospero,agora he hũ cordeiro ante mym,& eu hum gigante cõ elle: tudo tem volta,& o tẽpo lhe dà as cores: em amoestar não ha quem não seja Cicero , â custa alheya todos são prudentes, esforçados, & comedidos , & quem tem a dõr padece,velese cada hum de desaventura quanto lhe for possiuel,q̃ mays não seja q̃ por não ouuir conselhos,ora os julgos q̃ choué sobre vòs,aqui errou, isto não entendeo, foy mal atentado , &c. he hũa munição que choue sobre vossa vida,& vòs não achais quem vos dè a mão, & muytos mostrão tèr dõ de vòs , & nenhum o tem,inda que volo deua, porque a fortuna como vos quer tomar a fame ao seu sabor,tomaos os portos do remedio,por mym o julgo,que me estou banhando no desabrimento de meu amo , & o triste ficou dando a alma,esperando o remedio que lhe eu leuo bé mao. Mas he este que là vejo meu amigo Cardoso? Este he : voume a elle,que inda que venho depressã , não pode homem deixar de comunicar seus amigos , que he a melhor fruita da vida,quando são quaes deuem.

SCENA

SCENA QVARTA.

Rocha.

Cardoso.



VAS mãos beijo. *Car.* O senhor, grão saber vir. *Roc.* Donde bueno? *Car.* Estaua naquella trauéssa sobre vèr hũa rapariga que me atrauéssa. *Roc.* E ella he trauéssa? *Car.* Mas trauéssa dalma. *Roc.* Dessa maneira fareis damor hũa cancela? *Car.* Essa alcácèlla de mym a seu saluo. *Roc.* E a esse aluo pretendeys vòs fazer tiro. *Car.* Mas tiro pouco mays de nada, porque a minha senhora nada em pensamentos altiuos. *Roc.* Yuos logo aos banhos desesperados, curar dessa lepra, q̄ se vos ella enxerga a da vossa miseria, ruim seja quem vos ouuer enueja, que essas mecas não descem a mochos. *Car.* Hũa coufa vos afirmo eu, que não dá ella vento a bilhafres tão mal empenados, & mays agora que vos enxergo tocado de pensamentos malenconicos como figo bafureiro em vnhas de cartaixo. *Roc.* Não vou eu todo trigo, nem vòs não vindes puro, aueis mister cipilhado dalgũas friezas, & eu vos hirey adestrando pelo tempo. *Car.* A mà ventura sempre he queixosa,

Acto primeiro

como a felicidade soberba, mas tudo passa. *Roc.* Aassi he, & se a miseria não se alternára, que hoje vem por hūs, & amenhãa por outros, não pudemos sofrernos os prosperos de malquistos, & os mesquinhos de desprezados. *Car.* Por isso faz Deos bem, que hũa hora por outra, a todos visita, & nos baralha as sortes. Esqueçanse embora os ricos dos pobres, que lá virá sua residencia. *Roc.* Esses ameaços não forção natureza: velayuos de cayr em necessidade, que he trabuco que derruba todo reparo de parente, & amigo, & prosperidade: sabeys que legume he, q̄ até Deos parece q̄ estâ do seu bando. *Car.* Bem auiado está logo quem por mays que braceje por soltar-se de miseria, não pode mudar a penugem, & sobriſso, catiuo sou de catiuo, & seruo de hum seruidor bẽ longe de ser senhor. *Roc.* Disso vou escumando, & assentay cõ letras douro, q̄ a mayor rapazia q̄ ha no mundo, he seruir outrem, seja elle quẽ quer q̄ for. *Car.* Poys como dizem que seruir Principe no bre não he seruidão, nem ha mor liberdade que viuer debaixo da jurdição do Principe piadoso? *Roc.* Isso he ja remedio que sempre foy vilão roim & seu nome lhe basta: mas o q̄ vos eu digo, daruo-lo hei moente, & corrente, inda q̄ doutra parte sabeis q̄ me enfrea, hacho por minha conta sondan-
do as

do as alturas da misera vida humana, que ninguém a passa liure, nem o mesmo Rey. *Car.* Muito filosofar he esse, não dirá mays Segamundos.

Roc. Ora ouui remar, & vereys como tomo o vento à vaydade mundana; vòs tereys por forro o Rey, porque manda sobre todos; & eu o julgo sogeito de todos, poys inda q̃ não queira, se ha de fazer seu officio, & cumprir com a obrigação delle, ha de estar continuo á estaca para ouuir agrauios dos grandes, mimos dos nobres, pequices de letrados, queixumes de mal casadas, gemidos de viúuas, arengas de conselhos, obrigações de caualeiros, & mil outras cousas de enfadamento; & a toda esta bataria ha de estar em corda de sofrimento, ter copia de repostas, & mealheiros de esperanças que reparta, & nem assi satisfaz: pareceuos que basta paciencia para levar o jugo desta sogeição com folego. *Car.* Não vos tinha por tão alquimista; & os senhores de estado em que os tendes? *Roc.* Por garuatos, porque o trabalho que têm em estadearse he inmenso, avigilancia sobre não lhe errarem ponto das diuidas, cerimoniaes, & martirio o balança na taixa das cortesias, he ser atalaya. Finalmente pode se fazer delles hũ galarim de brauas sogeições. *Car.* E os nobres dantre fouce, & vencilho, em q̃ rumo os põ-

Acto primeiro.

des? *Roc.* O viuer deffes he a corrente da enxouia, seus ingrifamentos, seus fastios, suas ostentações, & suas diuidas: fazey conta que vedes bufo em foalheiro, sofrendo, porque os sofrão, grangeando, porque os acatem: & se algũs têm a fogeição sofriuel, são os de bico rebolto; que os outros de almazem, he melhor ser cugumelo. *Car.* E a gente que chamão de hũa lança em que as prezas do Reyno fazem escora? *Roc.* Mas em que fazem gaziua os que mandão: essa relè tem piadoso catiueiro. Não ha fiso que payre as diligencias de que se sustentão, nem lingoagem que supra seus cumprimentos, nem terra que sostenha o seu passear, nem Ceo: que seu espirar sofra, que direy? São hũa galè de fortunas, & achareys mil generos de prumages sustanceaes, que para fazer delles alardo não basta tempo. *Car.* E da gente piaã que trazey a rol? *Roc.* Esta tenho por liure, & descansada, se pode ser, porque comem seu pão com seu suor, como Deos mandou, dormem leu sono por encheyo, sem os cuydados do priuado que entesoura: *Et in hora, cui congregabit ea.* *Car.* Bem emcaixastes o Latim, de maneira que segundo isso Salamão rematou tudo em vaydade, & vós em fernidão: queria poys saber, sendo aysi, vós, & eu em que paragem ficamos? *Roc.* Vós em pessoa nobre
agra-

agraduado a obreiro, sobre que ja competem pã-
deiras, lee pelo Conde Partinoples, sabe de cõr as
trouas de Maria Parda, & entra por fegura no
auto do Marquez de Mantua. *Car.* Estã bem. E de
võs que diremos? *Roc.* De mym, vasculho: não,
pouco he, antes muyto: digo rodilha, inda presta:
cauaco, em fim, calçado velho do genero huma-
no, hauido respeito, que meu amo nasceo no Pla-
neta Mercurio, que he ser neutral, nem pêga, nem
gavião, & eu sou a agoa ruça da sua discricção, &
quando me vejo em mares cruzados, com meus
põsinhos de Latim, voume ao meu cartapacio em
que colegi mil auisos bõos, & faço conta que cor-
ro tormenta ao som do vêto atè que acalme. *Car.*
Ora o rapaz do Latim que pressa foy a sua tama-
nha, que lançou anchora em vòs? *Roc.* Não o ha-
jays por estranho, & improprio, que ja não ha al-
dea que não lance de sy seus dous pares de Ba-
chareys de cabo, & topete alfanado, & destes tron-
cos hachareys enxertos que vecejão mays que os
da nobreza antiga, & sempre as boas letras se
entauolarão bem. *Car.* Poys se isso entendeys, que
razão teuestes para leixar essa estrada? *Car.* A que
têm todos os que errão a que lhe cumpre; & dir-
uoshey a verdade como amigo: meu pay foy ta-
balião do judicial da vila de Alfayates, & sendo

Acto primeiro

mexericado por descuidos de seu officio, foy prezo, em que desbaratou o que tinha, & faleceo na cadea. Auia no termo hum Pero Esteues merchante, & rendeiro, que por sua astucia (& não sem gemidos do pouo dizia) fez se rico: casou com minha mãy; ouuerão hum filho, & como ambos fomos de idade, que eu sòs dous annos lhe leuaua, mandounos ao estudo Colimbriense, no qual passamos algũs tres, em que me eu ja hia aprobeitando: o outro, como era mimoso, jugaua isso que tinha, & sabia cada vez menos: fomos à terra nas vacações, hia doente, & lá morreo. Pero Esteues, correo a fortuna tras elle, como acontece a quem mal sobe, & quanto tinha ganhado em muytas rendas, perdeo em hũa sò, & lá foy tudo, & morreo na cadea. Eu destrahido assi do bom caminho que leuaua, neste comenos, vay de cà da Corte hum meu primo, que ora he na India, mancebo que lhe pungia a barba, como ora a nòs, de sua roupeta, & calções còr de telha, botas bayas, & chapeo de feltro, com fita encarnada, galante mancebo bofè, & fôra homem de prol se viuera: em fim venhome com elle, o qual viuia com hum primo de meu amo, com quem foy à India, & como elle pretende á mesma jornada, a esse mesmo fim assentey com elle, & assi

vim de esperanças em esperanças, nas quaes viuo
 vay em dez annos. *Car.* Essas consumem as vidas
 de quantos peregrinamos com estes fados que
 acenão com o que não dão *Roc.* Dão logo traba-
 lhos, afrontas, & necessidades affaz, mas não se
 escusaõ em quanto lidamos com a vida, que nos-
 so Senhor hauia de acrescentar aos cortesaõs pa-
 ra poderem pairar o vagar de suas satisfações. Pas-
 saõse os dias à mercê da vontade alheya, que as
 mays das vezes escassea de nossos fundamentos,
 fazendo contas ao longe que se alongão cadora,
 àuezes satisfeito do que cuydo, outras desespera-
 do, sem acabar com determinações: o tempo vai-
 me tomádo, os annos bõos, correm caminho dos
 maos, não posso melhorarme segundo vejo ou-
 tros q̄ de menos vierão a mais do que cuydarão,
 & sem merecer o quelles não cuidão: corrome de
 quem me conhece, & me uè: estou penhorado do
 seruiço, he forçado pairalo, que assi faz meu amo.
Car. E fazé todos, & o mesmo vos digo de mym:
 mas assentado tenho comigo, se o meu não se em-
 barca este Março, leixálo a boas noites, & citálo
 se me não pagar, que eu tenho aderencia de pa-
 rentesco com hum Corregedor que o condenará
 sem dò, & não hey de morrer sem ver a India.
Roc. Lá queria tambem hir fazer a offada, se meu
 amo

Acto primeiro

amo me dèr a el Rey, como me tem prometido, mas tão mà ventura he a sua como a minha. *Car.* Ninguem a tem boa, como pende da vontade doutrem. *Roc.* Afsi he, que o coitado serue como hum perro, gastando o seu, & o alheyo, & quanto mais obrigação lhe têm, menos lha satisfazem: & por isso digo, que algum grande nescio foy o primeiro que seruiou outro, & muito peor o que poz maos foros na terra, que este negro medrar, nos consume alma, & vida, & não sòmente nos degrada da natureza, mas do gosto, & do amor dos vossos. Poderá ser (se me eu ca não viera) que jágora fora casado na minha patria, viuera por meu trabalho sem fogueição, gosto que poucos entendem & todos suspirão, não me desfuelara por vontade alheya, negando a propria, não dissimulara soberbas semrazões dos que me aborrecem, não viuera de fingimentos, não me pendurara de esperanças que estilão: meu amo pende das de seu seruiço, eu das do meu, & afsi tudo he esperanças que segurão sò em Deos, cui seruire, regnare est. *Car.* Em estremo folgara de saber Latim, porque sempre achays nelle hũs contrafortes que çarrão a abobeda a pedir por boca. *Car.* Perdoe Deos a maos remendões que o deuaassarão, que elle por sy não lhe podem tolher ser casto de preço, & por fim

fim hacho por boa conta que de todas as empre-
 fas, hum triumpho, & os outros perecem. A India
 dânos hum rico, mata por elle centò, & empo-
 brece dozentos, & desta maneira corre tudo : & o
 merecimento raramente o vedes alcandorado, &
 entédelo não basta para nos desuiarmos do mau
 emprego, porque vontade incrinada, não aceita
 inconuenientes, por seguir desejos mancebos. *Car.*
 Daíme a vida em vos ouuir, não se pode falar
 com outro homem, bẽ parece que o lestes, & en-
 tédseys: & onde fazeyz a derrota? *Roc.* Na volta da
 pouxada. *Car.* Nossos amos são no Paço, he horas
 de se virem. *Roc.* O meu em casa està esperando,
 mandoume com hum recado à dama, & o que
 lhe eu leuo, não lhe ha de ser muyto saboroso.
Car. Como así? *Roc.* Estão desauindos sobre cer-
 tos ceumes, & ella escandalizada. *Car.* Essas des-
 auenças são costumadas, & para mays confirma-
 ção da mor. *Roc.* Nunca vos fieis disso, que a con-
 stancia he rara nas molheres, & determinadas,
 poem em effeito o que querem, & esta, segundo
 entendo, està mays que determinada. *Car.* Contay
 por vossa vida. *Roc.* Ia sabeys que me pico com
 Dorothea sua criada que he hũa pega. *Car.* Bico-
 tẽ, mas pareceme muyto gaarida. *Roc.* Esse mau;
 queroa eu por ventura para conselho? Sabey que
 he o

Acto primeiro

he o mesmo azougue, & que a trago brasa, bem que receyo agora que se me remonte com sua ama, porque mandey chamala na portaria, & dõde sohia vir em hum pè, tardou de maneira que desesperey sua vinda, & sospeito que não viera, saluo porque vinha tomar roupa à lauandeira: ora sobriſſo fezſeme tão graue, que eſtiue em erre de leuarlhe as toucas nas vnhas: vou, & ſequeime tambem, & ſem tratar de mym, deihe hũa carta, roſufou tomarmã, dizendo que lhe era deſeſo: todavia a tomou com mil achaques, & ſequidões.

Car. He arteficio, & ſciencia que tem antre ſy de natureza. *Roc.* Foy em fim, & voltou logo com me tornar a carta, dizêdome, que ſua ſenhora lhe mandara, que recado nenhum me tomaffe, & portanto eſcuzaffe mandala mays chamar: repriqueei lhe a voltas de meus amores, deſenganoume limpamente, tão infinta, & izenta, que não ſey como a ſofri: venho ſem paciencia de me aſſi cachar, hei de eſtomentala, & mays ví eſtar hum pagem mirrado nella, como que a ſerue, ou pretende ſeruir, & ella que o agasalhaua com os olhos, & tenho para mym que por ſeu reſpeito me rechaçou a conuerſação. *Car.* Eſſas ſão ellas, perdidas por nouidades. *Roc.* Poys pareſtas que lhe hey de tirar a encraua, & vingarme a poder que eu poſſa. *Car.* To

mar vingança de molher, he dâr no proprio bru-
 quel; leixay parellas ser vingatiuas. *Roc.* A vin-
 gança abranda a dôr. *Car.* Tomála, he fraqueza,
 per officio, arte, odio, & malicia, he ignorancia, &
 desconfiança propria. *Roc.* Não vos nego ser rea-
 lengo, grandeza de animo, & de espiritos podero-
 sos o perdoar, qual foy Socrates, que não quiz
 dâr da peçonha que lhe derão em pena de morte
 ao seu acusador; mas os maos tomão ousadia da
 facilidade do perdão. *Car.* A vingança sofriuel, he,
 vèr os imigos soberbos tomados de temor, & ne-
 cessidade por castigo de suas culpas. *Roc.* Boa pa-
 ciencia seria a minha se lhe tal esperasse; sabey
 que me hei de melhorar, porque não zombe de
 mym, que a natureza da molher mays compas-
 siva he que a do homem, & assi tambem mays
 enuejoia, maliciosa, & mays fácil de enganar, &
 por tanto hei de ensinála â sua custa. *Car.* Não ha
 cousa de tanto fruyto, & bom exemplo, como o
 castigo affazonado. *Roc.* Estays com vossa paixão,
 como a virdes, que se vos rir. *Car.* Mas que me
 chore. *Roc.* A lagrimas de molheres, inda que fin-
 gidas, não ha caía forte. *Car.* Não me vistes alar-
 dear com estas: heyuos lá de leuar hum dia, & te-
 reys maneira que ocupeys o guarda em pratica,
 que se faça quem o ouça, & diuirta, fareys delle
 çambarco,

Acto primeiro

çambarco , & neste antretanto tende rento em
mym, & vereys touros. *Roc.* Aprazme. *Car.* Meu
amo espera por mym, alonguemos o passo', que
para a sua dôr, ja lhe tardo. *Roc.* Eu voume ao Pa-
ço ao meu, que ja que estoutro esta em casa, qui-
ça quererà virse. *Car.* Deos diante que eu subo.

SCENA QUINTA.

Grafidel de Abreu.

Rocha.



COMO tardays, meu amigo!
Roc. Mays ouuera de tardar. *Graf.*
Que nouas? *Roc.* Outras vi ja melho-
res, temos tudo entornado: a senho-
ra Filomela faz banco roto segun-
do vou barruntando. *Graf.* Bom estou eu logo?
Roc. Qual Deos melhore; & mays lhe digo, que
hei medo não estar a see vacante. *Graf.* Peor he es-
foutra: venhamos ao ponto. *Roc.* O ponto he, que
não quiz tomar a carta, auisandome logo que
ouuesse por escusado tornar là: esta he a resolu-
ção. *Graf.* Poys donde conjeturays essa sospeita?
Roc. Vi hum certo polhastro embicar-se para
Dorothea, & ella tão despejada, & destra, que me
quiz cacha com elle, mas afè que mo não leue
em

em foffo. *Gra.* E da hy inferis a maçada. *Roc.* Serey paruo, mas outros tem peor faro. *Graf.* Muiyta futilleza he effa, não vos tenho por tão notomifta. *Roc.* Oxalá me enganaffe, mas como não se hão de crer fofpeitas, tambem, tambem não se ha de fiar dellas. *Graf.* E o pagem cujo he? *Roc.* Eu o faberey antes que amanheça. *Graf.* E Dorothea que diz? *Roc.* He gentil peça, tudo foy fastios, entejos, preffas fingidas, mas ella me ouuirà. *Graf.* Finalmente que a coufa vay de romania, & daifine por axorado de todo. *Roc.* Muiyto me doe o cabelo, q̄ lhe entrou lanço de feuo gofto, & lanço anchora; quer, parece, obrigar quem a contenta â conta de defcontentar a quem lho defmerece; que este he o visco com que cação. *Graf.* Dias ha que fey que he peffada obrigação. *Roc.* Poys se ella se determinou em negarlha, & perderlhe o respeito, não auerà coufa que a torne a nós; que molheres, & Principes sò vontade os obriga, & fóra della, nada as penhora; & as culpadas izentãose mays de quê faõ deuedores. *Graf.* Antigo he ganhar imigos cõ obrigações. *Roc.* Não me hauerey por homem se a Dorothea não escozer as orelhas, & lhe tirar do bojo o feito, & por fazer. *Graf.* Ora andar. *Roc.* Defta vez para traz. *Graf.* Bom vay o negocio, he brinco que o tempo traz com os humanos, nenhum

Acto primeiro.

nhum saber que deua desejar, ou fugir: tende là
confiança em amor de mulher, fazey fundamen-
to de suas promessas, crede seus afagos, entregay-
uos a suas meiguices, & vereys onde hides parar:
não de balde se diz, que todos os males nascerão
de bõs principios. Mas como he certo ser a fortu-
na videntrã, quebrar quando mays resprandece,
& com afagos nos armar a queda. *Roc.* Gente me-
guiceira sempre he falça. *Graf.* Bem o sentio The-
ramenys, que escapando de hum perigo, disse: pa-
ra que occasião me guardas fortuna? Credo que
seria para peor, como foy. E Demetrio que de es-
periencia lhe sabia a condição, a trazia pintada
com hũa letra: Tu me ergueste, tu me abaixaste:
o mesmo posso dizer agora. *Roc.* As fortunas são
iguaes, verdadeiramente, ouui isto, & calayuos:
hey de vir a desenganalo, quero porem leixalo
pernear para que abrande a furia, & metigue a
colera, porque vencer a propria ira he melhorar-
se de hum brauo imigo. *Graf.* O atribulada sorte
a do homem afeiçoado! Que he possiuel izen-
tar-se hũa mulher penhorada de amor. *Roc.* Ne-
nhũa cousa fazem tão facil, terlhe a cachia, que
rogada ha de ser peor. *Graf.* Esse conselho he de
baque, bom descanso seria de espiritu o que se
compadeceffe fazer essas esperiencias, sendo tão
perigoso

perigoso fazelas em toda amizade, quanto mays no vidétro amor; o forro da perda, ou gainho do secedimento conselha fouto. *Roc.* Se o negocio meu fôra, eu lhe tiuera as pelas, mas he máqueira da nossa natureza, cada hum no proprio ser mays boto que no alheyo. *Graf.* Nas aduersidades hasse de aceitar o necessario, & não o bem falado. *Roc.* Para isso consultálo bem, que não he pequeno desconto da perda, errar por conselho, poys he menos mal morrer por culpa alheya, que por a propria. *Graf.* Até isto tem a mà fortuna, q̄ aueys de ouir, & sofrer, & todos são sentenciosos. *Roc.* Não ha mulher tão cõstãte em sua determinação, que não possa mouerse della, nem tão prouida, & consultada, que não se lhe entenda, & entendida, he logo contraminada, & o engano pode a vezes mays que a força. *Graf.* Como vòs meu ayo vos prezais de bacharel, ora sabey que nenhũa cousa tem destruido, & destrue o mûdo, senão elles. *Roc.* Pouco me vay nisso. *Graf.* E muyto menos na minha dõr, porque na verdade cada hũ passa a sua: & porque não posso sofrer tantos, pondeuos no andar da sala, leixai-me bracejar com minhas magoas, & brasefemar de mym. *Roc.* Assim o faço na mesma hora. Forte aziar he o da verdade, q̄ ningué o aguarda, & mays hey por graça falala pois

Acto primeiro.

tudo he ja mentira, & na Corte fica em paruoice, porque vos cahe em casa a pena : & o bom disto he ser juyz da propria vida, & nada saber da alheya, & quem conhece, & rasteja sua culpa, emendala; que o reprimir outros he facil, & soffrer ser reprimido muyto raro, assi que o calarme he escusar questões, mas eu não posso acabalo comigo, porq̃ o tenho de condição, & mays tambem não escuso pezar-me do seu pezar. Quero ouuir se abranda, & quando não, eu não hey de desemparalo. *Graf.* Ora viuey lá de desimular a inconstancia de hũa molher voluntaria, & passar por desconcertos tão custosos a quem lhe he forçado sintilos, & que não haja algũa que queira prezar-se do primor que lhes dà preço, & estima, & com que se senhoreão dos homês de entendimento. *Roc* As damices, & purezas que estes querem nas damas, são tão maas de achar, como de conseruar, & só Deos pode fazer homês semelhantes a seu coração : & nós se nos não soffrermos, & desimularmos muytas quebras, não he possivel betarmos cores tão differentes, quaes são as condições humanas, mayormente a Portuguezas tão esquiuosas, que não soffrem argueiros nas orelhas, que em fim são de carne, & imperfeitos. *Graf.* E que chegue a tanto a bajougeice
do

do homem afeiçãoado que o desatine, & desafossegue a pequice (por não dizer malicia) de hũa mulher voluntaria, & mudavel, em tanta maneira, que ~~amays~~ comedida, nunca leixou de fazer sua vontade, mayormente no que he menos razão. *Roc.* Muyto menos a tem quem conhece o contrario do que faz: homem que não sabe contraminar malicias femeninas, digolhe paruo; como he porém certo queixarse dellas quem as sofre, & quantas mays queixas, & com mays razão, ellas têm de nós. *Graf.* Poys não he nada, senão que vos val entendellas. Verdadeiramente não sey desculpa que nos dê, saluo lançalo à conta do animo varonil que não se offende de suas fraquezas, & Deos em pena de nossa soberba nós confunde com o vicio vil que nos afronta, & auilta. *Roc.* Poys inda eu hey por peor culpaldas, & acufaldas, sendo nós ocasião de seus erros, & fazelos por ellas muyto mayores. *Graf.* Tal sou eu agora, que tiue ja por graça poder afeição comigo o contrario do que entendo, & venho cahir em tudo o que desaprouo. *Roc.* Não vi mór certeza em todos. Que vitoria teria agora a dama se o ouuisse, que a ellas nenhum gosto lhes chega ao mostrar-se poderosas, com queimar o sangue aos seruidores. *Graf.* Não se pode viuer da vontade,

Acto primeiro

cujo principal gosto são minhas dores. *Roc.* Como se o amor descobre na aduerfidade! se as molheres soubessem, nunca fauorecerião os homês, para se melhorar delles, & por mal os armarião ao bem: tal he nossa natureza. *Graf.* Dura coufa he fogueição para quem nasceo liure. *Roc.* Essa chega ao viuo; como a dõr he sentenceosa! *Graf.* Mas inda he mayor magna dâr a liberdade a troco de ingratição, & defamor. *Roc.* Companheiros hachareys; que mal peccado, foro he da terra. *Graf.* Coytado de quem ha de esperar remedio de seu contrario. *Roc.* Mas coytado de quem o pretende de ti. *Graf.* Triste da vida que na morte espera o descanso, poys todo mal, por leue q̄ seja, he sofrível se muyto não dura. *Roc.* Estou remediado cõ amo tão moral. *Graf.* Ah desauéturavel alma! Ó izenta molher! Esta he a satisfação do amor de tantos annos? *Roc.* Poys que direy eu do meu seruiço? *Graf.* Onde està a fê? onde as promessas? onde aquellas palauras meigas que me tantas vezes forão o espirital pasto desta alma, agora tão magoada? Ó fingimentos femininos, cujos laços, nem Alexandre os cortou! Ó vida fogueita a elles! Ó coração vendido tanto tempo! E que he possível, que debaixo de hum rosto tão fermoso, se encubra hũ espiritu tão desleal, & que o te-
nha eu

nha eu para não abafar de paixão ! mays que de ferro seria o coração que tal compadeceffe com sofrimento; eu me hirey à serra Doffa , ou onde ninguem sayba de mym, & enterrarme viuo: não he possiuel verme así desprezado , & desapossado de hum amor a q̄ me entreguey ; não hey de sofrer izentarme, q̄ antes não morra, ou faça hum estremo soado. *Roc.* Muyto auante vay isto; & bofé que receyo que faça algum desatino: quero hir chamar Dinardo Pereira; mas leixalo sò serà dar lhe hazo a tentação , cousa que nunca leixou de danar muyto se he para mal, como para bé tambem val muyto; todauia lhe quero hir repricar, inda que se apure cômigo, quebrará ja así o impeto da paixão em que está o perigo, & depoyz tudo o tempo abranda, & cura: entro, valha o que valer. Logo eu senhor diria hũa cousa, se algũa hora lhe armasse o meu parecer. *Gras.* Dizey, que poys não tenho conselho proprio , necessario he tomálo, com entender que todo o alheyo he sospitoso, mayormenté onde o juyzo falta, para estremar o bom, ou a necessidade faz força. *Roc.* O ouuilo he de bom animo, & o aceitalo, sendo tal de espiritu confiado, mas os discretos desta monção costumão arredar de sy quem os entende, abater os dados ao bom juyzo se lhe senté lanço,

Acto primeiro.

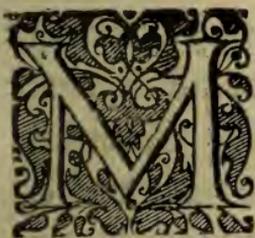
& depouys ajudãose do que ouuem como de proprio cabedal, com lhe darem outra tinta. *Graf.* Tambem isso he discrição: guardeuos Deos dos que tem entejo a tudo o alheyo, & o seu proprio he qual Deos melhore, porque claro está que hũ sò não pode saber tudo, tende por timbre de discrição o entendimento que sabe acomodar-se ao bom, & estremar os votos: mas venhamos ao vosso, que ja me rendo a confessar que soys sotil, & homem de conselho, tendes porém muyta parola, & eu estou em tempo que requiere remedio apressado. *Roc.* Tambem sou disso, se me valesse, mas tudo quer sação, & todos têm furor no seu gosto, & interesse, & no alheyo são dormentes. *Graf.* Caro me custa ja o conselho, verdade he que nenhum ha barato, & sobrião tão incerto que as mays das vezes he errado, tal pode ser o vosso, & porque sinto que me vay faltando folego para vos ouuir falar bem, abreuiay, & vinde ao ponto. *Roc.* Digo senhor, que deuo hir perder esta tarde sobre acolher Dorothea, & tirar della o fundamento de sua ama, porque sabido, apriquemos o remedio conforme a enfermidade, isto dito breue mente. *Graf.* Bem apontays, eu hirmehey passear nas tranqueiras de rebuço antre lusco, & fusco: manday o mulato trazer prouisaõ para a casa, &
tende

tende man eira que vindo Dinardo Pereira, & eu a deshoras, hachemos candeia acesa. *Roc.* Assim se fará.

SCENA SEXTA.

Rocha

Mulato.



Vyto melhorado estou com meu amo, posso vender officios em sua casa, parestas repas que me apontão, se me não faz o que pretendo, que por justiça hey de despilo na satisfação de meu seruiço, porque não cuydem cabrões que se hão de seruir dos homẽs de bem, a som de bem che farey, & nunca lho fazem; & a idade que despendeys não pode cobrar-se, & se vimos estar à conta com elle, & eu hame de pagar timtim por timtim, quero dizer, conuem a saber, tantos annos de pagem, tantos de estribeiro, tantos de conselheiro, demo, & sa mãy, & por fim tantos de tudo, & aqui ha de ser a de maçagatos, q̃ eu sempre me fuy empondo com elle em meus acrescentamentos, atè que me entauolei no que ora estou, que he pouco menos de ayo, ou por ventura mays, que elle não faz mays do q̃ lhe eu digo,

Acto primeiro

mas quero ora dàr ordem ao que cumpre a meu corpo quanto ao presente. Dezhy, hirey vèr Dorrothea de que muyto desejo melhorarme: Ah monseor comprador? *Mul.* Que foy? *Roc.* Quatro parole. *Mul.* Falar, & servir. *Roc.* Mandese fazer na volta da ribeira : ja sabeys, cea leue, marisco, fanecas , qualquer outro peixe sadio , celadeta, rabanete, & para a comunidade, sardinhas fritas, ou berguigões ; & por amor de mym não vos atrauesseys a folho, inda que vos caya em lanço, porque vòs soys comprador do enxurro , & tomão-uos na lambugem como heiró. *Mul.* Oula escudeiro, não vos desfinádeys que vos danarey a grauidade. *Roc.* Cardoso vos sabe a vòs a lenda , & vos açama. *Mul.* Pelos sãtos que eu fiz, que lhe dè quinze falta: elle fezse muyto infinto, & não lhe lembra que veyo para o senhor Dinardo Pereira com hũa capa de dò que parecia rede, & esta emprestada , & o pelote do teor pouco mays de jaqueta , que parecia grumete das Berlengas , que vende perrexil, & eu lho enculquey, & não sey bofè se andaua à seirinha: mas não duuido que vendia obréas; & agora não ha quem possa com elle, & quer zombar, & desprezar. *Roc.* Dirlheheis vòs isso no rosto? *Mul.* Eu não quero afrontalo, mas se me vier a abespa ao nariz , tanto me pode indinar.

nar, que não lhe valha trazêlo seu amo mimoso: mas receyo meu senhor. *Roc.* Assim volo conselho eu, que já sabeys que he agastado, não cureys de competencias, que a paz he dom de Deos. *Mul.* Tenho eu logo hũa condição, que o meu gofio seria guerra. *Roc.* Como sey certo onde haueys de hir parar, mas que arengas, & esforços haueys de mostrar como vos virdes de verga alta. *Mul.* Pareste rosto, que me não conheceys, não me vejays estes couros baços, que o castanho obscuro corre o mole, & o duro: bem sey que hey de morrer vestido, mas ha de ser de estocadas frias, como homem de bem: que as sabe dár, & tomar: não me víreys Domingo na porta do mar? *Roc.* A fugir. *Mul.* Estomenteyuos hum tauerneiro de la gala. *Roc.* E porque? *Mul.* Ganheilhe ao rodizio hũa canada, & elle quiz me defacatar, & pôsse em me não pagar, & as palauras não herão ditas, quando o bom do Mulato Eitor de los Lindos, se poem no andar da rua, & toma a porta, as trepeças chouião sobre mym, eu com receyo dos croques trasmalheime em hum affopro pelas traueffas, & não parey senão em São Mamede, mas sabey que fiz terreyro. *Roc.* Em fim que vos valestes dos pés como gentil graça? *Mul.* He mal, pois que quereys? q̃ fizesse rosto a cem bebados, que

Acto primeiro

que me embaraçarão ali, até me filharem os seus galegos? Assim he o menino tolo, basta que o bebado não se quiz hir averiguar comigo, nem foy para isso, & quiz logo o diabo que não leuava eu o meu pao, que eu ouuerao de estilar a dous por tres. *Roc.* Senhor meu Eitor Sanhudo, encomendouos muyto que trabalheys por conseruar vossa pele saã para odre, porque não façays vosso senhor orfaõ de seu dinheiro. *Mul.* Por si, ou por não, sabey que não hey de levar duas em capelo, passe por onde passar, porque tenho averiguada minha pessoa por meus amigos, & se me cumprir heyos de achar comigo em toda a afronta. *Roc.* Não vos fundeys nellas atenças, que faltão no melhor. *Mul.* Não, que elles sabem o que tem em mym, & eu nelles. *Roc.* Sereys marca de me enxoualhar hum polhastro que se me atraueffa em feruir minha dama? *Mul.* Si por Santa Guiterea, ahi sou eu homem: daymo a conhecer, & leixai-me com elle, que eu volo tomarey com a minha quadrilha, & volo faremos salmoyna; mas haueis de dàr como pessoa nobre para o beberete dos da osma, para sobre mela, meus liaes companheiros metigarẽ seu corage. *Roc.* Não sey se me fie disso, q̃ vòs outros, se vos arreganhão os dêtes, fugis mões, & vales. *Mul.* O que eu digo, eu o farey bom.

Roc.

Roc. Falarey com Cardoso, veremos que lhe parece. *Mul.* Esse fidalgo ha de zombar, porque he boa lança. *Roc.* Todavia elle he bom bicho, & diz que soys ronca. *Mul.* Quando o demo quizeffe q̄ fizeffe elle sombra ante mym; mas quereys que aventuremos à cuja certas brancas que tenho, & me carregão, que ja sey que soys meu herdeiro? *Roc.* Eu necessidade tinha dellas para hũa certa compra, mas tenho que fazer; fique para a noite: vamos agora fazer o que he necessario, que para tudo ha seu tempo.

S C E N A S E T I M A .

Dinardo Pereira.

Cardoso.



A M horas de correr as esparrelas, & vèr se aparece, caça no parque do amor, que neste antre lusco, & fusco ha grandes acertos, mayormête em noute de calma, & luar, em que os suspiros amorosos são rayos de calmaria que centilão, & este he o mel da vida, eu ao menos não me dem outra q̄ sob los teus cabelos ninha dormiria, & leixay cabrões apagados no sentir o bõ, pôr suas bemaenturanças em cobiças, & onze-
nas

Acto primeiro

nas infaciaueys, vender almas por vil preço, açou-
tar o mundo com diligências, enriquefcer de pres-
sa com perder medo, & vergonha a inconuenien-
tes, pondo todo seu ser no que têm, porque diz
que quanto tês, tanto vales: que tudo se isto rema-
ta em entefourar para quem não sabe, & que o
ha de espalhar mays depressa do que elle o ajun-
ta. Poys effoutros garções que têm por recreação
tirar pela carta. Não os desculpa jugar Iulio Ce-
sar, que o fazia raramente por diuertir trabalhos,
& com esta condição, he sofriuel moderado, que
os varões graues, se têm appetites estranhos, sabem
vsalos com leue culpa, ou sem ella: & o jogo he
officio de desgostos. De caçadores não ha que tra-
tar, basta saber o fim de Acção, & Meleagro, &
faz os homês muyto môtanheses, & intrataueys,
dado que seja officio varonil: mas requiere muyta
moderação para ser compatiuel, por maneira que
tenteados estes, & todos outros passatempos hu-
manos, tenho alcançado, que não ha recreação q̄
chegue à dos amores: & não vos gabo, antes des-
aprouo essa canalha dos sensuaes. Trato do amor
contempratiuo que he hum arminho, porque ja
ver hũa bela dama em ouriçada, & fumosa, he
mays que Roma triumphante: ora ver hum pa-
ciente mirrado nella, he outra caça de altenaria
que

que vos tira a vista, hum bom acerto para hum remoque leua os pès do chão, hum espreitála a deshoras, he mays doce que hum banho: ja chegar a escabelala por fresta, não ha mays campos Yliseos, poys a comunicação, & practica com amigos, & amigas, não lhe chega a melodia das Se-reas. Finalmente he hũa occupação esta que vos adormenta os sentidos para não sentirem outra algũa dor, & hũa serpente Aspís que vos chupa tão docemente a vida, que não quereys outra, nem a ha tão meliflua, & dos que isto não sintem assi, basta para vingança, carecerem della, & deste juyzo, & por isso como viuo enfiado nesta opinião, & gosto, não me trocarey por algum outro homem que não seja desta feita: & porque a companhia faz a posição doce, & a fortuna leue, quero augoar os enfiamentos do Paço com hir em cata de Grafidel de Abreu que deue estar velando seu quarto, ou não tardará de vir à traueffa q̃ ja são horas. Cardoso, à quem digo? *Car.* Senhor. *Dim.* Ah velhaco, ja dormias? Em casa mo direys, eu vos hey de tirar essa manha à vossa custa: inda não torna em sy. *Car.* Estou eruoado da cabeça. *Dim.* Não seja vinho? que vós, cuido que não lhe perdoaes. *Car.* Elle não se dá de graça, & o dinheiro tem azar comigo, foge de mym. *Dim.* Como não

Acto primeiro

não ha de fugir de hum vilão tão carregado: vaite para casa, & se là estiuier Grafidel de Abreu, dize-lhe que cá o espero, & não vos vades da hi. Cà me parece que vejo meu amigo: voume a elle.

SCENA OITAVA.

Dinardo Pereira. Grafidel de Abreu.



VE espirrar he esse, micélo mio? esse desordenado passo? essas personagens para o Ceo? esses olhos para a terra? Sinal he de serem os pensamentos que vos mouem mays terrestres, q̃ Diuinos; esse colear de cabeça? esse escarpeçar de barbas? esse morder de bigodes, que decrinão que o mar deue andar brauo na costa? *Graf.* Nada senhor, são passatempos que se tem comigo. *Din.* Grande olho tenho, apósto que lhe ponha o dedo, que como recochilhado sey desse rapaz Cupido quão continuo he em trauar escaramuça: & vòs estays mays infiado que se ouellesseys de entrar em desafio. *Graf.* Com a morte. *Din.* Muyto moral vay isto: nunca Castelhana chegou a fazer tal fero, ja esse passa pelo de Alexandre, que ouuindo que hauia muytos mundos, choraua por

por não ter conquistado mays de hũm, sendo ja de trinta annos:& vòs soysme deffes? não vos sabia tanto bem?*Graf.* Mas tanto mal.*Dim.* Anhadilhe, por bien venido, que ja sabeys que por amor de Iulianeta estó, y mas se ha de passare.*Graf.* Vòs sabeys da minha destroyção.*Dim.* Como? de que? roubarãouos?*Graf.* O contentamêto! O amor! não soube de ti pouco, quem te deu por cõpanheira a fortuna. *Dim.* Soys perdido por moi alidades, mas eu riome da fortuna, & dos seus fados, hacho isto para mym, que nosso bem nõs o grangeamos cà humanamente sem tratar da prouidencia Diuina, em que cruzo o juyzo, & me aferro com a Igreja & cà pelo meu leigal, tudo cuydo que vay em acertar, ou errar o aluo de nossa sorte *Graf.* Isto he falar às apalpadelas: o cego não julga de cores, nem eu do que não sey, mas se quereys ouuir, vereys quanto a minha defauentura soube para destrohirme o meu descanso, & quanto mays facilmente se cahe nella, do que a bonança pode sustentarse, porque a fortuna nunca se satisfaz cõ danar hũa sò vez a quem começa mostrar sua oscura cara, antes tudo se arma contra o abatido. *Dim.* Abreuiay, que eu sou pouco de muytos rodeos, & enfadamme muyto poèsias. *Graf.* Sereys Portuguez?*Dim.* Do lombo.*Graf.* Està vossa prima
comigo

Acto primeiro.

comigo de fogo, & sangue. *Din.* Ia vós aqui soys com vossas defauenças? Forão os mays nouos amores estes vossos que se virão: na continuação das pelejas, como gatos, parece que vos recreays nellas. *Graf.* Esse he o puro amor, que se lhe tirays as guerras, não durão, & mortifica-se, como o fogo que morre faltandolhe a materia. *Din.* Não sou disso, poys mao grado a quem for mays namorado, & tremo ante minha dama se me arreganha os dentes: porque amor muda-se como tudo, & a ninguem deu o seu mel, que não gostasse seu fel: traz por mote: Vencerás, ou serás vencido: & a mulher he mays mudavel que o vento, & para sostela, ha mister lãçarlhe muytas amarras, & diz meu amigo Propercio, que foy mancebo que soube tratalas, que não se mouem assi as Syrtes com a enxurrada, nem a folha treme tanto com o Norte, quanto a femea affanhada he incerta nas promessas, tanto me dá que seja a causa graue, como leue. E por tanto não sou de me pôr em pontos com ellas, & crede vós que este he elle todo medroso, que o cruel amor (disse o outro) ensina soffrer ameaças, & desimular mentiras, mas vós não sabeys querer bem, ou não quereys. *Graf.* Indemal. *Din.* Não sey, eu por certo não vos entendo, nem estou bem com esse estilo, o rigor em tudo he da-

he danoso. A brandura pesca corações, inda que seja com mentiras. A aspereza causa odio, & desauenças: hãose de iuitar muyto, & fugir contendas, & maas palauras, que escandalizão, & com as boas se cria o brando amor, & sabeys quanto, que nem culpas se hão de reprender: porque o desimulalas, foy proueytoso muytas vezes. Ha metter muyto arteficio para encayxar hũa reprêsaõ os males abrandãose a tempos, com nomes bõos: & dâr boa cõr aos erros em fazaõ, o aceitála he, sagacidade de que se tira muyto fruyto: muytas cousas não ha homê de querer saber, q̃ a mayor parte dellas offende: outras não entender, ou entendidas calalas, & querer apurar tudo, he trabalho imêso que brota sempre em magoas: & bem me està que os que muyto se querem de qualquer palaura se assanhão, doces menices desse rapaz Cupido, que hoje he guerra, amenháa paz, por o que logo se amigão sem terceiros: & como quando faz sol, & choue, dizem que caza a rapoza: assi ellas que o saõ para com nosco, chorão, & rim juntamente: mas nunca al vi senão pombas, que agora peleyjarão, a pouco espaço ajuntarem os bicos, & grangearse, a razão o pede, quem quer ser amado, ame, & queira antes sêlo q̃ ser temido: por onde, de meu conselho, não deueys tentar

D

sempre

Acto primeiro

sempre minha prima de paciencia : porque receyo, que tantas vezes vay o cantaro à fonte, &c. *Graf.* Em vesporas disso estou, ou poco menos: *Dim.* Que differentes são os juyzos, & os gostos dos homês ! o que vòs fazeys, para a minha arte enfadarmehia, que lhe perderia toda a deuacão a poucos lanços: porque os amores são para goftar da vida, & lograr do tempo em branda conuersacão, & não para queimar o sangue sem porque de cousas que não vão, nem vem. *Graf.* Fazeys muyto bem se podeys, mas pareceme não correstes inda esta costa com mao temporal, & os prosperos perdem a natureza, & sintemse pouco dos afortunados. *Dim.* A ninguem lhe parecem pouco suas afrótas, & o estado alheyo, sempre o auemos por menos cansatiuo. Coytado de mym que viuo de sofrer, & calar. *Graf.* Onde aproueita o ser mao, dana o ser bom; & para com as molheres hé ja muyto certo valerem menos as verdades. *Dim.* Mas para com todo mundo, se hides por hy. *Graf.* Poys se o nosso pensamento não se aparta do certo, como dizem, dou tudo por acabado : porque não posso tirar da fantasia este receyo. *Dim.* Nunca al vi nellas, senão feros, & por fim são cordeiras. A ferida do amor, quem a dà a sara; qualquer desculpa, inda que fraca, para quem folga de
acei-

aceitala, alcança mil perdões. A vida vay así alternada, tras o goſto, ſocede o deſgoſto. antre uem hũa payxão, & logo tornão a congratarse com retorno de mays amor, q̃ o estado da reconciliação não tem preço, nada he goſtoſo, ſaluo o que refaz a variação tão enferma, & enfaſtiada he noſſa mâ natureza, q̃ lhe enfada eſtar ſempre em hum ſer, inda que bonançoſo, & a mudança dos tempos emnoua as couſas, & da maneira que os males nouos ſão mays graues: así os contentamentos emnouados ſão mays goſtoſos, & naturalmente ſomos tão inconstantes que até das boas couſas nos faz mal o muyto coſtume, porque nos vê em deſprezo, & aborrecimento, & aqui abate o voſſo deſenho, a fim de voſſa opinião: & reconciliado, na primeira hora refarey todos os paſſados dânos: & por tanto não vos acanheys, nem eſmoreçays *Graf.* Não ſey q̃ ouze eſperar. O amor deſataſe facilmente, & tornaſe atar com trabalho, porque toda a yra enuelhece tarde, mayorméte a da molher vingatiua de ſua fraca natureza. *Din.* Vòs deueis ſer culpado; que quem teme vaòs medos, confeſſa os verdadeiros, & o que jaz em algũa culpa, aborreſcelhe tudo o que eſtã em duuida, mas o innocéte, ſempre do mal eſpera bem. *Graf.* Teme o pequeno o que o grande peca. Culpas de

Acto primeiro.

Principes, são penas do pouo. Padecem os Gregos (dizia Homero) os erros dos Reys: a condição de vossa prima costumada a ter semrazões comigo, me faz temer o que nunca cuydey. *Din.* Outra hora não tomar esperiências. *Graf.* Ia sey que são perigosas na amizade. *Din.* Queria q̄ vos ficasse dahy arrependimento para vos ver bem julgado destas senhoras, não se escandalizem em ver que não agradeceys a minha prima a estima em que vos têm: porque o ingrato faz mal a todos os necessitados, & vossas culpas podê danarme, que como são cabras que saltão hūas tras outras, julgar mehão por vòs, & eu sou prezo sem culpa, que não quer quebrada a cadea. *Graf.* Ia sey que he engano contar ninguem suas magoas, sendo tão certo ninguem se sentir, saluo das proprias, & a nossa natureza he triumphar do mal alheyo, em lugar de enternecerse. *Din.* Alguem haueirà, como não for official, ou priuado, que se compadeça de seu amigo, por virtude, ou por vaydade. Ora contay-me; não ha tres dias que estaueys muyto amigos? *Graf.* Isso me tem mouro: cuydaua eu descansar de tempestades passadas, & de subito veyo este pè de vento, tomandome descuydado com a vela deluua sobre o masto de minha confiança, & coçobra o barco do meu descãso, leixandome no
pego

pego de suas brauas esquiuanças bebendoas cõ
 talmagoa, que me afogo sem achar tauoa em que
 me salue, nem poder tomar pè para ter folego
 em sofrer o impeto das suas semrazões, contra
 as quaes bracejo desque a conheço. *Din.* Não ha
 mays poësia em Ioão de Mena: deſſa maneyra
 foys hum Hicaro, ou outro Leandro, bracejando
 nas agoas do defamor. *Graf.* Mas sou o meſmo
 Apolo fugindolhe Daphinis, & as meſmas ſetas
 de ouro, & chũbo com que Copido ſe melhorou
 delle, herão figura do que padeceo. *Din.* Não ha
 couſa para ouuir como exclamações de amantes
 agrauados, & aquelle ſeu ponderar ſuas magoas,
 tanto, que todas as chagas da lingoagem do mũ-
 do não baſta para o argumento da obra. Quem
 vos ouuir eſpirrar, cuydarã q̃ eſpirays, & a mym
 que vos conheço, enleaefme, & tudo ſeria, quando
 muyto fazer ella que vos não via, & fugiruos da
 janela, & por ventura lhe ſeria forçado diſſimu-
 lar com a guarda. *Graf.* A mym quereys vòs en-
 finir respeitar tempos, nascendo antre eſſes abro-
 lhos? Soube eu nunca al ſenão receber eſſes en-
 contros ſem perder a ſela, & ter me amor enſinado
 todos ſeus poſtos? Indemal porque ha tanto
 que ſou reo, padecendo culpas de autor. *Din.* Pe-
 lo judicial vay o caſo, poys podẽys perder ſau-

Ação primeiro.

dade de justiça. que os seus ministros temse conjurados contra o genero humano. *Graf.* Estays muyto frautado, & eu nada para graças. *Din.* Não ha quem alcance as posturas destes vossos amores; sabeys algũa para tiro de arcabuz? *Graf.* Ora zombemos. *Din.* Acabay vòs ja, & contayme à letra o que passa. *Graf.* Estou em estado, que vossa prima não quer ouuirme mentar ante sy, aparta-se da conuersação de minha comadre, como vos ella dirà, & de todas minhas amigas: porque não lhe vão à mão, nem lhe falem em mym. Ora julgay se ha erpes que asy corrompessẽem em breue vontade que tanto se publicaua por minha. *Din.* Falasteslhe vòs? *Graf.* Se me ella ccndenara ouuindo-me, sofrera eu a sentença por justa: mas mexericação me com ella que tinha outros amores, do que indinada, assentou em desabrir mão de mym para nunca mays. Pareceos q̄ he izenta da amor condição tão determinada? *Din.* Dayas aos coruos todas em hum vencelho, tudo podem como querem. Crer ella sen indicios lhe não louuo, mas todavia amor anda por hi, q̄ Porpercio sospeitaua que na camisa de Cinthia estaua homem escondido, & sem ceumes, não ha grande afeição: ja em molheres he dór impaciente, como os Poetas pintão em Procris, & Iuno, & são muy prontas em

crer o mal. *Graf.* E porque não crerá a minha verdade? *Din Diruoshey:* não ha molher que não presume de sy, que se lhe deue amor, & que a todos apras sua fermosura: & esta vaydade, muytas vezes lhes dà cambadelas, & así tambem por outra via são sospeitosas, & desconfiadas, & como sou a lenda dellas, a sua desconfiança vemlhe da propria inconstancia, se mal não cuydo. Por onde são muyto incertas, & mãs de conchauer, & com paixão de ceumes, diz Ouidio, que as leo, que o jauari quando se rebolue antre os caës rayuosos, a Leoa dando a teta aos filhos, & a bibira pisada do pè, não he tão cruel: & com esta yra esquece todo decoro de sua obrigação por satisfazerse como Medea, que matou os filhos, & Prognés, & Seneca diz, que não ha besta braua q̄ não seja mays mása, nem Scila, nem Charibdis tão indomaueys, nem coufa peor, y mays indomauel, que a molher quando se determina. Por o que a natureza o seu animo pronto ao mal, & vingatiuo, as fez medrosas, & fracas para poderem ser domadas, & ser a sua fraqueza freo da sua yra, & as apaixonadas tudo reboluem em contendas, & são prontas em fingimentos. *Graf.* Coytado do coração afeiçoado, & sogeito a tanta tempestade. *Din.* Agora vos chegou: pezar de Fez, porque sou todo calos

por vòs. *Din.* Não vos vades porhy, não ha tão boa fortuna de quem não possays queyxa ruos, tambem tenho meus descontos. *Graf.* Têdes logo outro para abutamar todos effes, que he saberdes certo que vos querem bem? *Din.* Não tendes duvida: ao menos así mo dizem, & eu que o creyo.

Graf. Conserue Deos voffo estado: mas que conselhaiis neste meu tão mau? *Din.* Leixai me hir falar com minha prima, que eu vos farey mar chão a pezar dos mouros. Já sabeys que tenho ante ellas credito, que he a principal alfaya para este trato. Não vos agasteys; que tanto he homem melquinho, quanto se elle faz.

Graf. Como queyres que não me agaste ser hũa molher tão senhora de sy, que assenta comsigo em não ouuir, nem tomar desculpa de quem està inocente da culpa que lhe dà? Que se pode cuydar disto, saluo que busca achaque para se desobrigar de mym?

Din. Tudo isto he vento: o amante merencoreo metese em muytas cousas, não ha determinação tão birrenta que a razão não vença. Day me vòs quem sayba darlhe a bataria, que eu vos digo, q̄ folgão de as enganarem, & aceitão de boamente toda desculpa forgicada, quando mays não podem, quanto mays offerecendolhe innocencia: ora ella me ouuirá, & vereys como sou destro

nestas

Acto primeiro.

nestas escaramuças. *Graf.* Não me leuantão o espirito vossos esforços, o que tenho a maõ final. Lembrame quando recayr morrem os mays, & a pouca justificação que de mym quiz, me certifica muyto que he cilada que me alguem armou: & sabeys de quem me temo? de Aulegrafia, que me foy sempre cõtraria, & dizemme que são agora grandes alforges. *Din.* Que me matem se isso não traz agoa no bico: assentay, que dahy vem a toce ao gato, & se tal he, leixaime com minha madrinha, que eu vola farey do nosso bando: tudo serà mandarlhe hũa merenda que a molefique, & vereys que he isto trato antrellas, & catcha para vos afir, & rematar: que aqui atirão todas, & se desfuelão por se remir de seus fados, porque em quanto cursão nelles não viuem: & minha madrinha Aulegrafia he perra velha, & o tomo de suas negociações; sabe mays cautelas que hum Legista, pode ler as leys do Paço como Bartolo, & todas lá registão com ella seus negocios, toma os portos a quantos grações se apontão nos liuros de Capido. E digouos que vos cumpre grangea-la, ao menos porque vos não faça mal, como homem faz a outros roins, & quando aproueita, he menos mal. *Graf.* Não tenho paciencia quando cuydo quã de improuiso, & sem causa se me esta
molher

molher izentou. *Din.* Não ha quem se entenda com molheres, nem sayba temporizar, & payrar com ellas sem muyto risco: porque se começãõ fazer mal, nunca acabãõ, & se bem, logo cansãõ. Já crerem que lhe quereys muyto, he o açoute, com que nos disciplinãõ sem dò. Hacho eu que nenhũa cousa as auinagra como o fauor, mas com tudo eu me atreuo anichilar essa sospeita, & restituyruos a vosso estado, sabey conserualo, que não he menos que gaynhalo, porque adquirir, querer ventura, & conseruar arte, & este mar que vos espanta com suas ouelhas, eu volo farey de donas. *Gras.* Nada me segura; doutras vèzes que nos defauinhamos, nunca me chegou perder esperança de conformidade, a que agora vou perdêdo: todo esfoço acho fraco, todo remedio duuidoso, traz tal furia consigo a enchente dos meus receyos, que me afoga o conselho, & perco accordo nesta afronta. Por aquy vereys que necessidade tenho de diligente socorro: por tanto valeyme em breue, antes que me estile este pensamento.

Din. O varão não dà costas á fortuna, nem são mesquinhos os que padecem muytas: mas os que se leixão vencer dellas, & a prosperidade he lepra, & mangra dos generosos espiritos, como o trabalho escamel dos animosos. O bom namorado ha

Acto primeiro

do ha de ser muyto sofrido: ca sofrendo se vence a desauentura, donde dizia Dario, que guerras, & cousas asperas, & contrarias o fazião prudente, porque não ha juyzo claro sem esperiencia. Daqui vem dâr o tempo saber, & quem á perna estendida (como dizem) & bocejando presume entender o que outros experimentarão melhor, podeyslhe assouiar. Mas isto são horas de nos recolhermos, que ellas deuem ja dormir, que he tarde: àmenhá eu descobrirey os portos, & trabalharey quanto me for possiuel, por falar com minha prima, & lhe dâr hũa fraterna, & se for necessario, tambem com minha madrinha para que nos não encontre, que eu confesseuos que a tenho por muyto daninha, & perigoza.

SCENA NONA.

Aulegrafia.

Filomela.



Inde ca, sobrinha, que tenho muyto que vos contar. *Fil.* De que, tia minha? *Aul.* Agora vereys como sou profeta, & como dá causa, antes he occasião da culpa, quem dissimula com o peccado: vòs não me quereys crer, & folgo
mays

mays do mundo, porque vos fiays de amigas que vos vendem, & eu conheço. Ponhamonos a essa janela, & ouuireys marauilhas: sabeys que me agora affirmou pessoa que o sabe de certa sabedoria, grande cousa minha? *Fil.* Já vos entendo.

Aul. Não entendeys. *Fil.* Si entendo. *Aul.* Que he, por ver se acertays? *Fil.* Toca a foão? *Aul.* Qual delles?

Fil. A Grafidel de Abreu. *Aul.* Si, mas sobre cousa de que por ventura estays bem segura, & foy s bem vendida: porque o mau, quando se finge bom, então he peor. Disserão-me de certa certeza, que andaua o senhor perdidíssimo d'amores em hũa certa parte da Cidade, com grandísimos fundamentos de cazar, ou muy perto disso, por a senhora ser muy rica, que ja sabeys que esta he a mays certa barreyra, a que estes galantes atirão: fermosura, & virtude, nenhũa valia tem, & ja não se tomão as molheres, senão a pezo

Fil. Poys enforquemse em bõ dia claro. Quando noutro dia viemos em pratica ambos sobre vosso amigo Germinio Soares, me dissestes, que vos viera às orelhas essa sospeita. *Aul.* Poys si, mas agora mo certificarão que não haui duuida, qué o tem sabido por hūs certos canos de Carmona.

Fil. Eu volo dou por ser assi. Mas sabeys o que tenho feyto sobriisso, porque vejays que não

sou

Acto primeiro

fou molher que leue duas em capelo. *Aul.* Que, por vossa vida? *Fil.* Tanto que mo dissestes, não curey de mays cà, nem là:mas assentando comigo que era assi, por elle não lograr a vitoria deesses enganos, mandey logo desenganalo desencalmadamente, que não falasse em mym mays, nem lhe lembrasse que hera viua, ou me vira algũa hora, que tal hauia eu de ser com elle d'oge auante: & mays lhe fazia saber, que d'agora para todo sempre me desdezia de todo o passado, que fora hũ sonho, & hũa ignorancia de molher moça confiada, em que leueméte cahe, quem não sabe malicias, mas que o desenganaua, que me não fazião papo ifantes. *Aul.* Ora fezestes a melhor cousa que molher fez:ò como andastes bem, & da minha arte, agora vos tenho por molher de fantasia, estes assi se querem: porque haueys de saber, que a muyta facilidade he em parte doudice, mayormente nestes casos. E poys, elle que diz a isso? sabeys se lho tem dito? *Fil.* Já me depoy mandou carta, que lhe não quiz tomar, & ressegundou: mas eu auisey à minha Dorothea, que se guardasse, como de fogo, de tomar recado seu. *Aul.* Adiante vòs vades, nunca vos a mão doa, não ha tal cousa para estes picões, que presumem muyto, como arreganharlhe os dentes, & desprezalos:
porque

porque a pessoa, ja vingase, que he grande gosto, & elles não se vão alabando: quanto mays, que se vos elle quer bem (o que eu não creyo) agora o vereys no que faz: & tambem se he quem eu cuy do, para que quereys que zombe de vòs, que mal pecado, isto he sempre o mays certo dos taes, mana minha, de meu conselho, va (como dizem) o perdido por amor de Deos, tornayuos ao siso: mays val perder, que mays perder, arrenegay de passatempos que em vez de aproueytar, danão: estimayuos, fereys estimada: porque sabeys que cousa são homés? Se os fauoreceys, & amimays, não vos estimão, parecelhes que os grangeaes a fim de vossò proueito, & mays não errão, como nada fazem sem levar o seu por guia, asì nos julgão: & tambem quem não viue deste siso, fica cõ a magoa, & perda: & por tanto abri vossò olho, esquiuy os seruidores quando o tempo o requiere, porque asì inda que não tenham amor, são tão mortos por chegar com tudo ao cabo, que se entregão por se satisfazerem a quem lhes sabe armar com sofrimento, acolhenças, & juntamente desabrimentos, descuydos, & entejos, & mays temuos na posse em que vos aforaes, & se mal não sey a lèda deste meu senhor: não arma daqui muyto longe. Eu não lhe quero mal, por aqui, & peran

Acto primeiro.

perante Deos, nem meus pecados me cheguem a querelo a ninguem, & elle não me tem feyto porque lho queira. Verdade he, que não hey de negar, que me aborrece muyto, ha dias : porq̃ ouui sempre, que a mayor injuria que se pode dizer a hum homem, he chamarlhe ingrato, & sey que o foy para vòs que o trazeyz muyto mimoso : por onde não posso telo em boa conta, nem gostalo, & certamente não andara com elle d'âmorez, inda que soubera que me hauia de fazer Raynha, não por mayz que por sua condição taõ fora de meu geito. Pasmada hera eu de como podieys sofrer amor tão enxarondo: por isso dizem de nos outras com razão, que somos lobas no escolher. *Fil.* Agora lhe farey a vontade, enfadada me leixão seus desgostos. *Aul.* E bem desgostos, não vi homem tão desengraçado, & solobro: elle pode ser discreto, que não lho tolho, está porem bem longe de galante: serey paruoza, & não o entenderey por ventura, mas não sey de que vòs gostaueys. *Fil.* Querialhe bem de lôge, pareciamme que mo queria, & ja sabeys que he cega a affeição: mas vamos & venhamos, com tudo não se lhe pode negar q̃ escreue muyto discreto. *Aul.* Dessas discrições comeremos, quizeralhe mayz condição, mana, antes asno que me leue, &c. A molher não gaynha em

tratar

tratar com discretos que não pode domar, & são muyto pesados, liureme Deos de saberes fengos, & reuitados, que nunca acabo de entendelos, matemme com espiritos humanos, & brandos: & digouos, que antes os queria bajoujos para me ajudar delles. *Fil.* Muyto val a conuersação da pessoa discreta, & tambem sempre me pareceo tello seguro por ser honrado. *Aul.* Essas confianças nos desbaratão a nósoutras tolas, tudo o que nos dizem cremos: porque temos o siso na casa dianteira, & como nos gabão de fermosas, cremos que tudo nos obedece. *Fil.* Hum coração simpres não he muyto crer o que lhe parece que se lhes deue, & enganar-me quem me mente, a culpa he sua. *Aul.* He logo a pena vossa, não volo dizia eu? Conheço melhor aquelle rapozo que minhas mãos: guardeuos Deos destes sotranções dissimulados, que nunca sabeys, como os tendes: & este, segundo ouui, he vzeyro, & vizeyro nestes concluyos: andastes vòs bem que vos izentastes com tempo, que caminho leuaua elle com vosco se podera, & como dizem: não he sò ladrão o que furta, mas o que furtaria se podesse, assi que foy muyto acertado leixalo em branco. Ca perdoar aos maos, he danar aos bõos, no tempo que o sofrestes podereys ter gaynhado outro,

Acto primeiro

& a molher fefuda, não ha de passar tempo à fua
cufta: foys muyto moça, & fe me quizerdes
crer, eu vos apofentarey acrecentada. *Fil.* Si, mas q̃
parecerà. iffo afsi logo? para Grafidel de Abreu
ter que dizer, que por effe refpeyto me defauim
com elle. *Aul.* Olhay como ella fabe: dinheiro da-
ria eu, fendo vòs, creffe elle que o leixaueys por
outro: que fe pode defejar mays para faneardes
voffa opinião? Muyto fem comparação he me-
lhor fe poder fer, que fiqueys rindo delle, que rir-
fe elle de vòs. *Fil.* Todauia me julgarão por mu-
dauel, quanto mays, tia, que falando com uosco
como aos pès de meu confeffor, porque a vòs
nada fe ha de negar, poys vim a iffo, *Eu* ha annos
que quero bem a Grafidel de Abreu, & tenho
delle muytas palauras, & recebido obras, & não
lhe quero inda mal: eftou agora afsi escandaliza-
da, & amor podefe no principio tomar fegundo
a propria vontade fe incrina, mas defque fe acey-
ta, não fe engeyta quando a peffoa quer. *Aul.*
Tanto melhor volo dou: lançayuos â minha ban-
da, com a noua occupação, & de mays gofto que
vos offereço, hireys perdendo a faudade à afei-
ção antiga, mayormente em quanto o escan-
dalo eftà fresco: esta he a mays certa cura que
efte mal tem, que amor, inda que poffa mal def-
arrei-

arreigar-se de improviso, pode dilir-se na vontade por outros meyos. Regra he de discrição não olhar o que fez, mas prouer o que está por fazer. Quem passa o dia com fortuna, procure tomar porto para a noute, que do fim toma nome a vida, & se estiuermos á conta do que vos eu digo, bem vedes qual dos dous fica deuendo: ao menos seyuos eu dizer que tem Germinio Soares a condição bem diferente, & que serâ muyto mays maneuel para quanto quizerdes. Assim Deos me ampare, & tire deste fadairo do Paço, em que andamos, como elle he hũa cera bella de brando, & eu sou perdida por homês desta arte, poys galante, se o virdes per deruosheys por elle: he a mesma graça, & o mesmo bom ensino, ora andays a proueyto, porque tudo se ha de cuidar, & isto he o que importa. Sabey de mym, & crede, porque não vos falo a lume de palhas, que tem moyos, & esperanças. *Fil.* Bem vejo que não me cahia mal nelle a forte, mas. *Aul.* Que mas? Não vos fiays vòs de mym? Eu não sou de hũas que vendem suas amigas, por fazerem por seus amigos: não falaria por homem de que não sou- besse certo que anda em boa tējaõ, por coufa desta vida: porque senhora, o que não queria q̄ me fizessem, não hey de fazelo: medo aueria de Deos:

Acto primeiro

porque affas de mal viria ao mundo quando tã ouueffe, não cuydo que o auerà: boa estou pore m quando a sanearme, & desconfiades de mym. *Fil.* Se a confiança q̄ tenho em vòs, senhora, não fosse, longe estiuera de falar com uosco desta maneira.

Aul. Não sey disso, eu por mym me julgo, & vejo uos fazer muyto caso de amigas, que por ventura vos seria melhor não conhecelas, & afsi entrou o mundo, & ha de sãhir, valerem lisonjarias, & não verdades. *Fil.* Eu me cauidarey daqui por diante, que bem entendo ja quanto mal me tem feito a minha boa condição: como tenho os bofes lauados, cuydo que todas taes são, & não posso negar, nem negarey q̄ sempre vos achey muyto verdadeira, & amiga defenganada. *Aul.* Ora poys leixaime cõ o cargo, & vá sobre mym, q̄ se vos eu, sobrinha amiga, não meter nas mãos Germínio Soares, cõ elle cuidar q̄ o vem Deos a ver, q̄ me cortẽ estas na picota, nisto não se aventura mays q̄ duas vistas desta janela, & aceitarlhe hũa barretada, & vindo a falarlhe, farlhehey primeiro certa declaração, se medesarmar delladesarmalohey tambẽ limpamẽte, não se tacha tẽr a dama muytos seruidores, antes o tẽr muytos q̄ a cobicẽ a faz izeta, & senhora de sy, & ser bẽ seruida: porq̄ trabalhão todos por cõprazela, & guardase cada hũ da nojala, & ella

& ella pode, & tem que escolher: & sem obrigar-se
mays do que quer, obriga ao que quer: & he re-
gra certa, competidores fazerem casar mays ce-
do: dátre o mal se conhece o bem, têm os homês
por honra ser perferidos a outros, & por mostra
de especial amor, que tem ser raro nas molheres
amigas de seu proueito, & tanto mays se estima,
por quanto as cousas raras são estimadas. E por
isso, sobrinha minha, eu sou de ser desejada, &
seruida de muytos, que se hum se vay, fica outro,
& he menos magoa, & escuzase a saudade: donde
se disse: hum roim se vay da porta, &c. *Fil.* Bem di-
zeys vós, senhora, se mays não ouuesse, mas a cõ-
uerfação he visco, afeiçãose a pessoa, & depoy
não ganha mays que ficar com a payxão. *Aul.* Ca-
manha graça: não vos queria tão prouida em tão
pouca idade: não vos ha de lembrar tanto o por
vir, se vos quereys lograr do presente, cuyday no
presente, que aqui está o pôto, o al leixay à proui-
dencia Diuina: & mays quereys que vos diga,
mana minha, eu ja não vos mando afeiçãoaruos,
que toda afeição he custosa, & a molher galante
em ser liure, & desamorauel se salua, & o al he
bajouge: mas também algũa cousa se ha de auen-
turar por ganhar outra: & doulhe ora que vos
afeyzoey, quando não pegardes, não ha mal que

Acto primeiro

não tenha cura. Não tenhays vòs logo que por força ha de ser mal: sempre vimos tomar em boa ventura, o que outro engeita: por isso são os panos de muytas cores, tantos toureiros vos sahião ora, quantos vos conselharey que tomeys. Esta he a minha opinião, que cuydo que não he mà, & desta queria ver quem bem quizesse: ahy està foão, & foão, que primeiro que aferrassem o descanso que tem, passarão della com della, & per ventura aprenderão assi o que lhe cumpria. Finalmente, senhora, vede em que vos determinays, que eu digouos tudo isto como quem leuaria muyto gosto em veruos descansada: porque sou amiga defenganada, & não tenho mays que este rosto, & sofrer vicios nos amigos, sem lhos dizer, he fazelos proprios: como lou muyto clara, digo assi o q̄ me parece a la lhana, & o que queria que me fizessem, & eu faria. *Fil.* Bem sey isso *Aul.* Sy, mas parece que me não credes. Em fim, mana, fazey o q̄ quizerdes: quem me mete ora a mym entender na fazenda alheya, nem dàr cõselho a quem não mo pede? Daqui lauo as mãos destes feitos, mas eu fico que vòs me nomeeys, que o demo sempre me faz adeuinha nestas cousas, ja me vòs ouue-reys de crer para bem. *Fil.* Ora depòys falaremos, & bé sabeys vòs, tia minha, que sempre folguey de me

de me chegar aos vossos conselhos. *Aul.* Achastef-
 uos mal delles. *Fil.* Não parece aquelle que là
 aboca na traueſſa voſſo aſilhado Dinardo Perei-
 ra? *Aul.* Antes não he outro. *Fil.* Recolhamonos pa-
 ra dentro antes que chegue mays perto: porque
 he tão ſobejo, & enfadonho, como começa, que
 nunca acaba. *Aul.* Iſto haueys de dizer de voſſo
 primo? Não volo parecia elle, quando vos falaua
 no voſſo enxouedo: eu heilhe de falar de força,
 porque me releua. *Fil.* Ficayuos logo embora.

SCENA DECIMA.

Dinardo Pereira.



Vero vèr por eſta ſeſta em quanto a
 couſa eſtã ca quieta, ſe poſſo hauer
 viſta da minha gaita, que com mi-
 nha mà deſpoſição ha dias que não
 vi, não ſe me faça montanheza, que
 eſtas, ſão como Principes, não lhe lembrão os au-
 ſentes. Verey tambem ſe alcanſo fala de minha
 prima Filomela, & fazer pazes entre ella, & Gra-
 fidel de Abreu, que deſaueença prolongada he pe-
 rigoſa, & o odio ſe cria calo, he mau de dilir. Là
 me parece que enxergo na janela dos furtos mi-

Acto primeiro

na madrinha Aulegrfia, ja desta vez não perde-
rey lanço, que ella me franqueará o campo, &
chamará quem eu quizer. Quero hir-me chegan-
do, & ajudarme do tempo em quanto o passo está
seguro de espias: ninguem affoma por cá, venho
a pedir por boca.

SCENA VNDECIMA.

Dinardo Pereira.

Aulegrfia.



Eyjo as da senhora minha madri-
nha, com a diuida reuerencia. *Aul.*
Eu as do senhor meu afilhado, que-
de vòs, mà cousa, que ha mil annos
que vos não vejo por aqui? E achar-
uos assi menos não vem de vos querer mal, & tã-
bem nasce de serdes dos continos, que não he ta-
cha para bom galante. *Din.* E que o fora, tenho eu
senhora para mym que não volo parecera, & ao
menos ninguem mo encubrira melhor. *Aul.* Por
certo que assi he, tanto vossa amiga, & seruidora
sou eu, & em tanta maneira me parecem vossas
cousas bem, que não poderia, inda que quizesse,
faber ter outro parecer nellas, quanto mays sen-
do a vossa arte tal, que por sy se salua, & ca estou
sempre

sempre posta no campo no que vos toca, tanto me lembra cumprir com nossa amizade, & não menos de hoje preguntey a hum vosso seruidor, que se pregoa por meu: que era feyto de vòs. *Din.* Eu lhe mereço essas lembranças, que não estimo pouco: mas estiue, auerà dez dias, mal tratado de não sey quantas febres, que se ouuerão comigo asperas: ateouse, parece, o fogo dalma ao corpo, & começou querelo galtar, & quando vio que não me pesaua, cessou: porque de minha calidade he folgar com meu mal, & bulcalo. *Aul.* Como isso està bom, & mays se vos outra pessoa ouuira: se leixasseys algũa hora de tèr graça em quanto dizeys! porem contay me, chegou a estardes em cama, ou foy mimo? *Din.* Sangrado, & feytas as exequias, como qué zomba. *Aul.* Iesu meu Deos, poys nas cores do rosto pouco se enxerga. *Din.* Não ha mal que comigo possa, & tambem he da natureza do meu, & todas minhas chagas não fazem sinal senão por mym ja defunto. *Aul.* Ora que tambem as cà sintonie hũa alma, & eu sou boa testemunha, porem bom fora que soubera eu de vossa doença, ao menos ajudarauos com minhas fracas orações a pedir a saude, ja que para mays não presto. *Din.* Esse pouco; & sempre me podeys valer dizendoas com esse animo, que daqui pende

Acto primeiro

pende mi bien, y mi alma, mi muerte y mi vida.

Aul. Sempre fostes deſſes dichos, que apropiados bem, matãome, & ella foy ſabedor diſſo? *Din.* Sem

pre o he de meu dano, & não para leixar de mo

fazer. *Aul.* Ora não vos queixeys tanto, que tam-

bem iſſo não volo hey de conſentir, poys não tẽ-

des de que, & eu não poſſo ſofrer ingratições:

quantos ora ha que prelumem, & ſe contentarião

com a ſombra de voſſo eſtado. Bem ſabeys que a

ſenhora Melicia de Fontes não he peixe podre, &

que he muyto para eſtimar tẽr ante ella valia:

ora poys da voſſa para com ella não ha que ne-

gar a mym que me paſſa tudo pella mão. *Din.*

Açacaíſmo ſenhora, ou ſe volo parece, enganaiſ-

uos: porque inda que pudera ſer o que dizeys, de

meu natural, ou não ſey ſe he enfermidade; ſou

tão faminto de ſeus fauores, que nunca me podẽ

matar ſede, quanto mays, que ſabeys muyto bê,

& ſe tẽqui o não quizeſtes ſaber, ſabeyo agora, q̃

me tratão muyto ao contrario do que merece

minha fẽ, & a cada paſſada me negão a ſatisfação

do que padeço. *Aul.* Não ſey ſe vos diga a iſſo, ſe-

nhor afilhado, a muchos vereys queixar, ninguno

vereys morir por amores: todos ſoys muyto

maos, & muyto falſos, fazeys o mal, & as caramu-

nhas. *Din.* Iſſo não foy na auença ſerdes tambem

contra

contra mym, bem auiado vou eu, que cuydaua teruos por valhacouto em minhas afrontas. *Aul.* Afsi ferey por certo no que em mym for, quando cumprir: mas a verdade de vossas merces he esta, & as tolas ja morrerão, & ao menos cá todas estas senhoras sabem muyto bem como todos soysra pozos, & quão pouco ha que fiar de nenhũ. *Din.* Eu senhora não vos hey de desculpar todos, mas ainda ha algũs que padecem em particular culpas geraes. De mym sey dizer, que em vez de medrar, desmedro com a senhora Milicia de Fontes, sem tẽr quem lhe vã à mão aos seus descuydos. *Aul.* Ora vos prometo peleyjar com ella muyto de proposito. *Din.* Por ma fazer, quiça valerey por vossõ meyo, o que por mym desualho. *Aul.* Por vòs valeys vòs senhor, & valereys tudo, o alferà sem razão, & entender mal o que se deue a tal pessoa. E agora onde vos lançays? *Din.* Onde a ventura me lançou farropeas. Que remedio senhora madrinha para hum homem cego ha mil dias? *Aul.* Effes despachos vão por distribuição ao tempo: com tudo por vos seruir lhe hirey dár rebate: esperayme que eu tornarey á propria hora. *Din.* Vay ferindo fogo, & para hũa obra pia destas para quem ella quer, não ha mays negocio: prezase ella de amparar todas, & se lhe sahe a forte:

em.

Acto primeiro

em branco, faz tudo venial, de vòs, & de mym queixoso: mas como o Castelhana estaua picado, espirito tem no que dizem, poreo amor he Portugues, & qué al differ, não lhe sabe sondar as alturas, & nauega por fora de todo o bom sentir.

SCENA DVODECIMA.

Aulegrafia. Dinardo Pereira. Melicia de Fontes.



Qui vola trago à falsa fê preza, sem me ella entender, & sabey que não tiue pouco arteficio para a tirar dantre certas senhoras. *Din.* Quando vos faltou elle? *Aul.* Não direys que vos não siruo. *Din.* Crede que sou homem que conheço minhas diuidas, & que nunca me esquece seruir a quem deuo. *Aul.* Poys eu por não perder por curta, & me lograr dessa confiança: porque saber entregar da occasião, forra muytas queixas, querome logo pagar, & farmehays merce, & eu a vòs senhor boa obra em vos defendiuidar. *Din.* Isso me não serà a mym possiuel por mays que sirua. *Aul.* Da vontade têm preço as obras. *Din.* Por essa via, ningué me gainha. *Aul.* Tenho hum brinco douro de pouca valia, enfadame, & queria fazer delle hūs pensa-

pensamentos de algũa obra de pouco custo, mas que fosse todavia galante, porque sou pobre. *Din.* Que triste epitafio esse, fora melhor aleixada se-
 quer da lingua. *Mel.* Todas assi fossem. *Din.* Aco-
 dio pelo bem comum. *Aul.* Eu não tenho máy
 que me prouēja, nem tia que me perfilhe como
 vòs, mana, tendes. *Din.* Bem lho pagou. *Aul.* E
 mays tambem dizem, que a galantaria consiste
 em ser pouco custosa. *Din.* Nunca eu tal aprouo,
 são piueradas que a necessidade achou para
 seus fastios. *Aul.* Ora isto me aueys de fazer, assi
 tenhais boa ventura com quem desejas. *Din.*
 Sabe Deos que tenho affas mingoa della. *Aul.* E
 seja cousa vossa, que nesta confiança me fundo.
Din. Perdey o cuidado. *Aul.* Vedelo vay, & sa-
 beys, senhor afilhado, como me eu quero, isso ha
 de ser, astòprar, & comer, porque sou muyto ape-
 titosa, & cozo mal dilações. *Din.* Não soys logo
 do tempo, mas não faltarâ por diligencia. *Aul.* Por
 vida desta senhora. *Din.* Esconjuraisme de ma-
 neira que defatinarey. *Mel.* Não seja para o fazer
 peor. *Din.* Iulgaisme mal, senhora, porque mo-
 quereys. *Mel.* Dahi vem. *Aul.* Não quero pejar:
 voume, ca volo encomendo que não me lhe fa-
 çays mal. *Mel.* Dayo por encomendado. Que ven-
 to foy este que vos agora aqui trouxe? *Din.* O
 que

Acto primeiro.

o que me sempre tras: *Mel.* Acharuoshieys enfa-
dado na poufada. *Din.* Sempre me julgays ao con-
trario do que sinto, por vos forrardes de diuidas,
como que vos acusasse eu dellas, quanto mays q̄
das verdadeiras que vos não acoimo, não vos po-
deis salvar. *Mel.* Se vos faltassem algũa hora quei-
xas. *Din.* Indemal porque me sobeja razão. *Mel.*
Ninguem ha que não cuide tela por sy. *Din.* Mas
val poucas vezes. *Mel.* Assim he mal pecado, & os q̄
menos a têm, são mays queixosos. *Din.* Isso não se
entende em mym, porque eu ja tenho mil razões
de ser aleijado por essa gentileza que me tras em-
baido, & outras tantas para gritar continuo com
rayua de não me lograr dessa perfeição em que
côtemplo, & farey por aqui hũa ladainha de ma-
goas, que se me ouirdes com ouvidos compas-
siuos, por sem duuida tenho correrdes risco de
vos enuiardes a mym. *Mel.* Liureme Deos de mau
agouro. *Din.* Oh que olhos tão ladrões. *Mel.* Estais
ja bem saõ? *Din.* Nunca o ferey em quanto vòs,
senhora, não quizerdes. *Mel.* Assim deve ser; porque
estais sempre comigo tredo? *Din.* Mas quão longe
de terdes isso para vòs, senhora: como que não
sey eu, que soys muyto confiada, & he diuido que
o sejais de vòs, & de mym, & oxalá o não fosseis
tãto, quiça me custara menos minha dõr. *Mel.* Ah
mao,

mao, que ninguem vos conhece como eu. *Dim.* Poys pezar dos mouros, senhora, não he ja tempo de conhecerdes o que vos quero, & de não serdes tão escassa para quem foy tão liberal de sy mesmo para com uosco? E sabeis quanto? que chego ja a correrme da minha fugeição vendouos tão izenta, & vou cuidar que me desprezays, ou descredes. *Mel.* Se vos eu não crera, não me puzera a isto, que nenhũa mulher da minha qualidade faz, saluo penhorada da vontade, mas acolheiuos sempre a esse desconhecimêto, por me nada agradecerdes. *Dim.* Ah senhora, não faleis heresias; eu para vòs ingrato, q̄ sò de me abrires effes olhos cuydo que triunfo do mundo? E mays daismemao grado: porque são elles tão vfanos, & senhores de quem os vê, que tudo se lhe rende forçado, & esta força que os meus recebem delles, estimo eu mays que quantas liberdades ha no mundo: porque, senhora, tudo me podeis tirar; mas saber estimar, & conhecer o bom, he natureza minha. Ora como isto assi seja, & vòs, senhora, soys que eu contemplo, & o meu idolo, crede de mym, q̄ vos sacrificio esta alma apurada no amor que se vos deue. Mas não seria possiuel ouuirus em parte que vos beijassè essas mãos de marfim, para verdes minha obediencia, & o senhorio que em

Acto primeiro.

em mym tendes? *Mel.* Sou tão pouco atreuida, que so de falar nisso, as carnes me tremem: & mays não ha maneira. *Din.* Essa he mà escusa; & se vola eu der? *Mel.* Bom fiso seria o meu quando nessa parte fizesse o que vòs disseys: & em que conta me terieis, vendo esses atreuimentos? *Din.* Ora ouui isso, & viuey: sabeys porque me não vou lançar no mar? porque entendo que me fazeis essas perrarias de conhecerdes em mym o muyto que vos quero. *Mel.* Isso sey eu ora bem mal, que no coração do homem ha muyto que entender, & nada q̄ fiar. *Din.* Para isso soys vòs, senhora, muyto discreta, & eu tão enleado, que nada do que sinto sey encubrirnos: lanço a alma, & estilome de desejos de vossa conuersação: velando, arço nestes pensamentos; dormindo, não me consentem repouso algum, aborreçome a mym mesmo por o pouco que valho com uosco: sò a quereruos mal não chego por mays que me façais, & tomado desta continua não ouço, nem vejo, nem sey entender noutra cousa, & he de maneira que me receyo, que ha de ser isto, senhora? Se he vosso gosto gastarme assi a vida, nunca ella mays valha, Declarayuos, & com isso me cõsolarey. *Mel.* Desatinaisme com vossas importunações, & não quereis respeitar inconuenientes. *Din.* O pezar de mym

mym, senhora, chamays importunação a não viuer hum homem morto por vós conuerfar, não querendo mays da vida, a qual darey por hũa sò hora desta gloria: & vòs, senhora, não tendes que reccar com grades em meyo, & mays de quem vos não sayrà da vontade, que antes não se enterre viuo. *Mel.* Eu cuidarey no que posso.

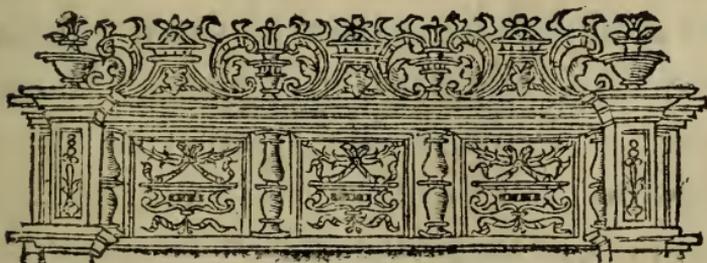
Din. A vontade tudo facilita. *Mel.* E assi tambem se arrisca. Hiuos que não sey quem vem. *Din.*

Poys ouuime, senhora, braday com vossa cunhada sobre vosso compadre, & dizeylhe que me ouça para apurar a verdade. *Mel.* E pareceuos bem os seus enganos? Mande Deos não sejays outro elle.

Din. Fiayuos de mym, que està longe do que ella sospeita. *Mel.* O demo o sabe. *Din.* Por

vossa vida que não ha tal. *Mel.* Depoys faremos, & eu lho direy, beijou-

las mãos.



Acto primeiro

SCENA DECIMATERCIA.

Dinardo Pereira.



AM ha cousa que chegue a isto; vão bugiar os Fucaros, & quanto tracto ha em Trapizonda : he manjar dalma falar com pessoa discreta , & galante , & achase raramente , se eu chego a armala q̃ me fale de noute, não ha mays na vida : mas o cuidado que eu tiue de negociar por Grafidel de Abreu, enleueime na doçura da pratica, & perdi a memoria de tudo o al, & elle estará com olhos longos, esperando que lhe leue eu a triaga. Desta maneira correm os despachadores & tudo assi he realmente, não ha quem faça por amigo como por sy , donde todos padecem mãs amizades , hirey fatisfazelo com esperanças que nos consumem as vidas, & coytado do paciente. Muyto deue trabalhar todo homem por não cahir em necessidade doutrem , porque sò Deos se compadece da alheya, & muytos triunfão della, & quando menos, peza lhe pouco. He hum piadoso estado o que ha de ouuir sentenças sobre sy de amigos que vos magoão com desculpas de erros,
& de

& de imigos que os publicão, & goftão : se vos a fortuna elcacea, todos vos emendão, & se vos ventata, todos vos sofrem. Por iſſo cada hum olhe por ſy, não penda ſeu goſto, ou ſeu remedio doutra vontade, que inda que vos ſeja muyto propria, ſempre manqueyja na diligencia quando menos, como ora eu fuy com meu amigo, & todauia comecey, que he meyo caminho andado. Vejo lâ vir Rocha do Paço, quero ſaber que vay.

SCENA DECIMAQVARTA:

Rocha.



Oume fazendo muyto discreto, & pezame, porque receyo dâr comigo em malenconizado, que ſerâ hum piadoſo eſtado para mym, & mao pezar veja eu do primeiro que tal coſtume trouxe à terra, buſos que de fracos fazê carantonhas, porque os não entreys, & vejays que he tudo pena: do que ouuem fazem ſeu mao cabedal, & tão bõ dia, ſe preſtão para joeiralo, adros em toda discreta cõuerſação, & com paruos moſtrão os boſes, & floreão foutos: longe eſtou porrem de aceitar homês idolos, aſſi que vou a iſto.

Acto primeiro

Determino velarme de mym não me tomem os portos estas maginações malenconinas, que são alambiques em que estilays a vida. Digoo ao tão to por meu amo que se preza de contempratiuo: cuydou levar à toa sua dama, & fazerlhe do Ceo cebola por discrissão furgicada, não lhe daua fo- lego com ceumes, & achaques por apurala como açuquer, & a minha senhora he pega, teuelhe a cacha em quanto não vio lanço que lhe armasse. Agora parece entroulhe, & negalhe obrigação, & respeito, vou barruntando que arma para outro nouo Perù, nem pode ser al, segundo hacho na criada: donde arrenego de me sentir tão discreto, porque adiuinhey sempre isto, & tenholhe caydo no chiste: & estes meus senhores não querem con uersar, nem ouuir quem os entenda: & se meu amo atinar que sou mays discreto que elle, a la misma sou posto na baralha, & hireys buscar a fatisfação dos meus bõos annos a paxitos, com emprazalo para o outro mundo, que he bom re- medio para matar a fame deste. Ca vejo Dinardo Pereira, outra tal cabeça, cujo cuydado he dame- jar, & ellas danfelhe á sua custa porem, que este he o cano perque estes negocios correm, ou to- dos, & não vi cousa mays barata que poder com- prar o que pretendo: voume a elle.

SCENA

SCENA DECIMAQVINTA!

*Dinardo Pereira.**Rocha.*

QUE vay mi ser Rocha? Onde fica monsenhor? *Roc.* No Paço. *Din.* E vossa nobre pessoa donde, & para onde? *Roc.* Mandoume à portaria, mas tudo he malhar em ferro frio.

Din. Como assi? *Roc.* Porque minha ama ja se me lampedeja, fogeme como se eu fosse visaõ, & a sua rapariga desque isto começou, anda tão de leuante, que a não posso amalhar. *Din.* Poys & esse he o amor que vos ella tem? *Roc.* Tempo sey eu que sonhaua comigo, & bebia os ventos por mym: & se me eu arrufaua, mohiha, & não ha duuida senão que a trazia braza, & que me temia, que o homem de barba, ha de ser temido dellas.

Din. Ora vos digo, que saluo vossa graça, tão paruo he o amo como o criado. Nūca vòs ouuistes: o bezerrinho manso, &c. A brandura vence almas, aspereza cria odio, amor sostentase com palavras brádas, & com as de escádalo, se desbarata.

Roc. Antes amor todo he guerra, mas senhor tudo o que succede bem, se aproua, & por o contra-

Acto primeiro

rio, o que se erra, não erra culpas. *Din.* Soys hum Seneca, bem se enxerga que o lestes, & entendeys, & esta rapazia tem o Latim como se apega, que sempre sabe ao fumo. *Roc.* Mays fidalgo he não saber lèr. *Din.* Hũa coufa me haueys de sofrer: guardeuos Deos de amarrar a bachalaureatus que he peor que bexigas: & daqui cuydo eu que vos ficastes manquejando nos amores: porque vòs, Deos seja louuado, soys saõ, & escoreyto para aparecer antre homês, mas se não tirays melhor pela carta, não me parece que tendes boa estrela. *Roc.* Não lhe negarey que tratão là mays disso, que dos Textos: mas o bom natural alcança tudo, & eu sempre me incriney ao amor, & trazia Dorothea da minha mão, que jurara eu que não hauia mays cordeira: & soube agora que se serue de hum pagem, ja valente polhastro, çafaro, & sem penugem destes napolezes esgalgados, o qual diz que peitar largo que he grande engodo. *Din.* E o dito infanção cujo he? *Roc.* De Germinio Soares, que tambem cuydo pretende impetrar a ama, se me eu não engano. *Din.* Não apontays vòs ora muyto mal, que isso parece que leua caminho, & não tereys vòs maneira para vos certificardes dessa sospeita? *Roc.* Tenho prometido hũas çapatas à minha corretor, se acabar

com

com Dorothea que me dê hũa audiencia : se lhe falo, ella não pode tẽr segredo, que de golosa, & palreira a ninguem se agacha, & a poucas palauras, ella me dirá o nouo, & o velho. *Dir.* Vòs o tendes bem cuydado se soceder assi. Vamos tẽr com vosso amo, consultaremos sobre essa cousa para que lhe atalhemos, antes que lance rayzes, que eu tenho que lhe destes no falo.



ACTO SEGUNDO.

SCENA PRIMEIRA.

*Germinio Soares.**Artur do Rego.*

OS senhor quereys vèr minha dama? *Art.* Contaime: tendes algũs amores nesta paragem. *Ger.* Agora o sabeys? Muyto vos esquecem minhas cousas. *Art.* Não para vos servir. *Ger.* Nunca vos eu disse que tinha trauada pẽdencia com a senhora Filomela, que he a que poẽ a raya sobre as belas. *Art.* Cuydey que era graça:

Acto segundo

porque vos não senti tão ferido que vos vísse fazer exclamações aos ares, nem buscar tempos particulares para os soliloquios de hũs enleuados, que chamão ao amor, Cupido, gabão noy te serena, & quieta, & pondo os olhos no sete estrelo, dizem, fermosa cousa he o Ceo. *Ger.* Inda não arribei a tanto: porque na verdade nunca fuy deffes mecos, que fazem faudades antre valados, & amão por arteficio, mas acerca desta minha senhora, a vòs como a vòs, eu não lhe sou tão sogeito que me vejays carpir por ella: porque senhor sou disto, querome a mym mesmo mays que a ninguem, & tenho assentado comigo pouparme o mays que eu poder, hauido respeito a não ter vida de juro: por o que me fuindo em passar meus dias sisados em prazer, & pezar de toda a malenconia, & para me desopilar dos enfadamentos, & sogeição do Paço. Busco esta juvenil occupação, que tomo, como digo, à cautela de me não eustar mays do que eu quizer. *Art.* Desse calete busco eu o homem: porque estes pensatiuos parece que tentão contraminar a providencia Diuina, vejo que errão tudo, & não viuê. Eu queria ocupar o mundo com amores: porque sou muyto desta fruyta, mas não que me ocupe a vontade mays do que cumpre a meu gosto, &

& esta

& esta he a suma da galantaria. *Ger.* Que dizeys summa, o pincaro, a grimpa, & o mesmo amego della. Ha hús enleados deuotos de caualeiros andantes, que se sostentão da contempração, & em qualquer bom rosto que lhe fazem atolão até as orelhas, & vemlhe de pouco capazes, & muyta falta de sagaz esperiencia. *Art.* Falays lila, que eu com a tẽr, hacho por singular sũo ser gaynhado de mym por não me perder por outrem, & isto he pura discrição. O homem de espiritos ha de ser Narciso de sua liberdade, & ter bojo que coza fauores de Princesas, sem sentirse empachado, nem danarlhe o estamago como vian-da descostumada: porque senhor meu, sabey que me faz todo vestido, & não sou gente pouo, q̃ me espantẽ prodigios. *Ger.* Bõ he tudo isso, mas dizẽ q̃ amor espreita os mays recata dos, & se vos toma em descuberto, ja sabeys, cajadada de cego. *Art.* Diruoshey, como me temo delle por o que ouço, não me meto nella cõfiado, trago armas desafeiçoado, faço repartição da vontade como fazia Jupiter: porq̃ tenha onde refazerme do destroço, não pereça tudo junto como Numãcia, q̃ aos Romanos valeolhe no impetu dos Frãceses tẽr Camillo fora de Roma, & tẽdo seus Capitães espalhados pelo mũdo, se lhes vênciao hũ, erão outros vécadores, desta

Acto segundo

desta maneira me paio em esses recrontros amoroios. *Ger.* Parece-me de rosas quanto dizeys, mas ha horas em que nada aproueita. Não fugio Priamo Rey de Troya a determinação de seus receos, com quanto poz parte de seus tesouros com seu filho Polidoro fora de seu Reyno, com tenção de refazerse per esta via. *Art.* A boa prouidencia vence toda aduersidade, donde se diz: o sabedor domina as estrelas. Tudo pode ser, mas eu forro minha culpa, & nada vos dou forçado. *Ger.* Dessa maneira hireys ao meu reyno: mas falando agora cà à face da terra; que dizeys àquelle belo rosto? Pareceuos que podera Apeles tirar delle a sua Venus? *Art.* Bom està, quizeralho eu porèm sobre o cumprido, & não tanto feição de Joelho. *Ger.* O, mas matizaya, vós quereys o que ninguê tem, bom he olhos castanhos rasgados, com seu escabeche de tredice graue: bom tambem beicinho derrubado, & morder bem o freo: bom barbinha com coua, & papadinha ao pè: poys oreilha, assentay que he viua como azougue: eu não queria mays do mourisco, vòs sereys doutras diuindades: querereys vèr se sarrou, & tentarlhe os cascos, se dà bem ó pè. *Art.* Mays vos digo, que não me pezaria verlhe passear a carreira: porque me satisfaz o que vejo, ella me parece hũa bella dama,

dama, & defenfadadiça para toda honesta conuersação. *Ger.* Muyto vos engolfays nas esperanças, olhay em que o tendes, que nada se esperou que se alcance sem muyto custo: aquella bella malmaridada não se toma com fita vermelha, & may s com ter ao lado effoutra joya que là enxer-go, de que ouço ser a mesma alfandega dos aluitres do Paço, alforge de todas em adquirir afilhados, & nouos conhecimentos arriba de parteira, grande conselheira damores alheyos, & nos proprios sobre ataimada, enleadíssima: para com os amigos mimosa, izenta, & fogo, & sangue para quem (como ellas dizem) lhe cahe dos dentes para baixo: morta por discrições, amiga de merenda: & por tanto vede là por do passareys o Tejo, que por nenhũa via podeys tomala, que a não acheys com o maço de mão, para vos ter os enuites, & quebraruos a cabeça, se a tiuerdes tão mà, que presumays fazerlhe rosto. *Artur.* Tudo se remedeia com prouidencia. *Germ.* Dizeys por Aulegrafia? Poys por essa espero franquear tudo: porque he toda minha, & ja que lhe sabeys a lenda, tambem sabereys que he porto seguro dos seus encomendados, & està posta por mym em campo. *Art.* Grande basalisco he esse para bater a muralha: mas sabeys vòs de que pè se ella calça? *Ger.* Vòs o direys, poys sabeys tão della. *Art.* Pela

Acto primeiro.

couro, & cabelo a quem lhe vay a rol, grande mo-
lher de dar encomendas, em que ao menos forre
o feitio: toca de pedir alfaces no verão, & nata em
dia de feira. *Ger.* Nunca falta hũa jubilada, tomo
das antiguidades do Paço, & em entrando a noui-
ça, a fazem do seu bando, ensinalhe a andadura, &
notáolhe as cartas: donde he forçado pagarlhe
ancoragem quem surge neste porto, mas haueys
que me tomará desaperebido, como effoutros q̃
não sabem da terra. *Art.* Eu não queria por vossa
honra: cumpre tratála à cautela, que eu vos affir-
mo que falou mays verdade Plinio, com quanto
o reprovão, & estas não ha gosto que lhe chegue
a levar de vitoria o çoytado que lhes cahe nas te-
las, & então gabãono de muyto bom homem, ao
qual podeys dar esmola por paciente, & fica por
exemplo para dàr com elle de rosto a outros. *Ger.*
Esse jura sempre por vida de sua dama, bem qui-
sto de todas, seruidor grande de suas amigas, cuja
ajuda o sustenta ao payro de todo vendauel, mas
nunca lhe vay muyto bem, por ser respeitador de
suas horas, & bom de contentar, homem de muy-
tos conhecimentos, apraziuel ao pouo, alem de
confiado sem porque, & sem razão, qual he vosso
conhecente Dinardo Pereira contino por estas
calhes. *Art.* Não cuida elle que val pouco com
sua

sua madrinha Aulegrafia, que inda que menina, & moça, não dirá por sy, nunca me em tal vi, antes como he de muytas mudas, & lhe nascerão os dentes no Paço, etega de patrimonio, he hũa atalaya da fortuna, com hum epitafio que diz: a las armas moriscote; si en ellas quereys entrar, armada em boas mostras, & afabil asseo, combatida de seruidores, & trilhada em sabelos rechaçar os pêfamentos são de altenaria, & a confiança de cargação, está bem de pairo, & muyto melhor de vela, mas cumpre que a tenhais de vòs se haueis de tratala. *Ger.* Senhor, andaremos aos toques. *Art.* Vedes que he muy certa da mão. *Ger.* E eu o mesmo. *Art.* Poys eu seguro que come ja fiado sobre vossa nobreza. *Ger.* Feito lhe tenho o alforge de promessas ao longe, & darlhey as respostas de Apostolo: hiràs, & viràs, não, morreràs, & sobre estas esperanças peneire sua merce como camarinha em palha. *Art.* Não ha qué se repaire de seus tempos, & aos confiados hey mayor medo, porque os tomão no brete do seu descuido. *Ger.* Estas resfabidas estão tomadas de quem lhe furta o vento, fazeyuos inocente, & seguray as, & leualasheys á toa, ou por tolas onde quizeides. Ca se quereys não ler entendido, não mostreys que entendeys. *Art.* Isso fará quem está de gainho no jogo da vi-

Acto segundo

da vida, mas quem pode, descobre mil fraquezas, mais do tempo às vezes, & de necessidade, que as proprias: & por tanto não vos fieys nos proverbios de Seneca, né nos remedios de Petrarcha, segura quem pode: sabe quem alcança: entende quem prospera: baralha o mundo quem o não recea, & isto tambem tem sua contia, & por isso se disse: à hora mala, perro não ladra. *Ger.* Senhor não falemos de siso que he muyto enfadonho, o bom he matar os imigos com suas armas, como dizia o Capitão Brasidas, estas refinadas correas por seus ardis: o brete dellas he fazer bajoujo: porque são como senhores que não querem que os entendão: & saber tratar os negocios, escusa em parte o perigo delles. Ia sabeys que tenho bom natural, que he o todo: porque o caualo nobre, sò da sombra da vara se governa, & o fraco, nem à força de esporas se moue: & saber tentear o trato consigo, he segurar o proprio. *Art.* Em nada ha regra sem falencia: mayormente com estas minhas senhoras, cuja incerteza não sofre regimen-to, & tudo he assi: perdesse hum, no que outro se salua, os acertos são raros: eu me contentarey que leueys sempre a sonda na mão, & nada façays sem mo comunicar, que para as ofrontas da noute não vos hey de falar. *Ger.* Querome hir chegando
ao pé

ao pé da janela, & ver se posso hauer fala, & espe-
raime ao perto que possays participar ao menos
dos altos, se a pratica se atear, que eu hey de ferir
fogo, & notay como vou seguro. *Art.* Não soys
de hūs copidos que tremem, tolheselhe a fala, se-
caselhe o cuspo mostras do aluoroço de seu pe-
nado coração. *Ger.* Anda ja se leiro nestes recon-
tros. *Art.* Poys senhor, por ma fazer a sinada vossa
merce tenha tal maneira, que vâ com toda boa
ordenança, poys tem descubertas as atalayas, ou
atalayadas senhoras, que acometa as tranqueiras
com amoroso furor, & animoso acordo: porque
sabeys que haueys de achar as senhoras fronte-
iras muy constantes, & versadas em receber os
amorosos embates. *Ger.* Vou de meyo embuço,
bom recacho, & nos bicos dos pés, desposto, & of-
ferecido a lhes dâr bataria de boas razões corta-
das, remoques equiuocos, & diriuidas dições. *Art.*
poys eu lhe enxergo de cà que entendem ja em
vòs, com a diuida segurança a gentis damas or-
nadas de despojo cortesaõ, vos esperão seus olhos
de esguelha, ar no peito, tento no descalçar da
luua, guedelha descuidada, compõdo a gorguei-
ra, chamando a modo de perdigão, para as amo-
rosas telas, & bem adargadas da sua palanceana
arte. *Ger.* Para isto vou arrodelado de meus con-
trapon-

Acto segundo

trapontos, & per trilhados modos nos daremos diuerfos, & brauos encontros, quebrando lanças â fola per hum delicado estilo. *Art.* E por fim vos despartireys, despedidos contentes, em diuerfos propositos sobre hum melmo sogeito, couisa que a Filoſofos não permitem, mas são segredos do amor que se alcança de poucos. *Ger.* Leixay segurar o passo deſſes picões que lâ passaõ, & vereys doce França.

SCENA SEGUNDA.

Aulegrafia.

Filomela.



A vòs sobrinha mana como vos vay com vossas peleijas? *Fil.* Como vos ja disse. *Aul.* Vistes mays o galante? *Fil.* Nem verey por minha vontade: porque a vou achando minha, & folgo muyto. *Aul.* Que falays? Por vida de quanto mays quero que he doudice tratar com aquelle homem: eu hera espantada do vossò sofrimento, mana não chamo amor a obrar sem elle. Se homem que eu olhasse andasse assi comigo em pontos, não o sofreria por toda a vida, não sey doutras condições, mas eu querome muyto mimosa,

mosa : ninguem cuyde acabar comigo por mal, que não soffro desconhecimentos: sou como Alexandre, de quem dizem, que sendo em extremo liberal, nunca deu a ingratos: & de Cesar, que nunca lhes perdoou, com quanto se prezava de piedoso: porque a ingratição de todos he condemnada, & todo vicio outro pode ter desculpa, salvo este: homem ingrato nunca foy dos Godos, q̃ o coração nobre, com pouco lē obriga: canta vòs mana hereys martyr com seus achaques, & elle agora hasse dachar enleado, que a maldade consigo se castiga: & mays eu entendia que cuydava elle q̃ vos fazia merce em tratar vossos amores, por a facilidade que tinheys com elle, & a estima das cousas consiste muyto em carecer dellas. *Fil.* Agora fico bem desenganad^a, que a prosperidade desmerecida, nunca he segura: & a presunção sobeja, he muyto certa onde ha menos merecimentos. *Aul.* Tornareys vòs ora como alguem vos falar por elle, & vos puzer o mel pelos beiços, a ser quem solieys. *Fil.* Poys assi he a menina tola, feito he ja, estou farta delle atequi. *Aul.* Certaméte não vi cousa mays para enfastiar, sobrinha amiga, deitay mão de quem vos digo, & vòs me nomeareys: sey muyto certo que bebe Germinio Soares os ventos por vòs, & não da gora sòmente, q̃ dias

Acto segundo

ha que soffro suas importunações, mas desimuley com elle, sem ousar dizeruolo todo este tempo: porque vos via tão enleada, sabe Deos quanto me pesou por vosso respeito: porque anday, & reboluey, não haueys de achar amiga tão desengañada, & não me dà que me creays, q̃ para mym bastame saber que falo verdade. *Fil.* Essa tenho eu por muy certa em vòs senhora, & que vos não communicasse tanto minhas cousas, quando quer que affentara em algũa, não fora sem vir por vossa mão. *Aul.* Assim me valha Deos, mana, que não menos folgaria com vosso descanso, do que desejo o meu. *Fil.* Não me errays, & de mym tambem vos affirmo o mesmo. *Aul.* Ora em fim, quanto a estoutro que digo, se quereys lançar mão del. le defabri de todo de essoutro, que cuyda que lhe deueys de foro soffrelo: erray agora por mym, poys não ha melhor medico que o fiel amigo, & quando não, desengañame logo, não vos falarey mays nisso, que ja pode ser, segundo sou ditosa, em ser boa para todas, que vos quereys encubrir de mym, & me agradeceys mal a tenção, & eu de ninguem quero mays que o que me de sy dà. Trabalho muyto pouco por saber vidas alheyas, nem julgalas: por tanto como isso, determinay uos comigo. *Fil.* Pesame muyto terdes comigo essas descon-

desconfianças. Sabeys mana porque não queria entender nisso? Não porque não creya o que dizeys , que mays não fora que por serdes molher como eu , que affas mal contado seria enganarme por nenhum homem , nem tambem por elle desmerecelo , que bem entendo que tudo merece. Mas de enfadada destas payxões , determino arredarme dellas: o que meu for , a mão me virá. Se me Deos tem prometido algũa boa ventura , não ha tantas no mundo que possaõ tolherma , & quando não , muytos mosteiros ha ahi. *Aul.* Como soys tola sobrinha minha , & perdoay me. Pareceuos que darieys boa vitoria de vòs a roins? Nas defaueuras , mays pena dà o gosto do imigo , que a propria defaueura: porem isso he falar de graça. Toda minha vida tenho ouuido esses feros a molheres escãdalizadas: o mosteiro he bom de nomear , & mau de sofrer , & muyto duro de aceitar , sem antreuir muyta graça. Quereys q̃ vos diga , sobrinha meu amor? Quem não peleja , não vence: muyto saberia quem me jagora tirasse trazer o espelho no seo , & prezar me de mym , mas là vos auinde : Quem me mete em matinar ninguem? Ia soys grande para saberdes o que vos cumpre , amigas como dantes. *Fil.* Falouuos elle mays depòys , do outro dia? *Aul.* Qual falou: não

Acto segundo

me leyxa o coitado a sol, nem a sombra com recados, anda mays morto por isso, mas daqui me determino em desenganalo. *Fil.* E que lhe haueys de dizer? *Aul.* Que se empregue em quem o estime, & o queira. *Fil.* E logo o elle assi pode fazer leuemente? *Aul.* Que me dà a mym de sua pena. Eu pàrio? Forrarmehey eu ja das suas importuções que lhe soffro, a fim de vos seruir, & não vos nego que me peza valer elle tão pouco como osco, ao menos pelo meu, mas olhay o que eu digo, he certo que por mym perde o que por sy merece, & quanto nisso acertays, ao diante o vereys, mas vòs minha mana, esperays tornar ao voffo fa dairo. *Fil.* Esse he ora o meu cuidado, se o sua mãy guardou do fogo, quão segura estou disso. *Aul.* Prezayuos de leal, que per hy medrareys. As molheres não hão de ser mudaueys, que assi as querem os homês para seus enganoss, he grão peça ser afeiçoada. *Fil.* Como zombays à minha custa. *Aul.* Perdoeme Deos se peço, ora eu não sey que vòs engentays em Germinio Soares, a lafè por isso dizem que são as molheres lobas no escolher. *Fil.* Ora tia quereys que vos faça a vontade? *Aul.* A mym? Fazeya vòs mana ao voffo enxouedo. *Fil.* Que quero o q̃ vòs quizerdes, com tal que tomemos cócrusaõ có elle, q̃ eu não hey de viuer mays em es-

em esperanças longas. *Aul.* Leyxayme com isso: porq̃ me vay minha honra em vos mostrar para quãto sou. *Fil.* E ha de ser muyto secreto. *Aul.* Mas ensinai-me se virdes que he bem ao cabo de envelhecer no Paço. O vedelo affoma là: por minha vida sobrinha que lhe falemos, & andareys muyto galante. *Fil.* Mas quero recolher-me. *Aul.* Não façays que me anojareys muyto. *Fil.* Não vedes que me não enfeitey hoje, nem lauey o rosto, & não estou para vêr. *Aul.* Quem o he, sempre o parece, & assi como vòs estays destoucada, dareys mate a todo o mûdo, & eu fiador. *Fil.* Não me fio disso, q̃ os homês tudo olhão, & tudo julgão. *Aul.* Que concuraõ traz agora o hirdesuos? A nossa menina tênreira como he espantadiça: boa baixeza he, molher de Paço, fugir dos homês, confessando a gentileza em despejo, & desenuoltura, & ter o cabedal que lhe falta da fazenda, na lingua. Isto he o que apraz, & namora os galantes, o al he de moça de vila, que não parece senão ao Domingo, & acode a hum tamboril. A molher cortesã, ha de ser tão segura, que em nada enxerguem espantos, & de cousa nenhũa faça caso, saluo por grande mysterio: este he o mesmo saber, arte, & cortesia. Mateme Deos com pessoas discretas, que atè morte hey de querer antes hũa hora de

Acto segundo

hum discreto, que toda a vica de hum necio: julgue-me quem quizer, que eu não posso tapar bocas alheyas, nem dar entendimento a quem delle carece. Não ha cousa bem feita por algum bom, que falte hum mau para contrariala: sempre o vicio teue defensor, & a virtude imigo: todos julgão fouto o alheyo, & poucos ou nenhum sinte o seu, & se são paruos, não lhe tenho eu culpa, basta que sey o que me cumpre, & como viuo *Fil.* Tambem me eu por isso vou. *Aul.* Ora hideuos: como soys enfadonha, & fastienta. *Fil.* Assim me quero *Aul.* Poys fazeyz bem: porque tendes muytos morgados, & rogaruoshão, podeys escolher na duzia, amiga minha, eu não vos entendo, molher muyto vergonhosa, & retrayda, tarde quer çazar, & q̄ se jays fermosa, se não prouocays as vôtades liures nunca fereys desejada, boa para estatua, que quanto mays perfeita, menos estimada, se não ha qué a entêda. Se de vós não tendes cuydado, não espe-reys que outrem o tenha, & aqui podeys enue-lhecer, & aborrecer quãta mays obrigação vos te uerem. A molher que vem ao Paço, ha de saber çazar por sy, & senão, antes que cà venha, metase na obseruancia, onde seruem os muytos recolhimentos, que são paruoices, & nenhũa cousa destrue o mundo, como quererem muytos viuer
pelas

pelas leys do estado alheo, & fugir as do proprio. Não de balde se diz, que he por de mays dar cõselho a gente manceba, vòs trazeyz inda os beiços com que mamastes, lembrãouos os ensinõs de vossa mãy. Como as mães porem são tolas, matinando as filhas com seus auizos de velhas: moça abãixa effes olhos, para ninguem olhes teza, não sejas janeleira, não te fies dos homês, & per aqui mil velhices que o tẽpo ja desaprouou por desnecessarias, porque não ha melhor ayo, & doutrinador, & ensina o certo, assazonado ao estado em que estays, mayormente antreuindo necessidade: porque essa abranda a soberba, & dà nouos espiritos, & esperiencia de muytas cousas, que he o fiel da discrição. *Fil.* Não me negareys que não se ha de pòr em perigo a virtude que quer conservar-se. *Aul.* Como he galante: tambem a honra se ganha, onde se soe cobrar infamia, & o prudente, da ofensa toma auiso. Mana minha soys muyto moça, não vos engane presunção de bom parecer, que dado que val muyto para obrigar vontades, fermosura com vaã gloria dana mais do q̃ aproueita, & as mays das vezes lhe corre per dauante mo fina mendez, & a boa diligẽcia acaba o que o merecimento não alcança. Ora estay, & não sejays sem saber que me correrey por vossa

Acto segundo

parte: o animoso, faz vontade da força, & o discreto, conselho da necessidade. *Fil.* Forçareys as pedras: coufas me fareys fazer, que não estão em razão, eu ja não lhe hey de falar. *Aul.* Não faleys, q̄ eu lhe falarey: pegayuos comigo de dentro q̄ vos possa elle enxergar a tempos, que estas, fames fazem estes galgos querençosos da prea.

SCENA TERCEIRA.

Germinio Soares.
Aulegrafia.

Artur do Rego.
Filomela.



Aço a roda, olhay por mym. *Art.* Assim hides bem: ò como he deslustrado valhame Deos, o corpinho he todo espirito, mas serue mal para passar em alardo: então ley xayo presumir de galante, & o saberse vestir está em França: quantas alfayas ha mester o homem para discreto, que mal o pode ser o prospero, & parecido o necessitado, mas por fim, tudo passa, & tudo se sofre, & a terra he de nescios confiados. *Aul.* Não gostays muyto sobrinha do requebro com que elle vem em saltinhos dalueloa? Não ha gosto que me chegue a ver estes recachos: ja escarra, gran-

ra, grande suprico, por estas honras me perco eu: notay em que postura se poem, direys que he corrido, isso tem. *Ger.* Beijo mil vezes as de V. M. & se para mym pode hauela dalgũa esperança, que ditoso dia este seria, & mays se o quereys senhora olhar bem, não he alheyo de vossa obrigação o meu amparo, ao menos porque se diga, & veja que boa sombra me cobre, inda que isto não sey se me engana, & me engano, ou tomo mays do que me dão. *Art.* Entendei là aquelles esfolagatos, jurarey que nem elle se entendeo. *Aul.* De meu conselho, perdey antes por defenuolto, que por curto, que he menos magoa da perda, q̄ eu sou de tomar. *Art.* Que negro esforço aquelle, ja o ameaça, & elle não affossiga: estassê pondo nas pernas como ginete, que não lhe ha hoje de ficar registo por tocar, segundo as moscas o picão. *Ger.* Douuos minha fê senhora de me perder antes por o vosso parecer, que ganharme com nenhum outro: porque vejays quão entregue lhe sou. *Aul.* Entendido iõys, falays com dous entenderes, voz de hũa couza, & mãos doutra. *Art.* Seu auò marmelo torto foy grande breuista, & de confiada que falaua bem, esforçou o tipre para que eu participasse. *Ger.* Poys senhora diga cada hum por sy. *Art.* Quanta badalada dessas haueys de dis.

Acto segundo

de disparar:cospi,& tomarys folego. Quanta ma-
draçaria ha destes treynados em confiança pro-
pria,& então, discreto sou eu, que diferente lhes
eu porei falara. *Aul.* O tempo he disso. *Ger.* E dis-
so. *Aul.* E a vòs senhor que vos arma? *Ger.* Hum
cuydado de quem mo desconhece:& destes anda
contra mym hũa grossa armada de receyos, te-
mores,& tres mil dores. *Art.* Armada vos vejo eu
meu amigo a tarpeira, o prazer que a outra gen-
til senhora tem por detras destoutra interprete,
como se elle falara bocados de ouro, estas não go-
stão, nem sintem senão pequices tificas. *Aul.* Por-
que hides na do estreito? *Art.* Em estreito me vejo
eu. *Aul.* Diriuva, não gostays mana? *Art.* Não per-
cays lanço, como elle fica contente, sacodese co-
mo galo. *Ger.* E de tudo o que sòmente sento, he,
não saber se consente a causa. *Aul.* Quereys que
lho pergunte? Inda que bem vos ouue. *Fil.* Ah mã
coufa, como ãoys palreira. *Ger.* Não pio por al,
mas receyo hum defengano mays que a propria
morte. *Aul.* Que dizeyz àquillo sobrinha? Que lhe
direy? *Fil.* O que vòs quizerdes. *Aul.* E vòs não tẽ-
des querer? *Fil.* Inda agora não. *Ger.* Se ouuera ra-
zão no mundo, ja o deureys ter para quem se
vos entrega. *Fil.* Ay triste que me ouuio. *Aul.* E se
volo merecerem teloheys? *Ger.* Que vòs diz se-
nhora?

nhora? *Aul.* Nada senhor, pegayuos a, quem cala, consente. *Ger.* He tão incerto esse descanso, que descanso de conseguilo: & para mym incertezas de vida não são estranhas, mas naturaes. *Aul.* Ou soys vòs senhor natural dellas? *Ger.* He verdade: ja vejo que sentis minha d'òr melhor do que posso, nem sey dizela. *Art.* A escaramuça anda trauada segundo o festejão, a cousa vay per seus termos. Jurarey que cuyda elle que contrafaz o proprio Mancias: poys ellas estão mays afiadas na corteſania, que mao grado a Cleopatra. Isto tem o chegar hũa dama a fazer a r'eda da sua opinião, que darà pernadas no agrião, & daqui vem grandes quedas. *Ger.* Quereis me d'ar licença para o tomar a bom final? *Aul.* Não, porque temo de não creres minha verdade, acerca de vos desejar seruir, & caualo. *Ger.* Mas de me fazer mil merces, & não viuo dal: & se me isso não esforçara, não ousarr aparecer ante quem se me esconde. Ah pesar de Fez senhora, que não he esse roſto para se esconder: porque se me tolhe a luz, que o Sol a b'ões, & maos não se nega. *Art.* Desarmou em vão, & ella não està pouco satisfeita em lhe fazer aquellas carestias: bem sabe a litraria. *Ger.* Como dissestes senhora que vos não ouui, porque se me forão os espiritos a pos os olhos? *Aul.* E logo vos assi ef-

Acto segundo

panta a sombra, *Ger.* Mirrome na caça, mas eu fiquei desairoso com a cortesia em branco. *Aul.* Isso não posso eu sofrer que cae em maõ ensino. Por minha vida sobrinha que lhe haueis de falar. *Fil.* Falohey por amor de vòs. *Ger.* Beijo as mãos a V.M. mas não foy na auença recolherse tão prestes. *Aul.* Não sejais maõ de contentar, não vos julguem por ingrato. *Art.* Grandes medidas vão lâ: quiz, parece, cumprir com a cortesia: tambem aquelle he bom termo. *Ger.* Longe estou de cayr em culpa de ingratidão. Por tâto foutamente me deueys fazer vossõ valido, *Aul.* Quem o tanto he em toda parte, tambem pode esperar selo nesta. *Ger.* O selo nalma està ja, de mo desconhecera me receyo. *Aul.* Mereceyo vòs senhor no efeito, não se vos negarà o vossõ. *Ger.* Ia se me nega, poys me negão a vista do que desejo, & do que viuo, & vòs senhora que o consentis. *Aul.* Estays mal informado. *Ger.* Não sey de informado, mas formado de sentimento de quem o não tem de mym. *Fil.* Ia ouui dizer disso. *Ger.* Consintis nisto senhora? Não entendo por acenos. *Fil.* Não. *Ger.* Ora dobrem por mym que tal ouço. *Art.* Artista he tambem a Filomela quanto basta, dalhe suas picadas a tempos, & recolhesse com gentil ordenança. Ah dũa gazela que grande recreamo se perde

em

em vòs : prometouos que sabe a bogia caçar, não ha mays anegaça , o demo lhes ensina tanto. O Germinio está sospendido no ar do faro della, como o çancarrão de Mafoma, & tem feyto aos pès hum espogeiro de continencias. *Fil.* Vejo là Dinardo Pereira ao longe, ha de vir diferir aqui, deueys despedilo q̃ o não veja. *Aul.* Senhor hiuos, que vem de ca de dentro, quem não queria que vos visse ahi. *Ger.* Poys assi me mandays apedrejado de hũa mão tão crua? *Aul.* Daylhe hum sim, polo meu amor. *Fil.* Sim. *Ger.* Bejo as de V.M.

SCENA QVARTA.

Germinio Soares.

Artur do Rego.



ANDAY por cà, vamos ao deserto onde possa gritar, se quereys que não arrebente. Douvos minha fè q̃ outrem podia estar de peor vea que eu: parece que falaua de mym algum espirito, segundo estiue brauo: dera quanto tinha porque me ouuireys. *Art.* Algũa cousa alcancey de ca, & pareceme que de artificio vos cortarão o fio, por vos leixarem com o desejo esfaymado, & he do tempo, dar tudo sopelado, justa pena

Acto segundo

pena da malicia da nossa natureza, que se sostem da variação das cousas. *Ger.* Mas cuydo que, segundo differão, vinha de dentro algũa, de que se recearão. *Art.* E a senhora Filomela recolhida per detras de Aulegrafia, jugaua o tauoleiro de fora. *Ger.* He inda espantadiça, mas essa que agora vedes assi arisca, eu vola farey capareira. *Art.* Mays me parece a mym que de muyto destra sabe assi palear suas cachas. *Ger.* Não me rendo a artes que alcanço. Se me enganardes sem vos entender, será discrição tinta na terra, & doutra maneira he simpreza. *Art.* Muyto gentio encalha nesse passo, & por isso ando manho sem saber determinarme em que altura me ponha, que assi como entendo estes discretos alcandorados em sua alquimia, cuydo que tambem me tirão o vento, & ando desfuelado por dár hum furto, para que me salue destes bilhafres. *Ger.* Senhor, quereys estar do palanque, vsay do vosso natural, se he bom, & leixay bogios contrafazerse, que por hy os cação. Notastes o sim muyto comprido, com que me açamou a senhora Filomela? *Art.* Notéy mil passos bós nella, & mays destreza do que vos cumpre: donde entendo que todos nos entendemos, nõs a ellas em seus fingimentos, & ellas a nõs em nossas malicias. *Ger.* Assi he, & com tudo engañose

nãose, & enganamonos. Mas por nascer estâ a que me ouuer de enganar : porque sey q̃ antre a erua jaz a cobra, & em suas branduras a peçonha. *Art.* Presunção propria he perigosa, dado que boa, & necessaria, a boa lingoagem acaba muyto com ellas. *Ger.* Poys prometouos que volas atarraquei de razões, estiue afinado. *Art.* Aulegrafia tambem vos tiria as pelas. *Ger.* Eu não vola leixo entrar em talho: porque estou sempre tão delgado com ella, que me não alcança. *Art.* Não sey como isso he, que ella não lhe metem dado falso, & anda mays certa ao primeiro pulo, do que por ventura andareys a seu boleio. *Ger.* He riso isso, perdeme de vista a cada passo. Falay muyto se quereys que fique por vòs o campo em tudo : & mays não vos enganeys, que a molher que crê de sy que he discreta, he facil de enganar, & mays não sey se ha algũa. *Art.* Poys eu tenho para mym que nos precedem na discrição nesta parte. Donde Lays se gabaua que fizera muytos sabios paruos, & nenhum sabio a fizera paruo. *Ger.* No conselho para mal, de improuiso, & em cousas de seu gosto, são seguras, & não se dobrão, saluo do seu interesse. *Art.* Credeme q̃ nunca se enganão, saluo quando querem ser enganadas. Sò do seu desejo são mouidas, no em que se determinão, são cõstantes, & na

Acto segundo

& na virtude puras , & com nosco , como digo , muyto mays discretas. *Ger.* Eu antes a quero simpres, & desta me temo : porque vedes vós Aulegrafia, com que todas registão , tenho sabido que he sempre atropelada de seus seruidores, & afeiçoada cousa de extremo. *Aul.* Perdey cuydado, eu tomo a empresa à cautela de não me queimar o sangue. O negocio está em caminho , & achar o principio em tudo, he difficil, mas achado , facilmente se procede até o fim: passaremos assi o tempo para aziar da nossa sojeição. *Art.* Sofriuel he em quanto não for mays. Vós vedes a visagem deste Castelhana que cá vem? Para nós encaminha, he especial figura : lancemos mão d'elle em quanto dura o despacho , para que enganemos horas tão perdidas.

SCENA QUINTA.

Aulegrafia.

Filomela.



Istes mana como fala discreto? Estes são os galantes que eu conuerso. *Fil.* Parece-me elle de boa conuersação. *Aul.* Per extremo he arminho de brando. *Fil.* Deue ser muyto vosso, segun-

segundo se mostra confiado em vossa valia. *Aul.* Guardedeos Deos, somos almas de muyto tempo, o homem per quem eu mana falar, sabey que o tenho na bolsa: doutra maneira, né por meu pay o faria, não, nisso lou muyto escoimada, a ningué soffro passatempas, à custa da honra alheya, confesaruoshey hũa presumpção de mym, toda cousa desta calidade em q̄ ponho mão, se me deu sempre bem. Quem cuydays que casou Catherina Teyxeira, Barbora de Froys, & outras, & muytos negocios de muyta sustancia que se comigo consultão, cujo segredo enterro? E não sou como hũas que eu sey, q̄ tirão de hũas, para dizer a outras, & inda bem não sabé a cousa, ja anda na praça, assi o seu, como o alheyo. De molheres vos fiays vòs, & conuersays, q̄ não conuersaria de siso por todo o ouro do mundo. *Fil.* Iagora sey de quem me hey de guardar: como tenho os bofes lauados, assi cuydaua que os hachasse para mym: que a malicia, quem a não faz, não a cuyda. *Aul.* Não he isso o que agora corre, haueys de viuer forrada de cautelas, tanto, que nem comuofco sejays singela, & soffreruoshey não vsardes tredices, se as não tẽdes de condição, mas haueys de entendelas, & sabey que trago a pratica do que ouço, & vejo, & com os galantes alfanados, que cuidão triunfar

H

de nòs,

Acto segundo

de nós, sempre os espero armada. Os que não são de laya para serem admitidos, não me tomo de sua opinião, nem os escandalizo, por não me dar por achada da sua confiança, & antes falo bé delles, que mal. *Fil.* Eu não posso sofrer mádracos q̄ presumem pregoarse per seruidores de quem os não conhece. *Aul.* Esse he o pregão da fermosura, & a mulher cõfiada, poem os pès segura por fima de tudo. *Fil.* E que fareys a praguentos que chamão a isso doudice? *Aul.* Rirme de paruos, que se ouuer quem condemne esta arte, tambem ha de hauer quem a aproue. Não se pode satisfazer a todos. Quero por tâto satisfazer primeiro a mym & aos do meu bando, & os outros enforquemse. A toda cousa deu a natureza seu bicho, & inimigo, o da mulher, he o homem, do qual tudo lhe he, & deue ser sospeito: por o que lhe cumpre ser com elle muyto acantelada: por o que o principal he saber do seruidor como està de patrimonio, & se não têm mays que a rama, & o fundamento em suas esperanças, inda que seja dos Godos, hãsse a dama de hauer com elles escassa de vistas, descuydada de suas diligencias, trazelo assi na forja do amor, & telo â destra como qualquer mosteiro: mas se he afazendado, aqui he o lançar das contas: porque fauorecelo depressa por acolhelo a
risco.

risco da pessoa, fica muytas vezes em branco: doutra parte sopezarlhe o fauor, acontece outras horas seguralo em breue. O meyo disto, he, nunca lhes dár tanto, que possaõ hirse alabando, nem tão pouco que se esfriem no amor, & a gentil dama, com os olhos paga suas obrigações, & se confessa, ou dà penhor da vontade, logo fica de menos preço. A nós, boas obras nos cegão: a elles auisaõ. Brandura nos vence, a elles ensoberbece. Amor nos abranda: a elles izenta: & tal he nossa forte, que quando nos tomão por senhoras, ficamoslhe escrauas, & por cima de tudo isto, sabey q̃ quem cuyda acertar por sy tudo, nada acerta. A vida passase forçadamente sorteada de culpas, as menos graues têm desculpa, & saõ sofruiuis. A tẽção lhes dà a tinta, & de hum erro nascem muytas vezes muytos acertos. He officio da discrição saber nos socessos estremar o grão conforme à sação dos tempos. Não ha ley tão justa, que não possa ser injusta acerca dos casos humanos: he tão enfermo o juyzo humano, que ordinariamente tem razões que se alcanção: quem melhor se reger, terá menos que sentir. Sem esperiência, não ha discrição segura: nem sem erros, acertos puros. Donde he muyto para agradecer a quem errando, depouys acerta. *Fil.* Melhor seria acertar sem-

Acto segundo

pre. *Aul.* Sò ia Deos he possivel. *Fil.* Muyto sabeys tia, não se dirà que passou por vòs o Paço.

Aul. Poys inda má hora não quereys que me vallesse a mesma Corte? A mulher que se ha de sustentar nestas casas com tão pouco cabedal, como os mays temos, que queremos, & não podemos, & na reputação vos vay tanto, helhe necessario lançar redes à ventura, aferrar do azo da vida, quando se nos offerecer. Para isto, a que he fermosa, valhe muyto, ser discreta he grão terço, & se ambas, faltalhe sòmente a pratica do Póço: para o que ha de ser muyto fantisiosa, que atè nas feas dà preço. *Fil.* Cousas direys vòs hoje, que nunca foram escritas. *Aul.* Vedes que eu não lóu como esfoutras molherinhas, que vòs conuersays, & na conuersação vay muyto. Fiayuos de mym, conuersay antes dama á vossa custa, que moça do retrete que vos sirua: day pouco de vòs a quem se quer honrar com vosco, & conuersay quem vos authorize, gabay todos os hornês, fereis bem quitta, de camareiros, estribeiros, & pages de espada dos senhores, & fidalgos, vos benzey como de demonio, porque fazem notomia em toda a alma que lhe cahe na forja. *Fil.* Ora vos digo que vos ouuirey toda minha vida. *Aul.* Poys palhas he o que vos digo, para o que me fica, & o que tam-
bem

bem importa muyto, he, saber conuersar damas com authoridade que vos sofra a sua donzela sem se vos igualar, & a sua aya aproue vossa amizade, em tanto que vos apresente os queixumes de sua senhora, aqui ha muyto que aprender, & em amores de fidalgos, se se vos offerecem, este he o passo mays perigoso, & em que cumpre ter grande acordo: mas vejo ja perto Dinardo Pereira meu afilhado, huios embora que tenho que lhe falar.

SCENA SEXTA.

Dinardo Pereira. Graciel de Abreu. Aulegrafia.



AND A tão amotinada que a não posso alcançar à vista, mas se mal não enxergo naquella janela ha caça, vamonos chegando, & quiçã nos entrará dado, a dianteira he minha madrinha Aulegrafia, a outra está de dentro, & não lhe vejo o rosto, mas seja quem for: leyxay-me hir diante aferrar minha madrinha, & como trauar pratica, vindeuos chegando, & meteyuos em conuersação, poys sabeys que he guarda dos portos, com que de vontade, ou força se

Acto segundo

ha de apontar todo galante que quer atalhar a coimas *Graf.* Eu para mym tenho que ella me faz a guerra , a fim dalgum fundamento. *Din.* Poys por tanto vos cumpre mays não entender, & desfimular o que entendeys, & com paciencia forçada fazer, se poderdes, do tredo fiel. *Graf.* Dura ley do mundo: que vos seja necessario grangear quem vos faz mal, & sofrer quem vos faz bem. *Din.* Poys se isso valesse, tal seja minha vida : mas com sangue baixo que sempre he soberbo, se pode, & có condições tiranas , & bofes danados, nada a proueita, & chega ja a tanto a malicia, que não se satisfaz de anichilar obrigações , mas tem sua guêdelha em contraminar tenções, & minha madrinha he azougue , & joga o douchelo viuo com quantos aqui ancoramos. *Graf.* Arrenegay de quem virdes temido por roim, & aborrecido por perjudicial. *Din.* Muyto bom he ser bem quisto, por ser prestadio, mas vaise desufando: o bom nome perdeo seu preço , & juntamente perdeose a vergonha ao mundo, & o que antigos fazião por deixar clara memoria de sua virtude , fazem os presentes por deixala da sua cobiça. *Graf.* São nouidades do tempo. *Din.* Que tem por remedio entendelo, & padecelo: ora leixayuos ficar. Que grãde engano seria , senhora madrinha, cuy dar ninguem.

guem que vos pode saber seruir melhor que eu.

Aul. Por certo senhor afillhado que essa he a verdade, que ninguem me faz merce de tanta estima, & que vejo o meu brinco como o eu não soubera desejar. *Din.* Ah, estays zombando. *Aul.* Não zô-

bo em verdade, mas não he para mym nouo, que ninguem tem a vossa galantaria. *Din.* Ao menos

senhora na vontade para vos seruir, não sofrerey

competidor. *Aul.* Nem eu darey vantagem a nin-

guem em lho merecer, porque vos trago cá na

minha alma, onde não entra outrem, & sempre

digo cá antre estas senhoras, que foys tauola que

não joga na amizade como de hum irmão, nem

me parece outra arte, nem outra conuersação co-

mo a vossa. Quão longe poré destes milagres esse

vosso amigo que là vem, podem queimalo, & lan-

çar o pò por todos, para a cousa ficar como não

cumpre. *Din.* Não he o demo tão feo como o pin-

tão. *Aul.* Antes cuydo que mays, que do bem, haf-

se de esperar o menos, & do mal, crer o mays. *Din.*

Antes senhora, do bem, crer mays, & do mal, o

menos. *Aul.* Eu todavia não quizera esperalo aqui

se me não fora por vos não leixar. *Din.* Ah, não

sejays má cortesaã. *Aul.* Vemse chegãdo com seus

passos de grou, mas o àr he vossio. *Din.* He afeição

isso. *Aul.* Eu não na nego, mas com tudo he dàr o

Acto segundo

seu a seu dono. *Din.* Não se jays tão justificada que não he sofriuel. *Aul.* Se lhe eu mal não tenho caydo no chiste de sua confiança, elle se virá meter em conuersação com todo despejo. *Din.* Ah como soys galante: quem quereys que a não cobice por ouuiruos? *Graf.* Se vossas merces não falão segredo, tambem me, senhora, podeys meter em reste dos vossos, poys o sou a destro com mil desejos de vos seruir, senão que me val tão pouco tudo, que nem com milagres cõuerterey hũa alma, que me conuerteo, de liure a sògeito, mas porem, se me, conhecesses de meu direito, elle me sobeja, para me hauerdes por tão vosso seruidor que dou quinze, & falta a quem mays presumir selo. Ora poys bem, isto como he, leixão vossas merces de falar por mym, eu se pequey por antremetido (inda que a muytos val) aquy estou offerecido à pena da culpa, de que me desculpa a tenção, que sendo saã, a ninguem culpa, antes he a tintura de toda obra: & a minha foy de participar tão boa conuersação, não como dino della, mas tentado habilitarme, se me assoprassè a ventura: dado que ja deuera ter entêdido o que lhe deuia esperar, poys me desampara sempre nas mayores afrontas, porem senhora, antre bõs, mà ventura, não tolhe me recimento. Todavia como não queria ser pesado,

& pre-

& pretendo servir, & não offender: se cortej o fio
 â pratica, calarmehey, que affas sandeu he quem
 não se cala, onde não lhe escutão razão, & o tra-
 balho dos trabalhos, he, falar com ouvidos, &
 não com corações. Eu voume antes que mays en-
 fade. *Dim.* Não senhor, eu vos dou a mão, & vâ
 por ambos. *Graf.* A honra, haffe de tomar, mayor-
 mente dos honrados, com esta porem, não me
 atreuo sò: porque não sou para cousa de tão pre-
 ço, & pezó. *Dim.* Poys eu tambem confesso que
 vola soltaua de não poder com ella. *Graf.* Quereys
 me meter na mouta, & arredaruos? Dessas tções
 vos darey per aqui muytos banqueyros. Não pa-
 gueys comigo vosso erro de conta. *Dim.* Essa he
 outra, ja me parece que não acertareys a minha.
Graf. Errala com taes acertos, que mayor ganho
 que o proprio acertar, & digao a senhora Aule-
 grafia. *Aul.* Sou muito mâ juyz. *Graf.* Ao menos em
 me julgar. *Aul.* Bem em que? Vistes aquilo? Poys
 como eu sou disso, que cousa para a minha arte
 julgar, nem entender em vidas alheas: não viuo
 tão ociola senhor. *Graf.* Não o digo por tanto, mas
 porque me não julgays, né quereys ter por muy-
 to vosso, não desejado eu al. *Aul.* Pagueuolo Deos,
 que eu não me meto em obrigações, com que não
 posso. *Graf.* Bem sey que não sou marca, mas os
 grandes

Ação segundo

grandes em levantar pequenos se mostrão. *Aul.* Como defeito. *Graf.* E ante falsos juyzos, a culpa tem louuor. *Aul.* Poys por tanto. *Graf.* Todavia entendo que pejo aqui, mandaime senhora que me vá, ja que assi he, que antes quero consentir em minhas perdas, que erraruos. *Aul.* Não, eu sou muyto liure, & não me chegão essas cousas, mas ja o deuêreys tẽr feyto. *Graf.* Condições izentas me tem morto: ora melhor he obediencia, que desagrado: deus Deos algũa hora conhecimento do que vos mereço.

SCENA SETIMA.

Aulegrafia.

Dinardo Pereira.



Como me fica a mão folgada, leixayo vòs hir rezando. *Din.* Correstelo senhora, & essas cruezas, & desprezos não seruem para com quem se vos entrega, & deseja vossa amizade. Sangue nobre não afronta a quem lhe obedece, antes aceita toda disculpa: mas a vòs senhora vemuos isso de fermosa, que todas soys deshumanas, & auarentas. *Aul.* Poys assi he, & ja que o não sou, quero parecelo. Vedes ahy senhor afilhado hum

do hum homem , sem embargo que he voffo amigo, que me aborrece de graça, porque cuyda que he despejado, & de corte, & a meu geito , he tão sem fabor, que nenhum fal lhe acho , & então vemse antrometer onde o não chamão, por cuydar que he discreto, & que sabe falar , & por minha vida que o não he muyto para arrebenar. Outros vejo eu a que elle não dà pelos pès , & não presumem de sy tanto. *Din.* Não sey se lhe foys fofpeita, ou lhe tendes entejo, que elle não he dos mays perdidos. *Aul.* Nem muyto ganhado, cuydo eu, com sua dama. *Din.* He logo sem razão, & elle tem que lhe foys cõtraria, & não volo merece: que eu sey, que defeja muyto voffa amizade. *Aul.* Eu , porque? Sabey de mym que nunca me antremeto, nem entendo, faluo no que me cūpre, & no meu, feyo muyto bem, & não me governo por outrem, por quão falsos , ou incertos fãõ conselhos alheyos para dõr propria. Tenho por regra , que he fuma miseria pubricar necefsidades, & grandè pequice notar vicios alheyos : verdade he que se me hũa amiga me diz hũa coufa, & me pede conselho, não lho sey negar. *Din.* Queria eu remedio, ou não ter necefsidade delle. Como esta he douda, & enganada configo. *Aul.* E defengandamente lhe digo o que entêdo. *Din.* Se em meyo

Acto segundo

não antreuiuer respeito proprio que faz çoçobrar todo juyzo,mas ella he toda justificação. *Aul.* Por qué he molher como eu , & somos obrigadas todas hūas a outras, & mays sou muyto contraria a escarninhos , & tenções dobradas. *Dim.* Fruyto do tempo, & de carregação nos mays poderosos. *Aul.* E por nenhũa serey imiga mortal de hūa pessoa, como por saber que trata enganos a quem se fia dela:isso me dà que seja homem, que molher. *Dim.* Estranha o que vza porque lhe não furtem a benção Senhora madrinha ja passou o tempo das confiadas, neste todos mostram que confiam, & não se fiaõ. *Aul.* Antes vos digo, que he pequice ser cõfiada: o desconfiar segura magoa, & culpa. Mas o homem de honra, & verdade, não ha de enganar molher, mayormente as taes, & em semelhantes logares. *Dim.* Se ellas não folgassem de ser enganadas , para desculpa de seu gosto. *Aul.* Que fica em baixeza, & ganhase pouco, que por derradeiro tudo se sabe, & tudo cá entendemos. *Dim.* Indemal senhora madrinha porque por essas sospeitas, & cautelas de vossas nierces perualecem muytas vezes os maos que sabem contraferse, & padecem os bõs que carecem de fingimentos. *Aul.* Crede que nunca nos enganão , saluo quando muyto queremos. *Dim.* Dias ha que eu isso sey se
me

confessores crerem. *Aul.* E de meu conselho senhor afillhado, não crieys galinhas onde rapoza mora, que estes ditos antigos são muyto certos. *Din.* Mas vòs não entendeys que dandome, days no vossò burquel. *Aul.* Não ha cà molher, por sim prez que seja, que não estè àlem de vossas tredices. *Din.* Quizeralhe mays hũa pura simplicidade. Senhora madrinha não creais que ha homem tão peço, que não entenda quão pouco valem enganos nesta parte, nem ja ha quem os vze, por oucioso que viua: he mà presunção que de nòs conceberão dos tempos passados em que ouue isso, & não a exortão em querer de nòs esperiências em que se passa a vida, & se gasta o cabedal da fama. *Aul.* Estes serão os que se prezão da verdade, como vòs senhor, de que ha poucos, & raros. Mas aquelle gentil homem, & outros taes que eu conheço muyto bem, & todas o câ ja têm na conta q' elle merece: donde creyo que seus maos modos não farão impressão. *Din.* Ah senhora quem podesse estar a muytas amarras em porto tão perigoso. *Aul.* Nem isso aproueita, se a fortuna desanda. Por tanto se soys seu amigo, conselhaylhe não seja tão enganado consigo, ria, folgue, & leue boa vida, não se ocupe, nem empregue o aluo em coufa de sua marca, se quer não perder tépo. *Din.* Diz verdade,

Acto segundo

verdade , mas a te o bom confelho se ha de temer de pessoa sospeita. *Aul.* E por derradeiro , estes muyto ataymados cahem em peores atoleiros. *Din.* Estas jubiladas são muyto sentenceosas, & dà grandes cabeçadas. *Aul.* Elle cuyda que o hão de rogar por nome de rico. Bem paruoá ferà a molher que roga homem, por Principe que seja. *Din.* Todas isso dizem , & todas rogão quando se lhe offerece caso. *Aul.* Como a molher tem parecer, & he discreta, tudo merece, & tudo se lhe deue. *Din.* Desta ley viuem, & com ella se condanaõ: porque se auenturaõ sem fundamento. Esta tem por discricião , ter o saber na lingua, a honra no despejo, & a virtude na ouciosidade. *Aul.* Aquelle gentil homem tem grande opiniaõ de o não mereceré, adiante o achará , que se me a senhora Filomela crer. *Din.* Bem diz elle, que lhe soys contraria. *Aul.* Folgo de o elle assi crer de mym : ao menos não me terá por paruoá , poys o entendo : não digo may's eu , que todas : porque o bom nome , nas treuas tem resprandor , & val em tudo muyto a boa reputaçãõ, a qual elle tem perdida antre nõs, por quaõ falso, & mudauel he. *Din.* Informaçõs falsas tem destroyda esta terra: & maos pareceres são os mayores ladrões della, ninguem sabe disso may's que eu, & he falso, & affacado, & fiayuos de
mym

mym que lhe não soffreria outra cousa, por parte de minha prima, de que sou muyto amigo, & ella me ouuirà, & saberà a verdade. *Aul.* Não a poder que eu possa: & ella tambem me cre, & faz o que lhe digo. *Dim.* Senhora madrinha, quem não tem parecer proprio, não acerta com os alheys: porque casi sempre em tudo antreuem odio, ou amor, yra, ou cobiça dos conselheiros, & o efeito do conselho sempre sabe a tenção de quem o dà: Trabalhay por tanto em conselharuos com vosco no que vos for muyto, & não vos entragueys a vontades forras da vossa dõr: que ninguem he tão justificado, que corte por sua afeiçãõ, & mays he grande defeito fazer ayo do meu cuydado a ninguem. Digouos isto, porque não conselheys quem por ventura volo agradecerà mal, sendo vossa tenção boa. *Aul.* Não, minha sobrinha não he parua, sabey que o entende muyto bem, & se me não credes vede o que faz. *Dim.* Poys certeficouos que está mal informada, & que anda elle mouro por o desconhecimento com que o trata, tiraya disto que he mal feyto, que perseguir ao necessitado, he injuria propria. *Aul.* Eu o desejaua, ninguem ande cõ enganos, q̃ a prosperidade dos maos, nunca durou muyto. *Dim.* As armas hãose de tirar ao merencoreo, & não darlhas, & a yra
dura.

Acto segundo

dura pouco nos bõs. *Aul.* Senhor afilhado , là se auenhão, daime licença que me chamão.

SCENA OITAVA.

Grasidel de Abreu.

Dinardo Pereira



Que a senhora tem bom , que me hirey eu enforçar por não ser dos seus validos , doulhe quatro figas: ella me dà vingança de sy na conta em que a tenho , & eu tão paruo que me arrisco a ouuir seus maos ensinos , que nestas estão tão certos , sendo rogadas , como as obediencias, quando vos rogão. *Dm.* Estas são officias de hũs pespontados de tredices, que se honrão de mal ensinados, se lhes cahis na lança. Peitados são jasmis, se lhe não days fruyto são tojos, & sem isto he graça grangealas com diligencias , q̃ tudo he cauar afrontas. Aulegrafia vestese do tempo, & cà falamos na vossa pele, mas não està muyto vossa. *Graf.* Nestas, certos são os desprezos com quem sintem penhorados de afeição, & o seu gosto , he , fazer perrarias a corações sogeitos. *Dm.* Tambem he preceito do officio , que como vos vèm aução de seruiço, porque he forçado tirardes
traba-

trabalhão por abateruola: porque lhe haueys de sofrer tudo, & a concurfão he, que fem muyta aderencia do voffo, não podeys viuer, nem de paciencia, & mays haueyla de ter para vos sofrerem. *Graf.* Nem effa basta, não ley se seria mays acertado fer impaciente, & perder per effa via, o que per effoutra não se ganha. Algũa hora hey de fer liure, & falar fouto do palanque, para rir de valias tão fopesadas. *Din.* Não vos aprefseys, que tudo tem fazão: falarey com minha prima, & determinarnoshemos: Agora vamos ao Paço.

SCENA NONA.

*Agrimonte.**Artur do Rego.**Germinio Soares.*

BES O pies, y manos de vueffas mercedes. *Art.* As voffas fenhor. *Agr.* Dar meha vueffa merced, por dicha, recaudo, y noticia de vn hombre que anda en effa Corte, de mediana effatura, y tiene vna capa, qual effa mia. *Art.* Notay como vem real, fem o nome, per effes finaes, pouco vos faberemos dizer. *Ger.* Como fe chama?

I

Agr.

Acto segundo

Agr. No lo sè en verdad, ni mas del, de quanto es vn hombre de mi officio, y por esso le pescudo.
Art. Gracioso vem quersenos dar a conhecer por habil.
Agr. Como señor, conocele?
Art. Que officio he o vosso?
Agr. Mi officio señor, cóponedor.
Art. Bem. está, como o conheci logo: eu farey deste brafa, porq̄ cuida que he sotil.
Agr. No me entiende V. merced?
Art. Não bofè: que chamays compone-dor?
Agr. Como son nescios los Portugueses: no alcança entenderme señor por su vida?
Art. Bros-lador quereis dizer?
Agr. Que no señor, hombre q̄ compone.
Art. A si, bateis ouro: batifolha chama-mos cà.
Agr. Que diablo de batioja: valasme la Tri-nidad, nūca ha visto trouas, cóplas, rimas?
Art. Nūca al soube toda minha vida.
Agr. Troua V. merced?
Art. Não.
Agr. Mas de verdad q̄ troua?
Art. Não por certo, mas he coufa sabida.
Agr. Pues quien haze coplas, llamamos alla en Castilla, compone-dor, porq̄ compone en su orden, y regla rima, y có postura aquellas silabas, y pies de q̄ se haze el ver-so, y de los versos componese la troua, o copla, q̄ se dize de copula, figura Latina, q̄ quiere dezir, y significar, congregacion, vnion, y ayuntamiento, por quanto es vna cierta cóposicion de palauras, y razones metrificadas, arte muy tratada, y aun muy necessaria, & importáte para caualleros, que
firuen

firuen damas en sus galas, & inuenciones: en tãto, que estoy por dezir, q̄ es necio, o casi, el que no la sabe medianamente sequiera. Toma ora V. merced, hame entendido? *Ger.* Salgado he em cuydar q̄ o não alcanção. *Art.* Ia estou com vosco *Agr.* Como señor, que le conosco. *Art.* Entédouos muyto bem. *Agr.* Pues mire mas por su vida. Cõponedor puede tambien llamarse el musico, que haze vna vniõ de bozes perfetas, & imperfetas, sonantes, y dissonãtes, como dezimos, tercera, quarta, quinta, &c. que son buenas, y sonantes. Segundas, sétimas &c. que son dissonãtes, y no las sufre la oreja, sino q̄ mescladas las dissonancias, y consonancias, hazê la compostura de gentil melodia, y desto tambiẽ algo se me entiende, quando se ofreciessse, y de vn laud, y passar vna pauana, y todo lo demas. *Ger.* Como he çarrado hum Castellano em paruo, & não he nada, senãõ que cuyda elle, que està sobre nõs, & que nos tem espantado com suas abilidades. *Art.* Finalmente que fazeis trouas. *Agr.* Haze hombre lo q̄ alcança con su flaca posibilidad, a lo menos publica sus necedades quando ay oportunidad. *Ger.* Nunca mayor verdade diffeistes. *Art.* E poys trazeyz algũa couza q̄ possamos ver. *Agr.* Muchas traygo, mas quedaron seme en la posada. *Agr.* Não vos lébra algũa de cõr. *Agr.* No entiẽdo

Acto segundo

señor. *Art.* Não sabeys algũa de memoria? *Agr.* Ah ya le entiendo, dize V.M. si se me acuerda alguna, este su language es diablo: yo hize aqui vnas a vn cauallero, o hidalgo, que aca llamays, y boto a tal que mucho mas preciara no hauellas hecho: porque gastè los sentidos en cõponellas, que tan sotilissimas, y eloquentes yuan, y el no me dio por ellas blanca. *Art.* E que tratauão? *Agr.* Loores q̃ en el, por cierto no ay, que si las hiziera al menos cauallero de Castilla, me diera quando menos cien ducados. *Ger.* Nenhũa regra tem em mentir. *Agr.* Yo pienso que no las entendio, segun hizo poco dellas. *Ger.* Serião taes que o merecerião. *Art.* Espantame: porque Portugueses nobres, nada tem proprio para Castellanos, & là os vossos, não os temos por tão dadiuosos. *Agr.* Como dize señor? *Art.* Liberaes quero dizer. *Agr.* O pe-sia ti mal grado, pues donde se halla se alla la flaqueza, y la magnanimidad, mäs terciopelo rompen los lacayos de Castilla, que las arenas en la mar. Castilla, señor, no tiene que ver con el restante del mundo, todo lo demas, en comparaciõ della, es ayre. En ella ay las mineras de plata, y oro, que descien den al profundo. Pues los graneros, los axarafes, &c. No ay language que baste explicallo, vueſſa merced ha de tener por entendido

dido que todo es burla fino Castilla la vieja. *Art.* E Portugal que vos parece? *Agr.* Razonable tierra, mas cosilha, no tiene Castilla en el hum trago. Yo seguro que es mayor que el, por lo menos vna milla, la vega de Granada: Esto sin duda, fino me engaño. *Ger.* Tudo lhe eu perdoara, se elle não cuydasse que o criamos. *Art.* Melhor o tendes, que elle mesmo se creè, & o tem por fè. *Agr.* Mas a lo que diximos, de los nobles, no ha mas afabilidad y llaneza. Aca vuestros caualleros, todos son fantasia, que no se sofre. *Art.* Não podeys negar que realmente temos cà o ponto em fauorecer estrangeiros, mays que outra nação algũa. *Agr.* No sè deffo: yo en mi tierra quiziera verme. *Ger.* Naturalmente são ingratos com nosco. *Art.* Tornemos a nosso proposito: por vossa vida que digays a primeira troua. *Agr.* No se me acuerda, en verdad. *Ger.* Agora ta creyo menos. *Art.* Dizey logo algũa que fizesseys, que sabido està que todos os authors sabem suas obras melhor que a oração. *Ger.* Que he grão perrice. *Agr.* Que no señor, para que quiere V. merced aora hoyr torpedades de vn Castellano nescio. *Ger.* E a ti quem to nega? Mas sobriſſo andamos. *Agr.* Endemas que no sè quan aficionados los Portugueses son a cosas de Castellanos. *Art.* Estremadamente, os Portugueses

Ação segundo

de nossa boa condição. *Agr.* Nunca mas medreys todos. *Art.* Somos tão incrinados à lingua Castellhana, que nos descontenta a nossa, sendo dina de mayor estima, & não ha antre nós quem perdoe a hũa troua Portuguesa, que muytas vezes he de vantagem das Castelhanas, que se tem aforado com nosco, & tomado posse do nosso ouuido que nenhũas lhe soaõ melhor: em tanto, que fica em tacha anichilarmos sempre o nosso, por estimarmos o alheyo. *Agr.* No dirè yo essto de mym, que tan aficionado soy al mi natural, que ninguna cosa me parece mejor que el Castellano. Que digo mejor? Ni aun tan bueno. *Ger.* Todos saõ em estremo de sy, de abonar, & estimar o seu por melhor. *Agr.* Esto està claro, que la language Castellana es vna laguna, y vna mar Oceana que vence a la misma copia, pues en la poësia es cosa espantosa: y quereyslo ver mirad quien trouò como, Iuan Royz del Padron, el Bachiler de la torre, Cartagena, Gracisánchez, y mil cuentos dotros: señor nadie quite el loor a nadie. *Art.* He verdade, mas sabeys quem me aborrece muyto no vosso cançioneiro gèral, as graças do Roupeiro. *Agr.* O pefia tal, esse fue estremado dizidor. Pues Ioan poëta, no le va en çaga. *Art.* E o judeu que fez à Raynha Dona Isabel a canriga. Alta Reyna soberana,

rana, que razão ouue para não ser queimado por tão diabolico atreuimento, & clara heresia. *Agr.* O señor, de los hombres es errar, son acometimientos de ingenios sotiles, que no para hasta lo infinito. *Art.* Ora por amor de mym que nos digays algũa cousa vossa. *Agr.* Que no cure señor. *Art.* E vòs quereys que me custe tanto? ora leyxayo. *Agr.* Entiende V. merced el Castellano? *Ger.* Vemse das pontas. *Art.* A lingoagem, facilmente a entendemos todos. *Agr.* Y trouas ha entendido? *Art.* Não sey, pareceme a mym que sy: dizey vòs veremos. *Agr.* Pues oyga aora, y tenga tento, y el sentido viuo: porque va per comparaciones, cosa de mas dificultad, y artificio: y tanto, que dudo, lo alcançará, sino apenas. *Ger.* Por força nos quer fazer paruos. *Art.* Como com nosco são boçaes, taes cuydão que somos com elles. *Agr.* Dize pues ansi la letra, y introito: y note con especulatiua atencion, como va subida en estilo, y en sentencia: que en buena fê, depues de auela hecha, mas estime, & preciè su composicion que si me hizieron Conde. *Ger.* Açoutado te veja que assi es prolixo, maldito juyzo que tem. *Art.* Caro me custa ja payralo. *Agr.* Digo señor que escuche.

Acto segundo

Bien como todo elemento

Se va siempre al natural,

Ansi vuestro pensamiento

Busca de su nascimiento

Hazer obras de inmortal:

Y la diosa gigantea

Sobre las nuves lleuanta

Vuestra gloria, que se canta

Por el mundo, porque el vea

Que hasta Proserpina espanta.

Art. Ah diabo como està boa. *Agr.* Pensè que le pareciefse mal, en buena cè: esto es Castellano purissimo: hala entendido? *Ger.* Pareceme que lhe hey de dār hũa pescoçada, porque me vay enfadando com sua simplicidade. *Agr.* Diga ora la sentencia, veamos. *Art.* E quereys que me lembre ja? *Agr.* No puede juzgar la especulacion que se requiere, para alcançar el profundo sintido, sin saber primero la intencion del author: porque va mucho en esto. Oyga por tanto, porque la entienda. *Ger.* Estou esperando quando vos ha de chamar paruo, que bem dà a entéder, teruos por esse. *Art.* Leixayo vazar, que eu voltarey sobre elle. *Agr.* Esto señor es todo Philosophia, y Metephisica, y razon natural del Philosopho, que dize en

los Metauros , toda cosa buelue a su elemento, Aristolica doctrina , y Platon en sus Dialogos lo toca : escuche que yo me aclaro , como dizimos: hechà vna piedra hazia el cielo, perdido, y acabado aquel violéto impetu, y fuerça que la mueue, cahe en la tierra, su naturaleza. Sopla vna candela, a la misma hora se buelue aquel fuego que la encendia a su region lamental do procede. De las agoas no hay quié no sepa que toda se ahunde en la mar , Salamon lo dixo : todos los rios van a la mar: donde le aludio singularmète el Manriquez, nuestras vidas son los rios , que van a dar en la mar: secretos son profundos de Dios que puso en las creaturas. Cahe V. merce en esto? *Art.* Muyto bem. *Agr.* Pues luego lo mismo, porque apliquemos lo dicho. Como nuestro animo sea immortal, question harto ventilada , mas esto es lo cierto, aunque muchos Philosophos lo ignoraron , y yo no lo dudo. Trabaja pues este animo compellido de su immortalidad, y pretende hazer obras inmortales: lo que se vè claro en los generosos, y nobles de heroicos espiritos, segun V. merced ora es, y otros tales. *Ger.* Como he nestes certo ser meigos, & lesungeiros, a fim de seu interece. *Agr.* Por donde queda la comparacion prospissima, linda, y galana, aunque en el cauallero a que la hizo quedò

Acto segundo

quedò muy falto que deuiera cumplir para conmigo. *Ger.* Como està magoado, todos saõ amigos de seu proueyto. *Agr.* Aca en Portogal, penso, la gente no es destas cosillas de ingenio, y de ciencia, ni creo las entienden, y de aqui viene no preciarlas. No hay otra tierra sino Castilla, para hombre viuir por su abilidad, y ser conocido, tratado, y regalado entre los mejores, que en buena fe de gentil hombre, con mi capa rota, me sentaria entre Duques, y Mayorazgos, pues y que tales? Los Infantes de Carrion, y los de Lara, ya los aurâ oydo nombrar. Hartas vegadas, por vida del Rey, me he visto con el Duque del Infantazgo, y con el de Najara pareja como hermanos, platicando en donaires, y mil cosillas buenas, sin hazer diferencia de personas. *Ger.* Tudo a pouca vergonha oufa, & faz. *Agr.* Portogal, señor, no es para hombres de bien. *Ger.* He logo para velhacos, como tu es: todos dizen mal delle, & vence cà como à terra de Promissaõ. *Art.* Ha muyto q̄ viestes de Castella? *Agr.* Quinze dias aurâ que soy llegado en esta ciudad, y Dios sabe, que nunca pensè venir a ella: alomenos tan destrozado, que se afrenta la persona de sy mismo en mirarse tal. *Ger.* la tardaua o fazerse fidalgo: ha de dizer que vem por omezio. *Agr.* Empero, pues Dios fue seruido, el sea loado
con

con todo, yo me satisfago, & contento con tener ingenio mediano, y no ser del todo nescio, como los ha muchos por acá, cà mientras la persona tuviere salud, no le ha de faltar del pan: porque la ciencia en toda parte es mantenimiento, y provision. Y como dizia el otro: todos mis bienes traigo conmigo: assi lo experimentò aquel tyrano Dionisio Rey Siracusano, que cayendo de su silla Real, vino a enseñar muchachos, mueue fortuna sus aguas dulces. Harto descuydado viuia ya de ella, mas como raramente perdona a los buenos, hallome, quiça, de su jurisdiccion: porque no pudiesse alabarme del mundo traidor. Bien lo dixo por cierto, aquel Legislador Solon Ateniense al rico Cresso, que antes de muerto, no pensasse llamarse dichoso. *Art.* Sei que ouuestes lâ algũas desauenças. *Agr.* No entiendo señor: q̃ llama desauenças? (*Ger.* Samos Gregos para elles, & o dia que entramos em Castela, cumprenos trocar a lingoagem, porque nos entendão, & assi o fazemos, & elles de brutos, & maçorraes, em toda sua vida alcanção a nõssa, viuendo antre nós.) *Art.* Brigas. *Agr.* Ah bregas, quistiones, pendencias, discenciones: mire como es copiosa nuestra lengua. *Ger.* Para mentir, tudo o seu he bom. *Art.* Señor sy, a seruiçio de V. merced: bregas han sido, y harto reñidas.

Acto segundo

das en buena fè, que jamas falta vn roin, para defafoffegar los buenos. Ca en verdad,ansi Dios me buelua sano delante los ojos de mi cara madre,y señora,y fino,que nunca recobre mis perdidas, no era mas mi proposito aquel, que ora V. merced puede tener de hecharme en la mar,pero no se pueden sufrir afrentas, endemas delante damas,y adrede. Fue el caso que yo señor mio andaua en casa del Almirante,y tenia su acostamièto,y aun era harto de su seno: y vn sobrino suyo de imbidia,quizo afrentarme adrede,y huuieralo hecho,sin duda, segun venia adereçado, fino me hallara aprecebido,con seys hombres, por Dios del Cielo, todos hechos como relojes, me toma en vna calle angosta,que estaua yo con mi guitarra,diziendo vna prosa a cierta señora frontera en vn terrado: yo viendolos defembainar, hago vn tiro con vna pelota,y hecho los dos por tierra, como lo pudiera hazer con vna escopeta, y con mi espada, y rodela, que es vna buena arma defensiva para tales tiempos, arpele a todos los cuerpos, como si traxeran armas de casco de cebolla. En esto sobreuino la justicia: yo por no caer en manos della,y ser necessario sufrir su mala creança, salgome como Leon por antre los porquero- nes,hiriendo a diestro,y a siniestro en ellos, como

en abejas. *Art.* Não sey qual he mays paruo , eu em ouuilo , ou elle em cuydar que o creyo. *Agr.* Y despues que acà foy venido: porque yo no parè hasta passar la raya. *Ger.* Effa creyo eu. *Agr.* Hã-me dicho , que de mortajas hize ricos los clerigos, y para curar los heridos, fueron llamados los medicos de Aragon, por no bastaren los de Castilla. *Ger.* Isto ja não he pouca vergonha, mas suma fimpricidade: & leixayo hir gabarse de nós a Castela. *Agr.* Anfi que señor, esta ha sido la causa de my desdichada venida en estas partes , loado Dios, con mi honra sana. *Art.* Como he vossa graça? *Agr.* No entiendo señor. *Art.* O vosso nome. *Agr.* Mi nombre, señor, Agrimonte de Guzman, a seruicio de V. merced, y de los buenos. *Art.* Soys da casa de Guzmão? *Agr.* Señor si, a lo que mandare. *Art.* De que terra? *Agr.* De Siuilla la noble. *Art.* He grande pouo? *Agr.* Tomà por ahi si es grande, es cosa de admiraciõ. *Art.* Abastada? *Agr.* No se puede pensar, ni imaginar, por Dios , mas anegas de trigo penso coge Siuilla, que hay peces en la mar, y estrellas en el cielo. Pues el azeyte de su Axarafe, valgame la verdad , que no querria descomedirme: mas sin duda, puede hauer otro diluuió, si a caso llouieffe. *Art.* Ouui, & vereys onde para Serà tamanha como Lisboa? *Agr.* Màs, mi padre, es

Acto segundo

Lisboa vn rincónfillo de Siuilla , estoi por dezir que solamente la Iglesia Mayor es tan grande (si mayor) como Lisboa , y no le quito ser harto populosa, pero no tiene que ver con Siuilla. Pues las gradas donde es la lonja , o logar do concurren los mercaderes , es bastante para recoger en si vn exercito mayor que el de Xerxes, aquel que mandò açotar la mar, por le ser rebelde, y no querer obedecelle. *Ger.* Bem emperrado estâ este, & todos saõ asî. *Agr.* Si V. merced viesse la casa de la contratación , donde ocurren todos los negocios de las Indias, y se despachan por tres oficiales della: valasme Dios , y que de marauillas hallara : alli podiera ver mas idolos de oro, y plata, yo vi con estos ojos, sin otros muchos , que no tienen cuento, alli vn idolo , que si le pusieron en mitad dessa mar, representara la torre de Babilonia. *Ger.* Ia não estou por o seu mentir , mas ser tão paruo , que cuida que o cremos: a isto não ha paciencia. *Agr.* Dia ha señor, en que entrão dos mil naos cargadas doro, plata, perlas , aljofar , y otras riquezas q̃ no tienen summa: tinaja de oro traen , en que se guro yo sin duda, que quepa el Tajo. Ay nao que trae sem mil arrobas de plata. Salen de la casa de la moneda cada dia recuas de oro , y plata amonedada, como si sacassen agoa del Guadalqueuir,
es cosa

es coisa de ver los montones que en ella ay. *Art.* Espantado me tendes, não cuydey que hauia isso no mundo : & essa cidade serà calçada de prata? *Agr.* Si señor, pues si viesse su alameda, donde las damas van por su deporte espaciarse en sus coches, no ay coisa de tal recreacion. *Ger.* Mas de tanta desfolução, & soffrese. *Art.* Segundo isso, pouco vos contentarà esta nossa terra, que he toda pobreza, & pouquidade. *Agr.* Falta agora no me satisfaze mucho: màs concepto tenia della, mas por isso dixo el otro : de luengas vias. *Art.* Poys que determinais fazer aqui? *Agr.* Querria assentar con el Infante Don Luys, cuya fama de magnanimo Principe, fauorecedor de toda abilidad, buela por el mundo. *Art.* Sabey que em partes de sua Real pessoa, condição Real, animoso espirito, & peito creador da virtude, que nada deue aos presentes : & eu fiador, que se vantage aos passados, offerecendose tempo de se mostrar. *Agr.* Por alla nombradia tiene. *Art.* Com justa razão. *Agr.* Yo le tengo hecho vna obra en poësia, de quanto arteficio pudo imaginar se. *Ger.* Estes como são de se apegar ao melhor: em pondo olhos em Portugal, logo amarrão suas esperanças no Infante, que he a gema delle. *Art.* Fazeime merce que me digays algũa cousa, que vos lembre della : porque
tendes.

Acto segundo

tendes materia para vos esprayar em seus justos, & diuidos lououores se os tratays d'elle mays que Homero nos de Achilles. Agr. Pues por tanto, oyga, vea, y sienta, que quanto la materia sobra a la obra, tanto la obra se lleuanta, y suena con altissimo boato, pues dize, y propone para tratar:

*Tome su cythera el Delphico Dios,
Las Diosas Tespiadas hagan su choro,
Y vuestro loor relumbre como oro,
Segun que en nascidos soys el Phebo vòs;
A mi flaca musa, en esto empleada,
Preste sus alas aquel Pegasseo,
Y tiña la tierra el Mauorcio Aseo
Qual Libia quedò de monstros sembrada.*

Art. Vay profundissimo, não se pode negar. Vòs deuieys estar afinado quando tal fizestes? Agr. Es todo poësia encendrada, y hagolo yo a la manera del claro, y obscuro de Ioan de Mena, si le ha visto, que nadie ha podido imitar fasta agora. El estilo es heroyco, en que se cantan los hechos de los heroes: y quanto mas va adelante, muestra mas sciencia. Y esto es solamente el exordio. Art. Dizeyme, trazey algũs chiftes nouos? Agr. Muchos hize ya, empero lo que al presente se vsa más en
Castilla,

Castilla, es buena prosa. *Art.* Que chamays prosa? *Agr.* Siquiera V. merced no entiende? Nunca escriuio carta missiua a su dama? *Art.* Ia vos entiendo, cuy dey que erão cantigas para andar às Ianeiras. *Agr.* Que diablo de Ianeros? No hay quien entienda esta vuestra language. Llamamos prosa vn rasonamiento. Ponese vn cauallero, y vn galan, con vna guitarra, y habla cantando con su dama: ni mas, ni menos como vn coloquio, o dialogo enamorado, y gallano, y es cosa de mucha recreacion, y passatiempo. *Art.* Sabeys algũa? *Agr.* Yo hize vna estremada a mi proposito, y en buena cè, que la estaua cantando, quando me acaecio la desgracia que le he contado ser causa de mi destierro. *Art.* Ora dizey por vossa vida, por ser couisa noua, que deue ser aprasiuel. *Agr.* No sè si se me acordarà. Penso que empeçaua desta manera.

Proza.

CE señora, que se vâ el tiempo, prestad siquiera a mis terribles anxiedades aquellos çahareños, & indiablados oydos, que de mis inficionadas, y orgullosas quexas hazen collacion. Vengan ya los relampagos de su rubicunda vista

Acto segundo

da vista, y el trueno de la organica voz aliuiara los circunflexos deseos deste miseratissimo coraçon, por coger vn atomo de gusto daquellos rutilantes garços ojos, que me traen enuelezado. No le oygo con el ladrído de los perros, que por hazeros la voluntad muestran quererme dilaniar à manera de vuestros cordeales deseos, que me tienen hecho otro Acteon entre sus hambrientos donayres. Donosa estays señora, pues por vida de los Angeles, que si los Dioses Ytitanos Giganteos se hiziesen de vna conseja, y viniessen contra mi en las carretas que Dario hizo contra Alexandro, no harian mella, para hazerme dàr passo atras de la ingrifada opinion de seruiros. Callà que es zomberia esto. Fresco haze, por el calor en que me enciendo como phenix, y por la Phenix. Tal me tiene, que penso estar em medio de las sulfureas grutas de los Cicoplas. Bueno estaria por cierto quien descendir a sacar dentre las fraldas de Proserpina el Trifauce Cerbero: no creesse ser el mas chico seruiicio, que por seruiros, sin seruiros hazer puedo. Hazeisme cosquillas de celos, pues alende del cielo le cumple bolar para se erradir, y escapar de mis manos. Bien sè que buelan mis adrimeticos sentidos, por caçar de escalera mi desventura, mejor que el aue de Iupiter.

ter. Ah derreniego de la compôficion Espherica, que niñerías son effas, hago pleyto, y homenaje a la Claua de Hercules, y al Tridente de Neptuno, que si fuelto la rienda a mi corage, de mis ojos, heche centellas de fuego, que abracen la mar, y le confuman. Y si difparo los congelados fofpiros mios, la menos cofa que haran, ferà llevar los elementos, como pajas, a anegallos en las agoas del Cielo cristalino. luzgad pues quanto os quiero, y si la razon, por la finrazon, que me fuerça, y esfuerça la fuerça, que fuerça mi pensamiento a fintir lo que no fentis, y fiento no fintirdes, para que yo fienta vuestro deffabrimiento, &c.

Yua por aqui difcurriendo en que paffan grandes altercaciones, de parte a parte, donaires, renzillas, amiftades, y paffos sotiliffimos de entrambos: cofa mucho para oyr, de quien bien la propone. *Art.* E he gråde? *Agr.* Bien ferà de feys, o fiete pliegos de papel. *Ger.* Como he prolixo hum Castellano. *Art.* Ora algum dia vos hey de ouuir cantala, que deue fer muyto para ouuir: & haueif me de fazer merce dalgũs papeis voffos: porque eu para coufas destas deípirmeis. *Agr.* Yo holgarè de feruir a vueffa merced en lo que fe ofreciere. *Art.* Eu tambem vos feruirey. *Agr.* Adonde le

Acto segundo

hallarè? *Art.* No Paço, & daruoshey a conhecer com os Cortesaões, & dahi hiremos à minha poufada. *Agr.* En buena hora, mañana yo vendrè. Bezo las manos a vueffas mercedes dos mil vezes. *Art.* Beijamos voffas mãos.

SCENA DECIMA.

Artur do Rego. Germinio Soares.



NA M gostastes muyto da sobeja lingoagem do Castelhana, & como vinha real? *Ger.* Jurarey que vay jurando, que vos tem acolhido, porq̃ todos cuidão que nos vendem com sua fofiteza. *Art.* Não vèm com nosco palmo de terra, & nós somos tão apagados, q̃ os ouuimos de fiso. *Ger.* Diruoshey hũa verdade, todos somos de perdoenes Deos: tambem antre nòs ha manqueiras que nos elles notão, com muyta razão, mas eu tenho q̃ somos nòs com elles humauos, & elles cõ nosco ingratos: porq̃ aceitamos suas cousas com gosto, & elles sofrem mal as noffas. *Ger.* O peor q̃ lhes eu acho, atinarem mal a verdade de nòs, tendo tanta vezindade, & comunicação: & parece q̃
nãõ

não goftão o bom nome Portugues , achando a a noſſa amizade tão certa, que nunca lhe erramos nella. *Art.* Não ſey ſe ſomos aſſi com toda nação, que ſe nos acha em diſcuberto, não nos perdoão, & fingemſe amigos, quando não vem a lũa. *Ger.* Tenho que he enueja que nos têm, & q̄ nos encalma, & afronta, lealdade, & caualaria Portugueſa. *Art.* Como ſe rirão diſſo todos. *Ger.* O Caſtelhano de nós rindo vay, & nõs delle, Deos ſabe quem tem razão. *Art.* A razão, he, que nos ſoframos todos, poys he tão eſquiua a natureza humana, que de nada ſe ſatisfaz , & de ſy propria ſinte menos, & a inueja reyna antre os conhecidos : por o que ſe ha de viuer de tanto me dê para com o mûdo, viſto que quanto mays pretendeys grangealo, menos o ſatisfazeys : & os que vedes que viuem de artificio contrafazendõſe em branduras , cortefias, & afabilidades, & tredos ſobre tudo: também ſão entendidos, & tomados às mãos. Por maneira que tudo he, ſe cuydaſtes, cuydamos, & então ſeja diſcreto quem vòs quizerdes , que eu não ſey ſe ha algum ſeſudo. *Ger.* Poys por tanto ſabeys qual he o bom de tudo? Ser muyto namorado: porque com eſte aziar dais vento a outra dõr. *Art.* E eu diſſo ſou. Vamos por aqui, & mostraruos hey hũa rapariga, que me não quer mal, & como o pay he

Acto Segundo

rico, & não tem outra, soulhe deuoto, & pretendo encrauala: porque faz muyto em meu partido, cahir neste atoleiro. *Ger.* E parece bem? *Art.* Isso logo lho escusarey, se quereys que vos fale verdade: porque como teuer aquella coufa, a que chamais moeda, per que me honrão na Igreja antre bõs, & na praça antre royns, logo supre minhas faltas, & as suas eu lhas sofrerey, como não desfazem em minha pessoa, nem perjudicão meu estado. *Ger.* Freos dourados não fazem o caualo melhor, & asy ninguem deue gloriarse, senão do que for seu proprio, *Art.* Poys por tanto vossa razão faz mays em meu proposito. *Ger.* Desfaz logo vossa danada tenção em vosso gosto. *Art.* Haueys vòs que he pequeno gosto encherme ella a casa de dinheiro, & com elle muyto descanso para o meo da vida, & muyta honra nas conuersações della, & não dos cuydados, & fadigas que trazem essas muyto fermosas pobres? Quereys que vos diga? Esperança de premio, he consolo, & esforço de trabalhos: & ja que os hey de ter em seruila, não faço mau fundamento. *Ger.* Todavia o contentamento he todo nesta parte: teuesse eu este, & vòs os thesouros de Midas, de que nunca sereys farto por lãa calidade: porque crece a fame com a abastança no auaro, como a sede com a agoa no idro.

no idropico:& cazar com molher fea,màs rica,he ter bem de comer com fastio:achala boa , esta he a mayor riqueza , nem ha cousa tão gostosa.E poys não he pobre o que tem pouco , saluo o que deseja muyto, não importa tambem , que tal he o estado,se vos elle não contenta:por o que quero mays que tudo o meu contentamento: Eu así o digo. Que mór contentamento que cazar com molher que tem moeda para sustentar a vòs, os filhos,& os seus appetites,& não com a que traz para casa presunção sem rayz? Gasto de excessos, alem de sua sorte,& o coytado,caue,roce para lhe softentar a fantasia nella impropria , & para elle afronta,se o quero fazer,não posso : se o não faço, não viuo:ási que vos armão rostinhos sem lastro de bom cabedal.Eu não me fio tanto da fortuna, ferey paruo,& mao galante, que sobriſſo não debato:mas daime dinheiro,que o al terá remedio, & com elle faruoshey da senhora,ortas de Valença.*Ger.* Iſſo he logo cazar cobiça com dinheiro,& não homem com molher.O casamento ha de ser fundado sobre amor, & não interesse : donde Licurgo mandaua em suas leys , cazarem as virgões sem dote,para que nenhũa,por pobreza,fosse engeitada , nem por rica cobiçada , mas escolhida por sua propria virtude , que affas , & bom dote

Acto segundo

he o da casta, & virtuosa. *Art.* Anday vòs a bõs dichos de Philosophos, que o tempo he muyto diffo. Essa moucarrice, passou ja, & se Diogenes, como dizia Aristipoja, então soubesse o vsar dos Reys, não comeria verças, & outro tanto vos digo eu, se gostardes dos prazeres da riqueza, & cairdes bem na conta de seus proes, & percalços: riruosheys doutra fermosura, porque não podeis negar que a necessidade em toda cousa he trabalhosa, & ao homem sobre tudo lhe he necessario possuyr, & tudo o al pode escusar, & inda que tenha a prudencia de Radamante, & sayba mays q̃ Sifipho, não conjunta. O neruo da guerra, dizem que he o dinheiro, & eu digo que he neruo da vida, & o todo, & de tãta força, que tudo arraza. Este dà gosto, dà molher, dà pay, dà filho: & se falta, fica tudo engelhado, como terra sem agoa. Poys amores, nenhũa cousa outra os faz corridios, como dinheiro: & sabey que he sangue, & alma do homem, que se o não tem, anda morto antre viuos. E sabey quanto pode? Que resiste à mà ventura, á infirmitade, & a todos os males. Encobre as faltas, aformosenta os defeitos, adquire as vontades, faz suaue, & aprasiuel a conuersação. E aquelle corno da abastança, que os pintores pintão com fruytas, & flores, he a figura do dinheiro

com

com que tudo vos sobeja, amigos, valias, erdades, tudo em fim: acatado do pouo, feruido de quem volo não deue, sofrido dos que vos tem por infriuel, discreto sem o serdes, venerado dos imigos, & até a natureza vos renoua: porque sendo desfazelado, feo, apagado, & mudo, vos cõuerde em lustroso, galante, conhecido, & eloquente, & até enfermo o faz contente por os remedios que lhe sobejão, & a outros faltão. Por onde não deueys acoyarme pretender ser rico, sendo o selo tão necessario, tão fruytuoso, & tão sabido, inda que gema có mimo de gota: q̃ eu para mym tenho, q̃ não ha pobre são, poys não ha mayor necessidade, & rideuos doutra discrição, poys sem dinheiro não tem lustre, nem voz. E por isso respondeo Simonides, perguntado qual era melhor, possuyr riqueza, ou sabedoria. Vejo os sabedores frequentar as casas dos ricos, & agora differa idolatrar os poderosos, & de maneira que hũa bolsa de couro per sy he sem preço, val segundo o dinheiro que tem. Assim os ricos que de sua natureza são nada, são estimados segundo o dinheiro que tem: porque vemos que os incrinados, & dado á musica, às artes, & a tudo o mays que quizerdes, todos juntamente desenhão seu final intento ao tẽr dinheiro, & como tem este, tudo o al despreza, ou tẽm

Acto segundo

têm por acessorio: porque com o dinheiro lhe entra o credito, a discrição, & quanto pode desejar. agora filosofai vòs quanto quizerdes, mas a verdade he esta. *Ger.* Não podeys negar da riqueza ser viciosa, & soberba, de pouco saber, & couarda, esfaimada: porque quanto mays tem, mays deseja, enuejada, acoymada, não estima os bõs do tes da alma: porque se funda no que tem, & com o vicio corrompe os do corpo: perde o sono, que he o mayor descanso da vida: tudo lhe he sospeitozo, os seus filhos são os peores: porque os dana a abastança: se quer lograr se, gasta se: o guardala he trabalhoso cuydado: o adquirila desejo insaciavel. E dizia Socrates, que na cidade prospera, & na casa rica, não acha a virtu de morada: quando viuo, aborrece, quando morto, não chorado: & mil outros males, que o rico não entende, & padece. E basta que a fortuna dà a riqueza, a escaseza a conferua, & a liberalidade a desbarata, & raramente dura. *Art.* Couza tão experimentada no vso de cada dia he escusado profiala, & a vòs mesmo vos dou em proua. *Ger.* De modo senhor que vossa dama he fea, & quereila arrayar do alheo? *Art.* Não digo eu tal. *Ger.* Dailo logo a entender em procurardes sostentar o partido das feas. *Art.* Entendeyme vòs senhor. Eu digo, que não me

mato por fermosura tal estreme, quãto ora muyto, que antes a queria amoedada. Cã bem sabeys que beleza, y virtude, não caza neste tempo. *Ger.* deixa de ser mal feito, & bruteza de juyzo. E por isso dizia Aristoteles, preguntado porque erã amadas as cousas fermosas, que era pergunta de cego, & por tal deue ser tido quem não se render à a fermosura, mayormente virtuosa, & a não antepozer a todo o al, que o mundo tem, que esta gainha amigos, & não pode ter imigos, & he na molher, qual a força no homem: & de não se ter muyta conta com a virtude fermosa, cuydo que ha muytos mal cazados, que he vn laberinto infernal, de que não se sae, saluo por morte. Ora não vos lembre isto. *Art.* Senhor meu, hasse de viuer com o tempo, que poem, & tira leys, o qual nós mesmos fazemos mays custoso para nós com nosso descomedimento, & novos excessos. E deste erro nadem todos os outros maos foros que temos admetidos: estranhamos, & seguimos: culpamos, & fazemos. *Ger.* Assim he, mal pecado, ninguem pode fazer o que entende, ninguem entende o que deue, & o mundo, todo he qual Deos melhora. *Art.* Poys por tanto he bom, quem pode, melhorar-se em ser rico para ser nobre: & antes que cazes, cata que fazes, que não he nõ que desates.

Acto segundo

Cazar pobre he defauéntura que duràtè morte: porque a pobreza, sabey vòs quanto quizerdes, sempre foy afronta para a vida: & fermosura não mata fame. Mas por cima de tudo isto, así pareça a minha dama, como me ella parece. Os seus olhos são cometas: poys o rosto he da estrela Boyeira pondose o Sol. Cabelos, não ha mays linho alcanue. As mãos, não venhão alfeioas da çuquar refinado. *Ger.* Noua maneira de gabos he essa. *Art.* Poys quereys que seja eu tão paruo que me lance pelo estilo dos Poétas, que todos vão dar consigo em hum mar de etiguidades, que enfastião? *Ger.* Eu senhor tenho minha poësia noua, & faço minha viagem por fora da rota de Ioão de Lezina, & benzome da vitola dos antigos como de espirro: porque são musicos de fantasia sem arte, & não alcançã o bom dagora, que tem furtado o corpo a idolatrias contépratiuas quando lhe dizia: en tus manos la mi vida, encomiendo condenado, & então logo morrião: vinhão os testamentos, os infernos da mor, & tudo era ayre. E vòs jaleys na cama, & eu ando pela lama, & a dita senhora sua dama estaua mays vaã que Helena, quando do Alcaçar Ylion via matarse sobre ella toda Asia Assentay hũa coufa, cada vez os homens sabem mays. Não vos abafem velhos com

vos dizerem: no meu bom tempo era hum Rey tal, os senhores taes, os galantes fazião, & acontecião: tudo são patranhas, ninguem me fale arauia, sabem mays defaceys annos dagora, que os sessenta dos passados. E de se hirem açacalando os engenhos modernos, ficão os antigos botos, & ferugentos, que não têm aço. Por tanto não vos vades per o que dizem, que se lhes desaprazem os trajos curtos, nos rimos dos com pridos, & somos tão apurados ja no bom sentir, que o que elles tinham por gentileza, condenamos por grossaria. Ia não ha quem endoudeça da mores: he mays sefudo o mancebo dagora, que cem Demostenes, de quem contão por estremo, que não quiz dár dinheiro a Layda, dizendo que não comprava o arrependerse. E os galantes modernos refinados, não sòmente o não dão, antes o pedem, & aceitão das damas, que he outra discrição apurada. *Ger.* Ia essa opinião he peor, & assi còramos nossas faltas em tudo. O ganhar dinheiro com dinheiro, chamauase onzena, de que os passados fazião carantonhas: agora està tanto em vso, & costume, & a maldade o facilitou de maneira, que o primite entre sy, & chamayslhe cambio: mas o bom disto Deos o aproue. *Art.* Per hy o que vos digo como se vay apurando o saber, & de maneira que cada dia

Ação segundo

dia se descobrem nouas terras, & regiões hauidas por defabitadas, & innotas dos antigos: assi tambem se achão nouos estilos de vida, antigamente não permetidos, nem alcançados, fauorecidos, & louuados agora. Por onde não esfranheys, nem hajais por mal, terse o amor acomodado ao costume, & habituado ao proprio interesse que lhe dá sombra para vultar, & lustrar, & não se tem em mays preço a pessoa, saluo segundo o que possuiue.

Ger. Affas mal he esse, & occasião de muytos. Aquelle grande Temistocles Caualeiro Capitão, & discreto, cometêdolhe dous homês para cazar com sua filha, escolheo o virtuoso bem costumado, antes que o rico: dizendo que queria mays o varão sem riquezas, que riquezas sem o varão.

Art Isso passou ja com os ^{gorriões} ~~berroes~~ de meya volta. Não ha cousa que encubra manqueiras, & aformosente faltas, como moeda. *Ger.* Ah hiuos di: como se pode negar jurdição â gentileza, damice, galantaria, arte, & discrição de hũa gentil dama, abrigo de hum apasionado espirito, que a compra por a mays rica, & fermosa pessoa que a natureza tem? Aquella graña que faz rir o mundo? aquelle despejo que lhe dá bataria? & aquella meguice que rende os brutos? Fraco he o juyzo que lhe nega obediencia, & de tudo se lhe deue a escolha.

a escolha : mas foys muyto mao namorado , esta he a verdade. *Art.* Vos deueys ser perdido por damices, & querelasheys que seirão hum chocalho, ou pandeiro, & eu vou noutra bolta , riberas del Doro arriba : não quero molher que me passe pela casa nos bicos dos pès, com torcicolos , & o corpo de engonços, & mesuras requebradas, sem mays cuydado da casa, & quando muyto, de ouciosa, faz algũa hora desfiados. *Ger.* Segundo isso, não foys de hũs que dizem, que he de vilão roim querer que fie, & amasse. *Art.* Esse mao: Oçtauiõ Augusto Monarcha da Asia, nas armas , & letras singular: mandou a suas filhas aprender todo officio, com que a molher pode manterse, & aproueitarse, & alsi fiauaõ , & teciaõ tudo o que vestiaõ: porque a molher ouciosa, nunca fez bom feito, & faz muytos maos. *Ger.* Vouuos entendendo, que-reys rapariga caseira, fazendeira, tauanes, que em casa de seu pay traga as chaues, manda o almoco à vinha, escolhe azeytonas com luuas de cabrito, & forneja na quintãa, gabada do pay de moça de grande recado, & ella encomendalhe que lhe traga da feira hũa ciranda para a çafra. Poys sabey q̃ para a minha arte , antes a queria fanqueira que gaste a vida em tirar ouçoõs , & ouuir ouciosos. *Art.* Vedes que não cahis nesta musica, que a molher

Acto segundo

lher haueyla de querer que seja hũa cordeira, matizada da mãy sò soffrer as carrancas do pay, corrida, & não despejada. *Ger.* Segundo isso, quereis que seja paruoá? *Ar.* Diruoshey: receber gloria do alheyo, he cousa vaã, & a discrição de minha molher, não me faz discreto: ja se ella entra em dominio, & por ter em pouco o marido, & fazer de sy muyto, toma a mão a mandar tudo, adubar as vinhas, fazer obras, & pagar a feria: estas pegas são basiliscos. *Ger.* Não me podeys negar que tem grandes quebras molher paruoá: porque Eua pecou de necia, & he necessario que o não seja da malicia do homem, que como naturalmente são incrinadas a nouidades, se não são traquejadas na noticia das cousas, sobejamente recolhidas, com hum birimbao se enganão. Ora vede se está bem auiada, & segura a honra do homem, que pende da cabeça de hũa borboleta tola. *Art.* Para mym a mays perigosa he a que presume de discreta, & o perderse ella, está em terse por essa. Eu sou de hũa alma fingela, que aprenda de mym, qual a de elRey Geron, que não estranhaua chiralhe mal o baso: porque cuydauão q̄ tal era o de todos os homês. Esta sumpreza me arma, antes que os resabios de hũas graciosas, que falão desenuoltura, & as cengas que zombão do prègador:

prêgador: porque estas, com nada acertarẽm, nunca cuydão que errão, & a que menos fia de sy, acerta. Nem nas cerimoniaes da Igreja a quero destra: porque não sey se lhe dê de necessaria fouteza, & confiança para o acatamêto diuido. E confessouos, que ando tomado do muyto despejo q̃ lhes nesta parte vejo. *Ger.* Senhor, a peor gente do mundo he homẽs, & molheres. De ninguem ha que fiar, & de todos que temer: por o que me refumo, que não ha ley que não tenha contradicção, nem estado satisfeito, nem acerto que não seja notado, nem cautela que não tenha contramina. Fiome tão pouco do saber humano, que me rio de todos os seus tentos: não vejo grandes erros, saluo em grandes discretos. Todos receceamos os costumes alheyos, & lecenceamos os proprios. Sabeis a cousa que me não leua o estamago de cansatiua? Querer ninguem consolar outrem. Vereys que hum homem rebatido de sua mã ventura, de qualquer sorte, com dôr, & sentimento q̃ o estila, volteando sobre magoas, & o consolador muyto pratico, & desenhado com o pensamento dali a cem legoas em seu gosto, dà razões exquisitas cõsolatiuas, todas infladas em prouarlhe ser bom o estado misero, & que aos seus amados apura Deos nos trabalhos, q̃ assi entrou o mũdo,

Acto segundo

& ha de fayer, & por aqui mil marauilhas mays caldeyadas que recuerde el alma dormida, & quem padece, padece: porq̃ não cuydo que pode consolar, saluo quem pode remedear, & todas es-
foutras caramunhas consolatorias, he vento. Es-
forços de saõs para doentes, saõ enxaropes que o
estamago apafsionado, em os ouuindo arrebeffa.
Eu tenhome cõ o que dizia Chilon, que asy vos
lembre a morte, que não vos esqueça a vida. *Art.*
Beijouolas mãos senhor, não digo eu mays. Fol-
garia muyto cõ a molher discreta, fermosa, agra-
ciada: mas hame de lembrar se traz alforge, para
passar a vida, que a morte não he mà, mas o ca-
minho para ella si: & se este he mau, que outra cou-
fa he melhor? *Ger.* Soys muyto profioso, & cabeçu-
do. Não se pode falar com uosco de siso: homé tão
mundano, & tão entregue a vaydades do mundo,
para q̃ he bom? Ora vinde ca: asy como vòs juei-
rays a molher, & não lhe sofreys eruilhaca (porq̃
falemos moral) porq̃ não se terà esse exame nos
homés. Que estè hũ coychado de hum pay criado
hũa filha nos seus olhos, mays mimosa que hũa
alcorça, mays enfeytada que hũa bolo de rodilha,
mays velada que hũa fortaleza antre imigos, ma-
tinada como hũa oxa, doutrinada como hum po-
dengo, & que lhe ajunte hum celeiro de formi-
migas

migas para contrapezo da sua virtude , & do seu primor: para assi carregada como ouriço cacheiro a entregar muytas vezes a hum vffo que a não entende, nem estima, nem sabe tratar? Que razão ha para antes que este pay tão namorado desta filha, que todo se desfueiou por empregala bem, & a criou com tão amor, & que nella tem o seu goffo, & por ella se despede do q̄ tem: não deua affar, & tirar hũa grande pesquisa da condição, da calidade, da vida, & dos costumes deste senhor, que pede, & escolhe mulher nobre, discreta, fefuda, fermosa, & virtuosa, & rica? E elle quiça carece de tudo isto. Sòmente diz, que tem moyos, & que ha de ser , & acontecer. E o dito senhor foy criado em muyto vicio, & muyto mal acostumado, & muyto nescio, & desbaratado, & sobre tudo mal acondicionado. Ora porq̄ tem moyos, entregailhe, sem mays confideração o voffo mimo. *Art.* Está bé pôderado, & diruoshey, como diz o Cura: diga cada hũ por sy, como eu digo por mym. Quem çazar sua filha, veja o q̄ faz, que inda vos en confessarey, q̄ ha menos homês de tomo, q̄ molheres, quanto a mym, bé parece o primor nellas. *Ger.* Poys como ha contentamento, o comer nunca faltou , que a prouidencia Diuina aos bichinhos sustenta. *Art.* Não vos tenhays a essas atenças. Viuer â mer-

Acto segundo

ce de Deos, tanto he, mas queria saber se viueys para lha merecer. *Ger.* O senhor o faz, porque he visto que ante elle não ha merecimento, saluo o que elle habilita, & ella lho merecerà por orações: porque todas são deuotas. *Art.* Cuydo que não lhes dura essa deuação, mays que em quãto são solteiras, por cazarem, nem o laurar, & outras habilidades que sostentão por acreditar-se, a fim de suas esperanças. *Ger.* Ora vòs dizey o que quizerdes: mas eu as tenho em melhor conta, & reputação que os homês. A charidade, & amor, que em nós falta, sobeja nellas. A deuação de que carecemos, ellas a tem, & todos seus erros, são culpas nossas. Na molher ganhase companheira para conselho, & para esforço nas fortunas, para gosto nos prazeres: discrição para o gouerno da casa: amor para crear os filhos. Finalmente hũa manilha para o que quizerdes: & ella ganha no homê hum imigo dissimulado, hum catiueiro forçado, hum senhorio trabalhoso, & hum laberinto de vontades, & desgostos que ha de sofrer com rizo, & pairar com sizo. E sobriisso ha de compralo, & elle resgatala para vendela: porque não ha coração de homem, singelo para molher. *Art.* Tambem ellas coxeão nessa parte. *Ger.* As erradas q̄ são poucas, mas as virtuosas q̄ são as mays, são puras.

puras. *Art.* Sem razão seria negar seu preço às mo-
 lheres, mas como lho confesso, & estimo, & pre-
 tendo sostentar nella, & isto não podera ser sem
 moeda: & como a não tenha sobeja, queria que
 lhe não faltasse a ella, ja que se aforarão em gastar
 em vestidos, & vaidades, mays do que podem. E
 poy's são descomedidas no escuzado, não se escu-
 za trazerem o soprimto de seus excessos, sem
 os quaes se podera viuer com gosto, & sem neces-
 sidade. *Ger.* Nisso não ha que negar, & he hum
 mal gèral, & sem cura. *Art.* Poy's por tanto, que o
 padeção, ja que o causaõ, & o tempo castigarà tu-
 do. Cã não he sofriuel a deua. sidão que nisto vai.
 E porque vejais quanta razão tenho de me pro-
 uer nesta parte, anday, & hiruoshey mostrar esta
 rapariga: & vòs me confessareys, que he para a
 ter em algodão como almizquer: para o que ha
 mester muyto, por mays que, tenha, & que eu
 a queira por o que tem. *Gre.* Vamos
 ja que assi he.

L 3

ACTO



Acto terceiro



ACTO TERCEIRO.

SCENA PRIMEIRA.

Dinardo Pereira.

Grasidel de Abreu.

Rocha.

Cardoso.



B Eyjolhas. *Gras.* Que novas? *Din.* Af-sentarão na casinha, que quem não tem dinheiro, não faz o que quer. *Gras.* Grão certeza. *Din.* E diz que ouue braua altercação, & contro-uerfia entre os Bachareys, & o voffo voto mon-siur Rocha, que dissera aqui? (*Roc.*) *Auri sacra fame,* tudo agora he cobiça: mas Aristoteles dizia, que era melhor filosofar, que enriquecer. Isto porem foy quando imperaua Alexandre, que tinha Ho-mero na cabeceira, & ja então disse Dioge-nes que era o ouro amarelo, por se temer de to-dos os que o buscauão, mas que oxalã dessem to-das as aruores tal fruyto. *Din.* Eu sou disso. Soys grão. padre de lechones, & homem de barba para conse.

conselho. *Car.* Companheiro, ha que comer? *Roc.* Tamanha galga trazey's vòs? Oiuui primeiro as sentenças de voffo amo. *Car.* Mas as paruoices. *Dim.* Ora leixadas paixões, querome entender cõ vosco, que o ledes, & entendeys. O jantar està para dous toques? que eu, de vossa licença, tragolhe gana. *Roc.* Inda tem vagar: antretanto pode fazer sonetos. *Dim.* Ah galante, sou eu vòs para ter essa habilidade? Em fim, que zombamos? *Roc.* Logo serà seruido em vindo o mulato com certos esca-beches. *Dim.* Sejays bem cazado com a filha do juyz. Vossa panela arredada, ja me entendeis: vinho em frio, fatia de laranja, &c. E rideuos dos banquetes de Luculo, que o comer, ha de ser que não empache o estamago, segundo Auicena, ja sabeys. *Roc.* Estou no cabo, mas leixemos esse estado para o Cura Dalhosuedros. *Dim.* Por isso sou perdido por vòs, que com vossos pòs de Latim, fazey's rosto a tolo, digo Tulio. *Roc.* Parceiros ha-charey. *Car.* E não poucos. *Dim.* E soys para gouernar Veneza. Ora poys que assi he, tocarey o rapaz do Conde ^{Claros} ~~Daròs~~. *Roc.* De prazer vem voffo amo, algum passarinho nouo vio là. *Car.* Veria muyta má ventura, q̃ anda sempre apos estes. Pascoa mã venha por quem mo enculcou, que tão paruo he. *Roc.* Poys muyto sabera quẽ lhe tirar da cabeça,

Acto terceiro

que he a summa da cortesia, & discrição, & essa he ella a paruoice refinada, grande confiança, & pouca posse : são gentis partes para medrar para alfeloeiro. *Din.* Pregonadas son las guerras de Francia contra Aragone. *Roc.* O que elle tem para seu remedio, gentil voz. *Car.* Tal seja sua vida, & a minha, poys o demo así o quiz. *Din.* Como las haria triste, viejo cano, y pecador : ah pezar de Mafoma. *Car.* Quebroulhe a prima, inde bem. *Din.* Vedes, este delar tem a musica, quando estais no melhor, leixauos em branco hũa prima falsa. *Graf.* Dessas achareys muytas. *Din.* Como vòs podem estais real así empressado com essa varinha. Não ha mays estribeiro Africano, que foy alueitar. Que homem se perde em vòs, para tirar para a cera da Atalaya. Bem parece que não tem sua Alteza a informação de vòs, que deuia poys vos leixa así às moscas, seruindolhe de nescios solobros. *Car.* Ia meu amo começa, elle entrará ora na escaramuça do praguejar. *Roc.* Leixalos zombar de hús, que não faltará quem zombe delles. *Din.* Estou para me enforcar, por quáo enganados são os Principes com paruos, & eu que o sou mayor: porque não tenho cem mil cruzados de renda cadora para os não ver, saluo por jubileo, & dar quatro figas a elles satrapas que os chupão sem dò.

dò. *Car.* Vejo eu logo mau caminho para os terdes, nem de contado. *Din.* Diz que hei de ver, & sofrer valias sem merecimento, & quem o tem, anda às canastras, & então leixai mandar, & ouui falar cabrões nascidos das eruas, muyto foutos sendo moucarroés muyto noçétos. *Graf.* Como vòs vindes brauo, sey que vos picarão, que ninguem quer justiça em casa. *Din.* Quereys que tenha paciência com ver corações, lançar corninhos ao sol, alcandorados em toda soberba da sua fortuna, sem habilidade, a cujas carantonhas, eu leyo os bofes, cujos principios forão tão rasteiros, como elles esquecidos do que erão: & os que tem por aução, não podem arribar ao honesto. *Graf.* Quão longe de vos contentardes com o justo: isso são escumas de enueja. Fazey vòs os personages que elles fazem para sobirem, & não vos queixareis de vòs. Daime vós a condição seruil: porque o saber não basta para dobrala, saluo à força de necessidade, & inda así mal. Tanto pode a natureza de cada hum, que o que eu forçado não acabo comigo, faz outro com gosto. *Roc.* Sofrey logo quem tem tudo para vir à sua pretensão: que a nobreza adquirese viuendo, & não nascendo, que a virtude do pay, raramente se passa ao filho: & muytas vezes se vê no filho a que o pay não teue.

Acto terceiro

Cesar mays claro foy que o seu, & o filho de Cipião Africano ficou obscuro. *Din.* Não me podeys negar que até nas alimarias, & nas prantas também se mostra a virtude, & calidade do tronco donde procedem. Tudo o que nasce, tem semelhança da quilo de que nasceo. Não vos nego, porrem, que vay muyto na criação, doutrina, exercicios, conuersações & costumes, que aformosentão tudo: he como a enxertia, que parece emendar a natureza. Eu para mym bastarmehia ver estes, q̃ a fortuna leuanta em estado claro, não o merecerem com muytos defeitos proprios, mas saber seus baixos meynos de sobida, & notar seus maos modos de sostentar-se, leuamo mal a carne: porq̃ raramente dareys hum destes, que seja sofrível, & os mays são aborrecidos, & de mà digestão, esquecidos totalmente de seu principio. Entender isto me apura, que os não gosto. *Graf.* Sofreyuos logo a vòs, que os não seguis no que lhe notays. *Din.* Poys quereys que hum homem da minha arte, & calidade se faça bogio? Para o puto que assi voasse, não se pode imitar o que vos desagrada. *Agr.* Senhor meu, desenganaiuos, ou se defengane, toda opinião humana de seus escarceos, & furtos, que ninguem vay por onde quer, senão por onde o leuão, & a cõdição propria he leme da fortuna

de ca.

de cada hum, & por tanto, contentefe com o primor, de que outros carecem, se o tem: que Deos reparte seus dões a seu modo, & no mesmo modo manda que nos soframos. *Din.* Estou remedeado, & quereys que me cale. Triunfem os maos com sua maldade, & chorem os bõs com sua virtude. Isso armou aos Martyres do meu Senhor Iesu Christo: porque era o cabedal de seu emprego. Mas padecer por mundo tolo, carece de sofrimento em pena de seu erro. *Roc.* Pareceme Cardoso, que estes nossos amos falão largo em casa, & fora vogão pouco, & são magoas de acanhados. *Car.* Não que elles têm todos por paruos, & os discretos aborrecem. *Din.* Mays vos digo, porque vejays como sou carunchofo, & traça de mym mesmo. Ia entendeys quão preciosa, dina de grande estima, & necessaria para o vso da vida, & a recreação da alma, he a amizade em que se conserua toda a maquina do mundo. Ora olhay que fuy cuydar: Esta mesma amizade, tão frutuosa antre os bõs, he a mays perjudicial cousa antre os validos: porque primeiramente he falsa, & aquelle carcarejar que vedes quando se topão, os çalàs que se fazem, as rizadas com que festejaõ seus bõs dichos, he tudo fingido, o seu grangearse, contrafeito, & o seu conuersarse, forçado, & tudo se resume em hũa confor-

Acto terceiro

cõformidade de seu particular interesse, & danosa ao pouo, antes os queria imigos capitaes: porque este odio não pode ser tirano, & fica afa- bil aos outros. *Graf.* Não lhe erraes vòs a junta, & a esperiencia o aprova. *Din.* E quereys que baste sufrimento para dissimular com magoas tão pu- bricas? *Graf.* Fraca vingança, & de baixo espirito he o praguejar de ninguém. *Din.* Peor he o fazer porque senão que hũs padecem, o que outros lo- grão. *Graf.* Ao inuejoso entristece a prosperidade dos bõs, & ao reprehendedor, a dos maos, & aysi to- do o dano he seu. Faça cada hum o que deue por vir ao que pretende: leixe subir quem pode, que seu trabalho lhe custa. A bonança do bom, he justa, a do mau, carga para mayor pena. Meta ca- da hum a mão no lèo, & veja em que altura està. Ao prospero, he a vida gofstoza, & a morte, abor- recida. E pelo contrario, ao malaventurado he a vida pezada, & anojosa, & a morte desejada: o que tudo para os poderosos he peor, que tem mays cuydados, & mays temores: por onde, ha pouco, ou nada que enuejar a todos os presentes, & muy to que recear do por vir. *Roc.* Bem podemos nõs Cardoso, escuzar hir aos sermões, com esta lição dos ditos senhores. *Car.* Todas aquellas razões são boas de dizer, & mãs de fazer. Queria eu ser po- deroso,

deroso, & então gritem, & ameacem prègadores, que elles bem semeão a terra, mas o grão nasce mal, & prède peor. *Roc.* Eu disse sou, boa he a doutrina, sancta, & necessaria: mas estes altos são (como dizem) do Monte Olimpo, em que não se mouem as sinzas dos sacrificios que nelle fazião: porque lhe não chegão os ventos. Nòs cà a gente rasteira mays afinha nos alauarcamos: por onde quem vos gauar o estado consolado, gauailhe o inuejado: quem gauar Italia, & todo mundo, gauarlhe Portugal, & diga cada hum o que quizer, que na vida não ha mays que satisfazerse homẽ comsigo, sem ofensa de Deos. *Graf.* Fazeime hũa merce: fazeyuos cego para toda empresa alheya: na vossa ponde vossas forças. Contentayuos com o vosso jornal, que pay das familias, he, repartir o seu á sua vontade. *Din.* Tende ponto: he muyto velho ja o bom falar: tomay a Cruz, & huios ao hermo, que no meyo das ondas, São Pedro se afo-ga, se lhe Christo meu Senhor & Deos não dà a mão. *Car.* Meu amo està no certo, que effoutros inchados que puzerão o gosto em enlear o mundo com fingimentos. Poem o peito no Ceo, para descer à terra com o bico, & vnhas a que voão com seu intento. *Din.* Eu ja não lhe hey de contrafazer por nenhum interesse do mundo, nem darey o
gosto

Acto terceiro

gosto de praguejar certas horas, por todo o ouro do mundo. *Gras.* Exercício de ouciosos, & culpados: coytado de quem padece suas magoas. *Roc.* Não que vòs cuydaueys que era ella como eu, q̄ nasci para sofrer vossos mimos, & purgar peccados. *Car.* Porque? que passou? *Roc.* Zombou a dama delle altamente, & elle està sem paciencia. *Car.* Folgo: outro tanto queria eu que minha ama fizesse a estoutro, não velariamos toda a noute, & sabey que ella o traz braza: elle he aleijado por ella, & jura mym, que mays bela foy Helena. *Roc.* He condão das feas, serem ditosas: em desconto, parece, da vaã gloria das fermosas. Mas meu amo & eu, andamos atropelados: porque Dorotea fefeme peor que sua ama, & passamos ella, & eu hũas ciueis, em que nos calafetamos: & despejadamente me disse, que era liure, que me fosse enforçar. Eu com esta rayua fizlhe hum vilhancete, & determino mandar lho: porque agora que me ella despreza, parece que me toma o demo por ella, não sey se com rayua, se com amor. *Car.* Mostraymo, farey tambem minha ajuda. *Roc.* Sou contente. Vedelo ahi, & voulhe diriuando o nome.

Dorotea, d'ôr se atea
No meu triste coração,
Vendo vossa izenção.

V O L T A.

<i>Sey tempo, & nunca elle fora</i>	<i>Então m'ereis vòs senhora,</i>
<i>Poys este hauia de ser.</i>	<i>Agora o meu coração</i>
<i>Que vos lembraua, sequer</i>	<i>Chora vossa ingratidão</i>
<i>Outras horas, b'ua hora.</i>	

Car. Estay assi quedo, que voto amym de fazer outra, que vos abafe: & mays vâ sobre aposta. *Roc.* Vâ, & sobre essa morena. *Car.* Que pondes? *Roc.* Dous arratês de canelões a quem a fezer melhor: juyzes nossos amos. *Car.* Sou contente. *Dim.* E hoje que fizestes? *Car.* Aqui estiue enfadado com meus castelos de vento. Ora ouui agora, & escreueya com effoutra, que vão ambas da vossa letra, que não entendão qual he a de cada hum. E tambem diriuo.

Atè a dor que eu sintia,
Sintia por grande gosto,
Gosto morto, em que estou posto,
Posto que a não merecia,

Merecia

Acto terceiro

Merecia outra valia,
Valia o meu coração
Não padecer sem razão.

Roc. Está bem : vejamos agora em que se determina. Vay sobre aposta de qual destas voltas he melhor. *Din.* Feitas por ambos os ditos metrificantes? *Roc.* Senhor si, & importa canelões. *Din.* Segundo isso, dareys esportolas? *Roc.* Faremos nossa cortesia. *Din.* Do vilancete, he de saber quem o fez? *Car.* Depoys se dirà. Essa cousa ha mister bem vista de festa : porque se vâ logo fazer execução nos mesmos canelões. O que agora cumpre, he, jantarmos, & sobre a sentença descancay, que eu farey justiça, sem odio, nem afeição: & tudo se fará por sua ordem. *Car.* Quem não sabe meterse nella, mal a darà a outrem. *Roc.* Leixalos fazer quimeras na pouxada, & por derradeiro o vento leuavalhe os castelos. *Car.* Assim leuarà tambem os nossos. Ay de qué viue à merce de fundamentos alheyos. *Roc.* Peor he inda viuer à ventura da vôtade. *Car.* Venha o demo, & escolha. Bofè parece-me a mym ora, que hey de leixar este meu amo a boas noutes, & buscar outra vida mays segura; que esta do Paço, eu a julgo por muyto incerta, & tardinheira. *Roc.* O mesmo fizera eu, se me o tempo

tempo não teuera penhorado: porque tambem te
 nho entendido que traz mau fundamento a vida
 da Corte. *Din.* Parece-me que tambem se Rocha
 picou, & eu ando mouro por acolher minha pri-
 ma: sospeito que se me esconde: porq̃ Milicia de
 Fontes temlhe dito q̃ lhe queria falar, & digo eu
 que deue ella sentir-se culpada: ou de arrufada,
 por fingir sentimento, não sae da pouxada *Gras.* A
 cousa vay de monte a môte, os termos destas que-
 bras são muyto differêtes de todas as que ja tiue-
 mos, & eu hey ja de esperar o que passays com
 ella, para saber determinar-me: porque a determi-
 nação em todo negocio, he perigosa, & deue ser
 cuydada. *Roc.* Podem vir-se assentar. *Din.* Vossa pa-
 laura vâ diâte: venha agoa a mãos. Hũa cousa vos
 digo eu Rocha, que se eu fora vòs, a Dorotea ou-
 uerame de leixar as toucas nas mãos, por lhe da-
 nar a grauidade: porque não he compatiuel pre-
 sumir ella fazer cachas a essa pessoa. *Roc.* Bé o de-
 segey eu, mas não se me àzou. Ella anda muy re-
 môtada, & he muyto para ver a sua fantesia, & he
 hũa tinhosa q̃ ontem guardaua patas em Barque
 rena, & agora cuyda q̃ he pouco Para ella o Du-
 que Dalencrasto. *Din.* Fazei hũa cousa de meu cõ-
 selho: quando lhe agora mandardes o vilancete,
 burrifayo com algũa merenda, inda que seja de

Acto segundo

alfaces, & tremoços, que esta couisa de dar, arrôbado, & gente de Corte rendese muyto a presentes. *Roc.* Se lha eu mãdar, não hey de hir tão rasteiro. *Dim.* Ia sey que soys de vossa opinião, mas eu vou ao menos custo por não aventurar tanto: porque estas ataimadas comem às vezes a isca, & ficanse rindo. *Car.* Mandarlheia eu hum barço, & então ria-se a prazer. Mas eu hauia de trabalhar cõ que lhe amargasse o riso. *Dim.* Desse vosso rostinho de bugio se podem rir: porque vòs soys hũ jogo do tintenenim, & pareceys caçapo alfanado com trempem as pesçoço, que juga o fitelho. *Car.* Parecerei senhor, mas ninguê me ha de fazer hũa, que lhe eu não faça outra. *Dim.* Porque, soys vòs como esse mancebo barbiponente, que poem os pès seguros como passauante do sofio? *Roc.* Eu toda via sou bom bicho, & tido em conta antre ellas. *Dim.* E fazeyis disso pouco? Poys sabeis que não chegou ahi Mancias: isto vos lembre. Se for caso que ella lance mão de algum outro aventureiro: porq̃ ella não ha de estar vagante, tende tal maneira, que o entregueys ao mulato, que eu fiador, que elle volo fustigue. *Roc.* Ia o tenho preuenido, & a elle véo Deos a ver. *Car.* Não hey de fiar eu minha honra delle. *Roc.* Soys lhe sospeito. *Car.* Deue ser: mas eu confessei que o tenho por lebre. *Roc.* Não cuida elle

elle isso de sy, & eu o tenho por bonito, não queria
 melhor companheiro. *Din.* Poys se cūprir à vossa
 honra, eu não me hey de negar. *Roc.* De tudo zom
 ba: poys afè que não hei de levar duas em capelo,
 & que me não ha de hir a Dorothea por a pendê-
 cia a Roma. *Din.* Nem eu creyo menos dessa pes-
 soa, & longe va o mao agouro. Ora leua remo,
 huios comer, & vntay vossas barbas, & depoy
 alimpay os dentes com peninha de galinha: antre
 tãto veremos por qué sae a sentença. *Car.* Ali vè Fi-
 lelfo Correa. *Din.* Recolhey tudo, & dizey q̄ suba.

S C E N A S E G V N D A .

Filelfo Correa. *Dinardo Pereira.*
Grasidel de Abreu.



VE se fazem os senhores tão enle-
 uados? em cousas que não têm cura
 Amador não cures dellas. *Din.* Poys
 bofè não errais vòs muyto a juntu-
 ra a hũa alma de Portugal. *Fil.* Eu
 senhor sou de bom faro, por isso não vos espan-
 te latir a mouta. *Gras.* Rides dos mal vestidos, &
 para cada porco ha seu São Martinho. Ninguem
 cuyde que arrepica em saluo, que a desauentu-

Acto terceiro

ra sempre espreyta, & vem não cuydada. *Fil.* Não ha que negar : Porem o que se conta agora cà?
Din. Mil cousas boas. *Fil.* Se o mundo teuesse algũa, mas por algũas que vejo, temse desacreditado comigo de modo, que nem o fiarey, né me fiarey delle. *Din.* Não sey se tendes tambõem parecer como cuydays. *Fil.* Eu sou dama que me hey de prezar delle. Noutro dia se me abonaua hũa fanqueira, em desculpa de ser trigueira, q̃ o seu carão era dagoa do rio tal. *Din.* E gauastes lho? *Fil.* Afirmelhe ser contrario a paredes cayadas : porque me não ouso encoftar a ellas, *Din.* E dizem ellas, que o desfarião â vnha. *Fil.* Não he isso o que me cansa. *Din.* Poys que? *Fil.* Iuyzos de saborrvalho como pão asmo dos Iudeus. E assi estando agora na pouxada compassando os rumos de meu enfadamento, fuilhe descubrir hum fecho, por cujas conjeturas estou em lhe chamar especia de catarro, & não me determino até saber se alcançou isto Aui-cena: porque eu não sou de hũas velhices aprovadas por vso, & costume, & afeiçoomẽ a cousas nouas mays que vòs às antigas, em que presumis ser fragueiro. *Din.* Isso senhor para o tempo, tal seja minha vida : mas não vos quera de estimatiua tão desenfreada por vos não esperar ao hospital. *Fil.* Dias ha q̃ nelle ando. *Din.* Não destinguis bem,

bem
gueys. Não digo per essa via, que desse mal todos morremos: porque o mundo todo he miseria. *Fil.* Muyto bem sey por quem o dizeys, & por essa o digo, & pesame não o ser ja confirmado, poys não ha gosto q̄ chegue a ser doudo, né vida tão aprasiuel. *Graf.* Como estays com ser paruo? *Fil.* Muyto mal: he viuer do limbo, sem pena, nem gloria, posto q̄ no contentamento que tem de sy proprio pareça sensitiuo. He como caracol, q̄ não alcança may's que o gosto. *Graf.* E q̄ chamays a ser doudo? *Fil.* A nata da discrição: porque o engenho que en doudece, he Cegonha que alimpa a terra de bichos, sinte as pequices do mūdo, & de as recolher na fantasia, & remoelas, atordoado o juyzo do grande pezo da maginação, ferue com desejo de lhe dar o remedio que pretende como aguelha que busca o norte, & paruo he monstro q̄ a natureza mantem por estado, & ocupa a casa sem seruir. *Dm.* Tendes agoas de Matematico falareys por carateres, dahi vireys ao fino samão. Ora poys sabey que he grande rapazia toda negoceação judiciaria, & não me fio dos seus podengos: porque se em toda minha vida acabo de me entender, como hey de cuydar que entendo os Ceos? *Graf.* Não tendes razão, não se pode negar: antes vos digo, q̄ para mym he grãde admiração cuidar

Ato terceiro

no muyto que Deos de sy deu a entender aos ho-
mês em todas as artes. *Fil.* Por isso me traz morto
ver a confiança de hum cortesaõ tal, estreme, per-
dido por falar per metáforas, & modos exquesi-
tos, noua lingoagem, vocabolos sotis, & peneiran-
do dez horas no ar, por fim desce a hum rato co-
mo milhano. *Dim.* Nem essa não he mã compara-
ção. Vòs fereys de hũs que de confiados falão em
tudo, como de casa: & se caem em hũa cegueira,
nã se desdirão do seu mau parecer pola vida, &
todo outro juyzo hão por perdido. *Fil.* Cortesaõs,
gente he de guarnição, mas a muyta monda os
abafa. São tanto de maquiya, que nem com fate-
xas, tirareys a lume hum bom espiriro. Os dili-
gentes, lãõ como gayuotas, leuão tripas, & tudo.
Os comedidos, errão sempre a maré. Os necios,
jogão a cabra cega, sem vèr inconuenientes, & ati-
nã aos brados, atè que aferrão as mays das ve-
zes melhor que todos. Discretos, em tentar res-
peitos, gastão a vida como alquemistas, & assi tu-
do se resolve em queixas. *Dim.* Que cousa vòs fo-
reys para censor naquella policia Romana. *Fil.* Ah
que tudo me enfada. *Dim.* Muyto proprio he isso
dos birrentos do mundo, na maneira da vida saõ
o mesmo enfadamento, que cerrão o punho com
ouciosidade, & queixão se d'elle. *Fil.* Mays ha que
queixar

queixar : mas o tempo dà esta novidade de esta-
 magos de mã digistão, para ouuir, & sofrer verda-
 des. *Din.* Vòs ja não venhays adiuinhar pela mão
 que he grão pequice. *Fil.* E per fisionomia days li-
 cença? *Din.* Nê essa he sofriuel: porque sabey que
 eu lenhor tomo sempre do preto, & a poucos bo-
 tes descubro os figados a estes meus senhores, que
 tem o saber como superficial, & a duas enxadadas
 achays agoa solobra. *Fil.* Donofas conuerfações,
 despejos foutos, & pouco comedimento, sam cau-
 fa de grande corrupção dos ares. E quanto nifto
 se aventura, o tempo o aproua, não sem magoa, &
 escandalo: machafemea de amizades vidrentas, &
 mal forjadas. *Din.* Para que he falar nifto: faremos
 mil parrafos, & não he sofriuel ver hũs que ladrão
 como gozos com bõs principios, dando de fy grã
 des mostras, & esperanças: & ao tempo da vindi-
 ma achaylos passados do Sol, feitos engaços, sem
 acodirem a pè, nem a mão. *Fil.* São effes hũs tem-
 porãos, como peras moufinhas, compostos de
 freyma, que nem a terem pensamentos se armão.
Din. Eu fou perdido por hũs ayos, cuja grauidade
 he tanta, que maõ grado a Saturno. E tudo confi-
 ste em delmamando o cachopo, enfronhalo em
 hum capuz de authoridade. *Fil.* Iffo basta, afsi o
 fazia o Centauro Chiron, q̃ doutrinou os nobres

Acto terceiro

de Grécia. *Gra.* Bê vos days nos burqueys: logo se
afsi pode passar hum longo, & bocejado serão da
guardaroupa. *Din.* Mas que certa postura dos má-
tenedores, apontarem ahi pequices, que baixos
estamagos tem, & por outra via andão antre elles
feitos personages. *Fil.* E consoláose com esperar
tempo em que se forrem: mas quem vos negar ser
esse o purgatorio, não o entende, & eu tenho boa
orelha, & o que me a mym não soa, não cureys
delle. *Din.* Pareceys sine nisso com hūs que dizem:
como he enfadonho o escudeiro, da prègação ga-
bão sòmente o ser breue, & o sentilo està em Frã-
ça. *Fil.* Por estas, & outras taes, que eu sempre vou
topar em Roncesuales, ando afsi acostado de pen-
samentos sem fundo, como a tinalha das Lelidas.
Din. Fazey distincção: porque ha hūs como cara-
mujos mal cozidos, sotrancões, cabeçudos, que
não ha alfenete, por sotil que seja, que os tire a
terreiro, presumem de veedores dagoa, parece q̃
ameaçãõ o mundo, & tudo he pena como cu-
ruja. Outros são como cranguejos, andão sempre
a traues do vso, & costume: fazem espõgeiro co-
mo touro em sua opiniãõ, & de desconfiados não
sufrem a garrocha de parecer alheyo, & faltalhe a
despeza no meyo da jornada. Ha outros como
toupeiras, mantense da terra, nella viuem da sua
prouisaõ,

prouisão , tem sua guedelha em cauar para herdeiros. Mas porque a historia he longa , voume à vossa tenção para me determinar , que he o que mays vos arma desta feira calabreada em tantas feitas, & todas piadofas. *Fil.* Eu atè minha merce: por agora desuiome dessa estrada mays pedragosa que a Serra de Ancião. Viuei vòs, & todo o mundo desses esfolagatos, que eu não quero mays que ceuar-me de pensamentos amorosos , compostos de branduras , olhos escassos doces no ferir , ays desentoados ao lume do desejo , & cada vez que me derdes hũa hora de hum bom acerto, como o de antanho: riome de triunfos de Roma. *Dim.* Cõfesso que em cousa de damas soys bom bicho. *Fil.* Sabeys ja senhor Grafidel de Abreu, como fomos festejados de certas senhoras o senhor Dinardo Pereira, & eu? *Graf.* Não , mas contay. *Fil.* Ora ouui remar. Estauamos ambos ao pè de hũa janela, que ja nella terey que contar toda minha vida , porque vierão hũas ninfas ao buraco dos encerados do tamanho de hũa noz , & arreuesadas punhão diuersos olhos , com mil differenças doces para nos enlearem. E os ditos olhos herãotaes, que podião com seus rayos transformar mil corações em outras tantas vontades, bem que na minha não ha que trasfegar: porque he pedra, & cal,

Acto terceiro

cal, & està mays afida, & aferrad^a do seu intento, que samexuga, como quem tem aposentado o juyzo, & entregue a seu desejo: de maneira, que não ha cem cauouqueiros que me tirem hũa laska doutro desenho. Por onde naquelle marulho, sempre estremey, sem enleyo, o meu aluo. Ora como fuy na poufada, picado da mosca deste amoroso furor: fizlhe este Soneto para lhe mandarmos, se armar.

S O N E T O.

*He tão sobida a gloria de vos vèr,
Enriquecese tanto o entendimento,
Que sò cuydar em vòs hum pensamento
Excede todo estremo de prazer.
Se na vida têm mays que pretemder
Hũa alma liure, hum juyzo izento,
Siruiruos se chamou contentamento,
E o não vos adorar, não entender.
Admirãose os sentidos mays perfeitos,
Deleitandose em vossa fermosura,
Contemplando esse estremo de beleza,
Quantos corações ha, vos são sogeitos,
Sabendo que podeys mays que a ventura,
E que destes o ser à natureza.*

Din. Está galante por vida de Anna. *Graf.* Não está mau. *Din.* Daimo, & mandar lhoey : porque hauemos de ter touros sobristo. *Fil.* Telosheys vòs , que lhe soys aceito , que estas senhoras são como Principes, não admitem senão priuados, & oxalà chegasse eu a quererem enganarme. *Graf.* Tendes razão: Deos vos liure de estado de defenganos, que he o cume das magoas, & muyto perigoso. *Fil.* Sabe Deos, que por lhe fugir , & furtar o corpo, escolho morrer calando, & así viuo, & não oulo tomar vista de esperança algũa, nem de salto. *Din.* Deste alto me guardarey eu , por não me arriscar a perdela. *Fil.* E eu arrisco o sofrimento por cima do meu desejo, por me ver seguro della. *Din.* Seguro della não fora mau. *Fil.* Em desesperalo me saluo. *Din.* Deste aluo ao preto a que vossos desenhos encarão seus fundamentos. Ha grande distancia , se mal não barrunto vossa opinião. *Fil.* Não sejays sospeitoso. *Din.* Sobre corpo feitor. *Fil.* Armo muyto longe da seita comũna nessa parte: tanto, que queria antes alcançar hũa vontade certa, sem mays esperanças, que ter tudo della sem seu gosto. *Din.* Terdela haueria por melhor, que effoutras filaterias não me armão. Antes vos afirmo, que nenhũa cousa me defarma como empresas desesperadas, *Fil.* Erraes tudo de

Acto terceiro

popa, a proa. O homem que ha de emprender amores, seja em parte onde o alcançar valia, seja gofio o trabalho bem empregado, & occupação de louuar: porque o refinado espirito, he, mäs vale Butre bolando. *Din.* Determinação em amores, sem afeição, he perigosa, & muyto para zombar de homem, que por arte, & opinião emprende pensamentos altiuos, & sem a vontade se obriga. Mal pela parte mays fraca, que ellas sempre ficão liures para o que lhes cüpre. *Fil.* Antes bem olhado, peor he muyto acanhar os espiritos: porque andão pelas ramas, & conta feita, vão logo com vosco ao cabo. Recebemuos hum lanço dos comprimentos, dão pressa a arrernataruos o ramo, por se verem forras do seu fadairo: & esta facilidade desacredita o preço, & menoscaba o amor, o qual se afina em render empresas duuidosas. *Din.* Se vos ellas tal ouuem, menos piadosas as achareys, q̃ as de Tracia cõ Orphea: porque não sofrem ser anichiladas, antes tem que tudo se lhes deue. *Fil.* Afsi o confesso eu, nem ouue estremo bom, & singular dom, em que as molheres não se estremaſsem, & todas são dinas de muyta estimã: mas cada coula tem seu preço. & o entendelo, & estre-malo, não he gèral. *Din.* Ha mister muyto tempo para esta questã. Quero hir mandar este papel, & de-

& depòys trataremos della. *Fil.* Pareceme muyto bem, & no Paço nos veremos.

SCENA TERCEIRA.

*Filelfo Correa.**Grafidel de Abreu.*

V A M diferentes são os juyzos dos homês. *Graf.* Raramente se conchava hum com outro, & Dinardo Pereira he entregue ao seu gosto, & este dá grande estima às cousas. *Fil.*

Ao menos com poderosos val tudo. Dinardo Pereira todo he sensual, honrase dos amores mays do que lhes he fogeito, desnecessaria vaãgloria. Eu ao menos por ella não tomaria pensamentos custosos, quando afeição não me obrigasse: mas ha poucos que cayão na delicadeza do amor, nẽ saybão tratalo: por onde me rio sempre destes amantes, & hey dõ das mulheres que os sofrem: porque as desdourão. *Graf.* Não hajays dõ senão dos homês que as sofrem, poys vemos sempre desestima. *Fil.* Muyto ha que dizer nisso, & muyto que sentir. Eu me tenho entaulado em nouo, & alto posto damor: porque o bom disto he enlear a física, & morrer de doença não conhecida, & se

vòs

Acto terceiro

vòs não soys de hũs, que toda letura querem breue : porque lèm sem gosto. Mostraruoshey hũa carta a este propſito, a qual escreui a humiſifico lido, & discreto, & da conuerſação de hũa alma grande ſua couſa, quando os dias paſſados eſtiue mal deſpoſto. *Graf.* O dizey por voſſa vida. *Fil.* Ouui.

Carta.

I Sto sò quero de minha dõr, que me dè folego para gritar, quando apertar comigo, poys calar me dana tanto, que nem ſabeys de mym, nem quereys que ſayba de vòs ſenhor. E ja que la crudel mia ſorte me ha diſtinato a perpetuo languire, & per la ſciagura mia ogni ſocorſo me è tolto, com os vltimos ſoluços qual o ſeruo ferido me vou ao medronho do voſſo abrigo: & lembrouos que egli è vfficio d'animo preſtante el cõpatir all'altrui calamità, & não pode ſer mayor que a minha. Poys a Dio, al mondo, & a me ſteſſo ſono odioſo, & ogni età mè aparechia luſto, affano, & cordoglio, & ſolo per morte, i mei ſtratij ſi potran terminare. O ſfortunato achi el Ciel, è tanto nemico, ſo che quel ch'io ſento parra menzogna achi aſpirar d'amor l'aura non ſente. Mas a tão claro

claro juyzo como o voffo:& tão versado em conjecturar tenções de aspeitos celestes,& alcáçalos: Não se pode meter dado falso, donde, ho tolto per ottimo conglio al tuto teco comunicare: per il che, primeiro que tudo, te priego che de niuna altra cosa piu effetuosamente: fia da te ajudato, quanto de vno fidele,& perpetuo silencio. E juntamente com isto, io non vi dimando cosa che cometerre fia impossibile: ma solo quello che senza molestia vi fia facil, & non men che zonesto. Sou ja tifico no meu mal, entregue ao despacho do tempo, para o q̃, não ha banhos de defenganos frios, nem suadouros de esquiuanças tão asperas, que desarreiguem deste enfermo espirito os humores de hum secreto cuydado. Deu Deos para isto hũa piscina, mas neminem habeo. Só a erua Melisã pode sararme, falta Alexandre que ma busque: por onde estou em fame,& sede de Tantaló, vendo,& desejando, temendo, & oufando, viuendo, morrédo. Lembraftesme nesta afronta, & juntamente a queixa de Phebo:

Hei mihi quòd nullis amor est medicabilis herbis.

No esforço pasmei, desesperei na esperança: sed quid tentare nocebit. Para carecer de repouso foy dado o penedo a Sisiphó: quando porem Orpheo o não teue, algum lhe deu com seu canto. Para deses-

Acto terceiro

desesperado me escolheo minha sorte, & eu consenti: porque amans quid cupiat scit, quid sapiat non vidit: ja pode ser por vosso meyo telo eu de vida: mas porque,

Vna salus victis, nullam sperare salutem:

De receoso de mym não quero esperalo. Com tudo, porque soys amigo, aliuiio, & valhacouto de defaenturas, farey ante vòs alardo das minhas dores des seu principio: Namquè est memenisse voluptas. Hauerà certos annos que me sey viuer tão liure, que tinha por impossiucl hauer cousa que me vsurpasse minha jurdição. Antre as armadas, & redes do amor, andaua eu tão solto, & aventureiro, que logo differeis vendome. este não teme, nem deue: não me lembrando, que a muyta fouteza deu com Ycaro no mar. Enleueime no fauor da ventura, que em algũs casos desta calidade me assoprou. Por maneira, que à minha reuelia, ordenarão os meus espiritos hũa babilonia: lançarão se do bando dos Gigantes, & durando esta gigantomachia, cuydaua eu, bebado de vitorias mãs, que as armas do menino, que desprezou as de Tipheo erão sem forças cõtra mym: se a seus secases queixosos ouuia pregoar seu poderio em desculpa do proprio abatimẽto, hauiao por abusãõ: não tinha inda cipilhados os sintidos
para

para sentir como Dido:

Vulnus alit venis, & ceco carpitur igne.

Quantas vezes me ri dos aleyjados deste furor, que fere a modo de rayo, abraçando a alma deixando saõ o corpo, como tinha por graça hauer Venus piadosa, ou vingatiua. Coytado de mym: poupauame, parece, minha estrela na cegueira passada, para as dores presentes, descuydando-me dos imigos da minha bonança, para que a menos trabalho feu, & mayor meu custo, teuesse entrada em mym o destroço da minha liberdade: & no tempo em que eu mays fundamento fiz de me lograr da vida, me poz em cerco esta morte. Brandamête, & sem sospeita, nem receyo se me apossou dalma, dantes tão opiniatica de saã, agora tão enferma. Nel primo aspeto che in madoma Drizai la vista, rimase senza spirito, & viuo in sola carne, letitia me abbandona, doglia me abraçia, la speranza mi è in dubbia, il martirio certo, oi me che tanto me sento angustiato, che mai piu ne pace, ne quiete credo, ne spero poter ritrouare, de ogni consolatione mi ha priuato amore. Mal cuydara eu qual hauia de ser, antes mal cuydey, & foy, & hauia de ser, poys he: Infelix animi. Em meus olhos não entra sono, nem em peito repouso: Ingeminant curæ, resurgens sæuit amor, magis

Acto terceiro

noquè irarum fluctuat æstu. Heu quid agam?
Quò me vertam? Ad quem confugiam? E poys
dizem:fame,& frio, te farà meter com teu imigo,
fogo,& dor, antes amor, & desesperação, me tra-
zem a vòs senhor amigo. Ora valeime, que eu
me offereço, & obrigo a toda esperiencia que em
minha fé quizerdes fazer, & a não cayr de vosso
regimento, com tal, que ma não mandeys negar:
porque nenhũa coufa me menos sofre o estama-
go, que conselhos contrarios a esta opinião. Po-
dem os Deoses todos serme imigos, como con-
tra Troya: mas, Placeat sibi quisquè licebit, hoc
est, cada loco con su tema. E que digays:

Sors tua mortalis, non est mortale quod optas.

Confesso.

Plus etiam quamquàm Superis contingere fas est.

Vede que cura. pode ter espanto tão vpilado:
Tantus tenet error amantem. Non altrui incol-
pando che me stesso, & solo amore, che del suo
altiero lume, piu me inuaghisce oue piu me in-
cende. E fez me os desejos inmortaes: Che hanno
la morte desfiando morta, al hor che fulminato,
& morto Giacque il mio sperar, che tropo alto
montaua. Assi que a tal profuposto podeys escu-
zar reprehensiones: che dè hora inanzi, ogni defesa
à tarda altra, che di prouar se assaiopoco quelle
preghi

preghi mortali amore sguarda, non prego gia; ne puote hauer piu loco, che misuratamente il mio cor arda, ma che sua parte habbi costei del foco. Se eu isto visse, nunca mays valesse. A todo o al que não for a este fim, çarro orelhas como Vlyses ao canto das Sereas. Cã o não consintem. Gli begliochi, che in lor prezença me è piu caro il morire, che il viuer senza, Sabey, & saybaõ, che viuo del dizir fuor di speranza, quem mo não lóuuar eu lho perdoo. Não sou obrigado, nem posso dàr juyzes, basta que me entendo, & que sò vejo a mayor beleza oculta que antre nós viue, à que se deue o pouco que sento, do muyto que se lhe deue. E dado que vos eu senhor não pareça capaz de Diuinas visoões, bem sabeys que ao Creador de tudo, soua ogni stato, humiltate, & saltar sempre gli piaque, & hor in piciol borgo, anzi in humilde amante, não he muyto dàr hum espirito prompto, & hũs olhos de Lince, com que veja hũa alma doutra:

Sublimibus alta columnis,

Clara micante auro, flamasquè imitante Pyropo,

Cuius ebur nitidum fastigia summa tegebat,

Hæc super imposita est cæli fulgentis imago.

E como Venus, por não abater, quiça, sua fermolura, lhe opoem a nuue com que encubrio Eneas:

32 *Acto terceiro*

fou eu sò o que veggchio, penso, ardo, piango : & qui mi sface sempre me è inanzi , para mia dohe pena, guena è il mio stato , de ira, & di dol piena, & sol di lei pensando ho qual che pace, vna man sola mi Rifana, & punge : mille volte il di moro, & mille nasco. Com tudo isto tendo por muyto certo que

Multa priùs vasto labentur flumina ponto,

Annus, & inuersas duxerit ante vices:

Quam tua sub nostro matetur pectore cura,

Scis quaecumque voles, non aliena tamen.

Deste vltimo temor pende o meu caso, se me delle segurarem, tudo me seria seguro: donde tomará a minha Diana transformada em imagem de pedra, qual sua condição he para mym , segundo a de Pigmaleon Venus transformou de marmor em carne: *Votum in amantem nouum;* que assi o sou eu em todas as esperiencias da minha afeição sendo poyz isto assi, & q̄ aut me videbis Imperatorem, aut non videbis Cæsarem : porq̄ conoſcer mi fa che cosa è dio, & eu tão satisfeito, que tenho que perieramus nisi perijssemus, & tambem visto, como fata volentem ducunt, nollentem trahunt. Vòs senhor vos descartay de todo inconueniente que me achardes: porque na verdade: *Rectè cum valemus omnes, ægrotis recta, consilia damus,*

damus. Tu si sic esses, aliter senties. E por tanto:
Fata viam inuenient, de vida, ou morte. E eu,

Quod dederit fortuna latus, libenter amplectar.

Fazey o que em vós for se achardes que volo mereço: lembrando ante a minha bella a yra de Nemesis, sobre Narciso, que desprezando todo merecimento, veyo a desmerecerse, & o mays que vos o tempo dèr, que a minha verdade, quando cumprir, eu a farey boa per fogo, per agoa, per ferro, &c. Per ergo has lachrymas, quando aliud mihi misero nihil ipse reliquit. Siue ne quid de te mæruui, miserere animæ labentis, & istam oro (si quis adhuc salutis spei locus) salua mentem: para que com vida vos sirua a que me derdes, & peço. Da cama.

Graf. Nunca vi carta de girões senão esta, & se fora mays curta, parecera melhor. *Fil.* Para molheres nunca vos peze de escreuer cumprido: porque quanto mays tempo lhe occupays, mays seguras as tendes. Alem disso he bom abafalas de razões, & darlhe passatempo, & ceuo para sua ouciosidade. Eu o bom nunca o acho prolixo, nem me enfada ler o que tem çumo. Quem vos gauar a couza de breue, não gosta do que lê, nem no sente.

Graf. Estou perdido por essa carta, & desejo saber

Acto terceiro

se ferio fogo. *Fil.* Estas cousas todas respondem ao longe como eco. Vou curfando por minhas magoas, faço minhas diligencias com o diuido respeito a causa dellas, desuelome em enterrar minha tenção, por não offender seu nome. *Graf.* Per essa via tarde colhereys o fruyto de vosso trabalho? *Fil.* Sabey que tudo corre así. Nenhũa opinião alheya a satisfez em tudo a outrem, tantos homês, tantas sentenças. Por onde sobre profuposto de fazer o que deue cada hum, siga sua natural arte, como não for prejudicial: por nada se contrafaça, que he baixaza de espirito: leixe ao mundo grozar, que ja não ha de perder costume tão antigo. *Graf.* Parece-me que tendes razão, & douuos o meu voto: mas trago o gosto tão danado, que da vida, & de mym o tenho perdido. *Fil.* Isso leixay para mym, se quereys que andemos a verdades, que hum dos mayores trabalhos que tenho, he, temporizar com o mundo, mostrando que viuo, sendo morto no espirito: & tão escasso me sou do meu contentamento, se posso telo, que em meyo delle lhe fujo de ciofo de mo entêderem, por não errar aos respeitos diuidos â causa. *Graf.* Cada hũ sinte o seu, que outro tão to digo por mym, & cuydo que me fobeja razão, & tela para gloria no sofrimento, & no padecer he o mayor bê do mûdo,

mas

mas ser tudo ao contrario, & não hauer coufa que me obrigue senão o meu enleyo enganado, & cego, he magoa que não tem descanso, & tudo eu vejo; mas que fará quem quer bem? *Fil.* Tapai-me así a boca senhor: amor he azougue, traça, & caruncho, que atado nalma não cessa, nem se satisfaz tè fazela pò. Mas sabeys como me tenho ao paio com elle? Tanto que o sinto com a molca da sua furia, doulhe seus tempos sòs, em que lhe leixo correr o campo de seus sentimentos, & fazer gazua em mym. E passado este recacho, recolho minhas magoas no retrete do meu peito, polas não pubricar, & ahi refazem forças, & folego para me tirarem a vida, que sostento de impossibilidades, & sem fundamento dalgũa esperança. Por outra via (enxergada de muyto poucos, & trilhada de menos) sou tão satisfeito do que padeço, que se o cuydo, veje me hum pauão com a roda feyta. *Graf.* Segundo isso, em estado prospero deueys estar: porque o fauor faz gostoso, & leue o trabalho, que así fuy eu, quando Deos queria? *Fil.* Senhor o homem hasse de afeiçoar em parte, onde o mal que vos vem, he dita sintilo, & o bem sem preço: porque a causa da dor, he a consolação della. *Graf.* Si, mas se lhe falta a esperança, que em todas as empresas he a maxima, que sostenta, es-

Acto terceiro

força, & auiva o espirito, he triste forte, & abate todo gosto. *Fil.* Não he fino amor o que pretende mays o proprio proueito, que o de quẽ ama: que se desejays bem à pessoa a que o quereys, sem razão, he desejar roubarlhe honra, & fama: que em ley de bom caualeiro, & bom namorado, soys obrigado defender, & sostentar a toda mulher. Por tanto não se jays de hũs, que em suas tenções publicão o que deuem enterrar no pensamento, & em seus pregões justicão o bom nome de sua dama: & por sobejos querem desmerecer o que na tenção desmerecem: sendo certo, que mays amor testifica de sy hum amador com hum suspiro, hum acatamento honesto, & hum receyo fogeito, que com quantas cartas, & recados pode mandar: nem ha mays certos mesageiros da verdadeira afeição que os olhos: porque como per elles se descobre o que o coração quer, & entende, assi mostrão a dor da alma, & a pureza dos pensamentos, & os viuos espiritos que delles saem abrazados do amor do peito amante, vão se abraçar ao da amada: & per estes meynos se entendem & sentem os corações, donde se diz que se falaõ. *Graf.* Serà isso depouys que se amão: mas para se entenderem, & amarem, requerêse muytos meynos: que quem deseja, & sente, não escusa bulcar, & comer.

meter. *Fil.* Affas pouco he o amor, & muyto interesseiro, que não pode sofrer sua pena, por escusar o perjuzo de quem ama. E de ser isto mal olhado nos principios, são os fins tão perjudiciaes. Bê que a crueza, ou vaãgloria de molheres indiscretas, que pretendem experiencias, causaõ fazerem os homês, por satisfazelas, muytos erros publicos. *Graf.* Sempre ouui que he pouco o amor que pode consigo. Effes resguardos, & respeitos que vòs quereys ter, são muyto pouco seguros, & menos estimados dellas, que querem antes veruos doudo publico, que namorado secreto. *Fil.* Effas não se sentem. Eu trato das que tem primor diuido a sy proprias. Todo fundamento conuem ter firme alicece. Quem edifica desejo amoroso em coração paciente, seja sobre segredo, hauendo por melhor padecer morte desmerecida, calando sua pena, que merecela, publicando seu cuydado em dano da causa delle: o al he negar amor, & entregar ao desejo, & pelo satisfazer, esquecer todo outro bom respeito. *Graf.* Que menos pode fazer quem finte a dor, senão publicala, para lhe procurar saude. *Fil.* Em lugar solitario, em companhia de seus pensamentos, pratique seus males. Onde se hum o desconfiar em seu merecimento, outro lhe darà confiança na sua fè: & assi escusa
descu-

Acto terceiro

descubrirse ao amigo que o publica de hum nou-
tro, atè que todos o sabem: & não fica escravo da
quelle a quem entrega seu segredo. *Graf.* Nesta
parte nenhũa cousa corrompe tanto o segredo co-
mo querelo ter demasiadamente, & he forçado
fiarse de alguém a quem comunique seus su-
cessos, & mediante o conselho alheyo, acertar no
proprio, & tambem para ajuda do meneo desta
cousa, em que sò não pode prouer. Ca muytas ve-
zes remedeia os erros que o cego paciente faz, val-
lhe tambem para gosto no prazer, & esforço no
pezar. Assim que naturalmente he necessaria a co-
munição. *Fil.* O puro amor, ha de ter tanto res-
peito em guardar o decoro ao seu, que anteponha
e isto todo contentamento, & toda dôr: & a sua fê
ha de ser hum aziar que lhe dè sofrimento para
passar per tudo, por cumprir com quem pretende
seruir, & não afrontar. *Graf.* Raramente achareys
molher que lance mão dessas finezas: antes cuida
que se querem traquejadas, & poucas conseruão
seu segredo. São sempre desconhecidas para com
o verdadeiro merecimento. Imigas de sy mesmas
em não estimar quem sabe estimalas, & não acer-
tão: porque hum espirito delicado, & altiuo, qual
deue ser, & he o de hũa gentil dama, não deuia ati-
nar a outro interesse, saluo seruirse de quem sou-
ber

ber respeitar sua grandeza, & per ella registar a esperãça. *Fil.* Muyto deuedor he a seus fados quẽ emprega bem os pensamentos: & nesta parte ninguem lhe estã em tanta obrigação como eu. *Graf.* Agradeceilho como o entendeys, & não culpeys os que virdes menoscabados na sorte, que os socedimentos não se podem fugir, nem refestirhe sem socorro Diuino, & de muyto pequenos azos de mal, socedem grandes damnos, & eu que o tenho experimentado: porque me tras a senhora Filomela abrazado em engratidões, & izençoês, a risco de nos desauirmos de todo. *Fil.* Se tem por ventura algum fundamento nouo? *Graf.* Tudo receyo, & quero ver se possò ter meyo de me ouuir, & sobriſſo tambem foy Dinardo Pereira. *Fil.* Vamos, que eu querome hir ao Paço, & là vos espero.

SCENA



Acto terceiro

SCENA QVARTA.

Aulegrafia. *Filomela.*



Obrinha minha, meu amor, quereis vir para esta janela, que tenho muyto que vos contar? *Fil.* Que me dareys vòs? *Aul.* Daruoshey aquelle gentil homem que là està defronte.

Fil. Tudo isso era, huy por elle, & pela sua vida.

Aul. Seja pela do demo : não vedes maõ hora que he proximo? *Fil.* Per hy bem, não me lembraua:

Como aquelloutro seu companheiro he todo alfenim? Jurarey que he perdido por sy mesmo. *Aul.*

He toda a doce França: mas eu o tenho por bizarro: porque me parece que não he ca conhecido, &

deue andar agora à pratica com Germinio Soares que he Aguya, & todos estes lhe pagão pareças. Este deue ser de hús filhos mimosos da mãy,

& muyto obediente, matinado della por rico, & velado do pay que não se lhe caze a furto. E elles com toda a doutrina, raramente escapão de cahyr

em barrancos, de que ficão com o peor. *Fil.* Mas nunca al vimos, saluo grãdes quedas nestes mays

recatados: porque os pays viuerão a seu sabor cõ

muytas

muytas culpas, & cuydão saluar dellas os filhos em que lhes dà a pena que merecem. *Aul.* Diferente arte porem, he, a de Germinio Soares, & a sua confiança: eu sou perdida pela sua brandura, & acholhe muyta graça na conuersação: he muyto aprimorado, & may's sabey que não he tacaño. Bem vistes como nos proueo na nossa romaria. Mas quanta differença de condições ha nos homês. Ha hûs que de graça vos perdereys por elles: outros que tudo he fastio. *Fil.* Mâ rayua os comatodos, do peor, atè o melhor, que elles viuem liures, & nõs morremos catiuas. Não me fizera Deos homem, para andar por onde quizera a boca que queres, como elles fazem? E as coitadas de nõs não hauemos de ter vontade propria, a sogeição toda a vida, os passos vos contão, as palauras vos acoymão, & atè os olhos vos registão. *Aul.* Aisi he mal pecado: mas se eu fora homem, pintada ouuera de ser a molher que me enganara. *Fil.* Vòs, foreys hum tauanes, arrebatada punhadas: a cada canto tomareys hũa dama. Mas eu ouuera de ser muyto doce, muyto apontado, espenicado, & todo contemptatiuo nos amores. Ditosã fora a mulher com que os eu tratara: porque fora muyto mimosa, & muyto venerada de mym. *Aul.* Eu sou muyto disso, queria o homem me-

neauel,

Acto terceiro

neauel, aprasiuel, pratico, que tenha muyta praça, & gèralmente bem quisto. *Fil.* Esses têm muytos antressolhos, & como são gèraes na conuersação: na afeição não são particulares, & sò comfigo té conta. *Aul.* Vòs fereys de hūs sotrancões que roem as vnhas, & dão com dedos estalos, que são tudo malicia, & não ha mouelos dos seus treze, inda q̄ vos escabeleys antelles. O homem ha de ser bem assombrado, quando não for gentil homem, & o mesmo quero da molher, & de ruym rosto, não ha que fiar, & muyto que velar de hūs verdene-gros, que se tem por sabechões: porque são adros, & liureme Deos de màs condições, & matemé com corações mauiosos, & humanos. *Aul.* Poys parece-me a mym de Germinio Soares, que com qualquer arrufo, & lagriminha, farão delle cera. *Fil.* Não vos fieys tanto disso, que a sylua sempre pica. Os homês têm muytos resabios, & escarninhos: nenhum ha fiel para molheres, que quanto as tratão de fora, mostrão selhe arminhos, & de-pois que as logrão, são imigos. Os discretos nenhũa confiança tem de nòs, nem nos dão credito. Os paruos não sabem estimalas, nem as acatão. A verdade he, senhora madrinha, que a nossa sorte he triste, & catiua, & para nòs, nada he seguro: quádo cuydamos descansar, então nos cansamos.

Bemauen-

Bemaventurada a que se entregou a Deos, que esta se poz em saluo. *Aul.* Quem o duuida? Como vòs agora estays contrita; pode ser que algũa fosse lá contra sua vontade. *Fil.* He vento isso, seja de que sorte for, mas a sua he a boa: porque tomarão o porto seguro, & o menos descanso seu abate todos os gostos do mundo: quanto mays, vede que ferà hum mimo de Deos. *Aul.* Mana minha, leixayuos agora dessas certezas. Ouuiestes vòs ja dizer: amores, & dores, com paõ são boós: Não se pode ter tudo, o tempo o dá: tratay do presente conforme à idade, que ella não espera. Fauorecey aquelle galante, & fazey delle muyto fundamento, que se vos cayr em sorte, como cuydo, eu fiador que vos não arrendays. *Fil.* Deos o sabe. Eu todavia tenhome com ser liure dessas payxões. *Aul.* Ora não sejays sem sabor, que me aborrecem muyto pessãoas de enteijos, & que não sabẽ estremar as cousas. Como he certo que não soys tão de pedra, que vos não incrineys ja a quem volo merece. *Fil.* Eu o desejava, inda nisso ha muyto que cuydar: não se moue logo assi a menina, & mays eu cuydo que sey tambem o meu salmo. *Aul.* Poys eu tenholhe dito o que me dissestes: & elle com o mayor aluoroco do mundo, disseme, que faria o que lhe mandasseys, & eu por rematar:

prome-

Acto terceiro

prometilhe falarmos lhe esta noute. *Fil.* Ay, guar-
deme Deos de mal: Iesu mãy minha, longe vã o
mao agouro; sequer vòs prometeys tal de manos
a boca. *Aul.* Isso me mata de vòs; não mo disse-
stes? *Fil.* Não para lhe falar tão asinha. *Aul.* Ora
certo que vos não entendo. As peffoas por falar se
entendem. *Fil.* Mays ao longe. Em que conta que-
reys que me tenha esse homem se lhe for tão fa-
cil? Não sabeys que homẽs deseją o que lhe ne-
gão, & estimão o que lhe encarecem? *Aul.* Essa re-
gra não he sempre certa. Como os gostos são di-
uerfos, así he a afeição. Onde ha amor, perdem se
as cautelas, & o grãde he muyto sofrego, & quer-
se satisfeito antes que inconuenientes o cerquem.
Fil. Todavia bem sabeys que não ha cousa tão
enganosa como o coração do homem, cuja arte
he mostrar o contrario do que finte. *Aul.* O gèral
não comprende todos: tambem hũas mulheres
vingão outras. Em Germinio Soares he escufado
falar dessa maneira. Nas palauras, & modo de vi-
da, he muyto bom de conhecer a tenção de cada
hum. E mays quereys que vos diga, tambem do
pouco fiso, & pouca firmeza das mulheres, nasce a
culpa dos homẽs. *Fil.* Ay mana, não sejays por el-
les, que a molher que nelles poz confiança, nunca
se alabou. Ia fuy tola, não hey de crer senão o que
vir.

vir. *Aul.* Ora olhay ca sobrinha mana, não pode hauer mayor falta na pessoa, que não ter palaura, & não tela he summo desaforamento: mal sofreria eu falar da minha, nem vòs quereys. E quanto aos vossos receyos, effes hãose de ter de paruos, que tem de natureza ser tredos, & antre pessoas discretas, ninguem he julgado pela opinião popular, & querouos dizer o como deueys ser fouta nesta parte, sem dar orelhas a maos juyzos. Toda molher galante helhe dado, & pode dar mostras damor, como não der esperança de coufa deshonesta: segurada a honestidade, pode fauorecer segura, quem lho merecer, sem lhe ser mal julgado: não se offereça a ser seruida com geitos, & deffasossegos que abatem muyto seu preço. Mas se sabe que he amada de quem quer que seja, pagarlhe com desprezos, he final de desconfiança propria, & por ser ingrata, não seja causa de perder o que ganhou por fermosa. Esquiuar seruidores, as mays das vezes he paruoice: que elles não desdourã, antes abonão a dama nestas casas, em que não se escusa ser vista, & requestada, o em que ha de ser atentada, & prouida, em quanto a vontade não fez assento, saber escolher com tento, & sem pressa: não se vença do proprio proueito, saluo sobre o certo,

Acto terceiro

como agora neste negocio , que temos ante mãos , & vâ a minha conta o que niffo auenturardes , que molher fou eu para fazer o que differ, & tirar tudo a limpo. Em fim não curemos de mays historias , nõs hauemoslhe de falar , eu falarey primeiro , & não lhe faleys vòs , se vos não segurar o campo. Aqui nada perdeys , & auenturays ganhar o que tenho por muyto certo. *Fil.* Onde quereys vòs agora que lhe falemos? Eu ja não me hey de pòr em parte que possa Grafidel de Abreu auentar , ou espreitar algũa coula , se acertar de andar per hy, *Aul.* Ora por minha vida que vos acho graça , mas pouca : a obediencia , & medo que lhe vòs inda tendes , nunca se vio , agora não me espanta teruos elle em pouco. *Fil.* Pola sua negra vida, como me eu diffo rio *Aul.* Boa està aquella que afsi for fogueita. Em hora que o elle tomaffe o demo ; & doutra parte , foys a mays alta molher que cuydey ver, ou vi : diz que a hey de rogar com o feu proueito: a mym que me vay niffo. Ora vos defengano , que se me ja não tiuera penhorada com Germinio Soares : prometouos , que vos não falara palaura , mas por minha honra , heyuos de mostrar minha verdade , & acabado de vola fazer vente , lauar as mãos de voffos negocios: por-

porque não sou como outras amigas fingidas, que folgão de meter em culpas, a quem se del-
las fia, & depouys zombão de fora. *Fil.* Estays me-
rencorea, & eu queria antes anojarme a mym
mesma. E porque vos não pareça outra cousa,
digo que me meto em vossas mãos, fazey o que
quizerdes. *Aul.* Inde mal, & inde negra, poys
meus pecados me fizerão tanto mal, que des-
confiays de mym. *Fil.* Não digo eu isso. *Aul.* Ora
leixaime fazer, que me não podeys negar, que
sou para muyto como começo, & vòs o ve-
reys. Esperayme aqui nesta janela
em quanto lhe vou man-
dar recado.



Acto terceiro

SCENA QUINTA.

Dinardo Pereira.

Filomela.



Gora me cahe a lanço minha prima Filomela, querolhe fazer meu tiro por parte de seu seruidor Gra- fidel de Abreu, para os pôr em paz, dom de Deos, per que todo bẽ cre- ce, & elle trouxe à terra, para a conseruar A minha opinião porem, he, entressachar os tẽpos em guer- ra: porque tiranos não logrem o seu izentos, def- estinando os homẽs que os fostem, & o mesmo tambem entendo que corre nos amores que se querem alternados de auenças, & defauenças: porque a mulher mimosa enfadase da prosperi- dade, cuja malicia quero tomala antes que ve- nha algum interualo. Beijo as mãos da senhora minha prima: que mũdo nouo he este? Que cousa he esta? Que pecados tamanhos forão os de hũa al- ma? E q̃ desconhecimento o doutra? Cuija he aqui a culpa? Que a pena bem sey quem a padece. *Fil.* Quãto mays certo he q̃ sabeys vòs senhor primo a verdade de tantos enganos, & tão longos, & q̃ ti- nha eu muyta razão de me queixar de ma vòs tã- bem

bem não falardes. Mereciauos eu não soffrerdes verme vendida tanto tempo, & não serdes em consentimento d'isso, poys o encubriey? Acabey em fim de saber que não ha que fiar de homem, & por vòs jurara eu. *Din.* Não senhora, vòs ja não me atalheys. *Fil.* Sabey que sou inuiado a vos cõuerter, & restituyr à nossa fè, da que andays muyto izenta, & irregular: & se o não valer comuofco, hir mehey fazer helche: & mays ja que a cousa estâ danada, quero saluar minha hõra, & que me restituays a posse do meu credito, que por nenhũa via soffrerey perder com quem tanto desejo seruir. *Fil.* Eu, sem embargo de meus queixumes, quando for em cousas de vòsso seruiço, que eu possa mostrar a minha amizade, a ninguem darey vantagem: porque sou amiga desenganada em todo tempo, & de toda hora. *Din.* Beijo as mãos a V. merce por essa que para mym hey por de grande preço, & tambem sou tão certo de qué deuo, & deuo a vòs senhora prima tanto, que agora hey de ver se me respondeys, segundo o que vos quero. *Fil.* Eu senhor? *Din.* Haueilme de ouir, & se me quizerdes crer, diruoshey a verdade de tudo o que passa. *Fil.* E para que jagora? *Din.* Ah senhora que não val nada isso. Eu não vos hey de negar muytas culpas em Grasidel de Abreu.

Acto terceiro

Fil. Senhor primo. *Dim.* Haueys de ouuir razão, mas estas serão de condição trabalhosa, ou mimosa, & não de vótade falsa. Ora nisto ha ja muyto que dizer, & que respeitar: porque senhora prima muytas coulas faz a condição, que a vontade não concede, antes nega, & onde ha vontade, tudo se acaba, & está seguro. Daqui vem que soffremos aos amigos muytas semrazões, & dos imigos, né a razão nos satisfaz. *Fil.* Senhor quereys que vos diga? *Dim.* Ouuime senhora, por me fazer merce, & não me atalheys: todauia sou tão bandeiro por vossa parte, que nenhũa desculpa soffro, nem acci- to pela de Gracidel de Abreu. Mas estay comigo, douuolo culpado, douuolo condenado por herege damor. Aqui tem agora lugar o animo grandioso. Misericordia não deue negarse a quem a pede. Mà demanda tem necessidade de clemencia, como a innocencia a tem de juyz justo. Ambas estas alfayas tendes de obrigação de quem soys: hũa me haueys de dar, seja qual quizerdes: se vos errou, vsay a piedade que se vos ei pera, & nunca faltou em sangue nobre. E se volo eu der sem culpa da que me dizem que lhe pondes, sede justificada, que o al serâ teima, & rancor que nunca faz emprêsaõ na alma pura offendida, quanto mays não lhe errandõ. *Fil.* Como falays a vosso sabor,

mas muyto saberà quem me tirar dos meus treze. *Din.* Falo fouto: porque tenho a causa justa. *Fil.* Tudo he malhar em ferro frio: ja sey o que me cumpre. *Din.* Eu ja não me hey de hir com mâ resposta, mayormente de quem eu cuydo, & sey de mym que lha mereço boa, & me deue dar credito. *Fil.* Bofè senhor primo, quanto agora, longe estou de aceitar essas justificações, nem piedades, antes estou determinada acabar questões para todo sempre. *Din.* Boa heresia seria essa, senhora: dizia hum Rey que se deuem os poderosos aproveitar da clemencia, primeiro que vsassem do poder: porque o animo real senhor doutro, ha de ser piadoso, & não vingatiuo: & o mesmo digo para comuoso, por segurardes, com perdoar, & não perderdes com rigor o senhorio que tendes sobre hũa alma. *Fil.* Nem o tenho, nem quero telo. *Din.* Ah não sejays teimosa. *Fil.* Mal sabeys quanto me disso prezo. *Din.* He logo muyto mal feyto, & perdoayme senhora que volo não posso dizer doutra maneira. *Fil.* O perdão de Deos: mas eu hey de fazer o que quizer, & vós senhor dizey o que quizerdes. *Din.* Senhora minha, a piedade softenta, & conferua o que a crueza acaba, & destrue. não se ha de vsar de todo poder, & o mays notauel primor do Principe, he perdoar, & dar. Dó-

Acto terceiro

de Cesar preguntado de que tinha mays gloria, lembrando-lhe, se alegrava mays, disse: de perdoar aos que me errão, & galardoar aos que me seruíe: & esta quero eu que agora sejays, perdoando mäs sospeitas, & agradecendo boa vontade. *Fil.* Todas essas razões são boas de dizer, & vós que as sabeis bem pintar, mas não respondem ao meu proposito, nem me armão. *Din.* Antes vem a pluma: por que está claro, & não se nega, antes todos confessamos serem vossas merces princezas nossas, & nós não pouco satisfeitos com isso. *Fil.* Poys bem, estamos remedeados com esses principados. A outro perro com esse osso: mas quão longe o q̄ dizeys, do que fazeyz, que todos vos prezaes de nos sopear, & querer ternos por escrauas. *Din.* Tã senhora que me afrontays, & por parte de minha senhora o não posso, nem quero soffrer: porque eu ja não saberia negar-lhe minha seruidão por nenhuma via, & todo homem aprimorado se preza de trazer sua dama na cabeça. *Fil.* Inda mã hora não seria assi. Boa tola será a que consentir sogeição: isso he là para mulherinhas de vila, que todo seu feito, he, sarilhar, & debar, & não entendem vossas malicias: cá temos outros esperitos. *Din.* Por isso arrenego eu, ou arrenegamos todos, que soys todas tão izentas, que nem conhecimento do vosso senhorio

senhorio nos quereys confessar: porque soys tiranas de vontades, vidas, almas, & nem alsí satisfeitas. *Fil.* Não se fala al senão disso, quem vos queimasse todos por embaidores. *Dim.* Não se pode falar agora comusco: estays merencorea, que he paredemeyo com desarrazoadá. *Fil.* Bofè mays o estays vòs em profiar no escusado: que quanto a mym, como não ha cousa que chegue a ser liure, nunca viui com gosto como agora: & se me não credes experimentayo, & não vos leixeys sopear da vontade apetitosa, & vòs me nomeareys. *Dim.* Não me diuertays o proposito. Vòs senhora ja que o soys de quem padece vossa isenção, cuyday que perdoádo offensas, & galardoando seruiços se ganha contentamento, & louuor, & por este respeito conuertãose estas peleijas, que não se escusão antre os que se bem querem, em mayor amizade, & seja tudo renzilha de São João. E fora de vossa paixão, eu vos perdoo depòys confessardes-me o que vos mereço, & me agora negays, com tal que pagueys per junto tudo a Gracidel de Abreu, que delle quero as aluiferas. *Fil.* Mas quereys que não falemos mays em cousa tão escusada? *Dim.* Hasse de sofrer isso no mundo? *Fil.* Desenganesse, que estou tão farta de seus embates, que por couia desta vida não tornaria a elles. Que tẽ esse

Acto terceiro

esse homem de ver comigo? Elle cuydaua que era eu obrigada a sofrer seus achaques sempre? Poys saiba em certo que ja passou. *Dim.* Senhora prima. *Fil.* Senhor primo. *Dim.* Pezar de toda a mourisma não sejays tanto molher em ser teimosa, confesso que tendes razão em atanzalo : mas tambem haueys de olhar que o espirito afeiçoado tem mil paixões, & quanto mays vencido, menos sofrido. Ao animo apasionado , nada se ha de crer , nem estranhar : porque não está em sy, & falarlhe, he, falar com quem está ausente. *Fil.* E como ora o eu estou. *Dim.* Ia o vejo, quanto mays em paixão da-mores que defatina hum homem. *Fil.* Assim não vemos cada dia outra cousa, ah raposos. *Dim.* Ah crueys , & olhay como rima. Cuyda Graciel de Abreu que vos he mays leal que hũ Portugues, & vòs senhora acusailo por traydor, & condenailo sem ouuilo, nem lhe aceitar razão que o desculpe, & quereys que tenha sufrimento. Digouos senhora que he caso para perder o siso. *Fil.* Deos o tenha de sua mão, mas não ajays medo, que elle he para muyto , quando tal fosse , quanto mays quem se tão bem empregou. *Dim.* Assim cuyda elle, & não lhe val. *Fil.* Eu me entendo, & se fuy parua atequi, não o quero ja ser. *Dim.* Assas pena, & castigo he o pezar , & arrependimento do cometido, quando

quando se tem, & padecer a innocencia não he ju-
sto. *Fil.* Todos soys innocentes, & elle sobre todos.

Din. Ia volo dou culpado, mas arrependido: não
olheys ao que podeys, mas ao que deueys. Passar
pelas offensas he grandeza, & mayor animo he
sôfrer a injuria, que fazela: & mays mofino quem
a faz que quem a sofre: de vingarse muytos se ar-
rependem, & de perdoar, nunca, por ser o gosto da
vingança de hum mau momento, & o do perdão
dura para sempre. *Fil.* Aos homês nunca lhes fal-
tão razões, a razão sy.

Din. Senhora minha, do
meu mau conselho, não cureys ora de nouidades.

Conseruay o que tendes seguro, não venhays a
nouas esperiências, que são perigosas. *Fil.* Poys por
tanto como isso, elle mia tem dada de sy, & boa, &
me ensinou o que deuo fazer: por onde hey por
escusado falar em cousas passadas, que fim derão.

Din. Logo eu consintirey esquecerem as passadas,
com tanto que nas presentes não haja mudança.

Fil. E como ora espero não fazela. *Din.* Não digo
da maneira que days a entender, mas que esque-
cidos os passados agrauos, poys o proprio reme-
dio da afronta, he, esquecela: acabese toda desauê-
ça.

Fil. Eu vos seguro que nunca amays tenha-
mos. *Din.* Beijo as mãos a V. merce per essa, & isso
me parece de roias, & assi he muyta razão, não

hauela.

Acto terceiro

hauela antre vontades tão certas : não erraua eu em vos ter por essa. *Fil.* Senhor não me faleys ad Ephesios, entendeime se quizerdes como o digo, que eu bem vos entendo, em que folgaua com fingimentos, & os cria. *Din.* Estou para hauer mercorea, se podera tela de vòs senhora. Do descredito que me tendes, fiayuos dos amigos, que peor he fiar de imigos : & desconfiar de todos, he triste vida. Melhor he vencer com conselho, que com paixão. Tomay ora o meu, que afè de vosso seruidor, que està Grafidel de Abreu saluo de culpa. *Fil.* Quem perde a Fè, nada lhe fica em que se salue. *Din.* E se a não perdeo? *Fil.* A muyta facilidade he paruoice, & de my me estou escandalizada por a muyta que tiue em me fiar delle: como hey de ser lesuda daqui por diante. *Din.* Em quanto durar o arrependimento. *Fil.* Achome tão liure, que de contente me desconheço. *Din.* Certos feros de magoada. E com isso desconhecereys todos. Poys dizeime senhora : & tão izenta se cobra là a liberdade? *Fil.* Mays prestes do que cuydays. Por tanto ninguem anôge sua dama, se não quer perdela. *Din.* E assi mo aconselhays? *Fil.* E mays agora que hey de auisar todas que fação mal, sem quererem bem, que os homês assi querem. *Din.* O demo to disse. Apelo por parte dos afeiçoados,
& a

& a culpa de hum (quando a ouueffe) não deute ser pena de todos. *Fil.* Nunca ouuistes, que ameaça muytos quem afronta hum? E hum ingrato ensina outros ser escassos? *Dim.* Estays braua de maneira que vos hey medo. *Fil.* Guardeuos Deos de molher determinada. *Dim.* Não cuydey que se vsaua là tanta mudança. *Fil.* Poys que querieys, ser muyto liures, & as coytadas fogeitas? Ia as todas morrerão. *Dim.* Bom està isso: vòs senhoras mãdaes, nòs obedecemos: vòs descansadas, nòs cansados: vòs alegres, quando nos vèdes tristes: vòs senhoras da vossa vontade, & nòs querencosos de vola fazer. *Fil.* Quantos enganos. *Dim.* Injuriaisme por boas palauras: tudo sofrerey senão negardes-me minha verdade, & com todo homem que me contradissera, me matara: mas com vòs senhora, não ha mays que sentir, & padecer, & vaimè parecendo que aproueitarà ja pouco minha porfia a quem me cà mandou. *Fil.* Credeme que vos ouço por não ser mal ensinada. *Dim.* E eu se sou sobejo, perdoaimo: porque nos negocios proprios, rogo, & nos alheyos, importuno. E mays não sou tão pouco vosso, que poupasse o gofsto danado de ninguem, com vossa perda, mayormente que presumo de tão leal a honra, & estima de todas as molheres, que por nenhũa cousa melhormente mataria.

Acto terceiro

taria hum homem, que por saber que trata enganoso a mulher de respeito, & tenho para mym por summa das vilezas, & grande grossaria, fingir amor.

Fil. Não tratemos de vós senhor primo, que soys esse, & cã estays nessa posse antre estas senhoras: mas de effoutro senhor. Para que he vir com nouidades agora, se no tẽpo passado não teue amor merecido por boas obras, & conuersação fingela: porque o hauerá, perdida a razão para havelo? a Fè he como a alma, que não torna donde sahe: inda que ninguem perdeo a Fè, saluo quem a não tem: elle nunca a teue, & esta he a conculsaõ. *Dim.*

Senhora prima afè de gentil homem que lhe tenho dito disso mays do que podeys dizer, primeiro que aceitassẽ viruos falar, & deume taes razões, & cõ tantos juramentos. Fiayuos de mym, que vista sua innocencia lhe prometi fazer estas pazes.

Fil. Não façais, que a elle vemlhe isto melhor, não lhe pejarey o tempo, que quem dous senhores serue. *Dim.* Ah senhora que he mor mentira do mundo.

Fil. Que o seja, ou não seja, que me dà a mym. Não hey de tornar atras de meu proposito poys me acho muyto bem delle. Fazeime merce que mudemos a pratica, ou me day licença para me hir. *Dim.* De maneira senhora, que não valho comuofco ouuir de sme?

Fil. Que vos hei de ouuir?

Confes-

Confessouos que dizeys verdade: porque vos parecerà que se me deuia, mas eu quero agora viuer à minha ley, & ver que vida he viuer sem amores, que deue ser muyto descançada, segundo vou sintindo. *Din.* Nunca viuestes sem elles. *Fil.* Ha ja tanto, que me esquece, & hum estado tras esquecimento doutro. *Din.* Poys senhora olhay que o senhorio do costume he muyto forte. *Fil.* A pessoa determinada tudo acaba, & pode comsigo. *Din.* Finalmente que he escusado debater nisto? *Fil.* E bem escusado. *Din.* Se assi fizessem os despachadores, forrarsehia, sequer o tempo, mas inda me não hey por respondido. Cuidayo bem, que as cousas cuydadas, se embicão, não cahem. Deue cuydar-se muyto tempo, o que hũa vez se ha de deliberar. Lembrouos que se alguem perde, tambem perdeys. *Fil.* Sinta cada hum sua perda, & calese com ella, que eu assi o farey, segura de me arrepender. *Din.* Day ora ao demo essas birras, que de fazer vontade à paixão, socede o arrependimento. *Fil.* Senhor perdoay me que me chamão. Beijouolas mãos.

Acto terceiro

SCENA SEXTA.

Dinardo Pereira.

Grasidel de Abreu.



OTO a tal que o vio , & fugio por não lhe falar : nisto ja não ha cura, liureme Deos dos odios destas, que como começãõ não tem meyo em ser teimosas. Bem se diz , que ou amão, ou aborrecem. *Gras.* Que vay câ, que tendes feito? *Din.* Day a Deos, mays danada està esta cousa do que eu cuydey. Estau alhe falando, & em vos vendo vir , foise sem me esperar mays razão. Passamos grandes baixas, eu às boas , & ella às mãs. Eu porei fiquei com a peor , & defengando rasamente, que não hauia de entender em coufa vossa. *Gras.* Não volo dizia eu? Sabia melhor que hauia isto de ser assi: são galardões do mundo , coytado de quem ha de sofrer tudo Sede là afeiçoado, vereys como vos pagão , não querem ellas mays que acolheruos a vontade para vos fazerem perrarias. *Din.* Ora dizey me por vossa vida : vòs quereys bem no estremo que mostrays? *Gras.* Mas que vedes vòs em mym para eu não querer mays do que digo? *Din.* Poys afé que nũca pude

pude entender de vòs mays, que parecerme que
o fazieys por passatempo. *Gras.* Tal foy para
comigo, mas tinha que era empregar tempo: por-
que tambem entendo quão pouco fruyto dão
fingimentos nestas partes. *Dm.* Nem tambem dà
perda, he hum viuer como vossos vezinhos, pou-
co custoso, & de gosto, & sem amores, cuydo que
ninguem pode telo de sy mesmo, & com elles tu-
do vos alegre, & atè pòr hũa ataca noua vos con-
tenta: & sabeys por quão necessario o tenho? Que
como me derdes hum coração namorado, con-
templatiuo, sem fezes de censual: douuolo fonte
de espiritos nobres, hum debuxo de bós costu-
mes, & que não tenha em muyto ser outro filho
de Amon. Sem amor não pode tomar fogo para
bom feyto, logo fica apagado, & homem inhabil:
por isso fou perdido por mym, & tenho muyta
razão: porque não me dem comer, nem beber,
saluo pestanas que fação sombra, sobancelhas
afiladas, & hũa espartadura como estrada, & então
sob los teus cabelos ninha, dormiria. Mateme
Deos com homês desta feuera, & mandeme to-
mar Marrocos, vereys se mo defende o Sofi. E
vòs cuidays que tudo he, namorado fou eu? Mays
ha que fazer nisso, que nas bragas de hum bode.
O bom galante, primeiramente ha de ser liberal,

Acto terceiro

se quer alcançar vitoria, liure para oucioso, espreitar azos, & lograr acertos, paciête para sofrer semrazões, & fingimentos, discreto para saber arrazoar o que lhe cumpre, secreto, & não vãoglorioso, para encubrir suas glorias, fiel para agradecer-las, & animoão para perseverar no trabalho: este tal nunca morre, nem erra valia. A vossa arte não entendo eu, nauegays por rumos muy auessos da minha agulha: são outras discrições singulares desuiadas de certezas. Eu sou de hir pelo caminho das carretas, que em fim tudo o mays trilhado he o mays certo. *Graf.* Diruoshey hũa verdade, como á meu confessor, & que encubri sempre: porque a minha arte, he, nunca dizer o desnecessario. Eu quiz, & quero bem em todo estremo à senhora Filomela. *Din.* Agora me espanto mays de vòs, & vos julgo peor, dino do mal que vos veyo. E sendo' así, em que vos fundaeys quando por nada armaueys peleijas de anno, & dia? *Graf.* Como vòs sabeys: esse he o querer bem refinado todo rabujento, & videntro. Nunca quem teue o amor que eu tenho temporizou falando à vontade, como lhe queria muyto, receaua muyto: & a molher, para sustentala haueishe de mudar os postos de bem a mal: porque são tão mudaueys naturalmête, que se lhe não alternays gosto, vida, & esta-

& estado, dandolhe agostar, & sentir as differenças do desejo, tomão logo fastio ao que possuem.

Din. Ora crede que nenhum amador vê o que lhe cumpre: o muyto mimo vos danou. Bem se diz que a velhice descobre os erros da mocidade, & a fortuna o mau conselho: & tal o teuestes em seguir, de confiado, parecer proprio. Poys sabey que no amor prospero se deve cada hum velar de suas cautelas: porque menos seguro está quem a muyta segurança tem desaprecebido. De boa fortuna não ha que fiar, que o mar em hum momento se muda. Fazey sempre que vos não tenham odio por vossa culpa, & cumpris com uosco. O amante sabe, inda q̄ mal, o que deseja, mas não sente o q̄ releua. O mau teme a ley por suas culpas, & o bom a fortuna: porque entende sua inconstancia. Isto he andar no certo, & não buscar mundos novos. *Graf.* Eu, poys vimos a tudo, fazia a conta ao longe: pretendi experimentar sua condição se me respondia a meus fundamentos; porque amor apura no sofrimento. *Din.* Esperiencia de amigos he muyto perigosa, & a mulher he desconfiada das boas obras, quanto mays das más. Proua de amor como he doce, sendo a q̄ deve assi trabalhosa a contraria: mayormente se a vontade está sojeita. Nunca ouuistes que o enfermo des-

Acto terceiro

regrado faz o mestre ser cruel? A ninguem ten-
teys de paciencia, que não ha quem a tenha, & fe-
rida muytas vezes conuertese em furor. Tal foy
minha prima, que da muyta que teue comusco
cansou, & nada se acaba por mal. E como diz o
exemplo: guardeuos Deos de yra do Senhor, al-
boroto de pouo, & de doudo em lugar estreito,
ella senhora de vòs, douda como o são todas as
fermosas, buscastes cinco pès ao carneiro em que-
rer esperimétala. *Graf.* Quem quereys que acerte
tanto? Verdadeiro amor não sabe ter regra. Eu
sou de saber o que tenho, por escusar depòys ma-
goas que roem a alma, & primeiro se ha de vsar
do saber, que tentar a fortuna. *Din.* Se así que-
reys, sofrey o dano, por lograr do proueito. A pa-
ciencia he brandura comũa de todos os males,
mas eu hey, que he matarse duas vezes quem se
mata cõ as proprias armas. Nunca creays animo
apassionado. Encubristes tanto o bom da vossa
tenção, que desesperastes quem vòla não enten-
dia: porque qual te dizem, tal coração te fazem,
Graf. A Fè he do que não se vê, & em crermos o q̃
não vemos estã o merecimento, & crer com pro-
ua, não se agradece. *Din.* Assim, que quereys q̃ vê-
do ella quão esquiuamente a ieruiays, vos crese
o que não via. Excelente varão soys: estas
minhas

minhas senhoras queremse muyto mimosas, & dado que depouys de entregues ao amor sofrem as perrarias que primeiro fizerão, que por isso se disse: para cada porco ha seu São Martinho, mas se se assanhaõ, ou se enfadão, ja ouuirieys, que ou amão, ou aborrecem. Outros andão a enganalas com falças mostras de bem: & vòs com as de mal enganaueys a ella, & a vòs. Mao fundamento fazieys, não soys camuz de entender damas: querey antes ser amado que temido, que por amor durão as cousas que se perdem por temor, & he pequice querer amar sob cor de imigo. Hides fora de todo o bom dos ameres que hão de ser meguices, & branduras, & effoutras rabugês são mecanicas.

Graf. Como o meu amor não he comum, não tem os termos vsados comūmente. Fiz sempre cõta de descansar com a senhora Filomela, por o que lhe daua os toques das magoas para me lograr seguro do descanso. *Dim.* Bem presente não se deue lëixar o que està por vir: para que he adiuinhar o mau anno? *Graf.* Porque gostado o mal se conhece o bem. A esperança do descanso aliuia o trabalho. Pouco gosto pode terse do bem, receando o mal. A deleitosa vida amarga com a lembrança da morte: melhor he o trabalho que espera repouso, que o deleite de que se es-

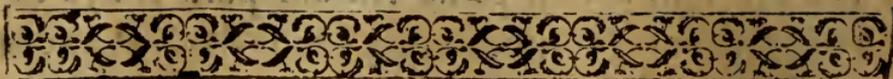
Acto terceiro

pera nojo. Pouco contentamento tinha elRey Dionisio das musicas, & faustos de seu estado real, parecendolhe ter sempre sobre a cabeça a espada nua, que pendia de hum cabelo. Gosto he contar fortunas passadas, saluo ja dellas. *Din.* Não ha bẽ, por pequeno que seja, que não queira antes logralo presente, que a mayor promessa do mundo: porque sò Deos sabe o por vir. Quem trabalha por descansar, não descãça sem trabalho: & poys o toma à condição de per elle conseguir o descanso, melhor o aceitaria podêdo, que escolher o trabalho que por seu respeito passa: & por tanto quando vos derem a escolher do mal, & do bem: escolhey o bem, & chamemuos paruo, & que digays que he melhor o bem, passado o mal, não cureys dessas vaydades: no que estamos, benedicamos, dizem là Regras de Philosophia, são boas de dar, & más de experimentar. Nenhum vi tão paruo, que não errasse. Lograr do presente, que o mal quando vier, elle ensinarã soffrerse. *Graf.* Ah quem se visse em estado de conselho, para debater sobre elle, mas eu viui esperando que falasseys com vossa prima atègora antre esperanças, & temor: perderãose ambos com me deixar em peor estado: venhão as dores poys assi o quizerão meus fados. *Din.* Não vos entregueys à paixão, ja

vos

vos a fortuna não pode mudar para mays d'or. Fica esperar o remedio que Deos darâ. Yra com poder he rayo: o efeito de tudo consiste em ter poder, & crer, se qualquer destes falta, nada se faz: porque ninguem faz o que não quer, & faltando o poder, por de mays he o querer. Minha prima tem agora tudo, não ha resistirlhe, leixaya cumprir com sua furia. Antre tanto eu falarey com vossa cunhada, que as molheres rendemse hũas a outras: & ella lhe farâ perder esta merencorea, que quanto mayor lha vejo, mays lhe espero amañala. *Graf.* Seja assi, nada fique por tentar. & quando não, entregarmehey ás magoas, que ja sey que estas dà o mundo, em satisfação das verdades. *Dim.* Ora que tudo se farâ bem, & o tempo o dê. Vamonos ao Paço que são horas.





ACTO QVARTO.

SCENA PRIMEIRA.

Germinio Soares.

Artur do Rego.



Arece-me horas de hirmos à nos-
sa aventura. *Art.* Eil-me aqui com
minha esclauona cinta, coração se-
guro no peito, & a vontade pronta
em vosso seruiço. *Ger.* Eu diria que

era bom levar verdugo mays de marca, quaes os
ja trazem todos, & postos em ponte de ferro, a
poder de estocadas se defendem como de hum
baluarte. *Art.* Castelhanos trouxerão essa couar-
dia à terra. Quando Portugal florescia, com seu
treçado ao longo da perna, bom esforço cometia
tudo, & dauãose, & tomãose com gintil destre-
za, & animo destemido: agora passou se a confian-
ça do espiritu à munição das armas. *Ger.* Haue-
mos de andar com o tempo: porque nos ajude-
mos delle. E por tanto forrayuos para contrami-
nar matantes roncadores, que andão feitos relo-
gios,

gios, que eu vou de minha coura, & casco de laminas, luuas de malha, & duas pelotas de chumbo, & este verdugo de Milão, que he dos melhores que vistes. *Art.* Braço ha no mundo q̄ dê dous golpes com esse espeto. *Ger.* Eu não quero mays que polo diante do peito, & meu passo auante. *Art.* Ora vos digo que hides hum Mazagão de forte. Poys eu não quero mays para arripicar em saluo que este chapeo de casco, & minha luua da ferrar, & vereys que descozer faço com a minha fisberta, se vimos a isso. As horas, vòs senhor as vede por vosso regimento, que do conselho do Capitão pède o esforço do caualeiro. *Ger.* Vamos, que melhor ferà hirmos de antemão, que errar marè, que em acertala consiste tudo. Nòs hirmos apercebidos para os noturnos combates de nossos petrechos, ao proposito competentes. Esperaremos as horas no posto: porque não o tomem primeiro outros aaventureiros: poys por estilo de bõs cortesoës, he de quem toma a posse. *Art.* Vedes que graciosa noute? *Ger.* He a propria para morosos furtos. Mas vamos calados veremos se ha galantes nas frontarias, que nos possaõ estoruar. *Art.* Mal lhes armarâ agora isso: porque vou de maneira, que se me alguem faz carrancas, & posturas de bufo: em outro tempo se podem
melhorar

Acto quarto

melhorar de mym em que me tomem sem co-
ra, mas neste perdoelhes Deos. Dò hey ja do que
me anojár, & se puzer em pontos comigo, que co-
mo sabeys, tambem na valentia ha horas : & em
vossa dita, parece, cahime o meu quarto, & vou
para me dar com hum esquadrão. *Ger.* Se vos fin-
tis picado, hídle lestes, que a galantaria anda aqui
trauada de maneira que não ha quem perca pon-
to, deue causar-se do faro destas senhoras, que esse
deu alento aós tiranos para sustentarse dez annos
cercados, & o temeroso ceruo, fassse atreuido to-
cado deste furor. *Art.* Se toparmos graçaõ que se
ponha em som de fanfarraria, leixayme, que eu
vos darey conta delle. *Ger.* Diruoshey, eu tenho
que he lingoagem de Satanas, & semente que se-
meou nos animos Portugueses por conhecer que
saõ altiuos, & pontuaes em seu brio, & que casi
pecão de desconfiados : porque leues palauras
vem a eternos odios, o que nas outras nações he
venial: & nõs fazemos a honra tão vidrenta, que
qualquer toque a amola. *Art.* Antes vos digo que
se vay ja perdendo a opiniãõ com que se guar-
dava o decoro aos homês, & não se sofrião os
desaforamentos que o interesse tem admitidos.
Ger. Temse o mundo feito muyto sesudo. *Art.* Lo-
go lhe eu isso sofrera, mas tenho que o interece o
tem

tem feito couardo, & effes fiſos dos bõs da ouſa-
dia a roins para tomarem liberdade em ſeus ex-
ceſſos, & cayrem com elles. Eu não vos louuo ſer
ſoberbo, nem vos gabo ſer ſofrido, por não dar li-
cença a couardes. Entendo que o muyto ſofri-
mento acanha eſpiritos nobres, & dà folego aos
fracos. *Ger.* Muyto ha diſſo pela terra, & he viuer
chriſtãamente ſem odios. *Art.* Eſſa vos não confeſ-
ſarey eu, antes cuydo que quando as amizades
erão pubricas, hauia corações mayſ puros, & ago-
ra tudo he brazas debaixo de cinza, & cobra an-
tre as eruas. Deſſimulo, porque não vos veleys de
mym: Não me declaro, porque não me recehe de
vòs, & fica aſſi o campo ſeguro para vos ferir on-
de vos acho em diſcuberto. Eſtranhãſe tolher a
fala, & ſofremſe obras imigas. *Ger.* Eſſa he a diſcri-
ção que achou o mundo, ſaber diſſimular o odio,
& atreuimentos ja não vem a lume, & amarrar o
fiſo inda não baſta. Quando o eſcudeiro ſe enfei-
taua com brozeguins bayos, barrete vermelho
cõ fita azul, moito por levar boas pernas acaua-
lo, & no cabo da carreira apupaua: então ſe eſti-
maua a colera: agora em açamala vay a honra, &
em leixaruos acanhar a diſcrição. O homem bri-
goſo he bruto, o manhoso louuado, & por tanto
não ſejays ardego boca ardête, nem tomeys ſeſtro

Acto quarto

tão defasazonados. *Art.* Não sey tão pouco do mundo andando em meyo do pego. Pouco presumis de mym, se me fazeyz tão cego que não vejo o tempo bisexto, & que apupa a quem seu cabedal emprega nessa mercadoria que ja teue preço. Tenho entendido que està o Portugal na derradeira idade que requiere repouso. Cobiça dinheiro para fazer quintaãs, natureza de velhos, & sofre rapazes por viuer. Mays vos digo, porque entendays como sou de atalhar a desgostos, que cansaõ a vida, & poupar minha recreação, que não me haueys de acolher nestes amores do Paço: porque são muyto longueiros. Quero mays duas horas de hũa madama sem coymas, que me vem a casa bailar, que todas estoutras vossas damices: porque as que digo, he hum comer feito, & barato, & estas minhas senhoras são tão guardadas, & recatadas, que não se pode fazer com ellas traueffura que vos não caya em casa: & eu viuo à ley de fiso, & não me auenturo em cousa de tão to perigo, & pouco tomo. *Ger.* Valhame Deos quão mao namorado soys, baixa estofa he o trato dessas madamas: mays de homés sensuaes, & deuassos, que de galantes: & não tendes gostado amor contempratiuo, que he o doce dos amores. Effoutra cousa he bruteza que enfastia, & enfada

muy

muy era breue, & tem cem mil enfadamentos da alma, & do corpo. Sabey que o mel da vida, he, seruir hũa gentil dama, & quanto mays perigosa he a empresa, tanto de mays preço: quanto mays velada, mays estimada, cobiçada, & de mays gosto. Contraria opinião tendes de todo o homem de espirito: ha cousa que chegue à recreação que a alma sinte em contempnar a lindeza de hũa dõzela, que he a nata da natureza? hũa pintura admirauel, a menina das creaturas, a mostra das graças, o trasunto do primor? Ora chegay a ouir a agradecida fala, a meiga brandura, a mansa cõuerfiação. Senhor hey dõ de todo homem sensual, & percome por hum galante contempnatiuo. Pondeme vòs alem do mar, que o menos que farey, he, ser outro Leandro. *Art.* Heys ahi vòs que vos armão caualeiros andantes, & os encantamentos da infula firme. Eu senhor queria a entrada franca, & sahir pela porta, por não morrer como Calisto: & todauia se cumprir, ninguem he mays verde que eu. *Ger.* Agora me contentastes, que etibem estou com o siso: mas às vezes parece que ha casos em que posto aparte cumpre vsar desarrasoadada determinação, segundo fazia Alexandre. Hũa hora por outra hanse de cometer as cousas à ventura, & não ser sempre arbitrador, pòys não basta

Acto quarto

bastar alcançar os successos dellas, por cousa de tanta estima como hũa linda dama tudo se ha de aventurar, & nada temer: mas para com os aventureiros deste passo. Toda a boa cortesia he esforço, & discricção, & tacha querer afrontar ninguẽ sem necessidade: & temse por grossaria estoruar a ninguem seus gostos. A paz haffe de procurar sempre. E assi dizia Cipião Mayor, que não se deuia trauar peleija, saluo conuidado da occasião, ou forçado da necessidade: porque de Capitão descuydado era desprezar azos offercidos: & de estremada couardia, não ter animo acometedor quãdo se offerece esperãça de não hauer desastre, nem perigo: & o temor não dà outra cousa, saluo destroicção, & afronta. Por onde o bom he sempre antes de virem às armas, acabar tudo com a boa razão. E assi disse Phelipo vencendo os Arcadas, melhor fora se os venceramos por saber, antes q̃ por força: que a vitoria alcançada per virtude do animo he a melhor, por quanto nas forças, as alimarias nos vencem: por o que ser bom Capitão he especialidade muyto de vantagem a do bom caualeiro. E por isso dizia Cipião Africano, que o parira sua mãy Capitão, & não soldado. *Art.* Não se nega que o saber domina sobre tudo, se o tempo o permite, & que he bom viuer de proximidade:

dade:mas esta cousa corre, segundo tenho entendido : segundo o que cá dizemos, que o couardo fugindo,não foge a morte:porque às vezes o querer fugir brigas,as causa. E. homês muyto caualheiros,& aprimorados, por não quererem ter palauras, hauendoas por armas de molher, ficãose afrontados, & serlhes depòys necessario melhorar-se com dobrado trabalho: porque não ha enfadamento,& occupação que así atormente a alma,em quanto a não satisfazeys,& depòys de satisfeita:& hauer de cumprir com o mundo, parentes, amigos, & com honra, não se pode fazer. Se não fora Christão esperarauos hum touro: por onde palauras são muyto perigosas,& vinganças màs de azar: & ha hūs madraços que trazem o esforço na lingua,vendo gente em meyo:& se vos vêm comedimento, queremse senhorear de vòs com sobrançarias. *Ger.* Esses necios,desenganalos com obras:andão aprecebidos de termos grosseiros no primeiro recontro, por se forrarem de vir ao segundo, em que mostrarão o fio:são de alca-teas,& q̃ não entende sua composição, & qué vir seus preparatorios telosha por Golias: mas isto he para pouo, & molheres. O homem que de sy sabe que não ha de fazer couardia,seja seguro, & não dé vento a ronçarias. De branduras vos ve-

lay,

AËto quarto

lay que peor he o dia encuberto, quo o descuberto. Dizia Chilon : ameaçar, he auisar o invigo, & danar a occasião da vingança. Homem manso abutornado me desatina, & nunca o queria por contrario. *Art.* Eu nenhũa cousa receyo tanto como palauras, que vos tomão descuydado, por quão má he de hauer satisfação dellas. Dar-se hum homem com outro, o que menos pode, se se defende com animo, não fica couardo. Ficar mal de palauras, acanha a opinião, obriga muyto, & quem se guarda he mau de acolher em parte que vos satisfaça, & são culpas mays da mofina, que do animo. A minha voz, he, ser Biscainho nas razões, & Portugues nas obras, sayndo ao primeiro arrepique. *Ger.* Aqui somos, inda cà temos gête de guarnição, amantes de caualo, os quaes fazey conta que manterão a tea parte da noute. *Art.* É quem são os meus senhores? *Ger.* Inda o não sey. *Art.* Os dous que cà estão assentados deuem ser seus lacayos. Vamonos para junto delles: porque os amos não encalmem comnosco, & se detenhão de sofregos se entenderem que temos negocio.

Ger. Seja assi, que a noute grande he
& ouuiremos tambem o
que dizem.

SCENA SEGUNDA.

Dom Ricardo.
 Germinio Soares.
 Xarales.

Dom Galindo
 Artur do Rego.
 Miranda.

VOS senhor Dom Galindo ouuistes hoje a senhora Dona Paula com Dom Galaor na mesa da Raynha? *D. Gal.* Não fuy là por certa occupação. *D. Ric.* Ora poys ouui. Foyse Dom Galaor para ella, & çarrouse de maneira com elle que o afrontou, & chegou a tanto, que elle de inchado soltouse em palauras taes, que foy necessario a seu primo Dom Florendos, que estaua da outra parte, sayr per ella: & ficou a coufa tão azeda antre elles, que se recea hauer desafio dambos. Eu ja sabei que se fora Dom Florendos, àlem do mar o desafiará: porque, senhor, estas tardes com hũa dama obriga muyto, & requiere estar homem sempre com o pè diante, como Grou. *D. Gal.* Muyto me contays: assentay senhor que hũa dama he hum vidro: & o galante que com ellas ha de tratar, cumprelhe andar confessado, & com cedula feyta: porque se lhes entra hum

Q
entejo

Acto quarto

entejo do ar: fazemos desprezos, que não ha muralha que se lhe tenha. Ora â hum torçicolo com bocejo, não ha casa forte, que por no sufrir vltirage, cometerey todo o impossivel. *Xar.* Iuriadez que teneys poco que hazer en esso: ca peor que moro es quien me tiene aqui a deshoras, al fresco de la noche, con hambre, sed, & frio: mas puto de mi (judio) que te sufro, por vn negro ducado al mez, y esse mal pago, y es justo, que quien sirue locos, y necios, no puede sacar dello sino mala ventura. Y boto a tal que si me paro a pensar en esto, estoy por derreñegar de la leche que mamè, por hauer venido en esta tierra, do todo es locura, y fantasia. *Mir.* Vòs Castelhana cuydaueys que tudo em Portugal era mel, & manteiga? *Xar.* Calla Portugues bouo, que de necio no fientes tu mal. Hados malos me traxeron aca purgar peccados en comunicar bouos. *Ger.* Vòs gostays desta farfa? *Art.* Real està o passo, & o Castelhana tem sal. *Ger.* Poys o Portugues não se lhe agacha. *D. Ric.* A senhora Dona Paula he gentil dama, & sua opinião, & sofre mal galantes de almazem, & o que ella admite, sabey que ha de ser atilado, & poucos taes na duzia. E parece ser que o serão passado, mandoulhe Dom Galaor pedir que quizesse dançar com elle hũa baixa, & alta, & ella

escu-

escusouse por mal desposta; & dahi a nada, sahio a passar galharda, & pauana com Dom Felipêdo. E Dom Galaor, ja sabeys que he fraco cortesaõ, & leua mal o Paço. *D. Gal.* He verdade, & ja ha dir à coua com se vestir mal. *D. Ric.* E cuydo que se queixou. *D. Gal.* Vamos, & venhamos: q̄ pode hum fidalgo dizer a hũa dama, que não seja amores, galantarias, obediencias, sojeições, & bõs ensinõs? Ora se fala bem, que lho aleuante a dama, & estime, & se mal, que lho dissimule, & sofra, poys elle faz o que pode, & sua tenção he contentala. *Xar.* Tomad por ahi, pensays mi amo q̄ todos tienen de ser como yo, que viuo de sufrir necios como vòs. En buena cè, que deue ser muger de biẽ, pues no sufre badajos. Si el galan fuera Xarales, a mi el cargo, que no le hallasse desgraciado. *Mir.* Não te calarás Castelhana? Queres que te quebre esses focinhos. *Xar.* Callate tu noramala, pues eres asno, y no sientes la carga que traes a cuestras en viuir con otro tal como tu. *Mir.* Bem sey Castelhana que correys hoje risco comigo. *D. Ric.* Si, mas presuppõto que ella se enfada da sua fraca cortesia: porque quereis obrigar hũa dama discreta, que naceo para mimosa, que se encalme com ouuir nuyta sensaboria, & frieza, que he hum brauo, & incompatiuel

Acto quarto

enfadamento? *D. Gal.* Diruoshey a isso senhor: eu não sinto qual he o homem discreto, quanto moderdes mays namorado, que se atreue, ou pode falar a sua dama, sem tartarear. *D. Ric.* Desse voto sou eu. O homem afeiçoado, mays fala com os olhos, q̄ com a boca *Xar.* Nunca mas medreys q̄ para melcochero. *Oyes Miranda?* Oy me acaecio con vna rapaza, hija de la mesonera amiga de mi prima Cifuentes, quererla hablar, y por no quererme escuchar, subioffeme la moltaza a las narizes, y fue tanta mi saña, y corage, que le descarguè media dozena de bofetones, y ensangrentelé todas las muelas, hecho esto, escabullome de presto, y vengome muy enojado. *Mir.* Voto a mares, que andaste como homeni de barba, inda que a tés bem ruim: porq̄ não ha ceuadouro para caçallas, & fazelas vir comer à mão, como darlhe hũa boa estafa, que todas têm, que as não castiga senão quem lhes quer bem. E eu com a minha tarasca não lhe acho melhor entrudo, & baila diáte mym. *Ger.* Pareceuos que dizem bem os amores destes com os daquelloutros, que tè falar temem? *Art.* Tudo tem pro, & contra. Tantos homês, tãtas sentenças. Todos os estados têm seus estilos. *D. Gal.* Muyto bom seria isso. Eu todavia não sou de ver logo os cabos, que são muyto sem sabores. Daimé hūs

hūs amores picados, esperanças perdidas, izenções amorosas, que vos fazem afocinhar a cada passo, que aqui vay a trisca dos suspiros, ansias mortaes, & a profia dos desejos: porque, senhor, tambem não se pode tolher a hũa gentil dama, antes lhe está bem, & pode, se quer, ser izenta: porque eu não soffro hum homem enfadonho, quanto mays quem naceo para a soffrerem, & desenfadaré. *Ger.* Está aprimorado do Galindo. *Art.* Não se pode negar ao sangue puro, ter delicadeza nos espiritos, & pureza nos pensamentos. *D. Gal.* Senhor, sofreime esta fraqueza, se vola parecer, mas eu a minha arte he estimar damas como as meninas dos meus olhos: porque assi o são ellas. *Xar.* Para el puto que tal hiziesse: juri a la mar salada a hallarme con vna destas sus requebradas, mas paparotes les diesse. *Mir.* Esta de meu amo, que parece feita de engonços, & anda sempre nos bicos dos pès, como alueloa: quem me desse achala antre laura, & Coruche, para me vingar destas más noutes que me dà: porq̃ eu ja primeiraméte havia de desbijala de todos seus pendiricalhos, & ensinarlhe a doutrina Christã, q̃ perdesse ella a saudade aos suspiros de seus requebros. *Xar.* Y para hazelle su officio con Letanias, y todo, dalle al cabo con los talabartes vna buena disci-

Acto quarto

plina, en buena fè que la dexasses mas dotrinada q̄ la Siuillana en su tiempo. *Ger.* Haueys q̄ sobera aquelle grande Dõ Ioão de Menezes tratar assi hũa dama? *Art.* Mas como se acharia enleada a delicadeza de hũa donzela linda, em poder de hum destes alões. *Ger.* Tudo a desauentura pode, & tudo se vio ja: mas culpas desta calidade, nunca as desculpo em molher, se ella as cometeo, nem lhe chamo senão desafortada de uassidão, por mays cores que lhe deys da fraqueza humana. *Art.* Fraca desculpa té, mas he para lastimar muyto: porque a molher he o em que se ella alsí mesma estima. *D. Ric.* Muyto bem estou com hauer de sofrer tudo a hũa dama, por ser dama, & ser molher: mas os mouimentos accidentaes, não estão na mão dos homẽs: porque ellas tambem deuem muyto fugir de escandalizar por não auenturar ser escandalizadas. *D. Gal.* Poys dizeime senhor, sabeys se se desafiarão? Que Dõ Galaor, eu seguro que aceite o desafio de bona voglia: porque lhe tem vantagem nas armas, em que he muyto destro. *D. Ric.* Não vos vades por hi, que no animo está o negocio. Eu não me fio tanto nas mostras, inda que as não condeno: mas de homem de sangue que tem vergonha, tudo lhe espero: & mays nisto ha ter razão por sy, & dita. *Xir.* No os mateys,

mateys, que yo os prometo, si alla van, que ellos bueluan saluos, y sanos como los de antaño. *Ger.* Como he certo a ninguem perdoar o pouo. *Art.* Olhe cada hum que faz, que muy comun he, trosquiarme em conselho, & não o sabem em minha casa. *Mir.* Dizey Castelhana, nunca vòs ouuistes, não querer ferir, nem matar, não he couardia, mas bom natural? *Xar.* Ansi lo dizen en mi tierra: mas empero, alla, si dos rufianes de por ahi salen a campo por nada, de muertos, o arpados, todos a bien liurar no escapan ellos, y los padriños. *Mir.* Isso ferâ borrachas: sabeys vòs outros mays que punta al ojo? Não ouui eu sempre em Castela, al buen huir llaman sancho. *Xar.* Nora mala para vòs, y para vuestros aguelos, pues adõde vuo los Infantes de Lara, Bernardo del Carpio, y el Cid Ruym Dias? *Mir.* Nesse tempo não hauia Portugueses. *Xar.* Quanta necedad dezis hermano, perdone Dios a quien mas no sabe. *Mir.* A vòs amargauos a verdade Castelhana. *Xar.* Mirà Miranda no riñamos, que os pezarà si me enojo. *Mir.* Todauia vòs Castelhana correis uos, & então hireys a Castela dizer que são os Portugueses bobos, & a mym, chamaõme engule Castelhanos, & toda Castela velha não he papo para a minha luguesa colobrina. *Xa.* Iuri a las siete cabrillas.

Acto quarto

si Castilla se le entojaſſe, que tiene en Portugal vn
almorço. *Mir.* Pelos oſſos de minha dona, que có
hũa queixada de aſno, faça morteiro de todos
vòs, como moſquitos. *Xar.* Quiero callarme, que
al loco, y al toro. *Ger.* Não ſe pode negar ſerem
Caſtelhanos galante gente: Não goſtays da ſe-
gurança do Miranda? *Art.* He muyto certo poſto
de Caſtelhanos linguarazes, & graciosos, correrſe
como lhe não fauorecem ſeu partido: & ſe ha
quem lhe tenha as pelas, perdemſe a cada paſſo.
D. Ric. Todauia Dom Florendos andou curto, &
não ſey o que fará. *D. Gal.* Sey eu logo muyto bem
o que fizera: porque eſta couſa, quer que tomeys
o conſelho comuoſco, para ſegurala. *Ger.* Dom
Galindos he bom bicho, & vem de boas egoas.
Art. Aſſi fabey vòs, que eſtes caſtiços logo têm
outra ſeda, & outra condição mays tratauel, &
humana. *Ger.* Poys ſe o conuerſardes, ſereys ſeu
negro: porque a ſua fidalguia, & o ſeu primor, he
como de branco a preto, doutros inchados de va-
lias da fortuna. *Art.* Eſtes deſconhecemſe a ſy meſ-
mos, & não tem inda a natureza alporcada para
ſerem comelinhos: & mays realmente parece que
de ſerem idolatrados de muytos, que a neceſſida-
de obriga grangealos. Não aduirtem os juyzos
que os eſpreitão, nem ſabem eſtremar os homêſ,
donde

donde são aborrecidos, & notados. *Ger.* Cõ muyta razão: porque não se são cabrões tão necios, que se ponhão nos pincaros da soberba como lhe entra hum dado de dita, & como carecem de merecimento, así o não sabem grangear, o que podião fazer a pouco custo. *Art.* Não dà tudo a fortuna, antes muytas vezes lhes he mays falsa, que liberal. *D. Gal.* Diruoshei senhor: estes desafios são por cousas tão leues, & sem odio, nem paixão de partes, sòmente por primor, que nem os hey por bõs, nem me parece mal virem amigos delles. E tenho eu que o homem que leuemente aceita brigas, leuemente se ha nellas. *D. Ric.* Si, mas que quereys fazer a murmurações dos homês? que nestas cousas, así vos acusaõ os amigos, como os imigos: & todos vendem então hombridades à vossa custa, nem ha quem vos cõselhe o que deue, nem o negocio he para tomar conselho, saluo consigo mesmo: & ha nisto mil pontos, de que homês muyto experimentados, não sabem desafirse: & ajuntase querer hum fidalgo às vezes requebrar hũa dama, & por contentala, arriscar sua quietação. *D. Gal.* Esse he o demo, & nunca o cumprir com elias leixou de ser custoso. *Ger.* Ia o Castelhana não discanta, & he perda. *Art.* Está amuado. *Mir.* Xarales dormes, ou que demo te toma,

Acto quarto

toma, que não falas? *Xar.* Estoy contemplando en tu necedad, y mi locura. *D. Gal.* Ay, ay, vòs senhor vistes o que eu vi? *Xar.* Pensè en buena fè que le apaleauan. *Mir.* E não lhe acodias? *Xar.* Mi fè, antes me holgara, por verme vengado. *D. Ric.* Parece que deuem agora vir da meza de sua Alteza. *D. Ric.* Senhor não ha cousa que chegue a verdes hũa dama. à claridade de hũa vela. *D. Ric.* Perdela feria muyto melhor. *D. Gal.* E vèla tambem, não he mau. *Ger.* Grande diriuar vay lâ: & com quanto me occupaõ o tempo, gosto de os ouuir: porque em fim todos falamos hũa lingoagem, por mays que se nos fação idolos. *Art.* Mas quão mal elles ora sofrerião cuydar que os grosamos: porque não compadecem na outra gente juyzo, nem primor algum: & achareys muyto mays impaciètes os que menos razão tem de selo, hūs ciosos da fidalguia, pobres de auoengo, que os naturaes della são mays humanos em admitir, & aceitar espantos alheyos: não lhe faz nojo o particular talento. Todos porem manquejão de desconfiados. *Ger.* Sabeys hũa nobreza muyto enfadonha, & nogenra? a dos que sobem por dita: querem negar, & apagar seu nacimiento com se fazerê intrataueys, enfadão o mundo, não sintem como são vendidos em recompensação da sua deshumanidade, & ido-

& idolatria. *Art.* Não he sofriuel nesta parte o estillo desta terra. Que ha de poder tanto hum mao costume que ferrem os homés com o foro, como ao gado com ferro, & não vos valha ter partes de merecimento, & justiça, de auoengo que por fortuna, & leys do tempo descayffe, para vos entabolardes em nobre, & outros sem o ter, nem merecer, por dita, ou por dinheiro, ténos para tudo, & mandão o mundo, & leuão o grao aquelles a que se deue, por justos respeito, que não valem.

Ger. Muyto ha que recramar nisso: mas parece como Deos dà merecimentos, assi querem os poderosos dar foros. O certo, & o justo, no dia do grão juyzo se verá, que agora tudo he treuas, & confusão.

D. Gal. Aque del Rey, aque del Rey, que correo o encerado. Voume lançar em hum pego. *Xar.*

Ya lo hizieffes, pluguiera a Dios. Las tripas me truxo a la boca con su aque del Rey. *Mir.* Vòs Castelhano cuydaueys que ereys ja mamado. *Xar.*

No en mi anima, sino que me holgara de velle

arrastrado, por no oyr sus necedades, que pienso

que aqui nos tiene de amanecer, segun estan de espacio, y no sè qual es el Dios que lo sofre. *Mir.*

O que te sofre a ti, que es peor que elles. *Xar.* A lo menos no foy tan necio como vosotros. *D. Gal.*

Ah deshumana cegueira! que trago os olhos quebrados,

Ação quarto

brados, quebrados para quebrar, todos os gostos passados. *Xar.* Tomá por allá que concierto de razones. *D. Ric.* Isso he vosso? *D. Gal.* senhor não, he do Chiado. *D. Ric.* Em algúas cousas teue vea esse escudeiro. *Ger.* Estes nomeão hum escudeiro, como os Iudeos nomeauão Samaritano, como que não procedessem muytos de mays baixos troncos. *Art.* Natureza he da soberba desconhecerse, & cuydar de sy, o que outros não cuydão. *D. Ric.* Eu sou perdido pelo Petrarcha. Lassar il velo o per sole o per ombra, dona non vi vidi io, por che ne conoceste il gran disio, che ogni altra voglia d'etro al cor mi sgombra. *D. Gal.* Sabey's senhor que me mata? a letra do Dante sobre a porta do inferno: Voi che intrate lasciate sperasse. *D. Ric.* Está fidalga. *Xar.* Mas la quiziera villana para ser buena. Estos Portugueses, todo su negocio es, hidalgo acá, hidalgo acullà: queriale yo las obras hidalgas, mas ellos curanse poco de hazellas. *Mir.* Como são fidalgos, são preuiligiados, & escusos de toda obrigação, & tè para com Deos querem ter pontos. Nòs cà não somos gente. *Ger.* Entrão na Filosofia que he toda magoas. *Art.* He tão natural nosso, sermos censores dobras alheyas, que como entramos em materia de reprehensão, qualquer de nòs he sentenceoso, & mays tudo he verdade: por-
que

que somos nós todos erros. *D. Ric.* O Virgilio, senhor tambem he muyto delicado nesse passo : & pintandolhe a entrada diz:

*Vestibulum ante ipsum, primisque in faucibus orci,
Luctus, & ultrices posuere cubilia cura.*

D. Gal. Brauo epitafio. *D. Ric.* Nunca homem tal disse. *D. Gal.* Sabey's hum verso que me derrea, de Lucano, quando Percia, sabida a morte de Pompeo, dizia:

Turpe mori post te ferro, non posse dolore.

D. Ric. Está marauilhofo, senhor, não ha coufa como Poetas, para falar bem. *X.ii.* Bueno va el negocio : de caualleros se han buelto Letrados : ò plega a Dios que presto seays recueros, y despues (porque mejor medreys) forçados en galera. *Mir.* Ora vente , hiràs tanger o teu crauo , & ornejaiâs hum pouco. *X.iii.* Es musico tu amo? *Mir.* Como eu , mas elle cuida que não ha outro Orpheo. *X.iiii.* De las armas queria que tratassen como sus passados, pues es su profission, que para el Latin sobrados nescios ha. *Mir.* Por isso a terra he cheya de trampas. *Ger.* Vedes outra opinião vulgar, hauerem por bom não saber. *Art.* Os nossos passados teuerão essa manqueira , fazendo fidalguia o ser inhabil , & todavia erão alsy muy escoimados nas armas, & na verdade, & não se lhe

pode

Acto quarto

pode negar hum grande louuor em seus famosos feytos. Isto , porem , não tolhe ser mau o não tratar as letras humanas , que nunca botarão a lança do nobre. Antes eu diria que as boas artes, aos nobres sòs armão , & nelles são melhor entaboladas, & ja se isto así vay entendendo, & vsando. *D. Gal.* Diruoshey hum verso que trago a meu proposito, se vos quadra, he de Ouuidio, que fala sempre do tempo: de Medea para Iassaõ:

Et formosuseras, & me mea fata trahabant.

Achey esta hũa razão namorada para hũa dama que lhe parece conquistar mundos com sua fermosura. *D. Ric.* E que lingoagem lhe days? *D. Gal.* Vossa fermosura , & meus fados puderão tudo. *D. Ric.* Pareceme muy forçada: outro sentido lhe daria eu à letra , para lhe abater a opinião , qual me parece deuia de ser o de Medea, que para mo lher , vem a pedir por boca. *D. Gal.* Dizey, veremos. *D. Ric.* Feroso ereys vòs Iassaõ, não bastara porem , se me não deixara arrastar de minha afeição, & así faz a sua causa boa. *D. Gal.* Eu vou-me quanto à minha tenção, que muytos comentadores ha , que dão aos Poetas entendimentos alheyos do seu, melhores , & peores , por quanto não se leixão alcançar, senão de muyta discrição, & galantaria. *Ger.* Como Dom Galindo está afer-rado

rado com o seu parecer : quão longe de crer, que pode hauer outro melhor. *Art.* Natureza he destes não cuydar que ha juyzo, que chegue ao seu. Nòs não lhe negamos que muytos têm muyclaros entendimentos, & engenhos, se quizessem seguiilos. *Ger.* Manha he de Portugues, com qualquer cousa que alcança de algũa sciencia, parece-lhe que estã no cabo della. *Art.* Dahi vem favorecerem muyto pouco toda arte : & tambem de muytos que a não têm, & nada alcanção: & com desprezarem, & reprehenderem tudo, cuydão fazer-se discretos. *Ger.* Todos taes somos, & em todas as regiões cuydo que he assi, poys tão gèralmente se queixão os escritores, & eu o não hey ja por inconueniente, para cada hum por isso leixar de seguir seu engenho, com tal, que nunca se antemeta em emendar a Igreja, nem pontos de Fè, poys tem o Espirito Sancto por Padroeyro : porque acometer o contrario, hey por a summa das paruoices. *Art.* Voume com vosco a carga cerrada entrar hũa vez na barca de São Pedro, empole o o mar quanto quizer, & durma o Mestre embora, que ja sey que acordando manda os ventos, & obedecemlhe. E por tanto, mediante sua graça, nunca me vereys homem falto de Fè. *D. Gal.* O Propercio picase de cioso, & fuilhe achar

Acto quarto

achar a este proposito;

Scis quaecunque velis, non aliena tamen.

D. Ric. Está delicado, mas em ciumes ninguem falou como o Boscão, & vay hũ Castelhana achar: Mucho mas lo quiero viuo, que muerto de vòs llorado. *Xar.* Mas pensè que lo hallassès Portugues, que no sabem mas que hablar: minha fermosa. *Mir.* E Castelhanos sabem mays que rebo-larias, & feros? *Xar.* Quiziera mas hallarme aora en las vinhas, al pie de vna cepa, que oyrte a ti, ni a los bobos de nuestros amos. Hermano *Miranda* quieres que hagamos arroido hechizo, quiçà con esto, por delpartirnos, que haremos que se vengan: *Mir.* Vay bugiar. Eu não posso arrancar, sem fazer sangue. *Xar.* En vna bota. *D. Gal.* Gintil Poèta he o Boscão. *D. Ric.* Gracilaso leualhe a hoy a. *D. Gal.* Ambos me satisfazem; cada hum por sua via. Mas se me desseys licença, não lhe dou a fogaca do nosso Francisco de Sã de Miranda, de seu estilo sentenceoso, & muy limado, & nouo. *D. Ric.* Achareys muytos contra vossa opinião. *D. Gal.* Basta ser natural, para ser contrariado *Ger.* Como aquilo he certo de Portugueses. *Art.* Não nos sofremos. *D. Gal.* Todavia conceder vantagè, a ninguem he difficil, & atreuimento infosfriuel. A mym não ha cousa que me atarraque, como
boa

boa prosa. *D. Ric.* Eu a louuo : mas não tireys seu preço á troua, que a boa, raramente a fez homem paruo : & a mà, não se sofre. Donde se vê claro quão pura, & rara he. *D. Gal.* A troua Portugueza sem fezes he muyto para agradecer: & senão tomame o nosso Dom Ioão de Menezes, vereys se falou ninguem melhor que elle, & mays tudo he seu proprio, sem se ajudar do alheyo. E o Boscão, & Gracilaso colherão as flores dos outros. *D. Ric.* Esse mau. Virgilio escolhia pedras preciosas do esterco de Enio. Não faz pouco quem sabe ajudar-se dos Autores, mayormente de diuersa linguagem. O Gracilaso teue nisto braua habilidade. Achey noutro dia o seu verso : Que no hay fin ti el viuir para que sea: no mays namorado passo que cuydey ver. Conta Apiano Alexandrino nos triumphos : que vindose Marco Antonio desbaratado per Octauio Augusto acolher a Cleopatra, que se tinha feito forte, receosa do desafortamento dos soldados, mandando que lhe dixessem que era morta. Ouuida per elle a triste embaixada, disse : que esperas mays Antonio, poys a sò causa de viuer que te ficaua, fortuna ta roubou: & sem ti Cleopatra, ja não ha para que seja a vida. Com isto deuse pelos peitos com hũa adaga. O que sabido per ella, mandou que lho leuassem

Acto quarto

assí meyo morto , & lançando cordas de hũa janela, ella, cõ suas damas, a toda sua força, & assas trabalho, o alou acima. Ora pintay hum homem ferido de morte, namorado em tanto estremo que se matou por amor : com os olhos pregados na vista delles, & profuõdo que neste tirar que ella fazia com as damas , elle deu não menos cabeçadas, que suspiros. E subido, & lançado no regaço de Cleopatra, cuberto dos louros cabelos della, que pranteando os arrancaua, & regadas as faces de muytas lagrimas, em que o banhaua: espirou o triste amante. *D. Gal.* O diabo como isso está mimoso: pareceme que o estou vendo. Porem notay ahí o estamago de hũa molher que lhe morre hum homem puramente de seus amores nos braços, & ella viue. *D. Ric.* E que amor quereys que baste merecer a morte de hũa dama? Tudo se lhes deue. *Ger.* Galante está Dom Ricardo. Mas haueys vòs que faria eu o que fez Marco Antonio, por minha dama, inda que fosse mays meiga, & agraciada q̃ trinta Cleopatras? *Art.* Não sey de vòs. De mym seguro estou, como quem tem assentado, não fazer por ellas cousa fora do meu gosto, & proueito. *Ger.* Não ha quem possa ser tão izento. De sua jurdição he, fazermosorros por ellas, queiramos, ou não queiramos. *D. Gal.* Poys os ho-

os homês não quereys que tenhamos ante ellas preço. Eu não me acanho a merecimentos, também tenho meus pôtos. *D. Ric.* Effes que os tenhaes com competidor, que não he coufa sofriuel: mas com damas haffê de ter obediencia, & sofrimento. *Xar.* Andaos ahi a dezir donaires, y medra-
reys con ellas. Iuri al ciego, si conmigo se consejas-
fen estos, de rodillas les haria ser seruidos de sus
damas. *Mir.* Por isso he Deos bom, que a estes dà
o dinheiro, & a nós o saber: que se lhes dera tu-
do, não lhes tiueramos vida. Esta, porem, he hũa
triste consolação: porque eu obrigado de minhas
necessidades, estou sofrendo a corua da minha
velha, que lhe rugem as tripas may's que a hum
fendeiro de merchante: & se acerto vela em gar-
ganta, affombrame como alma passada, & a pe-
zar de mym: porque me mantem, para seruir este,
a festejo como hum palmito, & estes não são para
saber tratar hũa dama christalina feita de leite,
que eu comeria como requeijão: porque estas são
may's tenras que talo de cardo. *Xar.* Por effo se
dixo: dà Dios hauas a quien no tiene quixadas.
Y el mas ruin puerco come la mejor bellota:
porque a los bouos aparece, &c. Para estas, si vna
destas me cayesse entre manos, que la tuuisse mas
contenta en vna choça, que mi amo en sus pala-

Acto quarto

cios, y no querria mäs renta de la que con ella me dezeara. *Ger.* Bõs estão os castelos de vento. *Art.* Não ha estado que não viua de seus enganos, & confianças, grozando outros, & o melhor de todos he o de que cada hum se contenta. *Ger.* Mas olhay a que chegarão os excessos da malicia humana, que vierão os homés a por em preço a molher, não tendo outra cousa melhor. *D. Ric.* Sou muy pontual na estima que se deue às molheres. E para ver como estays nesta cousa do amor: respondeime. De duas damas, que igualméte vos satisfizessẽ, hũa que per igualdade desmereceys, outra que vos desmerece; qual escolhereys servir? *D. Gal.* Sem mays chamar a conselho, aceita-ria a empresa da menos custosa, poys não ha que não escolha breues trabalhos, antes que os longos: & como a de menos quilates he melhor de alcançar, & de mays certo emprego: parece-me fiso auenturalo com esta. Na outra ha perigos, & temores, & o desprezo certo, com que tarde, ou nunca vos aceita pensamentos: & estoutra pelo contrario, estima ser amada, & trabalha obrigar-me por amor. Ceuame em esperança, que he o amego do gosto das cousas. *D. Ric.* De animoso espirito he seguir cousas altas, & desejar o difficiloso. *D. Gal.* Não sou tão entregue a vaydades,

voumè com a voz dos muytos. Não quero ser deſſes eſpeciaes , notados da fama, cuja familiaridade ſempre he muyto cuſtoſa. *D. Ric.* Poys a mym não me pezaria alcançala , inda que foſſe à meu cuſto : porque não ſe ha de fugir fama por não fazer nada. Vou porem a iſto: todo efeto moſtra mayor força, onde ha mayor reſiſtência. Tal he o amor de mayor merecimento, & ſendo mayor, fica de mays eſtima. Fraqueza he crer o que leuemente ſe alcança, & de bom eſpiritu, ter empreſſo o mays difficil : o facil de adquirir em menos ſe tem, & para menos amor, o que ſe ganha com trabalho, por elle ſe eſtima. Os perigos niſto ſão goſtoſos, não eſtimar he animo: ſaber cometelos, & cótraminar hombridade, & aſi ſe apura, & afina a diſcrição: com a ſomenos, ſe vos acolhe he abatimento, depoyſ aborreceuos. Vayuos bem pelo que tendes, & não por voſſa peſſoa , q̄ não pode ſer mayor deſgoſto. Com a alta tudo he gloria, tudo puro amor : & de ſeguir tal cuydado, ſegueſe telo de ſy proprio para ſe ſingularizar em todo outro primor. Tal amor nunca foy pequeno, couardo, nem paruo. *D. Gal.* Antes he paruo ice leixar o certo, pelo duuidoſo : o deſcanſo , pelo trabalho : & ſendo igual na fermofura , tal ſerà no amor, & eſte em meyo cūpre cō tudo. *Art.* A ope-

Acto quarto

nião de Dom Ricardo me arma. *Ger.* A de Dom Galindos he segura, & â vista de terra. *Xir.* Quete parece Miranda las locuras en que nuestros amos consumen el tiempo, velando las noches, y durmiendo los dias como morciegalos. *Mir.* Deos lhe dê en que entendaõ, ou a minha fame. Coitados dos que andão no mar lidando com a morte, por sustentar a vida: estes, aramà, merecem o que comem, & não essoutros ceuados de conseruas. *Xar.* Dessos no hayas duelo, basta su locura para aliuiellos del trabajo. Gente que pone sus esperanças en el viento, que sufra sus contrastes, por que la codicia siempre fue verdugo de sus paniguados. Hombre que va a la mar, maldito el feso que tiene. *D. Ric.* Enxergouos sensual, & peñame: porque he hũa feita damor muyto baixa, & pobre de gostos. Poem todo o seu no efeito breue, & para brutos. E chegar a ver o fim de nada, he triste sorte: poys he claro que no infinito està o mel, em presas atermadas não podem ser gostolias. *Mir.* Hey medo Castellano que mouraes de cajão: por que soys tão prouido. *Xar.* Malos agueros vengam por ti. Vòsotros los Portugueses soys el mismo viento, por esso no estimays lidar con el. *D. Ric.* Para me certificar se vos sondo a tenção, & vos fazer vete que hides a traues do bom Quero saber qual

qual haueis por mayor contentamento, ver de presente vossa dama, ou em ausencia contemprrala? *D. Gal.* Eu sou de a ver, & mays cuydo que todos taes são: porque a cousa amada deleita vista, & o deleite da contemprração, he a esperança de ver aquilo em que se contemprra. A dama de presente contenta, & namora, & quanto mays se vê, mays he desejada verse. O vela contino segura amor, que pelo contrario ausencia desbarata. Pela vista contentãose os corações, & falãose as almas: & o contemprrar serue de assoprar o fogo do desejo de vela. Por onde mayor gloria sente quem se contenta, que quem deseja contentarse. E a saudade que daqui procede, he a fonte dos desgostos, & paixões que afogão a vida. *D. Ric.* Ora olhay quanto vay em cayr na realidade das cousas. O contentamento mays està no que desejamos, que no que vemos. A contemprração logra-se do desejo, & deseja, & a vista deseja mays do que alcança. Contemprrando recebem os Espiritos contino contentamento, contentando os desejos no que cuidão. E como as cousas segundo mays, ou menos estão juntas da alma, así lhe imprimem seus bós, ou maos efeitos. O pensamento que reside nella faz ver muy to melhor com os olhos do entendimento a quem ama: falarlhe, & tratala se-

Acto quarto

gundo seu desejo na contempração:& o gosto da vista consiste,& resumese no presente,sem se estender a may. E sendo amor natureza de medroso,aquece que vendose ante a amada,perde o sentido,a fala,& a força,esmorece, ou pasma , o que tudo ninguem queria que lhe acontecessê. Ora vede se contenta o que querieys escusar. Mas a contempração forra destes defares em ausencia, vos faz vente o que imaginaes: o como, entendeo quem o finte São segredos do amor,que se alcanção per graos de afeição. *Mir.* Mas de paruoice. Melhor me dè Deos saude,do que elle sabe o que diz. *Xar.* Maldita palaura que le entendi. Parece-te que se sofre esto? E toda mi vida ohy predicacion de dia,y aora,por mis pecados, vengo ohy r sermones de noche a mal mi grado , y todas sus enleuaciones , y sus no sè ques , no funden vna paja. Ansi passan estos sus dias , sin hazer en toda su vida cosa que valga vn marauedi. *Mir.* Logo passaria per suas ouciosidades : se eu não nacera para lhas sofrer,ou padecer. *Ger.* Vêdes aqui quanto pode o pecado , que nos fez sermos 'sogeitos hús doutros,para pender o descansô de nossa propria vida da vontade alheya. *Art.* Inda isso passara:mas pender tambem o afoflego he peor , & se nossa sogição fosse pola saluar,seria vespora de liberdade:

berdade : mas padecer seruidão por cousas sem fundamento , & obrigar corpo , & alma a perpetuo catiueiro por galar dões transitorios: não pode ser mayor engano, & assi permite Deos padermos descontentamentos em quanto seguimos estes fados : porque não sabemos lançar mão da verdade que nos elle ensina. Quem pudesse sentir , & entender isto no principio da viagem. *Ger.* em todo tempo he bom o arrependimento a que se dele ajuda. *Art.* Per Deos ha de vir o remedio, que humano juyzo não alcança. *D. Gal.* Vòs senhor direys o que quizerdes : mas douuos hum seguro de mym, que me não haueys de conuerter a vossa opinião , que por ver hũa dama, farey estremos, & pela conuersar, de mym mangas ao demo, & vòs contempray. *Xar.* No hay paciencia q̄ baste a oyr los cuentos , y mentiras destes locos. Nunca medre quien tal sufre, y segun la cosa và, aqui nos tiene de amanecer. *Mir.* Poys o mal he, que como eu daqui for, que me hirey lançar em lançoës de veludo com a bela infantinha da minha guelas de cegonha , a qual gemerá do coração , por não dizer que he da madre. Eu porem, por me forrar de seus requebros, hey de hir escumando de merencoreo, & direy que briguey com a justiça. E se falar palaura, desandarlhe logo com

o pu-

Acto quarto

o punho seco, & se me tiuer mã, cea, eu lha darey peor: porque não zombemos. *Xar.* Pues yo para estas, que no me he de recostar, sin primero demãdar cuenta a mi Marinilla de la ganancia de oy, y quiça le darè vna estafa, fino hizo buena venta de las verças. Mas digo vna cosa Miranda, si te parece: ya que los senhores amantes, olvidados de sy mismo, estan de espacios: si será buen consejo dar vn salto en el meson màs cercano, y tomar sendos tragos de vino, por atajar al peligro del sereno. *Mir.* Para termos mays questões le os errarmos que ha de ser? que elles fazem dos dias noites. Boa guerra que os tirasse destas ouciosidades, & puzesse os homés em preço. Estes não podem hir ao Paraíso, que là não vão ouciosos, & seus pays muyto menos, que entesourão com onzenas publicas por lhe fazer morgados, para elles leuarem esta vida, & darlhe maogrado. *Xar.* Pascoa mala véga por mi padre, y mal siglo aya mi abuelo, y toda mi generacion, que ni blanca, ni cornado me dexaron. *D. Ric.* Tornão abrir o encerado. *D. Gal.* Encarrado me veja eu com ellas, inda que seja entaipado. *Xar.* Mas açotado. *D. Gal.* Senhor, gauaime aquella molher: vedes como està fermosa? *D. Ric.* He gentil dama. Eu tomara agora ali a senhora Dona Claudia. Quem he a que està cõ ella?

ella? *D. Gal.* A senhora Dona Vitoria. *D. Ric.* Sabeis quem me dizem que fauorece altamente Dom Cifuentes? *D. Gal.* Ia me isso differão, & mays me affirmarão que são casados secretamente, & ella deixa ja de vir acima. *D. Ric.* Ia se isso diz assi: poys eu volo dou por certo. Dama de quem vos differem que he casada, day a por recasada: porque são ellas muyto discretas, & fazem tudo muyto a seu saluo. *Mir.* Poys olhay vòs là se podeys fazer outra tal caualgada, & remedearuosheys bem com vosso pay. *Xar.* Porque? Hale de pezar con vna dama hidalga, y hermosa. *Mir.* Como soys paruo Castelhano. *Xar.* Y vòs discreto Portugues: si fue-
ra possible fello alguno. *Mir.* Cuida o pay casalo com algũa Princesa desterrada, & cada dia compra para o morgado, & estoutra não tem mays q̃ a merce de Deos. *Xar.* Essa le sobra, si la tiene. Ayuntan vnos para otros. A padre discreto, dad hijo necio Al codicioso auariento, dale hijo prodigo. De manera que como ponen la confiança de sus deseños en su propria prouidencia, y no la registan con la voluntad Diuina, sale todo mal parado. *Mir.* Poys matalohia o pay, se se lhe casasse a furto. *Xar.* Calla, que hijo, es a que facilmente se concede el perdon. No te entremetas tu en ello: porque no se buelua a ti la pena de sus cul-

Acto quarto

pas, que esto es muy cierto, que en lo demas, presto seran amigos, y Dios quiere que derrame este lo que el padre ayunta. *Mir.* Primeiro, to demo leue que tal aconteça. *Xar.* Mas a ti con el: y yo fiador, que ha de ser lo que digo, y no te arriendo la ganancia destes passos, y noches bien gastadas. *Art.* Não erra o Xarales a barreira: se sayr Propheta? *Ger.* Dayo por saydo, & Miranda culpado, & punido por conselheiro, no que per ventura não entra mays que com o trabalho forçado: *D. Gal.* Aquella he a guarda que lhe vem fechar as janelas. Ora sus, entreguemonos às treuas: não sey que horas são. *Xar.* Vá a la vna. *D. Ric.* Mente. *D. Gal.* Parece-me que deseja o Castelhana cear. *D. Ric.* Vamonos. *D. Gal.* Vamos. Ou Castelhana são ja horas? *Xar.* Mas deshoras senhor, *D. Gal.* Tendes ja sono? *Xar.* No senhor, sino gana de comer, que dà mas pena: juria mi, senhor, que lo bueno era llevar esta senhora para casa, y emplear las noches en la cama, y no andar como grillos gruñiendo al sereno. *D. Gal.* Haueremos conselho vòs, & eu sobrisso. *Mir.* este Castellano, senhor, he muy prouido, & recease não lhe dem algũa calamocada às escuras, que de dia não lhe pode aquecer desastre: porque em vez de correr, voa. *Xar.* liempre trae prestas mi amigo Miranda
dos

dos pares de badajadas, por hazer de donoso. Mas aora quiziera mas bien de cenar: porque me fiento tomado de romadizo: y esto es de tener el estomago ayuno. *D. Gal.* Anday là, que eu pago o vinho. *Xar.* Pues afè de hombre que no he menester otro xarabe.

SCENA TERCEIRA.

*Germinio Soares.**Artur do Rego.*

Inhame ja morto a tardada destes, receando deteremse tanto, que se me passassem as minhas horas, & se deitassem a dormir nossas amigas. *Art.* Ellas velão toda a noute, mayormente para obras tão pias. Ora vòs passays pelos passos que vimos dos fidalgos, & seus lacayos, que a quererse contar isto parecerà fingido. *Ger.* Não ha cousa que possã fingirse, que não aqueça, nem se podem particularizar os aquecimentos per quantos termos passaõ: donde estes ficão com menos graça contados, & o melhor esquecido, que a poderse tentar tudo o que aqui passou, não ouuera mays farça. Ora os meus senhores desaparecem ja, & não deuem fazer volta: porque passa de
meya

Acto quarto

meya noute: por tanto pondeuos daquella banda à minha vista, olhay se vier alguém que me deys auiso com tempo, que cà tudo estâ despejado, & sem embaraço. *Art.* As noutes vão sendo frias, & esfrião os namorados, que de sy tambem são ja frios: & como faz escuro que se poem o luar, não querem dar tempo sem vista. *Ger.* Isso faz o seruir por interesse, & não por amor, que onde o ha, tudo faz como de presente. Vou fazer final para saber se são vindas. *Art.* Falay seguro, que â legoa vos axorarey quantos almogoueres vierem: porque sou homem de grande lingoagem nesta negoceação, & antretáto auirmehey com hũs meus lenhores que chamão castelos de vento, melhores que mesturços para fastio. Ah quem me ja chegara a estes termos com a minha menina: como sou para festejala; se lhe lembrarey agora? Mas a bogia de confiada em mym, pelo que presume que se nella gainha, dorme agora o sono solto, & ja tomara que sonhasse comigo, & acordala: & ella em som de gritar, apresentarlhe eu mil piedades, & amores: porque a obrigasse a fazerse muda, & cuydar que era tudo sonho. Sò para isso quizera saber magica: ò diabo, mas que cousas eu fizera. Ia primente ouuera de fazer de hum diabo hum caualo que voasse, & trazer esse perro de Brazabu selado,

selado, & enfreado, & correr nelle todo mundo: & onde vira cabrões, que presumem que podem, & que mandão, & que os haueys de sofrer, darlhe muyta bochehada: porque cuydão que não se lhe entendem suas baixezas, & refolhamentos conhecidos. Braua vida me leuara, mas quando chego a me lembrar que vos saltea em hum momento a morte, & faz tudo pò, caheme o coração aos pès, desejo fazerme Beguino. Eu a isso hey de vir, se me não entra hum dado, o tempo o dirà. Mas se eu falo à minha menina, que he sò no ninho, essa moeda que o vilão do pay tanto negocea, & fecha, ha de arder, que eu hey de triumphar do seu trabalho, & lograr-me da filha, mal que lhe peze. Parece-me que fala ja meu companheiro: prestes estauão as minhas senhoras: ma como são diligentes nestes negocios, & noutros quebrão de preguiça: nisto nunca adormecem, nem se acouardão. Como estes cães ladrão, não sey se lhe farão nojo para ouuir, & reprimir de impro- uiso, que não pareça cuydado: Quero assentarme, quiçã segurarão mays.

Acto quarto

SCENA QVARTA.

Aulegrafia.
Artur do Rego.

Germinio Soares.
Filomela.



H senhor, estays ahi? *Ger.* E não ha pouco. *Aul.* Ia cudarieys que não hauia de vir? *Ger.* Amor nunca carece de receyos, & toda esperança desejada, nunca vem cedo Eu senhora com tudo confio tanto em voffo amparo, que nada defespero delle: & sobre voffa palaura viuirey cem dias. Mas digame senhora: a minha senhora veyo ja, ou ha de vir. *Aul.* Virà, me parece. *Ger.* Não mo ponhays em parece, que me tornarey mouro, porque mcuro por vela. Chamaya que vos valha Deos, que não me sofre a alma carecer de bem tão esperado. *Aul.* Sofreyuos, que não são inda todas lançadas. *Ger.* Lançadas que a alma atrauefão. *Art.* Quanta poluora de mentiras se aly despente agora de parte a parte: ellas verdade nunca a falão: estoutro anda feito almazem de fingimētos para com ellas: per maneira que se calafetarão belamente. Muyto quizera ouuilos, que todavia são duas, & não sey se o tratarão mal: porque sabē deste

deste mester mais que pegas, mayormente com homem que dellas concebe boa opiniao, & as te por galantes, & estao sempre como atalayas sobre vos para julgarem o que dizeis, se lhe falais enleado, se despejado, se receoso, se confiado, & dahi saberem por onde vos haõ de vadear, & te quantos pontos vos darão de si por meses, & annos; trazem muy decorada a sciencia de damires. *Ger.* O senhora quem quereis que tenha sofrimento em taõta dilacão, & mais vindo taõ aluoraçado com o folego no papo pera este desejo, se vos minhas dores daõ algũa, & de mim tendes dõ qual se deue a hũ proximo amigo, & seruidor. Valeime no que podeis, que o tempo & a vida me fogem, & esmoreço. *Fil.* Para mais tenho eu que vos senhor sois, bẽ que nãõ leixo de conhecer, & respeitar vossa paixãõ, porque sentiria a mesma no que desejasse. *Ger.* Ah como sois discreta, mas quãõ proprio he de descriçãõ, conhecer magoas. *Art.* Quãõ longe meu amigo de saber festejar as gentijs senhoras, ha lhe de querer falar fizes, que lhes a ellas nãõ armãõ, polo pouco que tem, & eralhes toda a seruentia, põrque tanto que vos sentem graue, & apontado: velãõse de vos, & nem por continuacão de tempo, que tudo acaba, valeis com ellas: o boy com q̃ se estas sarrãõ em bandas, he muita desen-

Acto quarto

uoltura , pouco primor, nenhũa descripção. Tudo isto em conserua , faz hum homem perolas a pedir por boca : porque o tomão às mãos viuo cada vez que querem : quanto mays paruo , mays valia, & sò nisto as acho discretas, poys sabem escolher o que lhes cumpre. *Ger.* Vou desconfiando da vida. Em que se pode agora deter a senhora Filomela? Desenganaimo se não quiz vir , & conhecerei meu estado, que não he pouco? E se dorme, por ma fazer , que vades acordala, não na tenhaes mimosa em perjuizo meu : inda que todavia falo mal, que bem conheço que he justo que padeça eu, & ella triumpho : mas desatiname o grande desejo de a ouuir. *Aul.* Diruoshey , senhor: não me leua o coração fazeruos mal , poys volo não quero. Ella muyto bem vos ouue: agora acabay com ella que vos fale. *Ger.* E ja me delemparays? *Aul.* Antes amparo. *Ger.* Tendes muyta razão, & a mym faltame para poder dizer o que sinto, & quão sem ella seria não me sintirem , poys não viuo senão de sentir, & padecer o desconhecimento que se me tem desta vontade tão certa: estando em mym tão conhecida a fogueição, com que me satisfaço , pela que se deue à causa. E ja que , senhora, nasci para chegar a bem de tanta gloria , quanta tenho em vos ter presente. Mere-

çauos ouuir voffo consentimento: porque ouuir uos ferá a beatificação que defte martirio efpero conseguir. *Aul.* Falailhe não fejays corrida que parece iffo curteza. *Ger.* Boa eftà minha amiga, com tudo vem forjado, fez que dilataua a vinda, pela encarecer. Agora encarece a fala, por fopezar a honeftidade. *Aul.* Acabay que me injuriarey por voffa parte. *Ger.* Ora fenhora, não por mym, que eu me conheço indigno: mas por refpeito de quem vos roga. Valhame o que vos quero. *Fil.* Se quereys fer crido, cóformay as palauras. *Art.* Voume enfadando, & quizerame mays na cama. Efta pena têm certa màs occupações: tempo perdido, q̄ nunca fe cobra: tefouro demagoas para a velhice, & enfadamento em fatisfação. Ah quem pudera ter juyzo claro em nacendo, para forrar grandes quebras. Tangé agora os frades às Matinas, & vão louuar feu Creador, & eftouho eu julgando por grande trabalho, & velo toda a noute por paruoices do mundo, & o q̄ neftas horas anda no golfo do mar lidando com o vento, fofrendo perigo, & trabalho imenfo. Tem por coufa infriuel dar obediencia a hum Guardião piadofa, & pelas coufas do mundo damola a muytos soberbos q̄ nos esmagão com fem razões. *Ger.* Não queria eu mays bem, nem vòs fenhora me podeys fa-

Acto quarto

zer mayor merce que mandar desme em que vos posso seruir, q̄ destes desejos, & da esperança de satisfazelos, & verme por vòs mandado me sustéto. Mas não cuydo inda que quereys fazer tanto por mym. *Fil.* em vòssa mão esta o q̄ dizeis desejardes. *Ger.* Como senhora? Não me dilateys mays tamanho contentamento, que em verdade q̄ o não sey. *Fil.* Si sabeys. *Ger.* Ora matéme, poys me mato. Como? E tão pouco meu amigo quereys q̄ seja, que sabendo meu bem não tolha? Não vos enganeys comigo. *Fil.* Assim o espero eu em Deos. *Ger.* Julgai-me mal senhora: mas sabeys q̄ sospeito? Que por não me fazerdes as merces, que he forçado q̄ vos espere. Lançai-me com desconfianças, para vòssa escusa. Ora seja assim, q̄ sò o que quizerdes quero, & sò isto desejo saber para meu descanso, & confirmação de minha verdade: mas assim viuas tu. *Fil.* Eu vos tenho por tão discreto, que entendeys muyto bem o que vos dizem. *Art.* De vagar váy a cousa. Estas desde que começam são infinitas, não ha quem possa despedirse dellas, que queyrays, não volo consentem. Se lho days a entender, dissimulão. Se vos declarays, assanhão-se. Ha mester muyta paciencia, & tento para as conseruar. Ellas, na verdade, são muyto defenfadadiças, porem tudo por derradeiro enfada,

enfada, senão grangear Deos:mas ja pode ser que he meu amigo o importuno, quelle he perdido por lhes mostrar lingoagem : & forma de seu pé acharà.*Ger.* Poys vos ouço, quereys que vos veja, quiça o veruos me darâ a entender o que não alcanço?*Fil.* Sou muyto corrida : & mays para que he ver cousa tão fea. *Ger.* O camanha graça. *Art.* Dâ tres:eu não me posso ter com sono,& ellas comecção inda agora pelo melhor.O occupaões humanas: como soys verdugo de qué vos segue, se o quizessemos entender. Não me daria a mym Deos hum espirito q̄ me entregasse a hũ capelo, que he o mays certo valhacouto das pequices do mûdo,& não me desuelaria por as badaladas, meninices , & certezas corriqueiras , em que se estes amantes enleuão , & a ouuintes de fora enfadão? quero passear por me valer deste sono. *Ger.* Bem sey senhora que me não achays capaz dessa alta visaõ:mas para isso soys grande,para grandes merces,& que volas não mereça, dayme podelas servir, que para tudo o em que me puzerdes sou. *Fil.* Nada me fio de de palauras,nem viuo de esperanças.*Ger.* Isso não entêdo eu. *Fil.* Declarailho senhora tia , poys me trouxestes a isto. *Aul.* Sabeys senhor que quer dizer esta senhora? Que se lhe quereys o que dizeys, que lhe deys pa-

Acto quarto

laura de casamento. *Ger.* Assim te tome o demo a ti, & a ella. Dou cem palauras, mas terá bom penhor nellas: porque se costuma agora muyto cūprilas? E busco eu outra couza? *Fil.* Poys hauey si-me de dar logo a mão. *Ger.* Com cem vontades, para tras. *Fil.* Ha de ser presente a senhora minha tia, & o senhor vosso companheiro. E se isto não quereys, podeys hiruos a dormir que he ja muyto tarde: não gasteys vosso tempo de balde, que eu não vim aqui com outro fundamento, & por cumprir com a senhora minha tia, que me aqui trouxe. *Ger.* O senhora, que, & vós soys tão determinada? Poys eu tambem, ja que vos declarays, declarome, que nada faço forçado: busco quem me obrigue por amor. Conhecido este, então me obrigarey ao que vos quero. Sem amor nada farey, nem está em razão. Algum preço, & valia hei de ter por mym, ja que afeição o não tem. Por tanto faça Vossa M. senhora o que a vontade a obrigar, & al não, que isso pretendo. *Fil.* Poys senhor vassẽ embora repouzar, que eu conheço bem enganoso, & nunca valerão comigo. *Ger.* O demo to disse. Como me hey eu de hir assim senhora. *Fil.* Hir-me hey eu logo: & beijou-las mãos. *Art.* Estas são as quatro: folgai lá. Elles em seus gostos não sintem o tempo: & se os eu ouuira, menos enfadamento

mento fora, mas não foy tão galante, & lembra-lhe pouco meu enfadamento. Grande trabalho he, pender vosso descanso do descuido alheyo.

Ger. Isto me guardava a fortuna? Para ouvir defenganos tão asperos me trouxe a minha desventura aqui? *Aul.* Senhor compadre não vos agasteys que tudo se curará.

Ger. Ah senhora, não me digays isso. Quem quereys que não se agaste? Ha de hauer no mundo tanto desprezo, & desconfiança? Mal afortunado he o homem que quer bem, & nunca leyxou de lhe fazer mal.

Aul. Tomays isso muyto em grosso, & não tendes razão. *Ger.* Inda mays, que hauer no amor comprar, & vender?

Aul. Como asy? *Ger.* Está mal visto. Certo que estou o mays abatido homem do mundo: tão mau sou eu? Tantos males tenho feito que não se fião de mym? Eu não sou Basalisco, que mata com a vista, nem lobo que enmudece a quem vê.

Aul. Hides muyto longe da sua tenção. *Ger.* Quereys que vos diga senhora? Essa senhora he tão izenta, que deue ter a vontade occupada noutra parte.

Aul. Que não senhor, he mays fora disso: será desconfiada, não para leixar de vos querer o que mereceys, & quanto mays vos quer, mays vos teme, & deseja. E tambem vós tendes a culpa: porque se lhe quereys o que dizeys, que vos monta dar-

Acto quarto

lhe a mão agora, ou depouys. *Ger.* Nada faço abafadamente, nem me obrigo cõ cautelas. Deuera dar credito à minha palaura, & não mostrar-me tão claro q̃ o não tenho ante ella. O tempo não nos fõge, nem ha tanto que me quer ouuir. Vótade ganhase com vótade: & o gosto está em cuydar que alcanço per mym, o que se me deue por qué sou. E se comigo nada auentura: porq̃ obrigação deuo fazer o que ella quer? *Aul.* A do amor que lhe tendes. *Ger.* Esse penhorase com outro amor. *Aul.* Senhor compadre huios embora repouzar, que eu quero teruos muyto mimoso, & poupado. Tudo se fará bem, q̃ de tal pessoa como vòs, não se crem enganos. *Ger.* Disso vou injuriado: porq̃ não ando tão oucioso, que me ocupe em cousa a q̃ me a vótade não obrigue. *Aul.* Ora bem: eu tomo tudo sobre mym. *Ger.* Hey de purgar eu o q̃ outrem peçou? Homês podemse mal julgar hús por outros, & mays eu q̃ sou tão diferente de artes dos que se podem temer, & crer os enganos: mas esses perualecem. Pezame de essa senhora não fazer de mym mays conta. *Aul.* Isso he nada. Amores têm esses trabalhos: porem são doces, pouys se acabão em mayor amizade, & descãso. *Ger.* Esse leuo eu bem pouco. *Aul.* Eu volo faço bom: & sobre mym dormi descansado. *Ger.* Beijo as de vossa M.

SCENA

SCENA QUINTA:

*Germinio Soares.**Artur do Rego.*

PEzar de meu pay com as bebidas que assi me enfadarão , mas como he certo estar ali a outra, que se fingio ida : poys eu não me hey de enforçar , mas haueysme de cayr nas mãos: como estareys enfadado, & morto de sono?

Art. Cuydey que estaueys de juro. *Ger.* Não podia desempear-me dellas. Sabey's que horas são? *Art.*

Dará cinco. E poys que vay? Grandes discrições? Grande tremer de fala? Secar de cospinho, & todos effoutros sinaes de estremo damor? Ficareys grandes compadres , que para tudo ouue tempo? *Ger.*

Dayas aos coruos que me escozerão: sabem muy to. *Art.* O que bem ! Contay por vossa vida. *Ger.*

Cuydarão de me acolher : eu fiz-me forte em minhas cautelas, & ficamos em jogo. Mas crede que se ouueão comigo brauissimamente. *Art.* Em

estremo folgo : porque cuydays que vendeys o mundo: chegarão a determinar-se sobre vossa boa tenção. *Ger.* Esse foy o negocio? *Art.* Pedio a mão.

Ger. Despejadamente? *Art.* Muyta tinta he essa; lingoa-

Acto quarto

lingoagem haueys mester para escapula. *Ger.* Não me faltou. *Art.* Por isso he grande descanso andar damores com quem veruos seja o mays que della podeys esperar. Estoutras são partido vencido, pelo que de vòs pretendem. Todos seus gostos cansados, & com contrapezo de magoas, quer vos enganem, guer as enganeys. Poys em que ficastes? *Ger.* Arrombado em toda defauença. *Art.* Tudo isso vòs là fostes fazer? Melhor não viereys cà. *Ger.* Bofè melhor. *Art.* Não podieys forgicar algũa escusa, inda que impropria, que tiueffe qualquer còr? Que com ellas, toda mentira valeo sempre mays que a verdade. Folgão fingirse enganadas, passar vida sobre esperança perlongada, & sofrer-se de malenconias. *Ger.* Vinha tão enſayada no seu proposito, que nenhũa razão me admitio. *Art.* E vossa comadre abelha mestra? *Ger.* Esforçoume em minhas fraquezas fingidas: & protestou que cerziria toda defauença. *Art.* Tudo he falacia. Ioga dambas as mãos. Disuos hũa coufa, & com ella consulta outra. Segurouos, poys assi vay, que nunca vos defaueñhays de todo. Determinaõ leuaruos à toa com fingimentos: porque vos armaõ alçaprema. Sabeys que estas lutaõ decorado? E guardar não fazer paruoice, que fique em casa. *Ger.* Não ajays medo, sou muyto confiado em mym.

Art.

Art. Ah! està a queda. Tomay a empresa de vagar, não façays vontade a desejo. Estas honraõse de amores abonados, ao principio armaõse sobre esta voz de casar; sobre tal proposito fazem o ali- cece á sua esperança : se lhe corre a dita, Deos que bem: quando não , ja depòys de feita profissaõ no amor , inda que lhe desfaçays o fundamento, & vos entendaõ liure, dissimulaõ, consintem que as enganeys, para cumprirem comsigo, & escusa cõ o mundo. Poem tudo nas mãos da fortuna , se al- guem as engana, não falta a quem enganem . Este he o remate de suas contas , & a summa desta hi- storia. Alguem cuida muytas vezes que faz no alheyo, & faz no seu. Ellas como se vem em peri- go de delengano, soltaõ a carola a esperanças, com isto muytas vezes pescaõ : porque o tempo faz a razaõ. Por tanto abri vossos olhos. *Ger.* Excelente varaõ soys : vòs o tendes muyto bem dito. Ora ouui. porque não sey se soys camuz de me enten- der: não sou de hũs polhastros enleados, que não vèm senaõ aquilo a pos que vaõ: ceuaõse de fauo- res , para depòys enlearse em dores. Tomo isto sòmente a fim de algum passatempo , se me ven- tar: & quando não, a boas noues. Trago a vanta- tade tão certa no que me cumpre , que he rizo hauer manha que me desuie de minha rota.

Acto quarto

Art. Como estays desse bordo não ha mays que pedir.*Ger.* Vamonos recolhendo, que eu vos seguro, com toda minha payxão, dormir muyto bem o que resta.

SCENA SEXTA.

Grafidel de Abreu.



Rabalhosa cousa he receber dano de quem vos não podeys queixar, nem melhorar. Ia quem pode vingar-se, menos finte seu mal: mas que fará o triste que de sy dà a vingança, em vez de tomala da occasião della? O quem pudesse verse alheyo de seus sentidos, que em toda aduersidade, o mayor tormento, he, hauer sido ditoso: porque a memoria do prazer passado, acrecenta a dõr da tristeza presente: donde dizia Themistocles, que mays quera aprender arte de esquecimento, que de memoria: por ser tão vidreto o gosto da vida, que não sòmente magoa a lembrança da gloria gastada, quando perdida: mas tambem a da afronta passada, entristece nas honras presentes. Beatos, por tanto, os que estão fora desta humana miseria, & logrão a bemaventurança.

turança. Triste eu ; posto por aluo aos contrastes da minha mà fortuna , quanto melhor he , como dizia Cesar, morrer hũa vez, que cada dia em cõtinuos temores : mas a quantos trabalhos atalha hũa morte temporaã: así dizia Lisandro, haffê de morrer quando as cousas estão prosperas. Sintiao bem Xerxes quando vendo o helesponto cuberto da sua armada , & as prayas ocupadas da sua gente : mouido da vaãgloria de tamanho estado, chamouse bemaueuturado : deshy chorou logo juntamente. E perguntado de seu priuado Artabano da causa de tão subita mudança : respondeo : veyome à memoria , quão breue he a vida dos homês, que de tão grão multidão delles, daqui a cem annos, nenhum destes serâ viuo, o que cada hora vemos , que não ha cousa tão junta a outra, como morte à vida: fõge hũa de nõs continuo, a outra feguea. A quem entra na vida, parece-lhe cousa infinita : a quem sae della , hum nada. Conhecese o engano, quando não pode escusarse: agora o conheço. O quão pouco ha que crer em fê de molheres. Fiel seruidor não sirua a quem delle desconfiar. Mas ah doces enganos! Quem me vos roubou? Senhora quem me vos mudou da que ereys? que não he possiuel que vos mudastes vòs, nem eu hey de crer heresias de tanta perfeiçãõ:

Acto quarto

feição: maos conselhos de más companhias. Mas que digo eu? Eu sou o culpado. Não de balde se disse que o mimo defensina, & o avaro he causa de sua miseria. Sépre senhora poupaste meus contentamentos, que me eu destrohia de cioso de mym mesmo. Faz a fortuna doudo a quem muyto amima, & em mym se cumprio. Dino he de perder o bem quem delle não sabe vsar. Ningué defestime o delcanso que tiuer, que hum erro no principio pequeno, no fim vem a ser grande. Mas senhora, inda que eu seja culpado, amor he hũa cousa muyto sotil, & diligente em adquirir re- ceosos cuydados, no fogo se apura o ouro: tal cuydou fazer vosso amor, & meus desgostos, que ao verdadeiro nunca faltou sofrimento. E dado que o serdes taõ fermosa me venceo, a condiçaõ vos estimaua, que o certo amor ha de ser dos costumes. A menor perfeição da molher he a fermosura, que o tempo lha desbarata. Que desconfiança vos tomou de mym agora mays que nunca? Não sabeys que cousas fingidas muy prestes tornao a sua natureza? Se o meu amor fora fingido, ja cançara ha tantos annos. Que he isto senhora, así hey de perecer ao vosso desamparo? Tèqui cuydey que era birra: mas paixão que vay fazendo profissaõ no tempo, dà más sospeitas de sy.

Câ vem Dinardo Pereira, quero consultar com elle a conrusão deste negocio.

SCENA SETIMA.

Dinardo Pereira.



Vanto ha que conhecer no coração do homem: que retretes de fingimentos, que escaninos de incertezas tem, & quantas mostras de diuerſas cores. He vento fazer contos, do poluo tomar as da causa, em que o poem, em hum sò ſogeito. Tem o homem muyto mays inumerauueys eſeitos, & accidentes ſem numero. Ia ſe he discreto, não ha braças que lhe poſſão ſondar o bucho. Menos incerta he a Astrologia Iudiciaria, que as operações do peito humano, & quanto mays prouido mo derdes, mays erros darey nelle: porque guardou Deos para ſy sò o acertar. Isto me apura, & ando atonito do amor de Graſidel de Abreu, quando fauorecido de Filomela moſtrau a ſe izento, agora deſprezado, confeſſa ſe ſogeito: pode com a proſperidade carecida de ſiſo: faltandolhe, eſcaceoulhe o ſofrimento, cõ que agora moſtra o fio. Por iſſo arrenego deſtes
que

Acto quarto

q̃ se mostrão liures, & depoy's caem em mayores quebras. De que seruem enganados de quem he comsigo mays enganado? Mortos por fazer experiencias de vontades alheyas, & da propria não sabem tomala. Chamo eu a esta discrição, pequice mal incrinada, que o prudente não quer enganar, porem tambem não pode ser enganado. O saber de cada hum, em fim, he segundo sua condição natural. O malicioso, tal tem a discrição, qual he, & assi dos mays. Verdade he que tão máo he crer a todos, como crer a nenhum. Estamos em mundo, que querem os homés antes parecer sabios, q̃ felo, & não parecelo: porque diz que a boa opinião val tudo. Muytos conheço q̃ lhe valeo isto. Mas eu sou mays de o ser, que parecelo: & a meu ver, cada hum tenha cuydado de sy, & leixe os outros com sua carga. Faça eu o que deuo, & quando não mo fizerem, fico sem culpa, que he hum bom estado, & melhor de todos: em amizades, nunca experiencias, senão forçadas: & isto destrahió Grafidel de Abreu: Filomela enfadouse, & quebrou banco. Sospeito que achou amparo, & riffe delle. Não no sofria, parece, senão à mingoa, & gastay là vossa boa idade em confiança de vontade alheya. Cà o vejo. Quero ver que diz.

SCENA OITAVA.

Dinardo Pereira.

Grasidel de Abren:



VE vay? Donde vindes? Para onde hides? *Gras.* Não sey se vou, se venho, se estou, se fuy: he muy paruo a vida esta. Ditoso o que acaba jornada.

Ger. Agora está por ver, que não ha

mòr trabalho que viuer? Porem com tudo, morrer he grão paruoice. Sou muyto treito de fauda: & se quereys que fale mays claro, muyto mao, & quem fez mal sempre teme. Folgo com esta vida: porque não sey que vay na outra, & que gashado acharey. Custauos aqui os olhos, de enfadamento, tomar casa de aposentadaria: que será onde contino vay tanta gente buscar poufada? E sabeys que pequice será vir hum diabo muyto tredo, & mal assombrado fazeruos hũa forca, andar com uosco aos botes, & danaruos a grauidade com descortesias. *Gras.* Se quereys escusar essas differenças, recenceay a conta da vida, antes de hirdes ao escamel, leixay vaidades do mundo tão custosas, & conformar com Deos: porque segu-rays viagem, & perdeys os receyos que vos picão.

Acto quarto

Din. Falai-me depoyz sobriſſo, que agora ando hũ pouco occupado em meus goſtos, & não lhes poſſo ſer desleal, ſaluo quando a poſſibilidade me deixar. *Graf.* A eſſe tempo, nem grado, nem graças.

Din. Ora que melhor he tarde que nunca. *Graf.*

Sej que tendes priuilegio de tempo. *Din.* Eu ſe-

nhor meu quero muyto grande bem, & vay-me

muyto melhor: & Deos criou a mulher fermosa

para deſcanſo do homem, & a mays neceſſaria al-

faya que lhe pode dar. *Graf.* Mas para deſtroição

de noſſo goſto. De mym affirmo, que não ouuera

fortuna com q̃ me não auiera meoimente, & não

ſou poderoſo para me ter ao payro com os deſen-

ganos de hũa mulher. *Din.* Por iſſo hey medo ſem-

pre à minha, & a velo de todo recontro, por lhe

tirar azos de dar orelhas a nouos conhecimentos.

Digo iſto: porque trago atoardas que ſe ferue Fi-

lomela de Germinio Soares, & voſſa comadre aſſi-

o ſoſpeita, & anda ſobre certificarſe, para lhe ef-

cozer as orelhas: & iſto deue ſer, fazeruos cacha,

que os primeiros amores podem apartarſe, & não

eſquecerſe: & ſeus termos ſão feros da ſua magoa:

porque o coração apaffionado, o mal ha por bom

conſelho. *Graf.* Não me fio de paixão que dura

muyto. *Din.* Vòs tiueſtes a culpa: conhecey uos, q̃

o ſabio conhece ſuas faltas. Não ha tão grande

clari-

claridade que a soberba não escureça, & humildade he fundamento da verdade? Enganasteus sempre com uosco, que he mays perigoso que enganar outrem. O que a fortuna rege, não he iegurro, & em hũa sò hora se paga quanto se erra em toda a vida. *Ger.* Essas reprehões sengas podiens agora escusar: porque reprender quando ha necessidade de socorro, he danar muyto mays. Vós senhor tereys razão, & eu terey errado: mas tudo se julga segundo socede. Mâ fortuna nunca foy louuada. Capitão vencido, não lhe chamãoseudo: nem ao vencedor, doudo. Por isso he por de mays desculpar maos successos: & desnecessario rependelos sem tempo. *Din.* Não ha quem sofra o aziar da verdade. Mas sabeys que digo? Hey por muyto perigo leixar crescer cizania antre vontades amigas, que depouys pode se mal desarreigar. Amor facilmente se perde, & difficilmente se adquire. *Graf.* Tudo temo, tudo me lembra, & tudo sinto. *Din.* Eu vos direy: se he verdade que poem os olhos em Germinio Soares, o bom era esquecela de todo: porque he de crer que lhe vay bem, que elle he homem a que se deue tudo: & que o não fosse, ellas sempre escolhé o peor, que a fortuna de molher lhe vem dar seus bês aos indinos: donde a dita dos maos, he tormento de bôs.

Acto quarto

Eu a minha arte era esquecerla, & melhorar doutra. *Graf.* Falay em al. Sabeys quão paruo ando nisso, que quanto a mays desespero, mays a desejo. *Dim.* Fados de nossa natureza. Diruoshey o q̄ entendo desta cousa, & depouys virey ao que faria: porque nada me fique por dizeruos. Hisopo preguntado que fazia Iupiter, respondeo: abaixa altos, & leuanta baixos. Daqui veyo, que não ha boa hora para hum, que não seja má para outro. Tal foys agora com vosso competidor, & nũca al vimos, senão leuar hum o que outro suou. A grande Laida daua esta regra aos amantes para alcançar toda mulher. Conuem a saber. Quanto ao primeiro, seguila: porque tudo o trabalho vence. Item seruila, que quem dá espera, & quem tonta dá. Item sofrela: porque são accidentaes em suas paixões, & em tudo soffredores vencem: & as injurias dos que nos mandão, haõse de dessemular: como as cousas dos Principes, sintilas, & calalas, que o sabio tem a lingua no coração: & pouys a dama he senhora delle, tudo se lhe deue soffrer: se he mã mostrarlhe que a tem por boa, & tirarlhe as occasiões do mal. E por tanto agora não vos sinta Filomela que sabeys seus amores porq̄ quererã antes soffrer perdas, q̄ ouuir injurias. Do galante podemos ter maneira, que por bem leixe
a em-

a empresa, & quando não, por mal, que a justiça he por vòs : deshi mostray que a hides esquecendo, que a molher amada, mays sinte os descuydos com que a tratão , do que estima os seruiços que lhe fazem: isto com tento, que não lhe pareça que a desamays de todo , por quanto são todas muy tenras no querer, & duras no aborrecer. *Graf.* Tudo o que dizeys confesso por bom : mas os meus males vão em tanto crescimento , as minhas magoas tão de aleuanto , o sofrimento he tal , as paixões temme tão senhoreado, & eu ja tão entregue a triste, que não me parece que posso viuer para nenhum bem esperado , quanto mays tão duuidoso. *Din.* Poucas vezes se vio mal, que não seja auiso de mayor bem. Phalero Tebano , estando muyto enfermo do baço, entrou em hũa batalha, em que lhe derão hũa lançada, da qual sarou, & juntamente da infirmitade, por causa della. Mamillo Bubulo Rey dos Etrucos , em hũa batalha lhe derão hũa sêtada pela garganta , & ficoulhe o ferro dentro: depòys andando à caça, deu tão grãde queda do caualo , que lançou pela boca o ferro , & ficou saõ. E assi às vezes se ve de notauel defauentura , vir a bem afortunado : donde Themistocles desterrado dizia : pereceramos, se não pereceramos. Nada deue esperar-se , ou desesperar-se,

Acto quarto

rar-se , sem experimentar ventura. Não vos deys tanto ao sofrimento , que vos tolha buscarlhe remedio. Nas cousas duuidosas val muyto o bom conselho, & ousadia , nada vofa faça perder : que do mal que homem teme, desse morre. Sem perigo nã se faz façanha. Inda que vos dê pena, se minha prima mudou o amor , sou de parecer que o mudeys : porque como hũa molher se desdoura em ter muytos corações , nenhum preço tem comigo: sou nesta parte muy escoimado, digouos o que faria. *Gras.* Eu não posso crer isso della: mas se mo days vente, no amor não se sofre companhia, como reynar, nem eu lho sofrerey. *Din.* Ora dai-me espaço tè Domingo, que eu saberey a certeza: porque tambem se minha prima não esta occupada, & he a que deue, eu me obrigo congratuaruos. *Gras.* Seja assi, que não sahirey do que ordenardes.

(?) (?)





ACTO QUINTO.

SCENA PRIMEIRA.

Germinio Soares. *Artur do Rego.*



OS senhor sabeys hũa cousa? *Art.* Que foy? *Ger.* Sou posto outra vez em concerto com a senhora Aulegrafia. *Art.* Como assi? *Ger.* Des que nos defauiemos na noute de mãs razões, lidou todo este tempo Aulegrafia minha comadre com ella (como sabeys) & tinhaselhe às voltas branda, & amorosamente. Tiue eu maneira com que lhe faley ontem na portaria à boca da noute. Trauouse a conuersação de modo, que a armey a quererme ouuir esta noute. Nunca vos desegey senão então: porque tiue com ellas mil passos bós: farlhehey crer quanto quizer. *Art.* Essa era a dos feros? Como isso estaua certo: nunca defabrem mão de todo dos seruidores: folgão de ocupar todo mundo: não ha quem dellas se des-
 empece: mays intricadas q̃ o laberinto de Creta,

Acto quinto

de que se Theseo liurou , & não 'dos modos de Phedra. Trabalhão as molheres sempre por estar a muytas amarras: porque diz que a ouelha que não tem dono, comea o lobo. No primeiro porto que podem tomar (se lhes arma) lanção anchora, por abreuiar esperanças. Assim que não hajays por das sete marauilhas vossa reconciliação. Mays foy a destruyção de Tebas, & a entrada de Alexandre em Corinto. *Ger.* Todavia se teue bem nos seus treze. Vay em seys mezes que foy nossa desauença, & eu neste meo tempo continuo no cerco, sem lhe leixar tomar folego doutra determinação. *Art.* Não ha fiso que baste resistir a tanta continuação. *Ger.* Eu quanto mays se me defendem, mays embirro em combatelas. *Art.* Onde ha resistencia no paciente, po^{em}ys mays força o fazedor. Obediencia abranda duros corações, tẽ nos brutos. Quanto Numancia foy forte, tanto enstirãõ os Romanos em destroyla. Presunção de fortes destruhio Troya, & Cartago. *Ger.* Crede que he assi: & sabey que lhe dey braua bataria, & que a tenho rendida, perdey cuydado. Verdade he, que a minha comadre Aulegrafia deuo a vida: porque nunca amiga assi treçou por amigo: & dizme ella, que claramente conhece em Filomela ter decepada por mym. Ora eu nunca vi molher tanto da mi-

da minha arte, & assi doce, & galante na conuer-
 fação. Ia graça, he pasmo. Poys condição, mays
 branda q̃ arminhos. Discreta, se a ouirdes alei-
 jaruosha: porque as suas repostas são lançadas
 darremeço. Hum ar, hum requebro, & hum riso,
 que vos ride de mays galantaria. Húa mão lhe
 tomey desinuladamente que parecia seda de
 Bragança. *Art.* Ia vòs nisso andays? Olhay por vòs
 que o estado dos priuados he perigoso: porque
 prosperos desconhecemse, & abatidos, ninguem
 os conhece. *Ger.* Que mays dahi, nunca peor cais-
 se. *Art.* Ia tu jazes. *Ger.* Contentamento proprio
 não se compra por preço. Marco Aurelio Filoso-
 pho discreto, & Emperador tudo desinulaua a
 Faustina satisfeito de sua gentileza. *Art.* Ia se ape-
 ga a desculpas. Bom vay. *Ger.* Ferosura he pe-
 dra de ceuar de corações humanos: & amor hum
 desejo do que bem parece: daqui se moue nossa
 razão, vista, & ouidos, & se deleita: deleitando
 rouba, & roubando inflama: & quanto mays cla-
 ro juyzo, tanto mays se afeicoa ao que lhe parece
 bem. Ora ponho isto em pratica: Filomela não
 me negareys que merece per sy muyto, & he
 muyto para estimar sua pessoa. *Art.* Si, mas neste
 tempo ninguem se estima, saluo pelo que possue.
Ger. Mays dez, menos dez, tudo vem a hum con-

Acto quinto

to. E mays eu vos direy:tenho isto muyto bem
gizado:alsi como alsi heyme de hir este anno pa-
ra a India,& ja que hey de cauar vida, quero que
seja com gosto, & passar estes dias nelle, que de-
poys não sey o que de mym serà:& por tanto,que
mao fundamento achays casar com Filomela,
por cujo respeito,tambem me farão muytas van-
tagês no despacho. *Art.* Os homés mancebos te-
mos a vista do entendimento curta, & o juyzo
atado, & posto em talaç de seu apetito, & tal vos
vejo ja.Pintays o que quereys,& Deos farà o que
quizer.*Ger.* Porque eu vejo que nada he feito sem
elle,o temo,& me ponho em suas mãos. *Art.* Co-
mo d'elle ha neccsidade,logo o conhecemos.*Ger.*
Vòs não vedes que não se lofre enganar tal mo-
lher,que he grande consciencia? E eu senhor meu
sou Christão, & lembrame que ha morrer, & ser
julgado na outra vida, segundo as obras desta.
Art. Como todos somos graciosos, sò ^{a Deus} ~~vos~~ he ne-
cessario andar^m à vontade, & que com a sua
nos conformemos. Obrigouos eu a enganala?
Não vos enganeys vós, & apartayuos de seus
amores, que ella não lhe faltarão outros, que a
emparem. *Ger.* Risse mays de homés, & das mo-
lheres que se fião delles: & tenho beni tirado a
limpo quão pouco Grafidel de Abreu valeo com
ella;

ella:mas homés,que querem abonarse à custa da fama alheya,& tudo foy emportunar amigas que lhe falassem,& lhe valeo pouco,custandolhe muyto do seu:& nunca chegou com ella a mays, que se estaua em companhia doutras,tomarlhe hum barrete com ellas. *Art.* Não creyo que elle em-empregasse seus annos de balde , que eu sey que a seruió muytos.*Ger.* Ora a mym mo jurou quem o bem sabia , & minha comadre se rio sempre de mym nessa parte.*Art.* Quem me vòs alegays;a satrapa dos conluyos. *Ger.* Estays mal informado: se a tratasseys , dirieys que não ha tal molher. Quereys fazer húa coufa? Anday damores com ella,& falarlhey por vòs , vereys húa estranha arte.*Art.* Folgarey muyto,para vos mostrar que piloto sou.*Ger.* Ora estay así,que a vejo a lanço,& fereys logo seruido. Não vos mudeys daqui. *Art.* Quero ver que terço soys. Hey medo que este meu amigo de confiado se perca: viose fauorecido, & cuydou que ninguem chegara a tão ditoso estado,de pouco fragueiro nos amores , & he certo que fez Gracidel de Abreu mil notomias na paciente: mas como elles estão atolados na afeição,he por de mays tudo o q se lhe diz. Todavia eu sou muyto mao, se me dou por amigo seu, & me tem por tal: que tenho de ver mays que cumprir

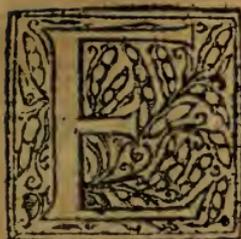
Acto quinto

prir comigo em lhe falar verdade no que lhe cūpre? Por isso o mundo anda tão trastornado: porque não ha amigos senão para tempos de prazer, de proueito, & prosperos: & nas de fiso, & importancia todos se arredão: & tambem ninguem ha que aceite reprehensão. Gauão todos o bom, & seguem o mau. Nengum viue pelo que entende, todos querem seguir a voz popular. Não foy tempo em que o primor dos homiēs menos preço teueffe, & menos vfo a boa amizade: & que haja algūs que a vsarião, ha tantos que a desbaratão, que fica em paruoice querer trato que não se vfa por sem fruyto. Daqui vem hauer tantos erros em nossas obras: porque como nas proprias sempre nosso juyzo máqueja, & não admitimos o alheyo nem ha quem o dè desenganado: assi não ha poder acertar. Meu amigo foyses ao sabor de seus antolhos: ella o castigarà, & auizarã a tempo que lhe seu arrependimento não sirua de mays que de lhe renouar magoas. Este he o fruyto que se tira sempre desta negoceação: mas se entro em jogo com sua comadre, quica o remedearey, se ouuer inda lugar de remedio.

SCENA SEGUNDA.

Germinio Soares.

Aulegrafia.



V senhora comadre desta vez hey de dizer o que entendo a meu risco: mas de vossa licença, que todavia heyvos medo. *Aul.* Que he senhor? que para tudo a tendes. *Ger.* Parestas barbas que estays muyto fermosa. *Aul.* Ah que bom proposito: & quando o não fuy eu? *Ger.* He verdade, mas agora mays que nunca: todas as cousas tem horas. *Aul.* Ia me logo não vistes de balde: folgo para meu contentamento. Porem senhor, não vos enganem cores. *Ger.* Poys bé senhora, sou eu negro? *Aul.* Assim me sey eu vingar: & não tendes consciencia de me enganar? Fiayvos là damigos. *Ger.* Como folga de repetir nisto. Nada sou lisongeiro, do que me peza, que quiça me fora bom: falo a verdade do que entendo. *Aul.* Ora em fim, não hey de parecer mal, a quem me bem quizer. *Ger.* Poys eu senhora onde fico? *Aul.* Outré vos parecerà melhor, & eu assi quero *Ger.* A' duvida. *Aul.* Conheceys aquelle galante que là está disfraçado? *Ger.* He hum grande deuoto vosso, & serui-

Acto quinto

Seruidor. *Aul.* Meu? E sabieis-me esse bem, & não mo dizeis. *Ger.* A fê de gentil homem que fallo sem zombaria, & que me aueis de ouuir muito de proposito sobre isto. *Aul.* Iesu que boa ventura, eu cuidaua que não lembrava ja ao mundo. *Ger.* E se lhe lembrardes, que remedio? *Aul.* El remedio es morir. *Ger.* E não mao, sendo damores vossos. *Aul.* Não ferej eu, mentirãolhe os olhos, que eu inda agora me tenho por minha izenta dessas obrigações. *Ger.* E se elle diz que he vosso forçado *Aul.* Dilo elle? não ha logo mister mais, mas se elle meu he, conheçoo eu bem mal. *Ger.* Pois senhora conheçeyo, & seruiuos delle, que parestas que he afazendado. *Aul.* Tal o hei mester. *Ger.* E discreto, perdi cuidado. *Aul.* Isso lhe não quizera. *Ger.* Fidalgo mais que os Godos. *Aul.* Tambem lho escusaõ. *Ger.* Pois galante, olhame aquella pessoa, & aquelle poer de pes no chão, não he fermoso, nem belo, porque se forrou de paruo, & como começa entrar nos amores, he decepado, fareis dele hũa cera. *Aul.* Segundo isso, he fauo de mel. *Ger.* Pouco menos, & de verdade, senhora comadre, que polo que vos quero, & deuo, queria empregaruos aqui & a seu rogo venho ser intercessor para conuosco, & aueis de presupor que antes de aceitar sua petição, o esconjurei, & tomei omenagem da pureza, & se-

& segredo que se nestes casos requiere: por tanto
 vâ sobre mym, queu vos porey em porto seguro,
 como quem deseja seruiruos, & quero que vejays
 o que em mym tendes, ja que me fizestes merce
 em meus gostos. *Aul.* Senhor compadre tudô con-
 fio de vòs: mas sou ja velha para estas cousas, &
 ando muyto fria dellas. Esse senhor, poys he tal,
 não lhe faltarão outras mays fermosas, que lhe
 mays armem, inda que cada hũa presume de sy:
 queu tambem tenho meu pedaço de fantasia: &
 muyto sabera quem me tirar meus dous dedos
 de opinião. *Ger.* E poys quem senão vòs senhora?
 E o mal he, que vos não sobeja razão, a qual tam-
 bem hey que elle tem em vos hauer por senhora,
 & louueilho quando, mo disse: porque he homem
 obrigado a fauorecer o bem. Ora elle meteome
 em que vos pedisse licença para vos seruir: acei-
 teilho, & pela tenção me releuay meus atreui-
 mentos: & mays não ha de ser así, senão que
 haueys de ser tão galante, & tão confiada que o
 fauoreçays: & seu fiador que vos não peze ao
 diante. *Aul.* Muyto bem sey senhor'comprade que
 por vòs não me ha de vir senão todo bem, & ba-
 staua veruos gosto, para tambem telo. Mas ja vos
 digo que me vou lançando dessas cousas, pela
 pouca confiança que tenho dos homês, de quem
 ja não

Acto quinto

ja não ha que fiar, & não leixo de vos conhecer a vontade, que vos eu mereço. *Ger.* Todavia senhora, esta noute hey de vir falar à senhora Filomela, elle vem comigo, fazeima de ouuilo, & terçarey eu em meyo, que bem creereys que hey de ser pelo que vos cumpre. *Aul.* Guardeme Deos, & assi se faz isso de manos a boca? Encomendemse a vòs os defencaminhados, se assi negociays por todos. *Ger.* Aqui não trato senão de vos servir: & por tanto queria abreuiar dilações. *Aul.* Não sou tão despejada, & que volo pareça para comuofco: eu tenhome por corrida. Em fim senhor de poys falaremos sobriſſo: ja que ſaõ couſas voſſas, a que não poſſo negar goſto.

Vinde vòs embora, que agora
não ha tempo para
mays.



SCENA TERCEIRA.

Germinio Soares.

Artur do Rego.



E ora que hauia ella de engeitar o seruidor, vay morta por conceder: mas são tão indiabradas, & certas em seus fingimentos, que por mays que o desegem, sempre hão de mostrar q̃ o não querẽ. *Art.* Que tendes ja feito? *Ger.* Pouco menos de campo franco: lanceilhe a brasa no seo, agora leixay laurar suas horas como fogo artificial. Aboneyuos ahi por trinta homẽs, pouco menos de Conde, sou grande terceiro, & tenho vea com ellas. *Art.* E poys que diz? *Ger.* Ella he de boa auença, & desesperada como começa entrar no bailo. *Art.* Mays fermosa foy Tamar. *Ger.* Não cuyda ella isso. He graciosa, & de muyta arte, com que tudo fica bom. *Art.* Como ellas não tem rosto, logo querem remedearse per graças: & eu querialhe os resabios, & galantaria nos termos da virtude: que o al, que seja aprasiuel, não he vendauel. *Ger.* Não tratemos disso. Esta noute quero ver como vos haueys com ella na pratica, que eu seguro que vos jura ja pela pele. *Art.* Eu vos

Acto quinto

direy: jugarà a artelharia: ella tem de sy grande confiança que fica em manqueira nas obras, & despejada, de que he muyto para hauer dò, por ser coufa que menos cumpre a molher, & eu heyuola de leuar ao pinaculo, & fazer della pandeiro, porque a leyo. He toda pensamentos, & crè que per sy tudo merece, & se lhe deue: vãa de gabada, olha sempre de traues, mà de contentar, toda entejos, estranhas mudanças, & tem a rol algũs por quebras: presume de ler, & parecelhe bẽm o Castelhana: quer ter parecer em sonetos, & grande marca de tenções. E com todos estes epitafios do sobrescrito, em puridade podem tirar parela como para catiuos. *Ger.* Ora vos digo que soys hum praguento homem: porque notays por maotudo o que he primor. Soys o mesmo Momo, & como hum homem: tem essa condição, não ha coufa que o contente. *Art.* Dizer o que não he chamo eu praguejar: mas notar calidades proprias, he, ser Plinio da natural historia. E sabeys outras ilhas de que deueys sempre desuiaruos, & nordestear a bombordo? Húas gabadas de grandes mãcs, & tem se por inuentatiuas nos labores, & não lhes dura mayns que em quanto saõ solteiras. De lingua saõ chocalhos, conhecem todo mundo, golofas no quarto grao: gastão dias, & noutes

noutes em concertar o seu cofre : enfeitão-se para a cama, temperão muyto bem decoada, falão an- tre sy desenuolturas, contrafazem, & tocão de tauanefas. *Ger.* E da carruagem do exercito ten- des apontamentos. *Art.* Essas são hūas rapazas que não merecem fazerse dellas lenda. De moça de retrete para baixo, nenhũa commemoração haueys de fazer, & fugir sua conuersação, que nunca leixa de ser custosa. *Ger.* Nem de negra que sae fora, & pode levar recado. *Art.* Essa, vilão vosso que a tenha da sua mão, o qual ella trará alfanado, & tereys nella hum agoadeiro para vòs, & vossos amigos, à custa dos quaes a paga- reys, & pelo anno com algum cançado, & terá certos seus Reys pelo seu dia. *Ger.* E de pera par- da dolhos esbugalhados, que quando fala abre muyto a boca, ou a torce, dentes muyto aluos, gengiuas amarelas de casca de nogueira, grande mestra de conleruas, & perfumes que he officio de Beneses. *Art.* Essas são o viuo diabo, he mate forçado procurar sua amizade em valia, para ter- des credito para passar letras, & recambiar nas feiras: porque são grandes pedreiras, & incan- faueys por parte do penitente que tomão a car- go. Haueylas de trazer mimosas, & ensopadas na vaidade. São todauia de muyto custo: porque

Acto quinto

vos despem se podem, & se as desaforays, não tendes mays vida, que não descansão tẽ vos varar, mentem de sol a sol, tẽm boa fala desentoada: he o mays perigo esteiro que ha em toda paragem: porque tẽm mil arrecifes muy perigosos *Ger.* Vòs já fazeime merce que vos não saibão que soys praguento: porque sè benzerão de vòs: & nenhũa hauerã que vos admita, quanto mays minha comadre. *Art.* Pouco se perde nisso, à minha menina, pão caseiro, queria eu lembrar, que estoutra couza, por vosso respeito a emprendo em quanto me não enfadar. *Ger.* Eu vos fico que tenhays passatempo, & esta noute o vereys.

E com isto nos vamos.

(?) (?)



SCENA

SCENA QVARTA.

*Dinardo Pereira.**Artur do Rego.*

OME M a que a experiencia não, ensina arrenegai delle, & não lhe espereys bom feito. Verdade he que a condição de cada hum vencelhe o entendimento. Donde sempre tenho visto, a vontade fazer tudo o que o juyzo nega. E assi vèmos que o ser de todos os estados consiste em quem os possue. A paruos aborrecemlhe discretos. Roins têm por industria sua malicia: desta maneira damos todos còr a nossas incrinações: & basta para ter tudo em nada, saber que saõ nossas obras julgadas pelos homês de nossa natureza, treitos de errar, & sempre cegos, por mays sabedores que seião. Por discreto tenho Gracidel de Abreu: mas desque descahio da bonança em seus amores, tem feito mil pequices: porque mà fortuna sempre descobrio quantas faltas afermosenta a boa. Por o que, nunca me debato muyto por discrições proprias. Mas he este que eu cà vejo meu amigo Anselmo do Rego? Ora delle hey de saber as sospeitas que trago. Quero esperalo ja

Acto quinto

que traz a proa para cá. *Art.* Quem não quizer errar muyto, viua sempre acautelado na forma, poys nada he seguro: & o mays perigoso passo que a vida tem, he ser homem muyto confiado de sy, por quanto se ha mister muyto mayor coração, & espirito para resistir a hum vicio aparelhado, a que os azos vos conuidão, que para acometer hum esquadrão de imigos. Ia em trato de molheres, não ha molher, por tola que seja, que não embarace o mays discreto homem do mundo: porque elle entregase ao desejo desapercibido de resistencia, & ella naturalmente naceo armada de fingimentos: por mays afeiçoada que seja, nada faz senão, o u por seu gosto, ou por seu interesse. Na esperança da vitoria nos engodão, tè que nos metem na cilada: & com qualquer fame que nos fazem, nos tomão no brete. Quem ouuira Gernio Soares pregoarse per acautelado nos amores de Filomela, jurara que nunca ella delle leuara o melhor: & o galante casouse com ella, com cuydar que furtaua bogas. Ora juray lâ por ninguem, & fiayuos em silos, que esses dão mayores cabeçadas. Por isso he rizo cuydar de ninguem que sabe. A verdade he que de azos poucos se saluão. Sabe quem Deos quer. Mas como sua amiga, & sua comadre Aulegrafia o soube trazer ao talho?

E apos

E apos isto jurarey que tem consulta sobre mym para me armarem para sua desculpa : poreu eu lhe tirarey esse cuydado, com o ter da minha menina que he carne sem osso, & de proueito. Poys que coufa para a minha arte Aulegrafia, & mays hauerà quem a cobice, que assi se alternão os gostos, & sortes humanas. Cà vejo Dinardo Pereira que não sey o que sentirà desta noua, por parte de seu amigo Grasidel de Abreu, ao qual ha de pezar forçadamente da vitoria de Filomela: porque muyto mays vos cansa o bem que vedes a outrem, que o que vos falta. Quero hirne a elle, que ja desejo contar esta historia.

SCENA QVINTA.

*Artur do Rego.**Dinardo Pereira.*

Empre vos acharão nestes lugares taes, & com o furto nas mãos as mays das vezes: porque soys tão daninho: Que fazeyz aqui? *Din.* A vòs senhor nada se nega: ceuo a alma da vista de hũs olhos belos, de que viuo. *Art.* Bem digo eu que haueys mester degradado da Corte. *Din.* Desse corte tenho eu senhor para

Acto quinto

mym que he o voffo pano : senão que como vos embuçays, & foys dos galantes de antre lusco, & fusco como ourencu, & em tempo de luar cofteays ao obscuro: não fazeys sombra, & enleays o mundo : mas eu feyuos buscar a escama tras a orelha. *Art.* Não tendes tão bom faro como cuydays. Leixay a mym o saber latir a mouta : porque pelas conjecturas quasi adiunho. *Din.* Não he mau isso para ter entrada com gente nobre. *Art.* Não sou muyto disso : ao presente armo em hūs penfamentos cubertos de sentir o que passa, fistola que defasoflega muyto todo espirito. *Din.* Sabeis de que maneira? que se nisso atolais, não a proueita cortaruos a sobrecarga do sentimento, & olhando para tras he tempo perdido, perda sem remedio, ficaes estatua, morreis em magoa, sem cura de inueja daquelles a que pouco lembraes, & em vos escutarem queixas vos fazem merce, hū triste estado. *Art.* Não vou por hi, mas ao modo moral viuo, ja me desuiei de huns sentidos dos sapatras, de ofes penates dos que os seruem, porque tenho entédido a mà nouidade desta cousa q̄ chammais corte. Lembrame que Seneca, & Papiniano validos com Emperadores, querendo defasirse de les para lograrse de si mesmos, não lhes valeo entendelo bem : que estado chamaes logo o que se alcan-

alcança per baizezas, & se possuiue com receyo, & se quereys leixalo, não podeys? Mayormente em tempos em que habilidade boa não tem preço, & mãs inuencões o leuão: & por tanto senhor meu là se auenhão os confiados em esperança, que nenhũa inueja lhes hey. Cà ao focairo da terra alauercado, tomaria do meu trabalho honesto premio, com liberdade, & recolher ao abrigado: qué al quizer, Deos lho dè. *Din.* Logo não soys de ganhar apos promessas contrafeitas? E com rayua como cachorro que roe osso (porque não lhe acha carne) escaramuçays em emendar a vida do Rey.

Art. Escusada cousa, hey por desnecessario açoutar Principes em publico do que em secreto lhes desimularia, & hum mau excesso. *Din.* E em que vos fundays nisso, que elles tambem errão, & seus erros chegão ao viuo? *Art.* Em saber tomar o pulso aos aspeitos dos planetas errantes: porque comprehendo o ogeito de suas influencias, os quaes presuponde que necessidade os pode compadecer, mas por honra não: cobiça os sabe pairar, & espirito liure nunca. *Din.* E esse conhecimêto se mostra maos temporaes, dauos pena. *Art.* Ahi me calo Paixão que não tem outro furo, saluo bebela, ou vertela, nunca lhe agasalho os receyos dante mão. Corto assi as cabeças a hum monstruoso traba-

Acto quinto

trabalho segundo Hercules. Valhome do sofrimento por escudo de Palas contra a presente cobra Medusea: desta maneira cumpro comigo: deshi ponha Deos a virtude, & vaya el Doro por do va, &c. que ao bom Christão nada do mundo lhe dà pena que não seja sofrível. *Din.* Estays o mays bem arrendado homem que vi, *Art.* Sabeys porque? Porque vejo caos de homés çafaros, que em hum credo fazem notomia de viuos, & mortos: tudo emendão, nada perdoão: louuão o que nunca virão: praguejão do que não entendem: reboluem o centafolho da vida: leuão a fogaça ao mundo, & entabolão se em opinião sem causa, cõ que tudo lhes val. *Din.* Não vos vades per hy, que ella não se ganha de balde, antes hey que he muytõ custoso alcançala. *Art.* A verdadeira confesso: porque se alcança per justo preço, & he rara, mas a falsa tem dita, & acerto, & desbota muyto: faz finca pè na valia de cada hũ a que o merecimento dà poucas vezes sua voz: & he tão mao rapas o mundo, que apela, agraua, & pede reuista: & todauia obedecelhe acuruado de bayxos respeitos, & isto soffro mal: que possa tanto hum particular interesse que vos obrigue grangeardes quem vos aborrece, & venerar em publico quem antre vòs, desestimays. *Din.* Por isso me eu rio dos
que

que baté a mata. Vejo baratar-se a feira em odios, & inuejas, & daqui procede o praguejar. *Art.* Poys por tanto tacho o vfar-se tão solto, & contino de muytos que fazem laber de forgicar comprimentos, & consonancia falsa embuçada com a destreza do contraponto: & o capaz adquerir tem mays quilates de discrição, grangear proueito a velas tendidas, sem dar ouvidos a respeito ostantes, por ser o tempo de cada hum para sy, & Deos para todos: pagar com esperanças do alheyo, & não lograr do proprio: não ver do olho cousa que saiba a espirito. É o remate, & proua de todas estas discrições que nos espantão, he, leixar hum testamento tão intricado, que nadem delle exames de demandas para seus herdeiros. Ora se isto he bom não sey que possa ser mau. Por isso senhor, perdoame se vos confessar aqui antre nós que tenho o mundo por muyto tolo, & a mym por pouco menos. *Dim.* Hireys seruir a vossa feitoria, & lá mo direys, que lascarins diz que não sofrem palavra descuydada. *Art.* Diruoshey senhor, viuirey como em Roma: mas dizey primeiro se ma derem. *Dim.* Ia está por profupolto a tal pessoa, & de tal seruiço. *Art.* Estay, não carregueys mays em recepta, que quantas mays obrigações apontardes, tantos empecilhos de despacho, & azo de dilacão

Acto quinto

lação me pondes : porque assentay que não há fruyta mays sorodea, nem trabalho que mays tarde com o fruyto, mas saõ sortes. *Din.* E agora vindes do Paço? *Art.* De là venho fugindo de enfadado. *Din.* Porque ha là fadas que fadão? *Art.* Mas ha mil cousas que enfadão, & homês que vos cansão com maos estilos de condições baixas. *Din.* Camanha verdade essa he. *Art.* Crede que não sou apagado (quanto muyto) em saber sondalos: & sabey que tenho tirado pela fieira a summa desta cousa, de antigo, & calejado nestas desaventuras brasfemadas de todas, & por muytos que vejo açoutados da esperiencia, & tomados do tempo com mataduras nalma. Determino, de vossa licença, porme em saluo com as orelhas, o mays cedo que me for possiuel. *Din.* Vòs vindes chamējando, trazeyis requerimento. *Art.* Lá trago hũ papel no lago da hidra, que me custa ja mays o esperalo, & requerelo, do que me tem custado seruijo, & merecelo. *Din.* Vedes, isso he soberba: donde ha tantos annos que seruis nessa esperança, não vos coze agora o animo dilação de dous dias? *Art.* Ià fossẽm dous annos, & acabassẽ. Agora vos chegou, donos dão, & seruos chorão? Poys sabey que os terceiros sopezão tudo de maneira, que não sofrem, nem leixão entrar tauola a merecimento, & obri-

& obrigação : porque respeitos particulares , ou benese proprio leuão a boya â força de diligencia , & seu contrapezo. De modo que o que não he de seu ferro, he impossivel hir a rol, & quando muyto vay no enxurro. E eu senhor sou muyto mau para sofrer idolatrias destes semideoses lares. *Din.* Menos soffro eu esses espiritos Portugueses tão mociços. Porque sereys vòs senhor, eu, & ninguem tão vão, que cuydeys que vos hão de rogar com o que vos cumpre, inda que se vos deua. He diuido seruir , & rogar os que podem , & valem : porque fantasias sem alicece não dão outro fruyto, saluo magoas a seu dono. *Art.* De homem de preço he não dar obediencia senão a quem lha reconhece. *Essoutra* gente pouo faça o que não entende. *Din.* He muyta verdade, que nesta parte muyto bem estou com o Portugues , que não reconheção senhorio, senão a seu Rey , ao qual he diuido o amor , seruidão, & lealdade que lhe temos sobre todas as nações : porque nos cria nas abas como filhos, com os quaes reparte o seu patrimonio como que o não teuesse, saluo para nolo dar. E assi por sua real humanidade somos liures, & realengos , & os que podem arrimar-se a sua sombra, não tem mays que desejar. Mas para vir a isto não se escusaõ meynos , por o que o homem discre-

Acto quinto

discreto haffe de vestir segundo o tempo, & o vi-
uer muyto mays, desimular em quanto não vê a
sua, & como teuer azas que lhe consento que seja
outro Perseo sobre o cavallo pegaseo: conquisté
mays que Baco Indico: seja mays liure, & izento
que Diogenes, & mays graue que Catão Censori-
no, & viuirá assi pelo foro da terra: porque Quinto
Fabio desimuládo, & sofrendo vécia Anibal. E
mays tède hũa cousa para vòs, para estes q̄ nos fa-
zem carantonhas porque idolatramos, & se nos
vendem por vèdores dagoas na discrição Creten-
se, não ha escarlata que assi os cegue como o so-
frimento de quem os trata, hum alauercar ante
elles, & carcarejar da sua sombra os faz logo per-
der os registros para comuofco, & descuydarfe da
vela, com que os sondays a cada passo, & o mes-
mo fazem elles a outros que os precedem. *Art.*
Tudo he vento sem ser aruore de fruyto de todo
anno. *Din.* Isso pela mesa està, & se escacea logo
arrefece: porque o que apraz he tão leue de es-
quecer, como de lembrar o que magoa. Por onde
não ha duuida que he muy incerto o acertarlhe a
juntura: mas quem naceo para sofrer sofra, & des-
simule, ou apare as vnhas da cobiça. *Art.* Diruof-
hey senhor: muyto bem me parece, & he estilo de
homem honrado dar sua obediencia, & sua pos-
sibi-

sibilidade a quem lha estima : mas se me vsurpays a cortesia , he tudo entornado , que espirito nobre não sofre maos ensinos. He manjar dalma, & semente de amor o bom ensino : como me negays a honra que se me deue, ja vós compro o beneficio que me fizerdes , antes nunca acabays de me pagar. *Din.* Senhor , ja Ouidio dizia em seu tempo: o preço he em preço , casi diga, toda cousa de preço se vende, & sem elle nada se dà : o censo, digamos , a peita dà as honras, & amizades : & o pobre que não pode peitar jaz por ahi desprezado. Por onde vereys quão antiga lepra he a que vos agora lura. *Art.* Se me vós pozesseys taxa a esses que me querem seruidão , culpaimo se lha não der com sabor , & lealdade. Mas vós vedes muyto bem que nos esmagão esses taes , sem nos enxergarem, o que per elles he muyto mal olhado, & peor feito, & a nós forçado o sentilo. E então, pezar de Fez, diz, que me ande estirando antre satrapas de Persia, que sequer de vista me não conhecem , & os mays descomedidos são os que mays enxergadamente mostrão as fezes de seu auoengo , que nos nobres que não desbotão da obrigação do bom sangue , sempre achays outra brandura, aos quaes a popular ambição não lhes desbota o cume da honra, mas a moderação vista dos

Acto quinto

dos bõs : porque como o dinhiro foy honrado, logo cahio a verdadeira honra, que he virtude do animo , que Reys não dão , nem se ganhão com lisonjaria, nem compra com moeda. *Din.* Essa he a verdade. Mas que faremos aos padroeiros da mentira , que a sustentão a pezar de Galegos? *Art.* Iã dissimularia termos baixos. Mas quereys que vos diga senhor? Siruase de mym hum negro , & mostreme conhecimento. Porem desprezos , comerey antes terra, que sofrelos. Deos me dê furo per que me liure de ver tanta pouquidade de animos, & tanta soberba de humanos , o que sò nesta nossa terra se acha , onde se honrão com descortesias, como nas outras pelo contrario. E se me eu vir no palanque, o meu rotulo serà pela Ley, & por el Rey. *Din.* E antre tanto que elle tarda, y no viene, viuireys de desejos famintos do efeito , que he o tormento de Tantalos no inferno. *Art.* Companheiros acharey. *Din.* E o vosso requerimento senhor para a India? *Art.* Senhor si , nesse lago de honrados me hey de lançar de molho como sardinha. *Din.* Em estremo folgaria que vos despachassem, hiriamos todos este anno. *Art.* Porque? *Din.* Também vòs hides? *Din.* Querendo Deos. *Art.* Vamos pezar de meu pay , comeremos desse arroz com leite de coco, & o seu bringue , manjar que
tanto

tanto gauão , & tentaremos essas orancayas. E sabeys porque me arma muyto a India? Dizem me que là nunca faltão dez pardaos ao homem de bem. E como me days isto, digo senhor , que não quero tornar a Portugal , por não ver suas misérias. *Dim.* Eu sou disso, senhor, não se pode ja viuer em terra , em que se vos falta moeda , sobejauos de sauentura , & do Paço tirays espiritos vaõs do q̄ vedes que vos assopraõ continos desejos a que vos habituays para mayor magoa. *Art.* Que faç lays? He tormento de Ticio no inferno , que lhe come hum Abutre o coração , que nunca lhe mingoa, mas sempre crece para pena infinita. *Dim.* Digo senhor que quero hir morrer, & comer biscouto mil annos , por fugir destas sirtes, & espero vir triumphar dous dias nesta Corte , banque-teando gétis damas de Lisboa, com muyta ostra. *Art.* Isso não farey eu : mas virey comprar matos maninhos, & pòr bõs bacelos, à imitação daquelles nobres antigos Fabio, & Curio, que de suas victorias hião descancar nos doces campos : eu sou destes fizos , por não gastar em vaidades o que se ganha tão trabalhosamente : & se days em seco com a moeda, pagays o escote, com tornar là, onde as mays das vezes leixays a vida em arrefens da vossa pequice : porque parece leixãouos vir

Acto quinto

com a condição com que Plutão deu a molher a Orpheo. O homem fefudo trabalha para a velhice: se alcança defcanso, a ferrefe delle, conhece-lo, & eftimalo, & contentarfe com o que pode: o al he vento, a vida breue, paffafe em contas, & hum Ezechiel ouue a que fe acrescentou. Por tanto viuer para com Deos aprecebido, & para com o mundo moderado. *Dim.* Vòs vireys hoje a fazer hum doutrinal de cortesaões, fegundo estays. Não fou de fer tão fengo. O homem para calabrear a vida, & saber tratala, ha de fer sobre o verde, & dar cem voltas ao mundo, fem lhe lembrar prouidencias de velhos, que fahem fegundo fe atreuem. *Art.* Fazey vòs fenhor o com que folgardes, que bem oucioso està o homem que quer que vão todos pela fua via, tendo cada hum natureza propria, & vontade liure. Eu, querendo Deos, hirey à India, & no ponto que me achar em defpoição de buelta, buelta los Franceses, virmehey cà meter em hũa coorte, antes que andar mays na Corte, a qual he hum touril para gente manceba, mas depòys que vos o tempo amança. O fizo he acolher com o fradel ao abrigado. *Dim.* Bem dizey vòs, fe não oueffe mays que dizer, & fazer: mas primeiro que o homem aqui colha o fruyto de feo trabalho, & fe defen-

uencelhe

uencelhe das esperanças que vos lanção grilhoês, he peor de fazer que o caminho que Eneas fez com a Sibila, cuja volta, diz o Virgilio ser concedida a poucos, & estes muyto amados de Iupiter. Donde disse Marcial que desta vida corte-faã, dous atè tres se melhorão, & os mays vão na corrente das magoas, & defaunturas dar con-figo nesse mar da morte. *Art.* Vòs direys hoje as lições de Iob. Não sintays tão mal de mym, que tudo o que dizeyz alcanço: & inda mal porque he tanto a meu custo, mas quanto digo, vay debaixo do profuposto, se Deos quizer. *Din.* Per hy bé: porque esta passagem à India, não he passar a Almada em barco de Cacilhas com grandes borricadas, antes tão duuidosa, que foy sombra della a hida de Colcos, & haffe de fazer com grande receyo, & quem o não tem, não finte, que a fabula que vos contão que Glauco se tornou Deos Marinho: entendese que todo homem entregue à vida do mar, he bruto como peixe. Ora vede q̄ genero de gente pode ser, & preguntay a quem com elles tratou, diruoshão que carecem de toda razão, & humanidade. *Art.* Né tal vida não na pode sustentar, senão tal gente: mas q̄ lhe farey? que estâ a terra aforada em tantos excessos, & a muyta sobegidão das cousas temnos postos em tanta miseria, &

Acto quinto

necessidade, que não podemos caber nella, sem enxamear, nem mãe, sem trazer de fora tudo. *Din.* Todo esse mal, nós mesmos nolo fazemos, & as delicias de Persia destroyrão Roma com guerras ciuis, & assi o fazem agora a nós com cobicças, & tiranias, & odios, de que hey medo q̄ venhamos ao ferro. E sabeys de que maneyra somos ja? que fazem de nós todas as nações de Europa, o q̄ nós fazemos aos da Etiopia, com christalinos, & tres mil outras cousas desnecessarias, que elles desestimão, nos chupão como samesugas quantas riquezas trazemos de toda Asia: & veyo a cousa a tanto, que sohiaõ os nobres tẽr casas de armas: & as mulheres temlhas conuertidas em casas de vidros, & fazem disto estado, & de ter muytas donas & elles quatro rapazes. *Art.* Tudo o que dizveys aprouo, mas eu não posso remedealo, né fazer feita por mym, & arrenego de tãtos conselhos, & nenhum remedio: tudo ha de ser determinações, sem concruyr em algũa, & quando quereys pôr a mão per vòs, não ha para que: porque tempo corredor he como ondas do mar, cousas recolhe a elle, & outras lança fora, & quem lhe erra os azos, & ocasiões perde a fazão. Senhor meu, hey de çarrar os olhos como cabra cega, & atinar onde se me offerecer: porque em fim; q̄ diabo, ha hy mays
que

que morrer. *Dim.* Que posto tão certo effe , hé de mancebinhos bocicodios, que falão foutos do palanque: mas se venta rijo com chuueiros no cabo dos correntes, ou trouoadas de calmaria na costa de Guinë: quanto vos desejareys antes na praya de Cabeça seca, qual Vlyses se vio, que antre as Ilhas de Samatra, com os tesouros de Cresso. Não o digo porem por vòs, que os homés honrados nacerão para coar afrontas, & perigos: nem ha mayor obrigação, & peor vida que a sua: máyormente estes que seruimos de remos do Reyno. Mas vejo hús bilhafres calaceiros, sem juyzo pintar Vlyseas de hidas, & vindas, que inda não, vão, já vêm, & se lhe meteys o leme na mão, Phaetão, sabem menos regerse, que eu voltar per corda. Toda empresa quere se tenteada, & regida per muyto sizo, & oxalà bastasse. *Art.* Querer medir tudo pelo exame da razão, he hum surdo genero de paruoice. *Dim.* Que chamays paruoice? *Art.* Sa-beys que? He enfermidade de bexigas, que se apega da conuersação. Tão mau he o muyto sizo, como a muyta doudice: por isto soffro mal polhastros desta outonada; que sendo filhos de Sacres, Bafaris sahê Ogeas, ou tartaranhas: se lhe contardes os pontos da vfanía calção por vinte Hercules; & quãdo vêm a passar a carreira, saõ reuelões,

Acto quinto

& têm tães feytos que lha não farão correr direita Autumedão, nem o Chirão Centauro, & sahindo da casca bufaõ pensamentos, mas sem colera no efeito, & ao tempo do empar, ficão çafaros. Não se vio çafra tão tomada de neuoas, todos os pode a Aguia lançar do ninho, & nenhum ha que não ronque que passará os Alpes com Anibal. *Dim.* Essa feita Pitagorica he para hũs comparatiuos acordados no arroydo do que coligem dos pulpetos, & com dous pès deffes ameação có a galharda, & fospirão por Portugal o velho. Cuidão que em tudo o que apontão, pelo menos, sempre tomão do aluo *Art.* Micelo mio, ora digão o que quizerem, que eu voffo fou. E de hir per effes mares deffas Oceanas agoas, enroladas como malaffadas, com velas cheyas que chião, acudir em pernas cilhado de arreuem breado à mezena, ou ao traquete, & leixar o cabrestante para mimofos. E quando me cahir velar o meu quarto da modorra, tomarey hum laude, & vermeheis outro Amphião sobre golfinho, direy mal à minha vida. E cada vez que me lébrar direy també: huios minhas cabras huios: & Ioana patas guarda. Cantarey em voz alta: pensando vos estou filha, & foã me està lembrando: & por desfeita: tangouos yo mi pandero, que vem a proposito: vereis
que

que brauas saudades faço. *Din.* E não vos esque-
ção hús borrifos de, que me muero madre, que
por antiga sempre tem graça. *Art.* Por quanto lei-
xareys algũa hora de ser namorado? *Din.* Por ne-
nhum preço: o homem de bem ha de selo até
morte, & se não, não lhe espereys bom feito, &
mays tendo tanta razão como eu tenho em ser
aleijado por hũa minha muyto prezada, & ama-
da senhora. *Art.* E poys se vos haueys dir, que lhe
fareys se ha cá de ficar? Haueys que vos esperará
até volta? *Din.* Si, isso está pela mesa, sem falta. *Art.*
Mays certeza queria eu nos temporaes. Mas que
digo; casaruosheys antes que vos vades à vespora
da partida. *Din.* Não sou dessas traueffuras: não
tenho estamago para tanto, não sey se me vem de
desconfiado de mym? Mas por o que tenho visto,
& ouuido. Acho muyto perigoso pòr vezo, &
tolhelo. *Art.* Não errays muyto a barreira, que na
verdade esta natureza humana he muyto enfer-
ma nesta cousa de sofrimento, & de quantos Ca-
pitaes forão sobre Troya, nenhũ da volta achou
a casa sem fezes. E Penelope que Homero quiz
abonar, temse que foy das mays defenuoltas, &
mintio nisto como Virgilio nos amores de Dido
com Eneas. Por tanto parece que he fizo não
pòr nesta ventura, quando a cousa está em minha

Acto quinto

mão, não ouso fiala de mym, quanto mays na alheya. Vós perdoaime, mas eu ferey mao de armar niffo. *Din.* E eu deffe voto fou. A ninguem quero deuer que se doa de mym mays que eu. Fique a fenhora comendo em talha na efperança da volta, & fua alma em fua palma. Não lhe tiremos a liberdade que lhe Deos deu. *Art.* Ora fabeey que fobre tudo iffo, as molheres faõ efremadas no que determinão, & nella parte muyto macias, na virtude affas differente da noftra, em quanto pretendem fazer a fua, & entauolarfe na fua opinião, fazem milagres: faõ muyto recatadas, nada do que lhes cumpre lhe efquece: & ifto he o certo, & gèral dellas que fe lhe deue efimar, & por algũs defcuydos odiosos as condenamos: porque â molher de Cefar não conuem fofpeitas, & efla he a minha voz. *Din.* Vã por ambos, que niffo me fundo. *Art.* E mandailhe cantar hũa que diz: Eu me parto, & vòs quedays, não fey quando nos veremos, peçouos que não percays il amor que nos tenemos. *Din.* Vem a plumo: ora bem, vaffe a falar verdade. Tendes câ neflas cafas algũa coufa? Que eu poderuoshey dar boas ajudas, fe vos feruem, que não he tão pouco, antes o remedio das taes neceffidades. *Art.* Bem fey que mandays no alto, & no bayxo: folgara ter em que vos penho-

rar,

rar , mas não chego a ser para tanto. *Dim.* Antes cuydo que de serdes para muyto mays , vos vem não vos fazer isto papo : caheuos das bainhas o mundo todo. *Art.* Mas não ha quem me queira , & eu sou pusilanimos para empresas tão duuidosas. *Dim.* Não mays , não mays : sou como osco. Quanto ha que sey tredices de hús enleados , que presumem de secretos , se lhe vay bem , & velão se dos gêraes. Senhor meu , que logreys vossos fauores embora , que ninguem cobra sabelos , nem vos ha inueja. Eu tambem faço sombra , mas não sou tão auarento dos meus gostos : porque não quero prazer não comunicado. A meu geito , o melhor dos amores , he , a comunicação , & practica extrauagante com os amigos , para hum dia rir de suas damices , & outro chorar suas faudades. Isto faz o gosto dobrado , & o trabalho leue. *Art.* Haueria isto por perjudicial : bem que não se escusa com hum amigo particular , em segredo , comonicar se : mas quanto a mym não louuo o abonarme á custa da honra alheya , & alem disso tenhor por occupação oucioza , & sem fundamento estes amores do Paço. *Dim.* Quando isso differdes cantay por desuio : mis arreos son las armas , mi descanso es pelear : & se profiarem como osco mordey o versinho dizendo : quanto mays certa foy

Acto quinto

foy a tença de Burgos:& com isto ficays chaçan-
do sobre todo mundo. *Art.* E vòs foyfme tão ar-
duo das esporas: Guarday não volas ponha fe me
outra vez anteparardes , que eu fou picado. *Din.*
Afsi fenhora, eflà muyto bem , & dalasheys debai-
xo da cuberta em compaffo dambas partes: poys
fabey que ja não fe costumão effas velhices. *Art.*
E eu não aprouo nouidades, & viuo mays do meu
parecer que do costume: porque fey quantos ha
maos, & mal aprouados: ferà paruoice , mas ou-
tras haueys de achar mays gradas. *Din.* Confian-
ças me trazem morto: porque vou sempre desco-
brilas antre torres de Ximena , & eu de enfadado
de certezas, não vos darey hũa palha por hum ro-
mance velho. *Art.* Poys eu não ha coufa que me
arme tanto, & hey muyto grande dò de hũs juy-
zos poldros, & tão curtos da vifta, que aceitão to-
da nouidade fem pezo, a olho , & afsi me parece
de vòs fenhora que por andar com fom do moder-
no fereys todo hum foneto, & condenays logo to-
do o outro verfo , fem mays respeito nem confi-
deração : & eu digouos que queria mays fer cai-
xeiro dos Fucaros que todos effes primores. *Din.*
Tambem effa opinião he moderna , mas baixa:
ferà segura, mas nunca pario Cipiões. *Art.* E pa-
receuos fe effes agora forão que feruirão de
cauou-

cauouqueiros? *Din.* Mas de menos, que tambem os agora haueria, se lhes ventasse. O tempo, poré, por mays tyrano que ande da verdade, nunca pode tirar o preço ao bom: & sabey que contentamentos proprios, quando forem justificados, são gostos que regem a alma, & segurão o porto, triūphos injustos, & de má prumagem, por mays que reluzem, là tem sempre o seu bicho que defasofsega altamente o espirito. Senhor leixemos parabolás que arrepicão muyto a caás, & seu tempo virà. Venhamos ao presente: vòs armays para estes rios das senhoras Palenceanas? *Din.* Senhor são aleijoês. Dias ha que empreguey meu cabedal em hūs cuydados amorosos, de que me receyo. *Art.* Poys hũa merce me fazey: & digouos isto como quem vos deseja liure de màs venturas: tenteay bem vòsso emprego, & hide sempre com a fonda na mão, não vades cahir em baixos de que depòys não possays sayr, como fez ha poucos dias hũa alma, que muyto bem conheceys. *Din.* Quem, por vòssa vida? *Art.* O tempo volo dirà, que eu não volo posso dizer: porque me vay sobre segredo. *Din.* Como soys gracioso, hey de hir pregoalo, & mays dizendomo vòs? *Art.* Soys parte nisto, por respeito doutra. *Din.* Oraya sey o que he. Aposto que adiunhe: se acertar confessarmoheys?

Acto quinto

heys? *Art.* E vòs para que o quereys saber, não vos indo nisso? *Din.* Quereys tirar à natureza a curiosidade humanas? Antes vos digo q̄ muytos se ocupão mays em saber o alheyo, que em entender no proprio. *Art.* Nunca vos pendureys dessas ouciofidades, tarde, ou cedo se saberá. *Din.* Camanha graça quererdes vòs agora fazer misterios do que eu entendo. *Art.* Que entendeys? *Din.* Vòs ja não me podeys negar que anda vosso socio Germinio Soares prospero nos amores da senhora Filomela minha prima. *Art.* Porque disseuolo ella? *Din.* Tudo se sabe, & tudo barrunto que anda perto de se casarem. *Art.* Se ja não são casados, podeis dizer. *Din.* Por vossa vida? Estays zombando? *Art.* Sabeys quanto zombo? que fuy hũa das testemunas, & vossa madrinha Aulegrafia outra. *Din.* Ella andou por ahy, que o diabo lhe deu saber tanto? Grande cousa me contays: & vòs como estays nisso? *Art.* Bem poys elle assi quiz, mas não que eu fosse o autor: antes vos digo que comonicandome elle seus amores, sempre o aduerti, & elle por me fazer dos seus, quiz que me picasse com Aulegrafia, & eu consenti, parecendome desuijala da contramina, que entendi que lhe armava, & elles trazião o negocio tão aceirado, que hindo a nou-te passada com elle para lhe falarmos, vierão ambas

bas, falarlhe, & casarse foy tudo hũa cousa, sem eu ter mays voz nisso, que acharme presente, & muyto grangeado da senhora Filomela. *Dim.* E esse era o homem que me vòs gabaueys de discreto, & rendese tão depressa sem mays consideração? *Art.* Liurenos Deos de conuersação que facelita impossibilidades, & pega como visco. Poys se vireys como elle ao principio zombaua, & se mostraua recatado, começando os amores a som de passatempo: mas ella he muyto gentil molher, & a fermosura he muyto poderosa para render espiritos delicados: & Aulegrafia peitada delle franqueualhe tudo. E a Filomela apostouse a venderse por seu justo preço, & não gastar tempo de balde. *Dim.* Muyto bem sabem o que lhes cumpre, quando querem: & mays ella he, gato escaldado, & o fiarse doutrem, a fez não fiarse de sy, & segurar seu partido: & Aulegrafia embairà os diabos. *Art.* Desejo atropelala, por vingalo: porque cuyda que sabe muyto. *Dim.* He hũa mina de cautelas: & se vos arma, dirlhe de vòs maravilhas. *Art.* Fazey por vossa vida, verey se me entendo com ella. *Dim.* E guarday não vos acolha que he hũa pega. *Art.* Não acolherà, que meu amigo me fica por balisa, para saber donde me hey de guardar. *Dim.* Nada val quando o a fortuna àzar.

Acto quinto

Ora Deos os faça contentes, & os leixé lograr-se, que eu folgo de minha prima se empregar bem, que não lhe podem negar, merecer tudo por sua pessoa, que he o principal. Per maneira que o negocio está arrematado, & nisso não ha duvida?

Art. A cem amarras, & as partes satisfeitas. *Din.*

Que o sejamos nós também: & sempre me deu na vontade que estava minha prima em porto seguro, como a vi isentarse de Gracidel de Abreu, que sabey que não lhe foy mal com ella, o qual elle de muyto confiado nella, por a ter penhorada em hum amor de muyto tempo, parecialhe impossivel negalo ella, mas quiz fazer muyta experiencia, & também foy mexericado que tinha outros amores na Cidade, & era mentira: & elle cuydou rendela mays com isso, & ella parece poz cobro em sy, cozendo a dous cabos: magoou este, & açamou effoutro. Como Deos ordena, porem, tudo desuiado do que cuydamos. He certo que sintio minha prima por perda grande desarmarse de Gracidel de Abreu, & estau alhe guardado Germinio Soares. Bem se mostra nilto como todas nossas diligencias, & maginações são vento se lhe Deos não assopra. Donde tinha razão Socrates, dizendo que não se deuia pedir a Deos, saluo simplesmente bem, zombando dos votos humanos, que

que mostrão querer ensinar a Deos o que nos cumpre, sendo elle sò o sabedor do bom, & repartidor do melhor : por o que, quando do Ceo està ordenado, na mente Diuina, o contrario do nosso desejo; por demays he pretendelo. Por isso fizo, & regra infaliuel he entregar a vontade de Deos. Ter o cuydado em cipilhar a alma ; conforme ao que manda a Ley que profecamos. Tomar o leme do honesto trabalho, & leixar o cuydado da viagem a quem tem a cargo, & manda a nao. *Art.* Fazer todavia cada hum o que pode por sua parte, para que Deos o ajude. Ter sofrimento nos trabalhos. Comedir nos vagares do tempo, & não esmorecer nas dilacões. *Din.* Quão prouido cumpre ser o homem, para não dar cem topadas. *Art.* Ha mister mays olhos que os de Argos, & inda assi dorme. *Din.* Não ha mancebõ que sayba ter de sy cuydado, & todos presumimos de nõs muyto. *Art.* A Germinio Soares, confiança propria o destrohiõ. Fionse do seu conselho, & não tomou o dos amigos. *Din.* Senhor, haueria de ser sua, para que he mays. E ja que lha Deos deu, tanto monta rica como pobre, & elle he o que remedeia tudo : & os bõs socedimentos aprouão as obras. Quiçã lhe socederà ao diante de maneira, que seja dino de louuor o que agora parece de culpa.

Acto quinto

o homem sezudo isto pode. Remedar com saber o que se erra no tempo, & occasião. *Art.* E tambem senhor, rio de quem ha sempre de comprazer ao mundo: o que não he possiuel, hauendo tantos, & tão diuersos juyzos, & os acontecimentos tão côtrarios dos que cuydamos. *Dim.* E mays cada hũ quer viuer do seu gosto, & não do alheyo. E de querer satisfazer ao pouo, nasce muytas vezes errar para Deos, & para mym mesmo. E querer cumpri com vontades alheyas, causa não fazer a propria, & agrauar muytas. *Art.* Ia em cousa de casar he a mayor graça querer pay, nem ninguem que cumpra eu com o seu gosto, & negue o meu, & que outrem me escolha a molher com que eu hey de fazer a vida. *Dim.* Para filhas he ley sofriuel. *Art.* Grandes paruoices têm pays com filhos. *Dim.* Não he de espantar, por a differença que têm na idade, & gosto. *Art.* Mas no saber, que he dos velhos. *Dim.* Ora tambem voz de parentes nisto he boa peça, os quaes viuendo a seu sabor, fãlão de papo que não haueys de ter vontade, saluo do que cumpre a vossa honra, & fazemme asno para levar a carga de mil descontentamentos, de que se socedem depoyes grandes afrontas. *Art.* Senhor liurenos Deos de fazer cbusa que haja de ser julgada dos homês. E mays vos digo, que não ha tra-

ha trabalho como pedir conselho: porque se o vòs nao tendes proprio, qual volo dà a vossa dòr, raramente achays quem se ocupe em cuydar, para volo dar. O homem capaz faça o que deue a Deos, & a sy mesmo, & leixe julgar-se, que não ha de quem não digão. *Din.* Todavia eu não queria ser occasião que digão de mym com causa. *Art.* Afsi digo eu. Franqueza he grande zombar no principio dos amores de hũa molher, & cayr-lhe depòys nas piozes. *Din.* He justiça Diuina vista cada dia: porque na boca do caualeiro, não ha dauer vituperar seu imigo, & deue sempre defender o nome das molheres, como fazião os da Tauola Redonda, antes louualas, & tratar do proprio, & não desfazer no alheyo. E então, como dizia o outro, chame-se Alexandre deos: quero dizer, tenha-se cada hum na conta em que quizer, & lâ se auenha com sua vaydade, que se não he perjudicial, pode ser proueitosa. *Din.* Pareceme isso muyto bem, temos os iuyzes muy conchauados. *Art.* Vòs senhor que quereys fazer? *Din.* Hir-me à pouxada, se não mandays outra cousa. *Art.* Eu voume daqui a hum pedaço sobre certo negocio. *Din.* He cousa em que eu sirua? *Art.* Senhor não: beijou-las mãos. *Din.* Poys veja, que eu estou prestes em todo tempo, & não são cumprimentos.

Acto quinto

mentos. *Art.* Assim o tenho por muy certo. Poyz
senhor vejamonos mays vezes. *Din.* Eu vos fuy
buscar à pouxada ontem, & differãome que vos
mudareys. *Art.* Senhor sy, para Valuerde. *Din.* Ora
hum dia destes lhas hirey beijar. *Art.* Fazeyme
essa merce: porque temos ahi grande passatem-
po com hũas alfayatas, que poução fronteiras,
onde acodem moças aprendizes, & he hum ceua-
douro. *Din.* Não perderey eu isso. E tocays tam-
bem jogo. *Art.* Não se pode viuer sem isso: &
mandamos baratos. Ha tempos de esgrima, &
boa pratica. *Din.* Là me tendes como bom
bebedor. *Art.* Quero ver, & daqui
me faço prestes.

(2)



SCENA

SCENA VLTIMA.

Dinardo Pereira.

Grasidel de Abreu.

Cardoso.

Rocha.



Rande cousa tenho sabido para meu amigo: esta he outra erua, qual a de Alexandre para curar seu amigo Tholomeo. Ora fiayuos lâ em amor de molheres: sabey que nunca leixão certo por duuidoso, & minha prima eu a louuo: porque não cuyde nenhum galante que açãbarca com boas razões o q̃ a razão não sofre. Quando vires o bom dia metelo em casa: porq̃ na verdade o viuer sempre em esperanças, & andar em contas com medranças, deue ser esperiêcia de purgatorio, se o não he do inferno: & qué se pode per algũa via forrar deste estado, inda q̃ com perda, deue fazelo, q̃ esse he o gainho, & o al fadairo. Voume buscalo logo, acabaremos estas desauenças: na pousada deue estar, & não sei como tomarà a concrusaõ, mas eu ja lha tinha pronosticada: porq̃ como vi durar Filomela em sua birra, logo tiue q̃ hia noutro bordo de mays seu gosto. Aqui somos, Cardoso. Car. Senhor. Din. Està là Grasidel

Acto quinto

de Abreu? *Car.* Senhor si. *Din.* Micer Rocha, que faz Monseor? *Roc.* Lá está na camara passeando, & suspirado pelo vento. *Din.* Poys agora o vereys ganir. *Roc.* Quero escuytar o que vay, que ja desejo velo de todo desenganado, por acabar questões. *Din.* Vòs ouuistes ja, que se curão grandes enfermidades com remedios asperos? *Graf.* Poys que foy? *Din.* Antes he, que haueys dauer paciencia, & fazer o coração largo, para o que o tẽpo dà. *Graf.* E vedesme vòs fazer outra cousa ha mil annos? *Din.* Assim he necessario agora: porque naturalmente somos leuados de nõs com impeto a todos os efeitos, vituperamos, louuamos, enterneceamos, & agastamonos para a parte a que nos moue a presente afeição. *Roc.* Grande orador vem teu amo, Cardoso. *Car.* Eu quizeralhe menos lingoagem, & mais dinheiro. *Roc.* Melhor fora, mas mouro ja por saber o que traz. *Graf.* Dizey o que quizerdes fõuto, que não me podeys dizer mal, que eu não tenha cuydado, & esperado. *Din.* Esse he hum grande niẽo para soffrelo. *Graf.* Peor he ja soffrer a vossa tardança. *Din.* Tenho sabido grandes cousas. *Car.* Mas grandes paruoices, & não pode ser mayor, que vfar tantos circunloquios sobre nada. *Graf.* Contay, não me esteys martirizando. *Din.* Day a Deos, aquella senhora soube se ajudar dos

azos. Por isso dizem, com o que Pedro fara, Sancho adoece: & tinha muyta razão Demetrio em dizer que nenhũa cousa lhe parecia menos dita, que não passar algũa aduersidade. *Car.* E ter sempre desaventuras, & misérias, que lhe chamays? *Roc.* Mazmorra. *Car.* Peor he inda a nossa vida cõ estes, & a destes comnosco. *Din.* Por hũa de duas: ou porque a pessoa que sempre prospera não pode conhecerse, poys de sy não tem esperiencia, ou os males passaõ per elle por fraco, & não habil para softerse nos recontros da fortuna. *Car.* Quizerame eu ver prospero, para esquecer misérias: poys he proprio da prosperidade o esquecimento do primeiro estado, & effoutros floeos, bõs de dizer, & maos, de uolos Deos, meu amo, para vos curar a cabeça. *Roc.* Fazeys bem: porque a vossa he muyto maciça. *Din.* Ora tambem muytas vezes vem mal por bem: vòs assi o tomay, & perdey a faudade à senhora sobre senhora minha prima, a quem podeys dizer, que micer Germinio Soares, de dia lo tiene en hierros, de noche lo tiene consigo. *Car.* O como folgo, & vòs meu amigo Rocha como soys bocicodio: porque agora ficareys em branco dos amores de Dorothea, que sabey que vos não ha de sonhar mays: & o retorno das vossas merendas, fazey conta que se perderão nos

Acto quinto

cachopos. *Roc.* Escutay, ouçamos o remate, que eu vos responderey. *Din.* E elle a tem recebida por boa, & lidima: ao que diz o Castelhana, a quien Dios se la diere, San Pedro se la bendiga. *Car.* Como vosso amo ficou coado. *Roc.* Halle de enforçar. *Car.* E vòs hiruosheys meter frade, & chamayuos Frey Amador Chufado, que a Dorothea se he a que eu cuydo, à imitação da sua ama, halle da posentar com sol, saluo se ella não pode. *Roc:* Doua a cem coruos, que não foy necessario lembrarho: antes por não se perder à mingoa, logo lançou mão do nouo conhecimento, & eu lho barruntey do primeiro dia que vi o pagem mirrar-se nella. *Car.* Poys diruoshey: vòs soys hum vilão carregado por diante, & assombrailla, & effou-tro rapagão, eu o conheço: he darte, & anda sempre muyto golpeado, & ellas são perdidas por rostos que têm inda a penugem: porque se confião em os enlear, & tomar do primeiro pulo. *Roc.* Par estas rapas poucas, & raras, que per ante ella o hey de tomar, & darlhe hũa reuolta de couces: porque veja essa rapariga, que differença ha de Pedro a Pedro. *Car.* E que culpa tem elle em querer a quem o quer? E mayns vos digo, que me dizem, que lhe dà ella lenços, panos de cabeça, & as camisas: & a vòs toma as pestanas. A ella me tor-

naria

naria eu antes. *Roc.* Senão se eu não posso acolherla. Que ha Deos de sofrer que triūphe de mym hũa rapariga tinhosa, & lambareira, a mayor golosa que vi? *Car.* Porem como vòs estays magoados? Inda voffo amo mostra melhor espirito. Escutay veremos em que se resume o meu. *Din.* O bom Piloto como teme naufragio, rime com a perda o que o pode salvar, & alija sem dò seu emprego. E como os medicos nos corpos enfermos cortão o que pode danar: asy se deveu cortar tudo o que afronta a alma. Por tanto, de meu conselho, day a por esquecida. Empregay o pensamento em parte de sustancia que volo sayba estimar: asy vos hireys çafando de suas lembranças, que hum amor com outro se tira, como ella fez. *Car.* Consolay uos Rocha, & tomay aquelle conselho: & se quizerdes, eu vos enculcarey couza de voffa arte, & que vos aceite à mesma hora. *Roc.* Onde? E qué? *Car.* Conheceys vòs aquella que lava os seruidores? *Roc.* Mas voffo auò: bem soys vòs para ter taes conhecimentos. Quem vos tirar de ser mulateiro. *Car.* Não hajays vòs merencorea, nem tomeys à mal o que digo por remedio: porque me doe voffo desamparo. *Din.* E como vos forrardes, vereys quanta merce vos Deos fez em vos tirar deste enleio. *Gras.* E quem vistes vòs sezudo, sendo

Ação quinto

afeiçoado? Amor não se rege per razão. *Din.* Feilhe isso affacado: não ha cousa em que a razão não tenha o seu quarto, voluntario, ou forçado, tè nos brutos, & racionaes têm força. *Car.* Que aproueita, se ningué quer vsala, saluo no que faz de sua prol. *Roc.* Verdade, a razão são as cousas mays louuadas, & menos estimadas: & daqui vem todos os males ao mundo. *Din.* Tendes tambem outro remedio, a desesperação que cura muytas chagas: porque se esforça contra a dór, & o esforço he sêpre principal dos bõs sucessos. *Car.* Brauo consolador està meu amo. *Roc.* Para consolar, & aconselhar muytos ha, mas para remediar nenhũ. *Car.* Muytas magoas se abrandão com o consolo, & muytos erros se concertão com o bom conselho. *Roc.* Hum, & outro se toma raramente sem o remedio: sabey que he hum perro estado ser consolado, nem aconselhado. Eu queria não ter necessidade de nenhum delles: porque o al he mau de achar, & peor de gostar. *Gras.* E que successo bõ days a quem days por meyo desesperalo? *Din.* Homés viciosos entregues a seu appetito, sempre vêm a razão per peneiras: mas o que ella nega não conuem ao juyzo claro. Aos vencidos dá o Poëta per saude, não esperala: & diz Quinto Curcio, que a desesperação he graõ incitamento para hum honnesto

nesto morrer, & dado que proceda da enfermidade da saude, ja os cuydados lhe não combatem o animo forçado: porque quem não tem que esperar, não tem que desesperar: & assi a desesperação faz os homês ousados. Donde dizia Ouuidio: quem he mouido, & arrebatado dos successos contrarios, que pode buscar, & esperar senão aduerfidades delles? Por o que se lanção, sem medo, aos perigos, como a cotouia, que fugindo do esmerilhão se mete pelas casas, donde se val d'elle, & assi, das espinhas nasce a rosa, que he, de triste successo, o alegre, & do grande perigo, a segurança. A pos a esperança do bem, tem o segundo lugar a desesperação, & esperase o que se deseja com gosto, desesperase o que perdemos para descanso. *Roc.* Todas aquellas razões são boas de dizer, mas pouco gostosas de ouir, & muy difficultosas de seguir. *Dim.* E poys o tempo que desengana, enganado vos trouxe à luz vossos receyos. Tomay o conselho que vos a necessidade dê, & tende paciencia que he mãy da honra. *Graf.* De maneira que isto passa sem verdade' auirguadamente? *Dim.* Agora mo disse Artur do Rego, que foy presente, & testemunha do recebimento, & deume por autor de tudo minha madrinha Aulegrafia. *Graf.* triumphar essa de mym, he o que mays sinto: porque

Acto quinto

que o afortunado, inda que padeça trabalho proprio, o prazer de seu imigo lhe dê mayor pena, nã ha magoa que aqui chegue: mas poys assi vay, ja não ha que sentir de ninguem, senão da minha mà fortuna. *Din.* E que sabeys se he boa?? Eu tomalohia por melhor, ja que o Deos permetio, do qual sempre se deue esperar bem. *Graf.* Per maneira, que em cabo de tantos annos siruo Filomela, quando cuydaua tela penhorada para me não negar, antes obrigada a estimarme, & satisfazerme: meteose em meyo da minha obrigação Germinio Soares, & pode tanto com suas peitas, & aderecias, mediante sua amiga Aulegrafia que me leuou a boya, esquecida de quantas promessas me deu, desprezando quanto lhe eu tinha merecido, sem admitir justificação algũa minha, aceitar verdade, nem respeitar seruiço. *Din.* Nem mays, nem menos, do que nos ficão grandes exempros para os que peregrinamos nesta vida cortesã: aos mãcebos de não se meterem confiados em amores de passatempo, em que o perdem, & perdemse. *Car.* Notay lâ Rocha, que para vòs o diz. *Din.* As molheres moças tomem auiso dos enganos dos homês, & não se aventurem, poys perdem mays: que se hũa se salua, as mays se condenão. *Roc.* Nũca vi voffo amo tão Filosofo. *Car.* Vòs estays agora
boto

boto do gosto , & em nada achays sabor , mas o Pereira fala por trinta , & vosso amo pode aprender com elle toda sua vida. *Roc.* O estado acanhado abate o saber , por isso não me espanto agora do Abreu estar manho. *Dim.* Quem ouuir esta historia, dirà, que he hũa comedia, empeçar, & acaba em prazer : porque vòs ao principio sintistes muyto as defauenças que teuestes com Filomela, & dellas se azou vir ella a ceitar os amores de Germinio Soares, em que se confirmou o perigo, & se rematou agora no contentamento do amante querido , & no descanso do desprezado , que haueria por melhor: queira Deos que o bom successo de hūs , não engane outros aventureiros : porque sempre nos ajudamos mays dos exempros , que fazem a nosso gosto , que dos que nos auisaõ o que releua : benzeilha , & por amor de mym que vos não lembre mays. *Graf.* Eu determinado, sou pedra, & cal. *Car.* E todauia não acaba de se determinar? *Roc.* Poys terá bom remedio em o não fazer: & quer elle inda que lhe deua estoutro fazelo, sendolhe forçado. *Graf.* Folgo de me Filomela desobrigar , que doutra maneira, não sey o que comigo poderá. Tèqui a tiue na conta do bem que lhe queria , cuydando della o mesmo. Agora, poys não amo a quem cuydey que

Acto quinto

que amava: não tenho a quem amar: riscarmehey de seus cuydados. *Car.* Com que dõr da sua alma se elle vay tirando. *Roc.* Hum amor de tanto tempo, he muyto mau de desarreigar. *Din.* Assentay nisso, que assentado tenho comigo, que ella não vos soffreo, saluo em quanto não achou quem a mays satisfizesse, que estas gentis damas assi o têm por pratica: mays se incrinão a seu interesse, que a sua afeição. Nenhum amor as obriga senão a de seu proueito: grande auiso para homem afeicoado temer muyto. Mas ja que não he quem vòs cuydays, & o fundamento de vòsso amor se foy em vento, tal deue ser o que lhe tìnheys: porque amor he hum concepto que tendes d'algũa cousa dina de estima, & merecimento, se vos este falsificação, apagase como candeia que se lhe gastou o pauio. *Car.* He diabo este meu amor: mau grado a melhor alucitar, vailhe curãdo a chaga per seus pontos, como hum sacaniolas *Roc.* Escutay oucamos em que assentão. *Din.* E poys a senhora Filomela està contente da sua elçolha, que o sejays vòs de vòssa liberdade, que muy certo fruyto he de empresas mal fundadas, terem por satisfação tempo perdido, vida atalhada, arrependimento sem fazão, & magoas por heranças: & o mays certo desta vida auilica, he, leuarem hũs o galardão dos

dos outros, donde hã muytos queixosos, & poiticos contentes. *Car.* Que nouas aquellas Rocha para quem serue per esperanças. *Roc.* Por velhas as tenho eu ja: mas que ha homem de fazer? senão como carneiros, saltar hũs tras outros. *Din.* O bom disto, he, lançar ancora na praya que a fortuna primeiro offerecer, antes que outro terreno nos tolha o porto: porque nunca vejo senão desprezar, & engeitar hũs cousas, com que outros se melhorão, & depoy chora erros a tempo que não têm remedio. *Car.* Muyta doutrina leuo hoje daqui, mas que serà mays dinheiro para poder leixar a boas noutes o pregador, & não ganhara pouco em me forrar de ouuir suas patranhas, & sofrer suas moucarrices. *Din.* E sabeys como he tudo? Espiritos que não são contempriuos, cahem muy raramente na realidade do bom. Bojos maos de contentar, nada estimão, tudo têm em pouco, lidão sempre com maos acontecimentos, nisto gastão a vida: quando cuydão que per seruiço têm segura sua obrigação, saemlhe dantre mãos os azos: ficão em branco com as queixas, segundo agora ficastes. *Car.* Cãta agora não me parece que meu amo ata muyto, eu ao menos entendilhe bem pouco. *Roc.* Vós não soys marca de ser mays que Arraez de ribatejo. *Car.* Sereys vós logo com o vosso Latim

Acto quinto

tím aprendido de enxerga, como carne de porco que vendem, bom Piloto para o rio das enguias.

Dim. Os comedidos, & que se velão das necessidades fortuitas, & sintem a breuidade da vida, & a pouquidade da terra: lanção mão do que podem, alcanção o que se lhe offerrece: & assi em pouco tempo se satisfazem, & ficão de gainho, por o pouco custo que fizerão: tal foy Germinio Soares.

Ora fazeime merce que agora sejais muyto mays contente que nunca: porque não cuyde a fortuna que triumphava de vòs. *Gras.* Vou cayndo no que cumpre à minha saude, & entendo quãto vay no conselho puro: porque estar tredo sobre quem se fia de mym, he vileza, & paruoice com cataratas: & quer Deos, que a estes, da primeira enxadada lhe desenfardelays toda sua tredice, & donde cuydão que julgão, ficão julgados. Digo isto por hũs, que nos delgostos de seus amigos têm gosto, & falãoolhe a sabor, & nunca respondem com a tenção às palauras. Mas vòs senhor, como a vossa he boa, & a amizade pura, assi soys claro, & verdadeiro. Vejo em vòs quãto verdade he, que sem hum bom amigo na aduersa, nem prospera fortuna, não se pode viuer, & quanto he melhor a manifesta reprehensão, que o amor incuberto. E bẽ se diz, que as cousas prosperas adquirem amigos,

& as aduersas os aprouão. E por tanto não sahi-
 rey do voffo parecer, por toda a vida: & mays se-
 ria doudice lembrarme do que me fazia esque-
 cer de mym, sem lhe lembrar. *Dim.* Como se con-
 uerte a necefsidade em razão. Affi nas aduerfida-
 des he mays eficaz remedio a necefsidade, que
 a razão. A difcrição confifte em fober fofrer
 com animo, o que nos fucede contra noffa ef-
 perança, & gofto, efperando fempre fofcorro Diui-
 no, que nunca faltou aos bós, & que o bem pedê,
 & apricar noffo efpirito ao fofrimento, & reme-
 dio, poys nos Deos deu razão, & virtude, & junta-
 mente animo, para podermos defuiar, & vencer
 todo mouimento, & tempeftade aduerfa, & fenho-
 rear noffos fentidos, & appetitos: & por tanto ga-
 nhayuos a vós. Cà não he bom, nem cumpre fer
 fempre humi em todo tempo, a idade, o lugar, oca-
 fião, & fuceffo requerem fua vez. Perdoafe o pas-
 far pelos vicios, mas querer eftar nelles, he torpif-
 fimo. Os homés hão de viuer da razão, poys per
 ella fe differença das beftas, que vão apos feu
 appetito. *Roc.* Quanto voffo amo, diz, he muy facil
 de dizer, & de fazer difficil. Sutilezas eftremadas
 quebrão fe. Quem quizer fer obedecido, mande
 moderado, que o cofturne de longe, he outra na-
 tureza que, a véce: & para fe hir dilindo, ha mifter
 efpáço

Acto quinto

espaço doutra continuação. *Car.* A grandeza do animo faz possiuel impossibilidades : porque todo caminho tem seu fim. Mas a falaruos verdade, enfadame ja tanta razão de meu amo, que nunca começa como acaba : & todo o muyto trilhado perde o sabor. Eu quizera antes ter ja ceado , serà bom que lhe atalhemos , se a cea està para isso. *Roc.* Falays Seneca : quero lho dizer, que prestes a tem. Entremos, podem cear cada, & quando quizerem. *Din.* Por isso sou perdido por vòs Rocha: porque sobre não serdes muyto gentil homem, quero dizer bello como outros panfilos, que ahy ha. Soys bem affombrado quando vindes com boas nouas. *Car.* Essas não tem elle agora de sy. *Din.* Como? Morreulhe seu pay? *Car.* Esse mau, para herdar algum conchouso. *Graf.* Sabeys ja de vossa amiga a senhora Filomela que he caçada? *Roc.* Assi o ouui. *Graf.* Parece-me que zombou de nòs. *Roc.* Sempre me pareceo que não se defamara em foffo. *Graf.* Ora poys sabey , & crede de mym que por nada me hey de enforçar. *Car.* Esse esforço quizera eu a Rocha. *Din.* Porque? *Car.* Està muy magoado de lhe a Dorothea comer a isca das suas merendas , que ja nas hortas não hauia. alface , que lhe bastassem. *Din.* Tambem se vos leuantou com o amor. *Car.* Nunca faltão royns que

que se antremetão onde os não chamão. *Din.* Como assi? *Car.* Foylhe o demo deparar à madama Dorothea hum pagem de Germinio Soares em tal hora minguada, que bebe os ventos por elle, sem fazer mays comemoração do senhor Rocha: como coufa que nunca fora. *Din.* Ora virdes vòs a fer mofino em amores, haueria pela mòr graça do mundo. *Car.* Poys bem lhe podemos cantar, para que paristes madre, vn hijo tan desfichado. *Din.* Se tal he, podeisvos consolar: porque mofina não nasceo senão para homês de grandes espiritos, que sò tem para fazer rosto a suas discordias; & bojo para cozer seus defenganos. *Roc.* E que vio elle em mym para não poder ter a cacha à fortuna? *Din.* Là vos acho hum não sey que, assi, assi, que me pareceys muy descoroçoado em casos furtuitos: que no al de vossa hombridade, nenhũa duuida tenho: mas vejouos arte de vos enforcardes se vos morrer a molher, & os homês hão de pairar fortunas. *Car.* Perto està disso, com perder a dama: porque tambem na verdade ella he muyto rapariga, & não finte, & foy muyto ingrata, & descomedida, em assi trocalo leuemente por hum rapas, parece ella deue telo por reuelhusco, sem embargo da pouca barba, & o outro he escamado, sem ponto della, nem esperança, & parecelhe

Acto quinto

menino, & moço. *Roc.* Zombamos, & não cuydais vòs ora que falays pouco frautado, & feyto em vòs muyto a Corte. *Car.* Muyto pareceys vòs agora bilhafrão esgalgado, que fez preza em grande trilhoadade negalhos de tripas, & escapoulhe das vnhas, de confiado, & faz furto no ar com vio, vio: porque vòs fazey conta que olhos que la vieron hir. *Roc.* Se foreys mays breue, teuereys graça, mas deueys lançar mão de sacamolas, quicã se vos dará melhor que a cortesia. *Din.* Ora consolayuos Rocha, que nas pressas se mostrão os amigos. E por que vejays quanto o sou vossò, querouos dar hũs amores, em que vos melhoreys, & com que façays remoela a essa graça. *Car.* Eu lhe inculcara hũa donzela da sua arte, & mays proueitosa. *Roc.* E ri, & folga, como se dissesse algũa coufa, & parece porteiro do Cartaxo pregoando fato de mortalha com trempem ao pescoço por colar. *Car.* Não estays hoje para dizer coufa bem dita, poupayuos para depoyos que cozer essa paixão. *Gras.* Ora senhores não tãto Paço, que outros vi ja estarẽ melhor delle. A boa resolução desta coufa, Rocha, seja cearmos por agora, & dar o feito por esquecido, que os casos desesperados, per sy se consolão, & a fortuna atẽ aos vencidos ensina a arte da guerra. Melhor he padecer culpa alheya que a pro-

propria. Nas cousas contrarias não estemos por bõs ditos, mas por os necessarios. Sabemos que como aos bem afortunados, os may's dos seus successos são contentes, & prosperos: assi os tristes de proposito se lhe offerecem occasiões de tristeza, & magoa. E dado que ninguem he tão animoso, q̃ não se abale com a novidade de qualquer desgosto, os desamparados da boa fortuna deuem por toda esperança de sua saude na virtude, fazem do rosto aos dessabores que lhe socedem, com telos em pouco, & passalos como desesperados: porque val muyto a confiança do bom animo em todo caso, & as feridas que cada hum recebe a olho, são mostra, & indicios da sua virtude, & a morte que se segue aos que a temem, em desprezala se fogem. Por o que ja que vossa amiga a senhora Filomela, & a sua donzela Dorothea estão contentes, & satisfeitas do seu prospero acerto, não tenhamos pesar do seu prazer, né magoa do seu gosto: que parece odio, ou inueja, que tudo he hum: hũ, nem outro lhe tenhamos, & este he bom, & seguro conselho, dado que sempre falta, quando se toma forçado do fossediment: o todavia a condição, & natureza do homem, he, querer, & não querer. Este querer, & não querer a seu tempo affazonado, he dos discretos. Querer o que não conuem, ou

Acto quinto

o que não pode, he de homés que querem a sy mesmos, & não sabem vencerse em seus appetites. E por tanto, se vos parece, ja que soys homem entendido, queiramos agora o que podemos, poys não podemos o que queriamos, & não inuejemos a boa fortuna a quem a tem. Que como sabeys, poys o ledes, Alexandre dizia dos inuejosos, serem tormento de sy mesmos. Consolemonos com saber que as grandes glorias humanas, as mays das vezes as conseguem ditosos sem merecimentos, hauendolhe de dar por premio da propria virtude, a que realmente o mundo sempre contrasta.

Dim. Muyto parece isso pregação de pa-
decente. Lancemos o bastão com
alça. *Valete, & claudite.*

M O M O.

TOrno a declararme como osco. Tendes ouuido hum largo discurso da cortefania vulgar: & se algũa cousa vos parecer mordaz, não pode ser menos: porque ja primeiramente, não me podeys negar, que toda obra humana não carece dalgũa falta, quando não de muytas.

L A V S D E O

C A R T A

*Carta que se achou entre os papeis de Iorge
Ferreira de Vasconcellos.*

QUEM sem remedio padece,
O remedio he sofrimento,
E este vence o tormento,
Que ora afsi, ora afsi cresce:

Onde a semrazão florece,
A razão fica sem flor,
Triste de quem tem a dor
Que lhe negão, se merece.

Quem fez emprego da vida,
E não segurou ventura
Por tempo a magoa segura
Com esperança perdida:
Iustica não he ouuida,
O clamar he no deserto,
E o remedio mays certo
He ter na morte a guarida.

Carta

Mays se queixa o mays culpado,
Geme entre sy o innocente,
E dá muy pouco o contente
Por quem viue magoadô:
Tudo o que foy ja estimado
Perdeo neste tempo o preço,
A quem entendo aborreço,
Se engano, sou enganado.

A gente toda tem feito
Ydolo do interçe,
Quem entender não podesse
Viuiria satisfeito:
A cobiça do proueito
Tiraniza a liberdade,
He desterrada a verdade,
Não ha ja pureza em peito.

Obrigar não aproueita,
Necessidade acanhada
Todo negocio he cilada
Amizade contrafeita:
Por de mays sua rede deita
Quem a não lança chumbada,
Anda ingratição de armada,
Cada hum faz por sy ceita.

Tudo

Tudo està na opinião
Que innoua cada hora leys,
E que vos d'ellas queixey
Cumpre hir por onde outros vão:
No poder està a razão,
E a honra na valia,
Quem não merece, porfia,
Pedir nasceo cò vilão.

O tempo (se tarda a emenda)
Defengana os enganados,
Nestes humanos cuydados
Cada hum sua sorte entenda:
O auaro da fazenda
Será prodigo da honra,
Alma enloda, & sy deshonra
Quem de promessas poem tenda.

A palaura do senhor
Que seja muy comedida,
Mas a merce sem medida,
E desta se adquire o amor:
Nos honrados o fauor
Nunca foy mal empregado,
Espirito nobre acanhado
Não pode ser mayor d'or.

Carta

Não se contentão tyranos
Com ter da sua mão o tempo,
Mas até do entendimento
Roubão corações humanos:
Vão de monte a monte os danos,
Ninguem o toma por sy,
Leyxo dentender em my,
E entendo alheyos enganos.

Mao saber, & juntamente
Pouca vergonha, são dados,
Com que mil vejo roubados
De quem não vê quem o sente:
O discreto, & o prudente
Traz leme na condição,
E tem igual a razão
Para sy, & para a gente.

E nunca outra cousa vejo,
Senão homês comedidos
Da razão mal respondidos
Leuarlhe a boya o desejo: ¹⁴
importuno Ser infortunado, & sobejo
He muy certa grangearia,
Primor nunca tem valia,
Seu tormento he bom desejo.

Isto nos dita a razão,
Mas este segre presentê
De injusto não consente
Mays do que as riquezas dão:
O deuido galardão
De grandes merecimentos
He, fazer abatimentos
Ao mays perfeito varão.

Dizer, & fazer he dado
A muy poucos, & o querer
Foge sempre do poder,
Anda tudo afsi trocado:
Se quero ser estimado
Hey de valer, ou peitar,
E senão tiuer que dar
Srey por necio julgado.

Tudo sobe ao seu ponto,
E da ly depressa desce,
Todo estado compadesce
Aqueste duro desconto:
Se por merecer me afronto
Sou omecida da honra,
Ià mays alimpou deshonna
O ter riquezas sem conto.

Carta

Quem de sy não tem receyo,
E se fia do seu peito,
Seus danos tras a effeito,
E abraza em seu feo:
Quem toma as coufas em meo
Contente com ser leal,
Não cuyda de ninguem mal,
Nem que farà caso feo.

O descanso pouco dura,
Os trabalhos são muy certos,
Os dias breues, & incertos,
Nada da vida segura:
A mayor defaentura
He viuer com alma inmunda,
Todo nosso bem se funda
Morar Deos nella, & ser pura.

O gosto tentea a conta,
Obra a seu som o apetito,
Arromba as leys de espirito
Onde interece aponta:
Não alcança o fim que monta
Hum gosto destruydor,
Fonte de magoas, & dor
Causa de dano, & afronta:

He malicia conhecida
Negar ajuda podendo,
He matar así o entento
O leixar tirar a vida:
Podendo ser defendida
Crece o dano com mòr culpa,
Nunca pode hauer desculpa
Em coração homecida.

Constancia que em bem se alcança
Virtude, he de grande estima,
Culpa que tarde se lima,
Nos males perseverança:
Quem nos Ceos tem a esperança
Nauega a seguro porto,
E quem para sendo morto
Peza o que faz em balança?

Tras nosso dano seguimos
Guiados de confiança,
Muy tarde, ou nunca se alcança
O que nos mays apetimos:
Entre nós cada hora o vimos
Que nunca cousa cuidamos
Que acertemos, & choramos
Por aquillo de que rimos.

Carta

Ando de todos queixoso,
E todos o laõ de mym,
Falo na morte, & sem fim
Sou escaflo, & cobiçoso:
Sempre triste, & pezaroso
Dos males que vsarse vejo,
Reprendo todo desejo,
De tudo ando deseioso.

Finjome brando, & amigo,
Tiro de vòs o que posso,
Cubiço por meu o voffo,
Sinto hũa coufa, outra digo:
A quem deuo sou imigo,
A quem me deue acho ingrato,
So bre voffa vida trato,
Minhalma trago em perigo.

Tolho o fazerse bem,
Gabo por forma os amigos,
Noto contino os imigos,
Honro sòmente a quem tem:
Trabalho porque me dem,
Faço tudo por proueito,
Ando todo contrafeito,
Nãõ tenho amor a ninguem.

Acabó de vos louuar,
De vós cem mil tachas digo
No rosto: porque he perigo,
Não ouso de motejar:
Em tudo acho que notar,
A mym tenho por perfeyto,
Dos poderosos fogeito,
Dos fracos mau de tratar.

Sou de izenta condição,
E chamolhe eu grauidade,
Prometo sem ter vontade
Ou muyto mal cumpro, ou não :
Ser falço hei por discrição
Se interesse me obriga,
Verdade não se me diga,
Não soffro contradicção.

Falo fouto da virtude,
Não na vso, inda que posso,
Que me mostre amigo vosso
Melhor tenhays vòs saude:
Trabalho porque se cuyde
De mym que sou diuino,
Dou barato o bom ensino,
Mudo o meu ser a meude.

Carta

Fazme pejo quem mentende,
Com necios me comunico,
Nã cuydo no que pratico,
Vendo a quem tambem me vende:
Quem de mym fauor pretende
Secome para com elle,
Se tenho proueito delle
Nenhum erro seu me offende.

Gabaime, & ouuiruoshey,
Folgarey comuofco daime,
Requereys emportunaisme
Aborrecereys fabeys:
Tende honra acanharuoshey,
Sede pouco, & valereys,
Peitay, tudo alcançareys,
Ligongey louuaruoshey.

Sempre trabalha abonarse
Quem de sangue, & honra he falto,
Se fortuna o poz em alto
Aly vereys o assoalharfe:
Poucos vereys estremarse
Nos effeitos da humildade,
Das leys da boa verdade
Os vereys menosprezarse.

Homem muyto cubiçozo
Não tem vergonha, nem ley,
O interece he seu rey
Mayormente se he vicioso:
De viuer muy desejoso,
Suas contas faz cò mundo,
Esquecido do profundo,
E na morte muy medroso.

Culpa propria não se ve,
Vemos por casa o castigo
Inda mal (por mym o digo)
Inda bem, poys asy he:
E tendo todos por fè
Que tem seu desconto tudo,
No que mereço não cuydo,
E queixome sem porque.

Toda a conta he do presente,
O por vir batelhe à porta,
Mortos no que não importa,
O que cumpre não se sente:
Queixase a gente da gente,
— Todo mundo he o culpado,
Nenhum vejo condenado,
Todo estado he descontente.

Carta

Toda a vida he desesperança,
Magoas o seu cabedal,
Merecimento não val,
Respeito proprio este alcança:
E quem poem a confiança
No trabalho, & diligencia,
Dalhe de rosto aderencia
No esquecimento o lança.

A minha pouca ventura
Não desobriga ninguem,
Quem faz o que a sy conuem
A sua parte segura:
Muyto val a tenção pura,
Dana muyto o mao effeito:
Fazer da feição dereito
He ley vsada, & muy dura.

Ingratidão desbarata
Toda boa incrinação,
Virtude sem galardão
Com qualquer vencelho se ata:
Malicia embuçada trata,
A pureza anda abatida,
A honra he toda fingida,
Nobreza anda muy barata.

Temnos aqui destroido
 O viuer de paciencia,
 Nas palauras consciencia,
 Nas obras outro sentido:
 Animoso he o sofrido,
 Mas o mau toma ousadia;
 Por ventura acertaria
 Quem fosse descomedido?

Não terão conformidade
 Iuntas cobiça, & nobreza,
 Foy sempre vil a escaceza,
 Nobre a liberdade: *Mal-*
 Em priuados, amizade
 Redunda em dano de muytos,
 São particulares fruytos,
 Sendo commũa esta herdade.

Os maos acometimentos,
 Com prouidencia se vencem,
 Erros dos grandes padecem
 Os fogeitos, & os izentos:
 Quando os maos socedimentos
 Os conselhos não reprendem
 São culpas que não sentendem,
 Fructo de maos pençamentos.

Terra que tem feita ley
Contra toda charidade
Como esperara piedade
De quem morreo per sua grey:
Remedio a meu mal busquey,
Cada hum me respondia
Que em campos o seu trazia,
Sem elle por fim me achey.

Chamão industria a maldade,
Entendem Deos a seu geito,
He mays amigo o proueito
Que a ley, nem a verdade:
He virtude grauidade,
He saber ipocresia,
A dquerir caualeria,
Saber ser falço bondade.

Em tudo o que não pretendo
Proueito he perder o tempo,
Mostro ter em Deos o tento,
No mundo mestou reuendo:
Os iguays estou mordendo,
Os pequenos desprezando,
Dos mayores me queixando,
E a mym não entendendo.

Aos maos dà ousadia,
A defestima do bom
Sempre foy popular tom
Especie de profecia:
Todos se queixão à porfia,
Alguem deue ter justiça,
Quem causa do dano atixa
Parte da culpa teria.

Quando o mal não se castiga
Não creyo que o bom sentende,
A quem o o erro não offende,
Merecimento não obriga:
Pelo que não sey que diga
Ao que remedio não sey,
Em desertos queixarmey,
Là acharey quem me persiga.

F I M.



A dicitur de ...
 A dicitur de ...

Quando ...
 Quando ...
 Quando ...
 Quando ...
 Quando ...
 Quando ...
 Quando ...
 Quando ...

F. I. M.

[Faint, illegible text at the bottom of the page, possibly bleed-through or a second page's text.]

